

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Jéssica Patrícia Silva de Sá

LER E COMPARTILHAR NA WEB:
PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE BLOGUEIROS LITERÁRIOS

Belo Horizonte

2018

Jéssica Patrícia Silva de Sá

LER E COMPARTILHAR NA *WEB*:
PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE BLOGUEIROS LITERÁRIOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Usuários, Gestão do conhecimento e Práticas informacionais

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo

Belo Horizonte

2018

S111I Sá, Jéssica Patrícia Silva de.

Ler e compartilhar na web [manuscrito] : práticas informacionais de blogueiros literários / Jéssica Patrícia Silva de Sá. – 2018.
240 f., enc. : il., color.

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Ciência da Informação.

Referências: f. 225-236.

Apêndices: f. 237-240.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Redes sociais on-line – Teses. 3. Leitura em grupo – Teses. 4. Blogs – Teses. I. Título. II. Araújo, Carlos Alberto Ávila. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 02:316.472.4



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

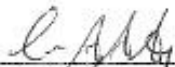
"LER E COMPARTILHAR NA WEB: PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE BLOGUEIROS LITERÁRIOS"

Jéssica Patrícia Silva de Sá

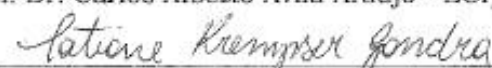
Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de **"mestre em Ciência da Informação"**, linha de pesquisa **"Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais"**.

Dissertação aprovada em: 18 de dezembro de 2018.

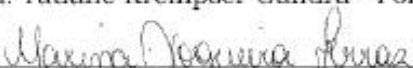
Por:




Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - ECI/UFMG (Orientador)



Dra. Tatiane Krempser Gandra - Policia Militar

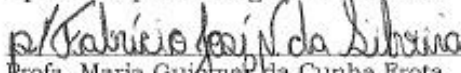


Dra. Marina Nogueira Ferraz - Faculdade de Medicina - UFMG

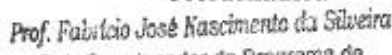


Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

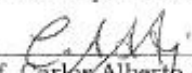


Profa. Maria Guiomar da Cunha Frota
Coordenadora



Prof. Fabício José Nascimento da Silveira
Sub-Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em Ciência da Informação

Versão final aprovada em 27/01/19



Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo
Orientador



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE JÉSSICA PATRÍCIA SILVA DE SÁ, matrícula:
2017661397

Às 14:00 horas do dia 18 de dezembro de 2018, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 22/11/2018, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Ler e compartilhar na web: práticas informacionais de blogueiros literários**, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Informação, mediações e cultura, Linha de Pesquisa: Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

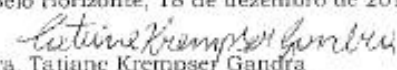
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - Orientador	APROVADA
Dra. Tatiane Krempser Gandra	APROVADA
Dra. Marina Nogueira Ferraz	APROVADA
Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula	APROVADA

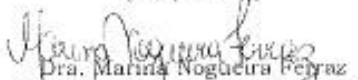
Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2018.


Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo
(ECI/UFMG)


Dra. Tatiane Krempser Gandra
(Polícia Militar)



Dra. Marina Nogueira Ferraz
(Faculdade de Medicina - UFMG)


Prof. Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula
(ECI/UFMG)

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

CP/Pera
CONFERE COM O ORIGINAL

Data: 23/01/2019
Carimbo da Pós-Graduação em Ciência da Informação
Carolina Palhares Pena


Prof. Fabricio José Nascimento da Silveira
Sub-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

DEDICATÓRIA

*À minha irmã, Melissa,
a primeira leitora e blogueira literária que conheci.*

AGRADECIMENTOS

Eu costumava rir de uma brincadeira que meu pai fazia, ele dizia que “todo mundo que faz mestrado fica doido”. Nessa jornada, eu tive sim minhas angústias, ansiedades e insônias, mas não fiquei “doida” graças ao apoio que tive de pessoas muito queridas. Seguem, então, meus agradecimentos a todos aqueles que me acompanharam durante essa trajetória.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Eugênio e Carminha, pelo amor incondicional, incentivo e apoio. Sem vocês eu nunca teria chegado até aqui. Obrigada por colocarem a minha educação como prioridade, sei que isso exigiu muito sacrifício de vocês, mas como mamãe gosta de dizer “a educação é a sua herança”. Amo vocês.

Ao meu marido Glauber, que no início do mestrado ainda era meu noivo, agradeço por ser meu porto seguro, por acreditar em mim mais do que eu mesma, por sempre me dizer que tinha certeza que eu conseguiria. Juntos encaramos essa aventura de organizar um casamento no meio do mestrado, foi uma correria, mas deu tudo certo! Te amo para sempre.

À minha irmã, Melissa, minha fonte de inspiração em todos os sentidos. Foi durante uma conversa nossa que surgiu meu interesse em pesquisar os *blogs* literários. Além disso, você é minha inspiração como mulher e pesquisadora. Meu exemplo desde sempre, aquela que lia histórias para mim, que me incentivou a ler e a estudar. Te amo com todo meu coração.

Ao meu cunhado, Diego, que compartilhou comigo estratégias de estudo e escrita em outubro de 2017, quando finalmente comecei a escrever a dissertação.

Aos meus filhos de quatro patas, Malu e Rodrigo, sou grata pela firmeza de seu apoio silencioso e pela companhia durante as minhas solitárias horas de estudo. O carinho que me dão e a alegria que transmitem confortaram-me em momentos difíceis.

Aos meus motoristas de plantão, meu pai e Glauber, obrigada por terem me levado para fazer as entrevistas que foram em locais distantes para ir de ônibus, como Ribeirão da Neves e alguns bairros de BH. Foi muita generosidade de vocês se oferecerem para me levar e até mesmo aguardar a entrevista terminar para me trazer de volta para casa. Agradeço a gentileza e o carinho.

Aos meus familiares e à família do Glauber, agradeço por acreditarem no meu potencial e pelas palavras de carinho e incentivo. Agradeço também aos amigos, que entenderam as ausências, torceram por mim e me deram o apoio necessário. Em especial, os amigos que me acompanham desde os tempos de escola.

Ao meu orientador, prof. Carlos Alberto (Casal), por ser um ótimo professor que desde a graduação incentiva seus alunos a fazerem o mestrado. Agradeço por ter aceitado orientar essa pesquisa poucos meses antes da qualificação, pelas reuniões de orientação esclarecedoras e, acima de tudo, por sempre respeitar e apoiar o que realmente eu queria pesquisar.

À professora Adriana Bogliolo (em memória), pela sua disponibilidade em conversar sobre o projeto e por toda a ajuda que me deu no processo de mudança de orientação. Sem ela eu não teria conseguido agendar a qualificação para o dia anterior ao meu casamento, me lembro até hoje de como ela dizia brincando que eu era “a louca que ia qualificar e casar”. Agradeço também pelas contribuições na banca de qualificação, dentre elas, a mais valiosa foi a sugestão da elaboração de um capítulo sobre leitura, que acabou sendo essencial para essa pesquisa.

Ao professor Claudio Paixão, pelo sincero interesse na pesquisa e também pela disponibilidade em ajudar, sobretudo com a elaboração do parecer do projeto para o Comitê de Ética. Obrigada!

Aos membros da banca de defesa: prof. Claudio Paixão, Marina Nogueira e Tatiane Gandra. Agradeço pela disponibilidade e pelas considerações feitas à dissertação.

Ao Ruleandson do Carmo, pela cuidadosa leitura do projeto e pelas contribuições que deu a essa pesquisa na banca de qualificação.

À professora Lígia Dumont, agradeço pelo acolhimento inicial no PPGCI.

À professora Dalgiza Andrade, que no quinto período da graduação me incentivou a fazer o mestrado. Agradeço também pelas conversas no corredor e pela indicação de bibliografia.

À professora Maria da Conceição Carvalho, pelo interesse genuíno na temática da minha pesquisa e pela lista de referências bibliográficas que gentilmente me enviou.

À professora Maria Guiomar, pelos elogios que fez ao meu projeto durante a disciplina de metodologia, seu incentivo me iluminou quando eu achava que meu projeto não era bom o suficiente.

À Marina Nogueira, que me incentivou a pesquisar na linha de usuários da informação. Sou grata pelas dicas, por tantas conversas e conselhos.

À Grace Lima, um anjo em forma de mestranda. Obrigada pela amizade e parceria, por me auxiliar a resolver todas as burocracias, por ser minha companheira na submissão do projeto ao COEP, por aguentar todos os meus telefonemas e mensagens de desabafo, por me ajudar antes mesmo de eu precisar pedir. Sempre ligada no 220v e muito empenhada, você me inspirou a me dedicar à minha pesquisa. Não tenho palavras para demonstrar o quanto você foi essencial nesse processo, muito obrigada Grace.

À Flávia Abreu, que adoçou meu mestrado com o seu carinho e meiguice. Agradeço pela amizade, pelas trocas, pelos encontros, pelas mensagens de incentivo e pelo seu otimismo inabalável. Você é um exemplo de superação, de força e de fé. Você foi fundamental nessa caminhada, amiga. Obrigada pelos docinhos e pelo queijo.

À Andreza Barbosa, minha madrinha de mestrado. Por aturar minhas perguntas “Andreza, como faz isso?”, “Andreza, como faz aquilo?” e ajudar em tudo, na maior paciência.

Obrigada por ter me ajudado também com a normalização da dissertação. Agradeço a sua disponibilidade em ajudar e a sua gentileza em sempre fazer isso com um sorriso no rosto, mesmo com toda aquela dor no joelho. Jamais esquecerei nossa viagem para Lavras e o quanto você foi solidária.

Aos colegas do PPGCI por tantas conversas na salinha da Pós-Graduação, pela convivência e pelas trocas. Em especial: Emanuelle Amaral, Tatiane Gandra, Janicy Rocha, Ariane Lemos, Olívia Gutierrez, André Silva e Amanda Dabéss. Agradeço também Raquel Vilela, Maria Amorim e Rosilene Coelho de Sá pelo acolhimento no primeiro semestre, um dos momentos mais difíceis, em que em me senti muito perdida e graças à vocês percebi que eu estava no lugar certo. Um agradecimento à Suzana Dabéss, colega no início do mestrado.

À turma da minha graduação em Biblioteconomia, meus bibliotecários amigos do coração. Agradeço por acreditarem na minha capacidade de prosseguir com meus estudos, pelas palavras de incentivo e apoio.

Ao Samuel Medina, membro da equipe da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, agradeço pelo interesse na minha pesquisa e por ser tão solícito ao me enviar uma lista com todos os *blogs* literários que conhecia.

Ao grupo EPIC – Estudos em Práticas Informacionais e Cultura – agradeço pelas valiosas discussões sobre práticas informacionais, que me auxiliaram na compreensão do conceito.

À equipe do Giz – Diretoria de Inovação e Metodologias do Ensino Superior - por me selecionarem para atuar no Programa de Incentivo à Formação Docente.

Às maravilhosas blogueiras que tive o prazer de conhecer, agradeço por terem conseguido arrumar um tempinho na agenda de vocês para me fornecerem as entrevistas e pela forma tão amistosa com que fui recebida por todas vocês. Obrigada por terem compartilhado comigo suas vivências na blogosfera e suas experiências literárias, pois vocês são, acima de tudo, leitoras apaixonadas. Sem vocês não teria pesquisa, gratidão! Em especial, agradeço às blogueiras do Marshmallow com Café por terem cedido a fotografia de sua autoria que é plano de fundo da capa dessa dissertação.

À Capes e ao contribuinte brasileiro, pelo apoio financeiro dessa pesquisa.

Chegar até aqui é uma vitória. A cada página escrita, cada capítulo finalizado, cada etapa vencida, eu comemorei. Nunca acreditei que eu conseguiria chegar tão longe. Toda pesquisa tem suas imperfeições, mas tenho um carinho especial por essa. Várias manhãs, tardes (e até noites!) da minha vida estão aqui. Então eu espero que ela possa contribuir para aqueles que a acessarem ou que, ao menos, seja uma leitura agradável.

“Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase. E nossa sede de palavras, de elaboração simbólica, é tamanha que, com frequência, imaginamos assistir a esse retorno de um conhecimento sobre nós mesmos surgindo sabe-se lá de que estranhas fontes, redirecionando o texto lido a nosso bel-prazer, encontrando nele o que o autor nunca teria imaginado que havia colocado.”

(Michelle Petit, 2008, p. 113)

RESUMO

Uma das possibilidades que o leitor literário possui para compartilhar suas experiências de leitura é inserir-se no ambiente virtual, buscando outros leitores na *web*. Assim sendo, a presente pesquisa objetivou investigar os *blogs* literários buscando averiguar as práticas informacionais dos blogueiros no que diz respeito aos seus papéis como leitores, produtores de conteúdo e mediadores de leitura nos *webrings*, os círculos sociais de blogueiros, pertencentes à blogosfera literária. Acredita-se que a compreensão das práticas informacionais desses sujeitos pode fornecer importantes elementos para o entendimento das maneiras como os círculos sociais lidam com a informação nos *blogs* disponíveis na *web*. A abordagem social dos estudos de usuários da informação foi adotada como suporte teórico, baseando-se no conceito de práticas informacionais como forma de compreender a relação entre o sujeito e a informação. Foi realizada uma revisão teórica a respeito dos *blogs*, evidenciando o significado dos *webrings* como os círculos sociais formados pelos blogueiros na *web*. A leitura literária foi discutida com ênfase na sua apropriação e no seu compartilhamento. Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo em profundidade, a metodologia consistiu no uso da netnografia, que possibilitou uma imersão na blogosfera literária, utilizando-se a análise documental e a entrevista semiestruturada como técnicas de coleta de dados. Os dados obtidos foram avaliados com base na análise de conteúdo e discutidos à luz do embasamento teórico da pesquisa. Os resultados apontaram as práticas informacionais realizadas pelas oito blogueiras identificadas na amostra, que foram elencadas em quatro categorias: leitura, identidade, ações de informação e interação. A respeito dos papéis exercidos pelas blogueiras na blogosfera literária, identificou-se que elas atuam como leitoras e como produtoras de conteúdo. Contudo, não se pode considerar a atuação das blogueiras como mediadoras de leitura, apesar de incentivarem a leitura em seus *blogs*. A motivação de cada blogueira tanto para adentrar na blogosfera literária como para manter o seu *blog* ativo perpassa por questões pessoais, que vão além da simples vontade de compartilhar leituras: a necessidade de trabalhar a timidez, ter voz ativa e ser ouvida por outras pessoas, poder expressar sua própria opinião sobre as leituras, ser um exemplo para os filhos e mantê-los próximos, escapar da solidão, a responsabilidade com as parcerias editoriais e com os leitores do *blog*. No que tange à formação dos *webrings*, constatou-se que eles são formados tanto de forma virtual como presencial, por meio dos eventos literários. Contudo, a interação entre os blogueiros literários ocorre predominantemente no meio virtual.

Palavras-chave: Práticas Informacionais. *Blogs* literários. Blogueiros. *Webrings*. Compartilhamento de leituras.

ABSTRACT

Readers of literature, among other alternatives, can share their reading experiences by inserting themselves in a virtual environment and searching for other readers on the web. This thesis aims at investigating literary blogs in order to examine the information practices of bloggers with respect to their roles as readers, content producers, and reading mediators in the webring, the social circles of bloggers, belonging to the literary blogosphere. It is believed that the understanding of informational practices of these subjects can provide important elements for understanding the ways in which social circles deal with information in blogs available on the web. The social approach to the studies of information users was adopted as theoretical support based on the concept of information practices as a way of understanding the relationship between subject and information. A review of theory was carried out regarding blogs, highlighting the meaning of webring as social circles formed by bloggers in the web. Literary reading was discussed with emphasis on its appropriation and sharing. Since the research was qualitative and in depth, the methodology involved the use of netnography, which allowed an immersion in the literary blogosphere, using the documentary analysis and the semi-structured interview as data collection techniques. The data obtained were evaluated based on the content analysis and discussed in light of the theoretical support. The results pointed out the information practices performed by the eight bloggers identified in the sample, which were listed in four categories: reading, identity, information actions, and interaction. Regarding the roles played by the bloggers in the literary blogosphere, it was identified that they act as readers and as content producers but are not considered mediators of reading, although they encourage reading on their blogs. The motivation of each blogger both to enter the literary blogosphere and to keep their blog active runs through personal matters that extend beyond the simple desire to share readings: the need to overcome shyness, to have an active voice, and to be heard by other people, as well as being able to express their own opinion about the readings, set an example for their children and keep them close, escape from loneliness, and the responsibility for editorial partnerships and blog readers. Regarding the formation of webring, it was verified that they are formed both in virtual and in person, through literary events. However, the interaction between literary bloggers occurs predominantly in the virtual environment.

Keywords: Information Practices. Literary Blogs. Bloggers. Webring. Sharing readings.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Práticas informacionais de adolescentes em comunidades digitais.....	36
FIGURA 2 – <i>Layout</i> básico de um <i>blog</i>	47
FIGURA 3 – 20º #Clube do Livro BH.....	89
FIGURA 4 – <i>Blog</i> escolhido para aplicação do piloto.....	92
FIGURA 5 – Clube do Livro de Ribeirão das Neves	96
FIGURA 6 – 5 anos de #Clube do Livro BH.....	97
FIGURA 7 – Encontro de Fãs da Marissa Meyer.....	98
FIGURA 8 – Página inicial do <i>blog</i> Entrando Numa Fria.....	103
FIGURA 9 – Página inicial do <i>blog</i> Minha Estante e Muito Mais.....	105
FIGURA 10 – Página inicial I do <i>blog</i> Marshmallow com Café.....	107
FIGURA 11 – Página inicial do <i>blog</i> DNA Literário.....	109
FIGURA 12 – Página inicial I do <i>blog</i> Cultura Pocket.....	112
FIGURA 13 – Página inicial do <i>blog</i> Menina Compassiva.....	114
FIGURA 14 – Página inicial I do <i>blog</i> Livros e Sushi.....	115
FIGURA 15 – Página inicial do <i>blog</i> Paradise Books.....	117
FIGURA 16 – Livro <i>Outlander</i> nos suportes eletrônico e impresso.....	134
FIGURA 17 – Produção de fotografias autorais nos <i>blogs</i>	174
FIGURA 18 – <i>Link</i> de blogueiras nos comentários dos <i>blogs</i>	200
FIGURA 19 – <i>Webrings</i> identificados na pesquisa.....	205

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Levantamento dos <i>blogs</i> literários.....	21
QUADRO 2 - Categorias de <i>blogs</i>	43
QUADRO 3 - Características distintivas entre sites e <i>blogs</i>	45
QUADRO 4 - Trabalhos sobre <i>blogs</i> na Ciência da Informação.....	56
QUADRO 5 - Definição da amostra.....	90
QUADRO 6 - Perfil das entrevistadas.....	101
QUADRO 7 - Frequência das postagens.....	119
QUADRO 8 - Número de comentários das postagens.....	120
QUADRO 9 - Número de seguidores dos <i>blogs</i>	121
QUADRO 10 - Características dos <i>blogs</i> literários analisados.....	122
QUADRO 11 - Categorias de análise.....	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CI - Ciência da Informação
- COEP - Comitê de Ética em Pesquisa
- ELIS - *Everyday Life Information Seeking*
- HTML- *Hypertext Markup Language*
- ISIC - *Information Seeking in Context*
- RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
- UFPB - Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO	24
2.1	Abordagem tradicional dos estudos de usuários	25
2.2	Abordagem alternativa dos estudos de usuários	27
2.3	Abordagem social dos estudos de usuários	29
2.3.1	<i>Práticas informacionais</i>	32
3	BLOGS: CONCEITOS E APROPRIAÇÕES	37
3.1	Um breve histórico dos <i>blogs</i>	39
3.2	Categorização dos <i>blogs</i>	42
3.3	Estrutura dos <i>blogs</i>	44
3.4	<i>Webrings</i> e comunidades virtuais.....	48
3.5	<i>Blogs</i> literários e blogosfera	51
3.6	<i>Blogs</i> como objeto da Ciência da Informação	54
3.6.1	<i>Blogs</i> como fontes de informação	60
3.6.2	<i>Blogs</i> relacionados à Biblioteconomia	61
3.6.3	<i>Blogs</i> como espaços sociais de representação.....	62
3.6.4	<i>Estudos da blogosfera</i>	63
3.6.5	<i>Tratamento da informação em blogs</i>	64
3.6.6	<i>Estudos sobre blogs literários</i>	64
3.6.7	<i>Considerações sobre estudos de blogs na CI</i>	65
4	LER E COMPARTILHAR	66
4.1	Leitura literária	66
4.2	Leitura solitária e leitura compartilhada	68
4.3	Mediação de leitura	71
4.4	Comunidades de leitores.....	74
4.5	Ler e compartilhar na web	76
5	METODOLOGIA	81
5.1	Netnografia	82
5.2	Técnicas de coleta de dados	84
5.3	Universo e amostra	87
5.4	Piloto	91
6	RESULTADOS E ANÁLISE.....	93

6.1	Eventos literários	93
6.2	Perfil das blogueiras	100
6.3	Perfil dos <i>blogs</i>	102
6.3.1	<i>Entrando Numa Fria</i>	103
6.3.2	<i>Minha Estante e Muito Mais</i>	105
6.3.3	<i>Marshmallow com Café</i>	107
6.3.4	<i>DNA Literário</i>	109
6.3.4	<i>Cultura Pocket</i>	111
6.3.6	<i>Menina Compassiva</i>	113
6.3.7	<i>Livros e Sushi</i>	115
6.3.8	<i>Paradise Books</i>	117
6.3.9	<i>Características dos blogs analisados</i>	119
6.4	Categorias de análise	123
6.4.1	<i>Leitura</i>	126
6.4.1.1	Interesse inicial pela leitura	126
6.4.1.2	Frequência de leitura	131
6.4.1.3	Suportes de leitura.....	133
6.4.1.4	Necessidade de compartilhar leituras	136
6.4.1.5	Busca de informações sobre livros.....	138
6.4.1.6	Apropriação da leitura	143
6.4.2	<i>Identidade</i>	151
6.4.2.1	Motivações.....	152
6.4.2.2	Representações do <i>blog</i>	156
6.4.2.3	Mudanças após o <i>blog</i>	161
6.4.3	<i>Ações de informação</i>	164
6.4.3.1	Produção de conteúdo	164
6.4.3.2	Escrita de resenhas	166
6.4.3.3	Sorteios e lançamentos.....	171
6.4.3.4	Produção de fotos	173
6.4.3.5	Atualização	177
6.4.3.6	Transmídia.....	178
6.4.4	<i>Interação</i>	186
6.4.4.1	Leitores.....	186
6.4.4.2	Blogueiros.....	195
6.4.4.3	Mercado editorial	211
6.5	Práticas informacionais das blogueiras	219

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	222
	REFERÊNCIAS.....	225
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	237
	APÊNDICE B - TCLE.....	239

1 INTRODUÇÃO

“Porque eu acho que a leitura é isso: ela tem esse poder de te distrair mas, ao mesmo tempo, de te manter viva” (Lucíola¹).

A leitura literária possui um caráter paradoxal, ao permitir escapadas solitárias e também encontros (PETIT, 2009). Em certo aspecto, o ato de ler pode ser compreendido como solitário, uma vez que o leitor possui apenas o livro como seu companheiro durante a leitura, realizando um diálogo interno com o texto e com o autor. Contudo, o fim da leitura pode vir acompanhado de uma necessidade do leitor de compartilhar as reflexões e experiências vivenciadas pela narrativa, emitindo sua opinião e juízo de valor sobre o livro lido. É nesse sentido que a leitura literária pode abrir caminho para encontros com outros leitores, de forma que possam ocorrer trocas informativas sobre suas experiências de leitura.

Petit (2009) afirma que ler permite criar vínculos não só com a narrativa e os fragmentos de uma história, mas também entre participantes de grupos e universos culturais. Nessa perspectiva, é possível abordar a dimensão socializadora da leitura literária, na qual ocorre o intercâmbio das ideias suscitadas durante a leitura individual com outros membros de uma comunidade leitora. Portanto, participar de uma comunidade é enriquecedor para o leitor que, além de dialogar com o autor, passa também a interagir com outros leitores, propiciando o contato com novas experiências e percepções sobre a obra literária e os sentidos despertados pela leitura.

Diante da possibilidade de o leitor poder compartilhar suas leituras em círculos sociais de leitores, surgiram algumas inquietações que nortearam essa pesquisa: E se um leitor literário que deseja compartilhar suas leituras não encontra outros leitores com os quais possa comentar sobre os livros que leu? Quais as possibilidades que esse leitor possui, visto que ele não tem contato com nenhum grupo de leitores que se encontra presencialmente? Será possível que esse leitor acesse a *web* à procura de um espaço no qual possa compartilhar suas leituras com outros leitores?

Em outras épocas, era necessário um local físico onde um grupo de leitores pudesse se encontrar pessoalmente. Outro meio de comunicação era o envio de correspondências por correio para compartilhar leituras, críticas e comentários. O advento da internet abriu novas possibilidades para entrar em contato com as pessoas através da rede. Assim, uma comunidade de leitores não precisa ser necessariamente um encontro de um grupo *in loco* presencialmente. Atualmente, a interação ocorre de forma on-line, onde leitores podem

¹ Participante da pesquisa, durante a entrevista.

elogiar, sugerir, opinar e criticar sobre o que leram durante ou imediatamente após a leitura (CARNEIRO, 2011).

Dessa forma, uma das possibilidades que o leitor literário possui para compartilhar suas experiências de leitura é inserir-se no ambiente virtual, buscando outros leitores na *web*. A experiência da internet acabou por demonstrar que cada leitor tem uma legitimidade, um direito de julgamento pessoal. As redes eletrônicas ampliam a possibilidade de intervenções e discussões, estando ao alcance de todos a produção dos juízos pessoais e a atividade crítica (CHARTIER, 2009). Assim, surgiram espaços virtuais nos quais leitores podem compartilhar suas leituras, opiniões, críticas, sugestões e quaisquer informações literárias. Um desses espaços são os *blogs* literários.

De modo geral, um *blog* se configura como um espaço virtual utilizado para publicação de informação escrita dos mais diversos gêneros. Conforme Pereira (2008), as principais características de um *blog* são a atualização constante e o formato de diários com textos, notícias e opiniões individualizadas e com estilo informal e subjetivo. Ao se tratar especificamente da literatura, é possível encontrar inúmeros *blogs* literários que se dedicam a compartilhar informações sobre o tema. Araújo e Araújo (2015) consideram *blogs* literários como aqueles que abordam de várias maneiras a temática da leitura, dos livros e da literatura em geral. De acordo com esses autores, a resenha seria um elemento importante na categorização dos *blogs* literários, pois são as representações das experiências de leitura do blogueiro, transmitidas aos leitores da página.

Outra importante característica de um *blog* é sua interatividade, que se dá através dos comentários possíveis de serem feitos nas postagens. Assim, um *blog* permite a comunicação entre os escritores de *blogs*, denominados blogueiros, e seus leitores. De acordo com Di Luccio e Nicolaci-da-Costa (2010), além de escreverem em seus *blogs*, os blogueiros leem regularmente outros *blogs* e interagem com os seus autores. Como resultado é formada uma comunidade de escritores/leitores de *blogs* com grande potencial de interação e formação de opinião pública. Recuero (2003, p. 9) denomina esses círculos sociais formados por blogueiros como *webrings*, que “representam um círculo de pessoas que interagem com alguma frequência através de seus *blogs* e comentários”. Dessa forma, são constituídos círculos sociais virtuais, nas quais os papéis de blogueiros e leitores se misturam, permitindo uma interatividade que resulta em um compartilhamento de informações sobre literatura.

Com base nos argumentos elencados, essa pesquisa tem como foco os blogueiros literários, compreendidos como leitores que atuam como produtores de conteúdo sobre literatura na *web*. Acredita-se que realizar um estudo com esses blogueiros possa auxiliar na compreensão do modo como o fluxo e o compartilhamento da informação acontecem nos *webrings* ligados à temática da literatura. Assim sendo, a compreensão das práticas

informativos desses sujeitos pode fornecer importantes elementos para o entendimento das maneiras como círculos sociais lidam com a informação nos *blogs* disponíveis na *web*.

A imersão na blogosfera, a comunidade formada por *blogs* e blogueiros, suscita vários questionamentos sobre os blogueiros literários, seus respectivos *blogs* e os círculos sociais formados por eles: os *webrings*. A primeira motivação da pesquisa foi conhecer as intenções de criação dos *blogs* literários, para verificar se o intuito da existência do *blog* se dava a partir de uma necessidade de compartilhamento de experiências de leituras literárias. Logo surgiram também outras questões, sendo uma delas referente às práticas informativas dos blogueiros e os papéis desempenhados por eles, que atuam como leitores, produtores de conteúdo e possíveis mediadores de leitura. Uma última questão trata dos *webrings*, como são formados e como ocorrem as interações no interior deles.

Esses questionamentos levam ao seguinte problema de pesquisa: **Como se configuram as práticas informativas dos blogueiros literários nos papéis de leitores, produtores de conteúdo e mediadores de leitura nos *webrings* pertencentes à blogosfera literária?**

Para responder à questão problematizada fez-se necessário um estudo com enfoque no blogueiro como sujeito informativo, compreendendo sua individualidade, mas também sua relação dialética com o coletivo.

O objetivo geral dessa pesquisa foi, portanto, investigar os *blogs* literários buscando averiguar as práticas informativas dos blogueiros no que diz respeito aos seus papéis como leitores, produtores de conteúdo e mediadores de leitura nos *webrings* pertencentes à blogosfera literária. Para alcançar o objetivo geral, foram considerados os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar as práticas informativas dos blogueiros literários;
- Constatar os principais motivos que levam à criação do *blog* literário;
- Identificar os papéis dos blogueiros literários como leitores, produtores de conteúdo e mediadores de leitura nos *webrings*;
- Investigar como se dá a criação dos *webrings*.

A *World Wide Web*, doravante designada como *web*, é uma plataforma de interface hipertextual que agrupa várias ferramentas e recursos que possibilitam a divulgação e o compartilhamento de informações. Dentre esses recursos estão os *blogs*, espaços de trocas de informações, que promovem o surgimento de novas ideias e reflexões, propiciando a interação e comunicação entre as pessoas no ambiente virtual (ALCARÁ; CURTY, 2008).

Os *blogs* são páginas da *web* com características específicas, cujo surgimento e popularização datam do final da década de 1990. O fenômeno dos *blogs* é relativamente recente, permitindo que uma pessoa, grupo ou instituição possa se tornar um autor/editor de sua própria página, expressando suas opiniões e divulgando informações no espaço público

da internet. A enorme difusão dos *blogs* aconteceu em poucos anos, tendo esse se tornado um novo modelo de comunicação, permitindo a publicação de textos com bastante autonomia e possibilitando a interação dos leitores (EIRAS, 2007). À época do grande aumento do número de *blogs*, Loyola e Malini (2010) consideraram a blogosfera como uma das maiores manifestações de interação no ciberespaço.

Os *blogs* tiveram um acelerado crescimento na primeira década dos anos 2000. Entretanto, Biscalchin (2012) afirma que, na década de 2010, a ausência da divulgação de números sobre o tamanho da *blogosfera* fez surgir a especulação sobre a morte dos *blogs*. Veículos importantes como o *The New York Times* afirmaram que ferramentas de redes sociais como o Facebook e o Twitter decretariam a falência dos *blogs*. Entretanto, existe uma tendência do uso dessas ferramentas para divulgar, interagir e captar leitores para os *blogs*. Outro argumento é de que os espaços dos *blogs* são para conteúdos maiores que os poucos caracteres disponíveis no Twitter. Dessa forma os conteúdos considerados banais que antes estavam nos *blogs*, como o que se está fazendo ou pensando no momento, têm agora lugar nessas redes sociais, deixando os *blogs* livres para se tornarem a esfera pública da criatividade e da expressão (BISCALCHIN, 2012, p. 63).

Entre as diversas tipologias de *blog*, os *blogs* literários apresentam-se como importantes elementos na *blogosfera*. Araújo e Araújo (2015) fizeram um levantamento dos *blogs* literários existentes por meio de uma busca no diretório de *blogs* do Google como pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1 - Levantamento dos *blogs* literários

Descritor	Resultados
<i>Blogs</i> sobre livros	Aprox. 31.100
<i>Blogs</i> literários	Aprox. 35.900
<i>Blogs</i> sobre leitura	Aprox. 40.900

Fonte: ARAÚJO; ARAÚJO, 2015, p. 9.

Entretanto, sua importância não advém somente da sua amplitude quantitativa, mas dos complexos aspectos comunicativos e informacionais realizados pelos blogueiros que os constituem. Como recorte da pesquisa, optou-se por investigar os *blogs* e blogueiros literários. Existe um pressuposto de que a dinâmica de compartilhamento da informação nos *blogs* literários apresenta-se mais rica, uma vez que as postagens implicam em leituras prévias de livros pelos blogueiros, o que não acontece, por exemplo, em *blogs* no formato de diários pessoais. Dessa forma, as relações entre o sujeito e a informação apresentam-se complexas e permeadas por vários processos como: leitura, apropriação e interpretação da informação,

produção de conteúdo, compartilhamento de experiências de leitura, navegação pela *blogosfera* literária, troca de informações e conversas informais com leitores e demais blogueiros.

A proposição de um estudo de *blogs* e blogueiros literários no âmbito da Ciência da Informação (CI) relaciona-se ao fato de que essa área configura-se como uma ciência social aplicada, possuindo um “objeto teórico que se constitui pela articulação de objetos empíricos, como pessoas, processos, instrumentos e produtos, cuja orientação é essencialmente pragmática” (ORTEGA, 2013, p. 2). Nessa perspectiva, uma das subáreas da CI é constituída pelos estudos de usuários da informação. Dessa forma, o estudo do universo informacional está atrelado às pessoas, aos grupos e comunidades. O fluxo informacional depende da comunicação, do uso e da apropriação da informação pelos indivíduos. A Ciência da Informação, no campo dos estudos de usuários, coloca os sujeitos em perspectiva: “A informação passa a ser vista como algo na perspectiva de um sujeito” (ARAÚJO, 2009, p. 200).

González de Gómez (1999) ressalta que o ato de informar ou buscar informação antecipa a concepção do que será elaborado pelo usuário como informação. De acordo com a autora, há uma seleção e construção do indivíduo que irá estipular “em qual caso a informação é um caso”. O sujeito é quem intervém na significação de algo que virá a se tornar informação. Tal processo ocorre por meio de uma seleção, seja ela individual ou social, na qual o usuário emerge um valor de informação.

Os valores ou ‘testemunhos’ de informação se constituem, assim, pela sobre-determinação de uma “indecidibilidade estrutural”, mediante atos seletivos e decisoriais, quer sejam explícitos e formais, quer sejam tácitos e não-formalizados, dos indivíduos e grupos sociais em suas práticas culturais (GONZÁLES DE GOMES, 1999, p. 4).

O sujeito, tido como ator do seu processo de conhecimento, se apropria da informação de forma simbólica, após um processo de significação, relacionado ao âmbito individual e coletivo. Portanto, analisar a relação entre o sujeito e a informação, sobretudo quando o indivíduo é quem julga o que é informação, é analisar as práticas informacionais do sujeito e/ou de uma comunidade. Por meio dessa análise verificam-se também os fatores que influenciam os usuários nesses processos. Marteleto (1995) define as práticas informacionais:

[...] toda prática social é uma prática informacional – expressão esta que se refere aos mecanismos mediante dos quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização (MARTELETO, 1995, p. 4).

Deste modo, a pesquisa sobre as práticas informacionais dos blogueiros pertencentes à *blogosfera* literária se insere no campo da Ciência da Informação. Tal estudo pretende ampliar a agenda de pesquisas do campo, que historicamente sempre privilegiou certos grupos sociais, como cientistas, empresários e profissionais. Tal ampliação possibilita que

outros grupos sociais sejam contemplados nos estudos realizados na CI, considerando outros tipos de sujeitos informacionais (ARAÚJO, 2008).

Em relação à estrutura, o texto dessa dissertação é composto por este capítulo introdutório e pelos capítulos indicados a seguir.

No capítulo 2 – **Estudos de Usuários da Informação** – é apresentada uma breve revisão sobre o campo dos estudos de usuários, contemplando suas três abordagens: tradicional, alternativa e social. A ênfase do capítulo é na discussão do conceito de práticas informacionais, vinculado à abordagem social dos estudos de usuários.

No capítulo 3 – **Blogs: conceitos e apropriações** – apresenta-se uma revisão teórica sobre os *blogs*, discutindo-se a terminologia, o histórico, as diferentes conceituações, os elementos estruturais, as tipologias e as múltiplas apropriações dos *blogs* no contexto virtual. Ao final do capítulo é realizado um levantamento bibliográfico de estudos sobre *blogs* no âmbito da CI e uma análise dos trabalhos encontrados.

O capítulo 4 – **Ler e Compartilhar** – aborda questões relativas à leitura literária, uma vez que essa está vinculada ao motivo da existência dos *blogs* literários. Dessa forma, a temática da leitura é explorada em suas dimensões individual e coletiva, com ênfase no compartilhamento de leituras e na formação de comunidades. Também são apresentadas as diversas plataformas virtuais nas quais o leitor pode compartilhar suas leituras na *web*.

No capítulo 5 – **Metodologia** – apresenta-se o método adotado na pesquisa, a netnografia, e também as técnicas de coletas de dados utilizadas, a análise documental e a entrevista semiestruturada. Em seguida, descreve-se o processo de definição da amostra da pesquisa e o piloto.

No capítulo 6 – **Resultados e Análise** – é relatada a forma como os dados foram analisados. Na sequência, são apresentados os perfis dos *blogs* e das blogueiras participantes da pesquisa. A análise é feita por meio de quatro categorias principais e 18 subcategorias, nas quais os dados coletados foram discutidos à luz do referencial teórico.

Nas **Considerações Finais**, recapitulou-se a pesquisa, explicitando seus principais resultados e contribuições. É feita uma avaliação da metodologia e das técnicas de coleta de dados aplicadas. Em seguida, são apresentadas sugestões para pesquisas futuras.

2 ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO

Nesse capítulo são apresentados os fundamentos teóricos que embasam essa pesquisa, vinculada à abordagem social dos estudos de usuários, uma vez que objetiva estudar as práticas informacionais dos blogueiros literários. Entretanto, para se compreender o conceito de práticas informacionais é necessária uma breve revisão sobre o campo de estudos de usuários.

Os estudos de usuários da informação podem ser entendidos como uma subárea da Ciência da Informação (ARAÚJO, 2008). Inicialmente voltados às bibliotecas, esses estudos têm sua origem na primeira metade do século XX. No decorrer do tempo, os estudos de usuários são abordados em perspectivas diferentes, que alteram a forma como o sujeito e sua relação com a informação são analisados.

Diferentes contextos históricos e científicos possibilitaram a elaboração de determinadas maneiras de se estudar os usuários. Contudo, é importante reconhecer que, apesar das abordagens terem seguido uma sequência histórica linear, não significa que elas pertencem estritamente à época em que surgiram, e que as perspectivas mais antigas foram abandonadas e substituídas. É possível identificar estudos de usuários atuais pertencentes às abordagens tradicional, alternativa ou social. A escolha da abordagem depende dos objetivos da pesquisa e da perspectiva pela qual se deseja compreender os usuários.

Capurro (2003) apresenta os três paradigmas epistemológicos da Ciência da Informação: paradigma físico, cognitivo e social. O paradigma físico remete à teoria matemática e à concepção de informação como coisa, um fenômeno objetivo, excluindo o papel ativo do usuário na recuperação de informações e no processo informativo e comunicativo em geral. O paradigma cognitivo pretende compreender de que maneira os processos informativos transformam o usuário, tido como um indivíduo cognitivo portador de uma necessidade, uma anormalidade cognitiva em que os conhecimentos que possui não são suficientes para resolver um problema. O paradigma social não compreende o usuário como ser isolado, mas inserido em um contexto social, que desempenha um papel ativo em sua relação com a informação. Dessa forma, é possível identificar o percurso dos estudos de usuários da informação dentro dos paradigmas físico, cognitivo e social, tratando-se respectivamente das abordagens tradicional, alternativa e social.

A seguir serão exploradas as três abordagens. Como a pesquisa foi realizada a partir da abordagem social, a ênfase desse capítulo concentra-se na discussão da perspectiva das práticas informacionais.

2.1 Abordagem tradicional dos estudos de usuários

Os primeiros estudos de usuários foram embasados na abordagem tradicional. Nessa perspectiva, a relação entre o indivíduo e a informação é estudada como forma de planejar e melhorar serviços de unidades de informação. O usuário é analisado conforme seus hábitos de busca e uso de informação, as fontes de informação que utiliza e seu grau de satisfação com o sistema de informação. A análise é feita com métodos estatísticos e correlação de variáveis, objetivando criar generalizações para o comportamento de determinado grupo de usuários, prevendo suas demandas e organizando o sistema de informação para melhor atender suas necessidades.

Segundo Rabello (1981), dentre as várias categorias de usuário, esse campo temático aborda o usuário da informação. Tratar um indivíduo como usuário da informação requer considerá-lo sob um ponto de vista amplo, pois a informação encontra-se registrada em diferentes suportes físicos, transmitida por uma série de canais e armazenada em diferentes locais. “Quanto ao campo relativo ao usuário, temos que seu elemento principal de análise é o próprio usuário” (RABELLO, 1981 p. 3). Os estudos de usuários são definidos por Figueiredo (1994) como a verificação dos fins para os quais os indivíduos usam informação e quais os fatores que afetam esse uso.

Estudos de usuários são investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então, para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada. (FIGUEIREDO, 1994, p. 7).

De acordo com Choo (2003, p.65), o estudo de como as pessoas se comportam quando buscam e usam a informação tem uma longa trajetória. “A busca e o processamento da informação são fundamentais em muitos sistemas sociais e atividades humanas”. O primeiro marco da origem dos estudos de usuários está relacionado à fundação da Graduate Library School da University of Chicago, na década de 1930 (ARAÚJO, 2010). Dias (2000) constata que a instituição voltou-se para a pesquisa orientada para o campo das Ciências Sociais e Biblioteconomia, que incluíam estudos sobre necessidades de informação e atitudes do cidadão em relação à biblioteca.

No fim do século XIX e começo do século XX, a biblioteca pública, nos Estados Unidos, foi responsável por equalizar as oportunidades educacionais e auxiliar na assimilação de imigrantes vindos de diferentes partes do mundo (FIGUEIREDO, 1994). De acordo com Araújo (2010, p. 6), nesse momento “começam a ser desenvolvidos estudos de usuários para conhecer esses imigrantes – quem são, que línguas conhecem, que grau de escolaridade possuem, quais interesses etc. – como forma de cumprir o objetivo proposto”. Segundo o autor, os primeiros estudos de usuários buscavam indicadores demográficos dos grupos

sociais atendidos (usuários) ou não atendidos (não-usuários) pelas bibliotecas, com o objetivo de apresentar um diagnóstico que permitisse aperfeiçoar os produtos e serviços bibliotecários.

O segundo marco originário do campo é a Conferência sobre Informação Científica da Royal Society em 1948, na qual foram apresentados dois estudos: um sobre o comportamento de busca de informação de cientistas britânicos servidores de órgãos governamentais, universidades e institutos particulares de pesquisa; e outro sobre o uso da biblioteca do museu de Londres (CHOO, 2003). Em Washington, a Conferência Internacional de Informação Científica de 1958 também contribuiu muito para essa área de investigação, com apresentação de diversos trabalhos de estudos de usuários (FIGUEIREDO, 1994).

Os primeiros estudos de usuários de informação foram patrocinados por organizações profissionais, objetivando responder à explosão de informações científicas e novas tecnologias. Também eram iniciados por bibliotecários ou administradores de centros de informação ou laboratórios, com o intuito de obter dados para planejar seu serviço. O recebimento de verbas advindas de agências governamentais era um fator que aumentava significativamente os estudos sobre grupos científicos e tecnológicos (CHOO, 2003).

Ao longo de meio século de história, é possível contar milhares de estudos que investigaram as necessidades e usos da informação em determinados grupos de pessoas. Um amplo espectro de usuários da informação foi pesquisado, o que inclui cientistas, engenheiros, cidadãos de uma comunidade, grupos de interesse, médicos, pacientes, pessoas com preocupações de saúde. Executivos, administradores, pequenos empresários, funcionários do governo, advogados, acadêmicos, estudantes, usuários de bibliotecas, etc. (CHOO, 2003, p. 65).

De acordo com Araújo (2010, p. 10), os estudos iniciados na década de 1940, objetivavam “a produção de indicadores de uso, os processos e fluxos da comunicação científica, a produção de dados para o diagnóstico e o planejamento e a gestão da informação no ambiente organizacional”. Conforme o autor, esses estudos seguem um modelo positivista, que se expressa na preocupação de se estabelecer leis de comportamento para o usuário da informação e “medir” seus hábitos de busca e uso da informação, verificando frequências de acesso e grau de satisfação. O modelo positivista, presente no paradigma tradicional de estudos de usuários, envolve os seguintes aspectos: objetivo de explicação (tal como nas ciências naturais), tratamento estatístico, correlação de variáveis e busca do estabelecimento de relações causais, verificação pela manipulação de uma ou mais variáveis, busca de generalizações, possibilidade de replicação do experimento.

A abordagem tradicional compreende pesquisas orientadas ao sistema, ou seja, com foco principal nas unidades de informação. É caracterizada como estudos que enfocam o conteúdo ou a tecnologia.

Os estudos voltados ao conteúdo são os relacionados às linhas temáticas de interesse de grupos de usuários, com base nos modelos tradicionais de classificação do conhecimento. Os estudos voltados à tecnologia são os que

focalizam o uso de livros, fontes, bases de dados, obras de referência, computador ou o próprio sistema (COSTA; SILVA; RAMALHO, 2009, p. 7).

Choo (2003, p. 66) caracteriza a orientação ao sistema como aquela que vê a informação como entidade externa, independente dos usuários ou sistemas sociais, uma entidade objetiva que tem uma realidade própria baseada no conteúdo. “A informação existe a priori, e é tarefa do usuário localizá-la e extraí-la”. Para o autor, a pesquisa orientada para o sistema examina como a informação flui por esses sistemas sociais e objetiva o desenvolvimento de instrumentos e serviços para simplificar o acesso à informação e fomentar a partilha de informações.

Com o passar do tempo, os estudos de usuários foram se transformando e adotaram uma postura mais analítica e avaliativa (CUNHA, 1982). É sobre essas mudanças que trataremos a seguir ao apresentarmos a abordagem alternativa dos estudos de usuários.

2.2 Abordagem alternativa dos estudos de usuários

Dervin e Nilan (1986) apontam que a evolução dos estudos de usuários possibilitou a identificação de duas abordagens diferentes: a abordagem tradicional e a alternativa. A diferença entre as abordagens reside no modo como é interpretado o sujeito, a informação e a relação entre eles. Na perspectiva tradicional, a informação é objetiva e o usuário é visto através do seu comportamento externo no âmbito dos sistemas de informação. Já na perspectiva alternativa, o usuário é um sujeito ativo e cognitivo, que utiliza a informação para construir seu conhecimento.

Dessa forma, críticas feitas à abordagem tradicional levaram a constituição da abordagem alternativa, também denominada abordagem cognitiva. O principal aspecto criticado na perspectiva tradicional dos estudos de usuários foi seu caráter positivista e generalizante, que considerava os indivíduos apenas como processadores de informação, não apresentando estudos que colocassem realmente os usuários no centro do processo de busca de informação (BERTI; ARAÚJO, 2017).

Segundo Araújo (2012), na abordagem alternativa a informação não é mais entendida como um documento ou item informacional que é acessado pelos usuários, passando a ser definida na sua relação com o conhecimento (ou ausência dele). A informação é compreendida como algo capaz de alterar os estados cognitivos dos indivíduos, sendo o foco dessa perspectiva a maneira como os próprios pessoas percebem a lacuna cognitiva que possuem e as estratégias que escolhem para buscar e usar as informações para suprir sua necessidade informacional. Segundo o autor, as variáveis sociodemográficas não são fundamentais nessa abordagem como eram na perspectiva tradicional, sendo a principal variável o modo como os usuários percebem suas lacunas.

Dessa forma, a grande inovação da abordagem alternativa, é posicionar o usuário como um sujeito ativo nos seus processos de necessidade, busca e uso de informação. Para Choo (2003), a pesquisa orientada para sistemas, concebida na abordagem tradicional, acontece no ambiente externo ao indivíduo, analisando instrumentos e serviços. Já os estudos que apresentam uma orientação para o usuário, interpretam a informação como uma construção subjetiva criada dentro da mente dos usuários, examinando as preferências e necessidades cognitivas e psicológicas do indivíduo e como isso afeta sua busca por informações (CHOO, 2003).

Embora um documento ou registro possa ser definido ou representado em referência a algo ou a algum assunto, o usuário encerra esse conteúdo objetivo num envelope interpretativo, de modo que a informação torna-se significativa, e é esse pacote de conteúdo mais interpretação que os usuários julgam valioso e útil. Portanto, o valor da informação reside no relacionamento que o usuário constrói entre si mesmo e determinada informação. Assim, a informação só é útil quando o usuário infunde-lhe significado, e a mesma informação objetiva pode receber diferentes significados subjetivos de diferentes indivíduos (CHOO, 2003, p. 70).

Conforme Berti e Araújo (2017), a partir da década de 1970, teorias e modelos explicativos foram usados principalmente em investigações ligadas ao comportamento informacional dos usuários. O conceito de comportamento informacional, cunhado por Tom Wilson, apresenta-se relacionado a necessidade de informação, identificada pelos indivíduos, que buscam e usam informação para resolver seus problemas informacionais.

Criados com o objetivo de explicar como os usuários buscam a informação a partir de uma necessidade consciente, os modelos relacionam o comportamento a uma situação que o usuário se encontra especialmente no contexto da pesquisa, em bibliotecas ou espaços especializados. Estes modelos tornaram-se importantes referências para responder questões ligadas aos caminhos tomados pelas pessoas que necessitam de informação (BERTI; ARAÚJO, 2017, p. 6).

Dentre esses modelos, podemos citar o de Dervin (1992), o de Kuhlthau (1991) e o de Taylor (1986). O modelo de criação de significado de Brenda Dervin compreende o indivíduo como capaz de construir significados. A necessidade de informação do sujeito consiste em uma lacuna no seu estado de conhecimento. Esse modelo é associado à metáfora de uma pessoa que move-se no tempo e no espaço, o movimento para frente significa a criação de significados, que é interrompido por uma descontinuidade, um vazio cognitivo. Para transpor esse vazio o indivíduo realiza estratégias de busca por informações e ao usar a informação o sujeito obtém o que necessita para preencher a sua lacuna. De acordo com a autora, o modo como as pessoas percebem seus vazios cognitivos pode prever seu comportamento de busca e uso da informação.

Por sua vez, Kuhlthau (1991) entende que as necessidades cognitivas estão relacionadas às reações emocionais, dessa forma as necessidades informacionais são pensadas e também sentidas. As reações emocionais orientam a busca da informação e

também determinam como o indivíduo processa e usa a informação. A autora divide o comportamento de busca por informação em seis estágios e identifica a relação entre sentimentos, pensamentos e ações em cada um desses estágios, baseados no princípio da incerteza. Já Taylor (1986) compreende que o uso da informação é situacional. Sendo assim, o ambiente de uso da informação está relacionado ao comportamento informacional do indivíduo, podendo as características do meio social ou profissional do sujeito induzir ou restringir certos comportamentos de busca da informação.

Contudo, a abordagem alternativa também sofreu várias críticas. Ao compreender a necessidade de informação a partir de uma lacuna, como um conhecimento que falta para que seja possível executar uma tarefa, o modelo cognitivo acaba por restringir a compreensão do usuário como indivíduo portador de uma necessidade específica que seria satisfeita por determinada fonte de informação (ARAÚJO, 2008).

Atualmente, a abordagem alternativa domina o campo dos estudos de usuários, como forma de superação da abordagem tradicional. Entretanto, observa-se que as pessoas que usam informação em seu cotidiano não o fazem apenas quando surge uma necessidade. Além disso, toda ação informacional está baseada em relacionamentos e interações, ou seja, são marcadas pelo social, que é construído reciprocamente (BERTI; ARAÚJO, 2017).

A grande contribuição da abordagem cognitiva foi colocar os sujeitos como elementos centrais em sua relação com a informação. A partir dessa perspectiva os autores da Ciência da Informação sentiram a necessidade de analisar esse sujeito cognoscente e sua relação com a informação levando em consideração o seu contexto social. Assim, das críticas feitas à abordagem alternativa surgiu uma outra linha de pensamento: a abordagem social dos estudos de usuários.

2.3 Abordagem social dos estudos de usuários

A abordagem social refere-se ao terceiro paradigma identificado por Capurro (2003) como paradigma social. Para o autor, esse paradigma é importante ao transcender os limites impostos pelo paradigma cognitivo, que considera a informação como algo separado do usuário, considerando-o primordialmente como sujeito cognoscente, isolado das condições sociais e materiais da existência humana. Conforme Capurro, deve existir uma integração da perspectiva individualista e isolacionista do paradigma cognitivo dentro de um contexto social. Para ele, a informação só tem valor enquanto conhecimento quando compartilhada, com a possibilidade de se apresentar relevante para outros indivíduos ou grupos.

Berti e Araújo (2017) consideram que autores como Hjørland (2002), Rendón Rojas (2005) e Frohmann (2008) também estariam ancorados no paradigma social da informação. Tal concepção contempla a informação além dos seus aspectos físicos e cognitivos,

compreendendo o seu aspecto social. Considerar o aspecto social significa compreender que as construções sociais que são permeadas pelo caráter individual, coletivo, cultural, político e ideológico de uma realidade que é construída dialogicamente na relação entre o sujeito e a sociedade.

Araújo (2008) descreve a instalação progressiva do paradigma social no âmbito da CI como um movimento teórico articulado em escala mundial. O I CoLIS – International Conference on Conceptions of Library and Information Science é visto pelo autor como o marco histórico desse paradigma. Nesse congresso, realizado em 1991, na Finlândia, diversos pesquisadores de diferentes nacionalidades apresentaram seus trabalhos que questionavam os modelos teóricos à época utilizados na CI, expondo propostas diferentes para se conduzir as pesquisas na área.

A inserção dos estudos de usuários no paradigma social da CI é, provavelmente, a transformação mais importante para esses estudos no momento contemporâneo, o que pode contribuir também para o desenvolvimento de uma sólida fundamentação teórica para o campo (ARAÚJO, 2010). O evento internacional, à época intitulado Information Seeking in Context (ISIC), realizado pela primeira vez na Finlândia, em 1996, é considerado por Sirihal Duarte, Araújo e Paula (2017) como um marco importante no surgimento da abordagem social aplicada aos estudos de usuários. A importância do contexto foi evidenciada não somente no nome do evento, mas também nos trabalhos apresentados e nos debates. Para os autores, o enfoque no contexto é um deslocamento da análise cognitiva para a social, passando-se a considerar a interferência do contexto nas ações do indivíduo e também como as ações do indivíduo tem a possibilidade de alterar o contexto, em uma relação dialógica.

Araújo (2012) aponta a possibilidade de construção de uma nova abordagem nos estudos de usuários, pautada pelo paradigma social, que poderia ser designada como abordagem interacionista dos estudos de usuários da informação. Segundo o autor, a partir do final da década de 1990, os estudos de usuários começam a tentar superar as tendências que viam o usuário por meio de um determinado perfil sócio demográfico, como tratado na abordagem tradicional; ou enxergavam o usuário enquanto ser isolado e individual que sentia uma necessidade de informação, como na abordagem alternativa. A superação dessas tradições de estudo aliam o conhecimento acumulado nas décadas anteriores com as problematizações recentes que surgiram no campo da CI sobre o conceito de informação. Nas contribuições dos autores da área, alguns elementos comuns emergem: “a natureza social e coletiva do uso da informação; seu enraizamento num contexto concreto da experiência; o caráter ativo do usuário em sua relação com a informação; a natureza cognitiva, mas não só, do processo de busca e uso da informação” (ARAÚJO, 2012, p. 149).

Nessa nova abordagem, a interação é um conceito-chave. “O conceito de intersubjetividade, isto é, de sujeitos em interação, torna-se central portanto para o campo de

estudos de usuários da informação” (ARAÚJO, 2010, p. 23). A ação recíproca pressupõe o fato de que uma ação exercida por algo ser também afetada por esse algo. O usuário, na perspectiva interacionista, não é totalmente determinado pelo contexto no qual se insere, mas também não é isolado ou alheio a ele, a influência real do contexto existe, mas não se apresenta como absoluta, sendo interpretada e alterada pelo sujeito. Da mesma forma, o significado da informação não está totalmente no documento material, mas também não é totalmente fruto da mente do usuário, sendo resultado da interação dos elementos que compõem a mensagem com as estratégias cognitivas do sujeito. Nessa mesma linha, o usuário é social, não sendo determinado pelo coletivo, mas também não se apresentando isolado desse. O sujeito, ao mesmo tempo, constrói o coletivo e é construído por ele. A ação de acessar e usar informação é cognitiva, mas também é emocional, cultural, contextual (ARAÚJO, 2012).

Os usuários, no ponto de vista do paradigma social, não se apresentam mais como instrumentos para medição da eficácia de sistemas, nem como indivíduos cognoscentes desligados de um contexto, mas como seres produtores de sentido em constante interação com os demais, que se articulam em comunidades diversas, em esferas de diferentes naturezas (ARAÚJO, 2008). Dessa forma, estaria colocada uma nova agenda de pesquisa para os estudos de usuários, que não se atém a buscar taxas de uso de fontes de informação ou frequência de visitas à bibliotecas, voltando-se para compreensão do porquê do uso de determinada fonte, do entendimento do significado que o sujeito atribui a ela, do significado do acesso à biblioteca. Assim, os estudos de usuários da informação sob essa perspectiva talvez consigam ter como objeto de estudo os usuários propriamente ditos, ao invés das fontes e sistemas de informação, enxergando os usuários enquanto sujeitos nos processos de busca e uso de informação (ARAÚJO, 2010).

A abordagem social compreende a dimensão recíproca dos fenômenos e de seus componentes. O estudo da interação do sujeito com a informação deve enxergar como ele é determinado pelo social, mas também como não é alheio a ele, entender que o significado da informação está no documento, mas também é recriado pelo sujeito (ARAÚJO, 2012).

Na construção dessa nova abordagem, conforme Araújo (2010), determinadas perspectivas surgem como proporcionadoras de categorias e instrumentos de pesquisa como: a fenomenologia, postura epistemológica que concentra-se no estudo da vida cotidiana; o interacionismo simbólico, que propõe que o indivíduo e a sociedade se constituem reciprocamente; e a etnometodologia, que enxerga como os indivíduos constroem suas próprias definições. Essa última apresenta dois conceitos com enorme potencial de utilização nos estudos de usuários: (i) prática, conceito que compreende que fatos sociais são constantemente produzidos pelos indivíduos; (ii) *accountability*, maneira reflexiva como os

indivíduos tornam disponíveis e relatáveis suas experiências e ações para si mesmos e para os outros.

Dessa forma, Araújo (2015) enfatiza que conceitos já utilizados nas ciências sociais e humanas podem se apresentar como contribuições teóricas e metodológicas na consolidação da incipiente abordagem social dos estudos de usuários. Dentre esses conceitos, o autor destaca a imaginação (DURAND, 1993) e a sociabilidade (MAFFESOLI, 1984). A imaginação se refere a capacidade de criar, imaginar, simbolizar. Assim, a imaginação não se trata de um estoque, e sim de uma capacidade. Já a sociabilidade é um conceito que se refere a uma atmosfera que unifica e agrega pessoas, diferenciando-se de relações sociais. A sociabilidade não é cristalizada, estabelecida e tipificada como as relações sociais, sendo construída no campo da experiência, realizando-se caso a caso, o que impede generalizações. Existe também uma diferença entre o conceito de sociabilidade e socialização. Esse último remete ao entendimento dos atores sociais e de como são as estruturas de comportamento de uma sociedade. A ideia é de que o indivíduo está inserido num “jogo” com regras pré-definidas, já no conceito de sociabilidade o “jogo” ainda está em construção. A aplicação dos conceitos de imaginação e sociabilidade nos estudos de usuários da informação contribuiriam para superação das abordagens tradicional e alternativa. O conceito de imaginação auxilia a superar o caráter restritivo em torno da ideia de necessidade e uso da informação. A sociabilidade coloca ênfase no sujeito e suas diversas formas de atuação no mundo, destacando seu caráter social e coletivo, rompendo com a ideia de se estudar o sujeito isolado (ARAÚJO, 2015).

As demandas colocadas pelo surgimento da abordagem social dos estudos de usuários da informação proporcionaram um espaço para que a perspectiva das práticas informacionais fosse utilizada como alternativa crítica ao comportamento informacional. Assim, a partir da década de 1990 a adoção desse termo vincula-se às interações entre sujeitos e informação, construídas coletiva e socialmente (ROCHA; SIRIHAL DUARTE; PAULA, 2017). Tal ideia é corroborada por Berti e Araújo (2017) ao considerarem que o entendimento da epistemologia social afeta o campo dos estudos de usuários, embasando a perspectiva das práticas informacionais, que compreendem o sujeito para além do comportamento informacional.

2.3.1 Práticas informacionais

De acordo com Sirihal Duarte, Araújo e Paula (2017), a adoção do termo práticas informacionais e dos estudos voltados para uma postura sociocultural fazem parte de um momento histórico de valorização do contexto das investigações. O usuário da informação passa a ser denominado sujeito informacional, termo que ressalta seu caráter de ator. Dessa

forma, essa perspectiva considera as relações dialógicas entre o sujeito e o contexto. A terminologia práticas informacionais denomina “os estudos conduzidos a fim de investigar como se dão os inter-relacionamentos entre o sujeito e a informação” (SIRIHAL DUARTE; ARAÚJO; PAULA, 2017, p. 3).

A perspectiva das práticas informacionais é discutida por Savolainen (2007), em sua relação com o conceito de comportamento informacional. De acordo com o autor, esses dois termos podem ser considerados como conceitos “guarda-chuva”, desenhando diferentes discursos que fornecem um contexto pra os estudos de usuários da informação e sugerem diferentes abordagens metodológicas. Comportamento informacional e práticas informacionais são os dois conceitos principais que analisam, em formas gerais, como as pessoas lidam com informação. À primeira vista, esses dois conceitos “guarda-chuva” parecem exibir aspectos sobrepostos, no entanto os termos não são sinônimos. O comportamento informacional é baseado no ponto de vista cognitivo, enquanto as práticas informacionais se inspiram nas ideias do construcionismo social. Para o autor, os termos não são neutros, pois se baseiam em diferentes perspectivas teóricas, que revelam o posicionamento e olhar do pesquisador, não podendo, portanto, serem usados sem uma real reflexão dos seus significados.

Ao emergir de diferentes pontos de vista, o comportamento informacional e as práticas informacionais sugerem formas distintas de interpretação dos fenômenos informacionais. Os trabalhos de Tom Wilson, no início da década de 1980, foram considerados o ponto de partida para os estudos de comportamento informacional. O conceito de prática informacional aparece na literatura do início dos anos 1960 e 1970, mas a discussão mais aprofundada sobre esse conceito iniciou-se na primeira década do século XXI. A retomada desse conceito e a discussão sobre sua natureza pode ter partido de uma necessidade de encontrar uma alternativa para o conceito dominante na área, o comportamento informacional. Assim, os estudos de práticas informacionais começaram com os trabalhos de Pamela McKenzie e Sanna Talja, em 2003 e 2005, respectivamente (SAVOLAINEN, 2007).

Os estudos de práticas informacionais concentram-se em compreender os indivíduos como membros de vários grupos e comunidades que constituem o contexto de sua vida e atividades cotidianas. A ênfase é no papel dos fatores contextuais que permeiam a busca, uso e compartilhamento de informações, o que difere das abordagens individualistas e descontextualizadas, como é o caso dos estudos de comportamento informacional. As práticas informacionais também podem lidar com elementos da comunicação e não apenas com a busca por informações. Desse modo, a fronteira entre comunicação e informação é difícil de ser delimitada, podendo sobrepor-se em muitos casos, como nos estudos de contextos interacionais de informação (SAVOLAINEN, 2007).

Nessa mesma linha, Berti e Araújo (2017) consideram que, nas investigações de práticas informacionais, a interação caracteriza a complexidade do sujeito, que pertence a dimensões individuais, coletivas, sociais, culturais e políticas. Assim, os contextos sociais também são influenciados a partir dessas relações. Para os autores, no comportamento informacional a informação é determinada por um fator externo e se ajusta às necessidades do indivíduo, desconsiderando o conjunto de fatores humanos, pessoais, individuais e coletivos que interferem na relação do sujeito com a informação. Os estudos de práticas informacionais levam em conta as características microsociológicas, propondo-se a olhar o micro para responder ao macrosocial.

Savolainen (2007) ressalta que existem barreiras encontradas nas definições de comportamento informacional e práticas informacionais, uma vez que comportamento e prática possuem múltiplos significados em diferentes áreas como a Filosofia, Psicologia e Sociologia. Essa desconexão discursiva pode levar ao uso irrefletido dos termos. O autor frisa que as duas concepções referem-se às maneiras pelas quais as pessoas lidam com a informação, a principal diferença é que no discurso do comportamento informacional a relação com a informação é desencadeada por necessidades e motivações, enquanto que no discurso das práticas informacionais a relação entre sujeito e informação é afetada e moldada pelo social e por fatores culturais.

Dos conceitos “guarda-chuva”, o comportamento informacional alcançou maior popularidade e domina o campo dos estudos de usuários. Muitas vezes o conceito é usado com a suposição de que existe um amplo consenso sobre sua utilização entre os pesquisadores da área. As práticas informacionais podem ser concebidas como uma importante alternativa a esse discurso dominante (SAVOLAINEN, 2007). Embora o paradigma cognitivo possa responder às questões do comportamento informacional, não apresenta-se suficiente para explicar os fenômenos informacionais na sua relação com as condutas e significações humanas. Deve-se abordar o contexto e não somente o modo de pensar individual das pessoas, é necessário considerar a informação associada ao mundo em que as pessoas vivem e dão sentido a suas ações (BERTI; ARAÚJO, 2017).

Rocha, Sirihal Duarte e Paula (2017) apresentam uma revisão dos modelos teóricos de práticas informacionais empregados por diversos autores da Ciência da Informação. Os autores discutem o modelo de Savolainen (1995), que mesmo não sendo um modelo efetivamente de práticas informacionais, é apontado como o precursor desses, pois contribuiu para os atuais estudos de práticas informacionais com a noção de vida cotidiana e a percepção de que a relação dos sujeitos com a informação é permeada de fatores sociais, culturais, individuais e temporais.

A noção de informação no contexto da vida cotidiana é apresentada por Savolainen (1995). Nessa perspectiva, o autor quebra a sequência pré-concebida de necessidade, busca

e uso de informação. Também enfatiza que, muitas vezes, as pessoas procuram por fontes informais de informação. Para o autor, a busca por informação é parte da vida cotidiana das pessoas. Assim, ele propõe um modelo de busca de informação na vida cotidiana (*Everyday Life Information Seeking*, ELIS).

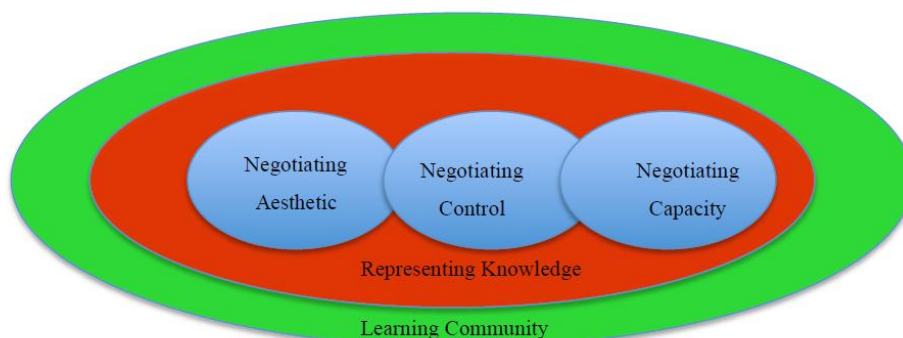
Outro modelo apontado é o modelo bidimensional de práticas informacionais de McKenzie (2003), que investigou as necessidades de informação, as práticas informacionais, e as fontes de informação utilizadas por mulheres grávidas de gêmeos. A autora adota o conceito de vida cotidiana proposto por Savolainen (1995), criando um modelo que considera as dimensões casuais envolvidas no processo de busca por informação. Para ela, o encontro casual com a informação tem a mesma importância de uma busca ativa.

Entretanto, críticas a compreensão das práticas informacionais através de modelos são realizadas. Para Berti e Araújo (2017), teorias que embasam modelos valorizam os processos informacionais numa visão unidimensional do pensar, deixando de lado a compreensão de como os significados são construídos. Pois é dessa forma que são realizados os estudos de comportamento informacional, afastando-se as representações simbólicas presentes na interação social.

Um estudo de práticas informacionais em meio virtual foi proposto por Harlan (2012), que abordou as práticas informacionais de adolescentes criadores de conteúdos digitais, como *blogs*, vídeos, etc. A autora descreve as práticas informacionais contemporâneas de adolescentes em comunidades digitais e um modelo como sendo resultante dessas práticas. O objetivo da pesquisa foi explorar como os jovens usam e produzem informações no contexto digital. As práticas informacionais forneceram uma estrutura apropriada para a compreensão dos processos de uso, criação e compartilhamento de informações dos adolescentes em espaços on-line, visto que as ações informacionais dos sujeitos são socialmente situadas, sendo o significado de informação negociado dentro da comunidade (HARLAN; BRUCE; LUPTON, 2014).

As categorias de análise surgiram de forma emergente após um processo de codificação das entrevistas e observação das comunidades de prática. Além disso, a interação com os participantes foi realizada também no momento da categorização, de forma que ela fosse construída juntamente com eles (HARLAN; BRUCE; LUPTON, 2014). Portanto, o modelo de práticas informacionais apresentado por Harlan (2012) é específico para as comunidades estudadas em sua pesquisa. No entanto, Harlan, Bruce e Lupton (2014) reconhecem que novas pesquisas podem revelar que esse modelo é comum em outras comunidades, podendo sugerir que as práticas informacionais identificadas são fundamentais na formação das comunidades virtuais.

Figura 1 – Práticas informacionais de adolescentes em comunidades digitais



Fonte: HARLAN, 2012, p. 189.

Na análise dos dados compreendeu-se que os adolescentes possuíam ações de informação (coleta de informações, pensamento e criação) e também diferentes maneiras com que experimentavam a informação (como participação, como inspiração, como colaboração, como processo e como artefato). Desenvolveu-se um modelo (FIGURA 1) de como essas ações e experiências se cruzaram nas práticas informacionais, identificando-se cinco práticas interdependentes (aprender a comunidade, negociar estética, negociar controle, negociar capacidade e representar conhecimento) (HARLAN; BRUCE; LUPTON, 2014).

Após essa breve revisão da discussão sobre práticas informacionais, constata-se que essa perspectiva, ainda em construção, apresenta novos aspectos para o estudo dos usuários, agora compreendidos como sujeitos informacionais. Ao contrário de estudos de comportamento informacional, os estudos de práticas informacionais não analisam a sequência linear de necessidade, busca e uso de informação. As práticas informacionais consistem nos diversos modos como os sujeitos lidam com a informação, que nem sempre partem de uma necessidade específica, considerando-se o encontro ocasional com a informação. A busca e o uso da informação apresentam-se socialmente inseridos, permeados por processos comunicativos, que envolvem a interação entre os sujeitos e o compartilhamento de informações.

3 BLOGS: CONCEITOS E APROPRIAÇÕES

Esse capítulo aborda a temática dos *blogs*, uma vez que o objeto empírico dessa pesquisa são as práticas informacionais dos blogueiros literários que se manifestam nos *webrings*. Para conhecer melhor esse objeto foi necessária uma revisão teórica sobre a terminologia, o histórico, as diferentes conceituações, os elementos estruturais, as tipologias e as múltiplas apropriações dos *blogs* no contexto virtual.

A respeito do termo *blog*, não existe um consenso sobre sua utilização na forma escrita. Na literatura pesquisada foram encontradas as terminologias: **weblog**, **blog** e também a utilização das terminologias *weblog* e *blog* em conjunto, como sinônimos. Foram encontrados dois artigos com o termo **blogue** (SOUSA et al., 2007; ALVIM, 2007), fator que pode estar relacionado à publicação ter sido em Portugal. É perceptível que estudos mais antigos utilizam *weblog* e os mais recentes trabalham com a nomenclatura *blog*.

A grafia *blogue* é a versão oficialmente aportuguesada do termo, presente no dicionário Priberam² e nos Vocabulários Oficiais da Academia Brasileira de Letras (VOLP)³. Entretanto, a versão da língua portuguesa não é comumente utilizada pelos pesquisadores da área no Brasil, que optam por *weblog* ou *blog*. Nos *blogs* visitados pela pesquisadora a designação *blogue* não foi encontrada, sendo unanimidade o uso do termo *blog*.

Dessa forma, existe uma preferência em se adotar o termo *blog* nessa pesquisa, visto que é o termo eleito pelos próprios criadores das páginas, ou seja, os blogueiros. Algumas referências ao termo *weblog* serão feitas ao abordarmos o histórico dos *blogs* e também em citações dos autores que o utilizam, visto que a palavra *weblog* foi usada primeiramente e depois abreviada, sendo essa a terminologia da qual deriva a palavra *blog*.

Quanto ao conceito de *blog*, Amaral, Recuero e Montardo (2009) concluem que os *blogs* podem ser definidos de maneira estrutural, funcional ou como artefatos culturais. A definição **estrutural** perpassa pela ideia de que um *blog* é uma ferramenta de publicação em um formato muito particular. Nessa concepção, a definição mais comum é apontar um *blog* como textos organizados em ordem cronológica reversa, datados e atualizados com frequência. O critério da frequência de publicação também é apontado como essencial. Entretanto, nem todos os autores consideram a presença da ferramenta de comentários como essencial. Compreender um *blog* a partir de sua definição estrutural é apreendê-lo enquanto formato, que permite usos e apropriações diversas.

Na linha da definição de *blog* como estrutura, alguns autores descrevem o *blog* em relação aos componentes presentes na página. “Um *blogue* é acima de tudo um sítio *web*

² Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/blogue>>. Acesso em: 19 out. 2017.

³ Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario?sid=23>>. Acesso em: 19 out. 2017.

onde são colocadas mensagens (habitualmente designadas por *posts*), por ordem cronológica invertida, sobre um ou vários temas” (SOUSA et al., 2007, p. 89). Uma definição semelhante é apresentada por Silva (2003) que conceitua o *blog* como um *website* extremamente flexibilizado, com *posts* organizados em ordem cronológica reversa e com interface de edição simplificada, que não exige a compreensão de qualquer tipo de código HTML (do inglês, *Hypertext Markup Language*). Outro aspecto ressaltado é a facilidade de criação do *blog*, “um dos elementos que diferencia o *weblog* de outros *sites* diz respeito à facilidade com que este tipo de página pode ser construído [...]” (SILVA, 2008, p.4).

Já na concepção **funcional**, o *blog* é entendido na sua função primária como meio de comunicação. O *blog* é, portanto, mais do que uma ferramenta de publicação caracterizada por seu formato, sendo uma ferramenta de comunicação. A percepção dos *blogs* como constituintes de redes sociais e espaços de sociabilidade também pertencem à concepção funcional, pois ressaltam sua função comunicativa e os elementos que dela decorrem (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

A visão funcional de *blog* é identificada por alguns autores que ressaltam a questão da interação entre os indivíduos. Almeida (2008) considera a interatividade como característica dos *blogs*, descrevendo a relação entre os leitores e blogueiros, que ocorrem através de *e-mail* contido no *blog* ou por meio dos comentários. Para Araújo e Vieira (2012), os *blogs* são produtos do ciberespaço, que reafirmam a comunicação interativa e a colaboração. Já Matos (2009) afirma que a interatividade é a condição de existir dos *blogs* enquanto ambientes virtuais.

A definição de *blogs* como **artefatos culturais** é advinda de um olhar antropológico e etnográfico. Vistos como artefatos culturais, os *blogs* são apropriados pelos sujeitos e constituídos através de marcações e motivações. Nessa visão, *blogs* são lugares de marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, sendo possível ao acessá-los, recuperar seus traços culturais (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

De acordo com Shah (2005 citado por AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009), um artefato cultural pode ser definido como um repositório vivo de significados compartilhados que são produzidos por uma comunidade de ideias. O autor estudou os usos e apropriações dos *blogs* de pornografia pelas mulheres indianas e constatou que as motivações dos blogueiros podem revelar muito da própria significação da ferramenta. Ele argumenta que os *blogs*, enquanto artefatos culturais, podem revelar diferentes ideias de porque as pessoas blogam, pois a legitimação do *blog* se dá pelas práticas vividas pelas pessoas que os criaram.

Nas seções desse capítulo serão aprofundadas algumas temáticas relacionadas aos *blogs*: contexto histórico, diferentes categorizações, componentes estruturais, os *blogs* literários e a blogosfera, os *webrings* e as comunidades virtuais.

3.1 Um breve histórico dos *blogs*

Inicialmente, o termo *weblog* referia-se a um conjunto de *sites* que divulgavam *links* interessantes na *web*. Dessa forma, *weblog* apresenta-se como a junção das palavras “*web*” (teia) e “*log*” (diário de bordo utilizado por navegadores e aviadores) cujo significado seria “diário de bordo” (SILVA, 2006; DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010). Outra interpretação sugere que a composição do termo compreende outro significado, no qual *weblog* define-se como “arquivo da *web*” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

Os primeiros *weblogs* eram *sites* constituídos por *links*. “Cada um era uma mistura em proporções únicas de *links*, comentários, pensamentos e ensaios pessoais” (BLOOD, 2000, on-line, tradução nossa)⁴. A palavra *weblog* foi utilizada pela primeira vez em dezembro de 1997 por Jorn Barger, editor do *blog Robot Window* (BLOOD, 2000). Barger definia como *weblogs* páginas pessoais que utilizavam ferramentas que permitiam facilmente a ligação com outras páginas da *web*, como o uso de *blogrolls* (gestão de *links*) e *trackbacks* (referência a *posts* publicados em outros *blogs*), além da postagem de comentários em texto (MARQUES, 2012).

Um *weblog* (às vezes chamado de *blog* ou página de notícias ou filtro) é uma página da *Web* onde um *weblogger* (às vezes chamado de blogueiro ou pré-surfista) registra todas as outras páginas que ele achou interessantes. O formato, normalmente, é adicionar a entrada mais recente no topo da página, de modo que os visitantes frequentes possam recuperar o atraso ao ler a página, até chegarem ao *link* que viram na última visita. (BARGER, 1999, on-line, tradução nossa)⁵.

No início de 1999, o blogueiro Peter Merholz⁶ abrevia a palavra *weblog* e apresenta o termo *blog*, que se torna a forma verbal mais popularizada, o uso da abreviação também foi incentivado pela criação do serviço Blogger no mesmo ano (MARQUES, 2012).

Nos *weblogs* originais, os editores apresentavam *links* pouco conhecidos da *web* ou notícias atuais consideradas por eles como dignas de nota, divulgavam o que era incompreensível, estúpido e atraente. O *weblog* oferecia para seus leitores uma filtragem daquilo que existia de mais valioso na *web*, conforme a opinião de seu editor. Era como se a *web* tivesse sido “pré-navegada” e posteriormente compartilhava-se as informações mais

⁴ Each was a mixture in unique proportions of links, commentary, and personal thoughts and essays.

⁵ A weblog (sometimes called a blog or a newspaper or a filter) is a webpage where a weblogger (sometimes called a blogger, or a pre-surfer) 'logs' all the other webpages she finds interesting. The format is normally to add the newest entry at the top of the page, so that repeat visitors can catch up by simply reading down the page until they reach a link they saw on their last visit.

⁶ Autor do *blog* disponível em: <<http://www.peterme.com/>>. Acesso em: 19 out. 2017.

relevantes. Cada *link* compartilhado era quase sempre acompanhado pelo comentário do editor que destacava certos aspectos contidos nele, acrescentava fatos adicionais considerados pertinentes, adicionava um ponto de vista ou opinião. Normalmente, os comentários possuíam tom irreverente e sarcástico (BLOOD, 2000).

Para Marques (2012), essa prática de realizar uma filtragem dos conteúdos da *web* seria um contraponto aos filtros jornalístico-midiáticos, que impõem pontos de vistas parciais e limitados. Portanto, é natural outras vozes se levantarem para questionar, completar e apresentar novas versões dos fatos. Os *blogs* são um dos espaços que vieram cumprir esse novo papel de viabilizar novos relatos, opiniões, pontos de vista, compartilhamentos, meditações etc. Segundo a autora, antes dos *blogs*, as pessoas tinham listas de *e-mail* para compartilhar com os amigos o que achassem de interessante na rede, por isso no começo muitos blogueiros continuaram a fazer o que faziam antes, ou seja, filtrar conteúdo, compilar *links*.

Nessa época, um *weblog* só poderia ser criado por pessoas que já sabiam como fazer um *site*, que dominavam a linguagem HTML. Blood (2000) relata que, em 1998, existia um punhado de *sites* que hoje em dia podem ser considerados como *blogs*. De acordo com a autora, cada vez mais pessoas começaram a publicar seus próprios *weblogs*, o que tornou difícil ler todos diariamente ou mesmo acompanhar todos os novos que estavam aparecendo.

Amaral, Recuero e Montardo (2009) apontam alguns fatores que explicam essa popularização dos *weblogs*. O primeiro deles seria o surgimento das ferramentas de publicação, o que tornou os *weblogs* mais acessíveis para o usuário comum. No ano de 1999, a Pitas lançou sua primeira ferramenta de manutenção de *sites* via *web* e a Pyra lançou o Blogger. Um segundo fator fundamental foi a agregação da ferramenta de comentários aos *blogs*, que permitiu a interação entre os editores e os leitores da página. Outro fator responsável por essa popularização foi a palavra “*weblog*” ter sido escolhida como a palavra do ano de 2004 pelo *Merriam-Webster’s Dictionary*. No mesmo ano o Google comprou o Blogger.

Devido a essa rápida popularização e multiplicação dos *blogs* na *web*, não existe um consenso sobre qual foi o primeiro *weblog*. De acordo com Amaral, Recuero e Montardo (2009), alguns autores consideram como primeiro *weblog* o primeiro *site* da *web*⁷, mantido por Tim Berners-Lee (criador da *World Wide Web*), que tinha como função apontar todos os novos *sites* que eram colocados no ar. Di Luccio e Nicolaci-da-Costa (2010) afirmam que, no Brasil, os *blogs* começaram a se difundir entre os anos de 2000 e 2001, de forma tão veloz e contínua como no resto do mundo. “Diariamente surgem novos serviços em português e o crescimento do fenômeno no Brasil é evidente” (LEMOS, 2002, p. 5). O primeiro *blog* brasileiro também é

⁷ Disponível em: <<http://info.cern.ch>>. Acesso em: 19 out. 2017

motivo de desacordo. Alguns apontam Zamorim⁸ como o pioneiro na publicação nesse formato, emitindo seu primeiro *post* em 2000. Entretanto, Viviane Menezes⁹ também é apontada como a primeira blogueira brasileira, tendo iniciado as suas primeiras publicações em fevereiro de 1998 (SILVA, 2006).

Após a popularização dos *blogs*, uma das primeiras apropriações foi o uso dos *blogs* como diários pessoais. O uso dos *blogs* como espaço de expressão pessoal, publicação de relatos, experiências e pensamentos é apontado como o uso mais popular da ferramenta (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009). Blood (2000) analisa o número crescente de *blogs* no formato de diários eletrônicos que surgiram após o lançamento da plataforma Blogger, portadora de uma interface acessível, fator que impulsionou a mudança do *blog* estilo “filtro da *web*” para o *blog* estilo diário pessoal.

Esses *blogs*, muitas vezes atualizados várias vezes por dia, eram um registro dos pensamentos do blogueiro: algo notado no caminho do trabalho, notas sobre o fim de semana, uma reflexão rápida sobre algum assunto. Os *links* levavam o leitor ao *site* de outro blogueiro, com quem o primeiro estava tendo uma conversa pública ou se encontrara na noite anterior, ou ao *site* de uma banda que ele tinha visto na noite anterior. Conversas completas foram realizadas entre três ou cinco *blogs*, cada um referenciando, concordando ou discordando das opiniões dos outros. (BLOOD, 2000, on-line, tradução nossa).¹⁰

De acordo com Blood (2000, on-line), a definição de *weblog* mudou de uma lista de *links* com comentários pessoais para um *site* que é atualizado com frequência, com novos materiais publicados no topo da página. Na opinião dela, deveria existir um outro termo para caracterizar o que ela denomina *blog* de filtro, para distinguir do que é hoje denominado como *blog*.

Posteriormente, os *blogs* começaram a abranger também outros temas, apresentando conteúdo variado ou especificando em uma determinada temática. Surgiram *blogs* profissionais e científicos, utilizados como ferramenta de trabalho para jornalistas e pesquisadores.

A verdade é que, quanto mais popular na rede, os *blogs* estão cada vez mais diversificados no que consiste aos temas que os motivam: música, moda, poesia, contos, crônicas, cinema, culinária, jornalismo, religião, política, arte... A blogosfera incha diariamente e os assuntos ficam a critério do blogueiro, o qual não precisa se prender a nenhum padrão textual, a não ser o hipertextual, que já é, por natureza, de origem híbrida (CARNEIRO, 2011, p.75).

⁸ Autor do *blog* disponível em: < <http://zamorim.eti.br/>>. Acesso em: 19 out. 2017.

⁹ Entrevista com a blogueira Viviane Menezes disponível em: <<http://trabalhosujo.com.br/viviane-menezes/>>. Acesso em: 19 out. 2017.

¹⁰ These blogs, often updated several times a day, were instead a record of the blogger's thoughts: something noticed on the way to work, notes about the weekend, a quick reflection on some subject or another. Links took the reader to the site of another blogger with whom the first was having a public conversation or had met the previous evening, or to the site of a band he had seen the night before. Full-blown conversations were carried on between three or five blogs, each referencing the other in their agreement or rebuttal of the other's positions.

O surgimento e popularização dos *blogs* vão de encontro à uma demanda social de criar um espaço próprio onde se possa opinar, comentar, compartilhar fatos, notícias e até escrever sobre si mesmo. Tanto na primeira configuração dos *blogs* enquanto filtros de conteúdo da *web*, quanto no estilo de diários pessoais, os *blogs* exercem o mesmo papel: tornar o blogueiro um protagonista. É o blogueiro quem está compartilhando conteúdo, quem avalia o que é importante, o que deve ser acessado, expressa suas opiniões, promove reflexões, exprime o que pensa. O *blog* é uma parte do blogueiro, em outras palavras, é como se o blogueiro abrisse seu mundo pessoal para os visitantes, no caso, os leitores.

3.2 Categorização dos *blogs*

No senso comum, ao se abordar a temática dos *blogs*, geralmente é feita uma associação imediata com os diários pessoais. Mas, como afirmado anteriormente, os *blogs* possuem outros formatos que vão além desse.

Sob os mais diferentes usos, o *blog* faz as vezes da agenda, do jornal, da página literária, do álbum de recordação, do caderno de anotar a vida ou diário pessoal, dentre outras infinitas finalidades, uma expressão inteiramente original que prevê a possibilidade de vários sujeitos empregarem a primeira pessoa em uma situação de diálogo e socialização da comunicação (CARNEIRO, 2011, p. 80).

Recuero (2003) ao realizar uma investigação e analisar diferentes *blogs*, identificou três categorias de *blogs*, sendo elas:

- **Diários eletrônicos:** são *blogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal e do cotidiano do sujeito. A intenção desses *blogs* não é ser informativo ou publicar notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão do blogueiro.
- **Publicações eletrônicas:** são *blogs* que se destinam principalmente à disseminação de informação. Trazem notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, como se fossem revistas eletrônicas. Comentários pessoais são evitados, embora tenham algumas ocorrências.
- **Publicações mistas:** são *blogs* que misturam *posts* pessoais sobre a vida do blogueiro e *posts* informativos, com notícias, dicas e comentários conforme o gosto pessoal.

Outra classificação é proposta por Silva (2003), que propõe duas categorias, sendo: **Weblogs Temáticos**, concebidos com base em um tema específico ou numa área de interesse comum, pode-se incluir *blogs* com propósitos educacionais, jornalísticos, etc.; e **Weblogs Livres**, contendo publicações que não se atém a um único tema, contendo características próprias de uma página pessoal, com formas de anotações livres, podendo

incluir criação literária, comentários sobre o que se passa na cabeça do autor, críticas, fofocas, atualização de notícias, diários, entre outros.

Uma categorização semelhante é apresentada por Benedito (2003 citada por SOUSA et al., 2007) ao considerar que no processo de evolução dos *blogs* encontram-se dois tipos: o **blog-agenda**, contendo pensamentos, ideias, comentários de livros lidos etc; e o **blog-mural**, que se apresenta como um “jornal de parede”, contendo notícias, artigos de opinião e até imagens de acontecimentos, em primeira-mão, sem compromisso nem censura.

Vega e Rojo (2003) também criaram categorias de identificação dos *blogs*, classificando-os em: **Pessoais**, sendo aqueles que refletem as impressões de uma pessoa sobre um tema ou sobre aspectos variados, sendo muito abundantes na internet e pouco interessantes de um ponto de vista informativo; **Corporativos**, *blogs* advindos de determinadas instituições com o intuito de servir de boletim de comunicação e informação entre os membros da organização, transmitindo notícias e oferecendo recursos com foco nos procedimentos e políticas internas; **Temáticos**, páginas dedicadas a uma disciplina ou assunto, com um administrador e colaboradores, formadores de opinião.

Já Granado e Barbosa (2004 citados por SILVA, 2008) dividem os *blogs* em três tipos: **Diários**, descrições diárias de acontecimentos e eventos que preenchem a existência do autor; **Analíticos**, compostos por pequenos ensaios sobre temas ligados à atualidade ou assuntos em que o autor seja especializado; **Informativos**, originados por material retirado de outras páginas.

É possível reconhecer semelhanças nas categorizações propostas pelos diversos autores citados, conforme apresentado no quadro 2.

Quadro 2 – Categorias de *Blogs*

Diário Pessoal		Conteúdo Temático	
Diário Eletrônico	Recuero (2003)	Publicações Eletrônicas	Recuero (2003)
<i>Weblogs</i> Livres	Silva (2003)	<i>Weblogs</i> Temáticos	Silva (2003)
<i>Blog-agenda</i>	Benedito (2003)	<i>Blog-mural</i>	Benedito (2003)
Pessoais	Vega, Rojo (2003)	Temáticos	Vega, Rojo (2003)
Diários	Granado, Barbosa (2004)	Analíticos	Granado, Barbosa (2004)

Fonte: Elaborado pela autora.

O *blog* como diário pessoal é encontrado nas categorias: Diário Eletrônico (RECUERO, 2003), *Weblogs* Livres (SILVA, 2003), *Blog-agenda* (BENEDITO, 2003), Pessoais (VEGA; ROJO, 2003), Diários (GRANADO; BARBOSA, 2004). Já o *blog* como uma

página com conteúdo temático é categorizado em: Publicações eletrônicas (RECUERO, 2003), *Weblogs* temáticos (SILVA, 2003), *Blog-mural* (BENEDITO, 2003), Temáticos (VEGA; ROJO, 2003), Analíticos (GRANADO; BARBOSA, 2004).

Para Recuero (2003, p. 5) é importante ressaltar a existência de diversas formas de *blogs*, evitando a generalização do *blog* enquanto ferramenta específica de construção de diários, “*Blogs* têm sido utilizados das mais diversas formas, todas relacionadas à publicação de ideias, algumas pessoais (diários) outras informacionais (publicações)”.

Além de categorizar os *blogs* quanto ao conteúdo, Silva (2003) realiza uma classificação quanto à sua produção: **Weblog individual**, onde somente o criador do *blog* pode postar conteúdos, estando a página sob a responsabilidade de uma única pessoa, o que até certo grau reflete a personalidade do indivíduo que o mantém; **Weblog coletivo**, onde mais de uma pessoa pode postar, o criador/administrador do *blog* tem a opção de controlar quem pode escrever, permitindo que múltiplos autores participem da manutenção do mesmo *site*, motivados por interesses semelhantes.

É interessante observar que as categorizações servem como elementos norteadores para o estudo dos *blogs*, mas as classificações não devem ser entendidas como restritas e rígidas. Afinal, um *blog* pode pertencer a mais de uma categoria, sendo um híbrido de dois formatos. Além disso, no decorrer da evolução dos *blogs*, podem surgir outros elementos que determinem outras categorias.

3.3 Estrutura dos *blogs*

Os *blogs* são páginas que diferenciam-se de outras páginas da *web*, como por exemplo, os *websites*. A maior divergência é na maneira como as informações são apresentadas na *web*. Os *sites* são o modelo tradicional de formatação de conteúdo na internet. Entretanto, a internet 2.0 permite que os internautas possam contar com espaços virtuais em que os conteúdos sejam geridos de forma colaborativa, com a inclusão de comentários de outros leitores, esses espaços são os *blogs* que integram a blogosfera. Dessa forma, a *web* não é mais constituída de uma coleção de *websites* de consulta de informação, podendo se apresentar como uma plataforma inteligente na qual seus utilizadores finais podem, simultaneamente, ser usuários e produtores de informação (BOSLER; CALDEIRA; VENTURELI, 2011).

A criação dos *blogs* é um processo muito simples que, segundo Carneiro (2011) constitui poucas etapas. Primeiramente, o usuário precisa acessar a página principal do *software* do servidor, em seguida cria uma conta no *site*, escolhe um nome/título/endereço eletrônico e, finalmente seleciona um design gráfico, ou seja, um *layout* pra o *blog*.

Tanto os *blogs* como os *websites* possuem suas vantagens e desvantagens, como descrito no quadro 3. Essas características devem ser levadas em consideração no momento da escolha do formato, devendo ser avaliadas conforme os objetivos do autor da página. Dentre as vantagens do *blog*, destaca-se a possibilidade de comunicação direta com o internauta por meio da caixa de comentários, disponível na própria página. Além disso, é possível criar um *blog* de forma gratuita, no qual o blogueiro não necessita ter nenhum conhecimento básico de programação para gerenciar seu *blog*.

Quadro 3 - Características distintivas entre *sites* e *blogs*

Aspecto	Site	Blog
Percurso de navegação	A navegação parte-se de uma <i>home page</i> , que funciona como um ponto inicial para outras páginas. Frequentemente é preciso retornar à <i>home page</i> para que outras páginas possam ser visualizadas.	Os conteúdos ficam armazenados como postagens cronológicas, aparecendo em primeiro lugar sempre a mais recente seguida das demais.
Comunicação com internauta	Via <i>mail</i> ou formulários.	Via comentários.
Conhecimentos prévios de informática necessários	Indispensável conhecimento básico de programação.	Dispensável conhecimento básico de programação.
Custos	Pago.	Tendencialmente gratuito.
Periodicidade para atualização	Normalmente intervalos maiores.	Frequentemente, até mesmo diários.
Autor/administrador	Raramente o autor é o responsável por colocar as postagens no ar, realizar atualizações, ajustes. Há um autor por trás dos conteúdos redigidos, e um administrador que cria e alimenta o <i>site</i> .	O autor (ou autores) podem acumular as funções de criação e alimentação do <i>blog</i> .
Disponibilização de pacotes informacionais	É possível disponibilizar vídeos, fotografias, arquivos, <i>slides</i> .	Alguns gerenciadores de <i>blogs</i> restringem os pacotes informacionais que poderão ser disponibilizados apenas a certas modalidades.

Fonte: BOSLER; CALDEIRA; VENTURELI, 2011, p. 2.

Além das diferenças entre os formatos de *blogs* e *websites*, existem variações estruturais entre os diferentes tipos de *blogs*. Entretanto, ao analisar-se as concepções de *blog* de alguns autores, é perceptível que alguns elementos são citados como determinantes na identificação de um *blog* de qualquer gênero. Esses elementos característicos são:

- **Atualização frequente:** um *blog* pode ser caracterizado pela inserção frequente de *posts*, que podem ser apagados, alterados, atualizados com a frequência que o autor desejar. A publicação de conteúdos nos *blogs* é quase sempre diária. Os

blogs são organizados em função do tempo (RECUERO, 2004a; DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010; MARQUES, 2012).

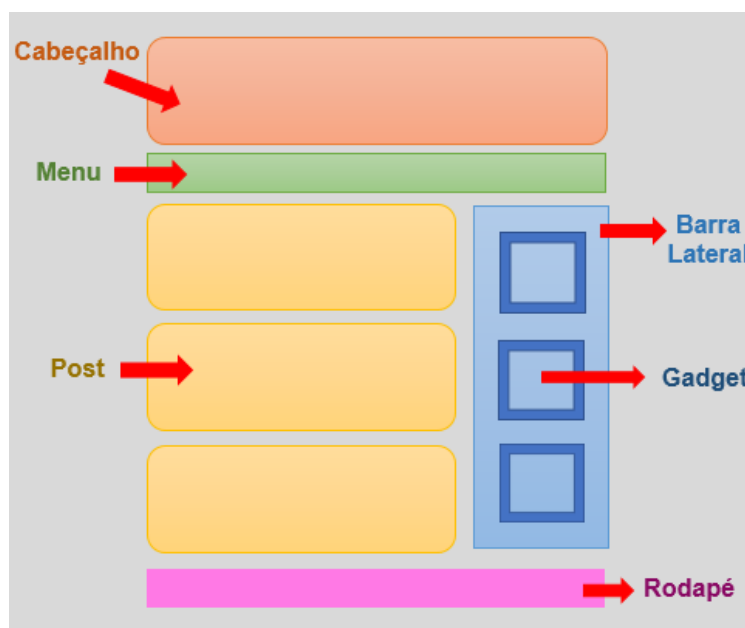
- **Ordem cronológica reversa:** é o formato típico para se ler notícias. A mais nova atualização encontra-se sempre no topo da página, com data e hora, o que torna possível que o visitante perceba imediatamente se o *blog* foi atualizado ou não. Essa estrutura privilegia sempre a atualização mais recente (SILVA, 2003; RECUERO, 2004a; SOUSA et al., 2007; MATOS, 2009; DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010; MARQUES, 2012).
- **Microconteúdos:** o conteúdo dos *blogs* é publicado em pequenos blocos de conteúdo textual e/ou imagético denominados *posts*. A escrita nesses tipo de ambiente virtual é caracterizada por ser informal, espontânea, rápida e direta (SILVA, 2003; RECUERO, 2004a; SILVA, 2006; SOUSA et al., 2007; MATOS, 2009).
- **Ferramenta de comentários:** permite que os leitores possam acrescentar comentários ao *post* publicado pelo blogueiro. Normalmente, todos os *posts* contam com espaço para comentário de leitores. No caso dos *blogs*, esse espaço surge em 2001 e passa a ser importante para a interação na rede. Pode ser denominada também como caixa de diálogos (RECUERO, 2004a; MATOS, 2009; DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010; MARQUES, 2012).
- **Trackbacks:** notificação automática que um *blog* envia para outro, avisando sobre a realização de uma postagem em que um blogueiro cita um *post* de outro *blog*. *Trackbacks* permitem que *posts* sejam referenciados em outros *blogs*, tornando a troca de informações mais evidente e proporcionando espaços para a interação dos discursos. (RECUERO, 2004a; MARQUES, 2012).
- **Blogrolls:** lista de *blogs* recomendados pelo autor, geralmente *blogs* de amigos ou que possuam temáticas semelhantes (RECUERO, 2003; MARQUES, 2012).

Outros itens também foram identificados por alguns autores como: **RSS** (do inglês, *Really Simple Syndication*), um sistema que permite agregar conteúdo e mostrar as alterações que ocorrem em um determinado *blog/site* (MARQUES, 2012); **espaço destinado à descrição pessoal do autor**, com fotos e demais marcas de autoria (RECUERO, 2004a); e uso de **ferramentas *blog***, ou seja, programas ou plataformas que facilitam a criação, edição e manutenção da página na *web* (SILVA, 2003).

Os elementos citados são característicos e sua presença é facilmente percebida nos *blogs*. Entretanto, deve-se ressaltar que os *blogs* são um formato em constante mutação, estando suas ferramentas em evolução, como a própria internet. Dessa forma, os *blogs* não ficarão atados a essas ferramentas, pois irão acompanhar os passos da rede e as necessidades dos usuários (MARQUES, 2012).

No *layout* dos *blogs*, geralmente os elementos disponíveis são dispostos de forma semelhante. Para melhor compreensão da estruturação do *layout* dos *blogs*, foi realizada uma exploração do Blogger pela pesquisadora, que navegou pela plataforma no modo de edição, como fazem os blogueiros. Foi identificada uma estrutura básica para montagem do *layout* do *blog*, como mostrado na Figura 2.

Figura 2 – *Layout* básico de um *blog*



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da plataforma Blogger¹¹.

No **cabeçalho** é apresentado o nome do *blog* e o logotipo, podendo conter também uma imagem de fundo e uma pequena descrição. O cabeçalho é também chamado pelos blogueiros de *banner*. No **menu** é onde encontram-se as páginas que o *blog* possui. Geralmente nas páginas, com exceção da página principal, estão dispostos conteúdos estáticos ou que oferecem pouca alteração, como é o caso da página “Sobre”, que apresenta uma descrição do *blog*. Abaixo do menu são encontradas as postagens, os denominados **posts**, contendo textos elaborados pelo blogueiro. Na **barra lateral** são dispostos *gadgets*¹², dispositivos que acrescentam recursos aos *blogs*, possibilitando, por exemplo, mostrar as redes sociais na própria página do *blog*, acrescentar uma caixa de pesquisa, visualizar as postagens mais populares e os seguidores do *blog*. Alguns *blogs* apresentam duas barras laterais, uma no lado direito e outra no lado esquerdo. Por fim, no **rodapé** é apresentado o nome do tema ou design do *blog* e o responsável pela sua elaboração, também podem ser colocados os direitos autorais do blogueiro.

¹¹ Disponível em: <<https://www.blogger.com>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

¹² Pequenos utilitários desenvolvidos para facilitar o acesso a funcionalidades disponibilizadas em aplicações mais abrangentes. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gadget>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

Para além de seus elementos estruturais, o *blog*, assim como outras páginas da internet, apresenta algumas peculiaridades quanto a forma de apresentação de seu conteúdo, próprias da linguagem virtual. Assim como as postagens, que além de possuir caráter micro, apresentam-se caracterizadas pelo hipertexto.

Com o hipertexto (texto eletrônico), uma espécie de texto em paralelo que se encontra ligado a outros textos por um elo chamado *hyperlink* ou simplesmente *link*, o internauta pode saltar de uma página a outra, ou seja, de um *link* a outro, acessando outros textos, imagens, vídeos etc. Neste caso, estamos falando de hipermídia: a ligação de várias mídias pelos *links*. O hipertexto ilustra de forma prática o conceito de intertextualidade. Com o hipertexto, a leitura transforma-se numa aventura por várias páginas, porque a infinidade de elos conduz o leitor a diversas possibilidades de descobertas pelo mundo virtual, no qual um assunto se sobrepõe a outro (SILVA, 2010, p. 55).

Carneiro (2011) ressalta que os *blogs* apresentam linguagem informal e espontânea, com o uso frequente de verbos na primeira pessoa do singular. Outra característica que é usada para atrair o público em geral, conforme Silva (2010), são as postagens dos *blogs* que se valem de vários outros recursos disponíveis na *web* como, por exemplo, os audiovisuais ou multimídias. Esse fenômeno pode ser denominado como intermidialidade ou interrelação de mídias. Dessa forma, as postagens integram mídia estática (texto, fotografia, imagens) com mídia dinâmica (vídeo, áudio, animação).

3.4 Webrings e comunidades virtuais

Os blogueiros estabelecem relações virtuais entre si, ao lerem mutualmente seus *blogs* e entrarem em contato por meio de comentários. De acordo com Prange (2003), os comentários de visitantes são bem recebidos e esperados pelos blogueiros, quer sejam de amigos ou de leitores desconhecidos. Uma cumplicidade é desenvolvida por meio da seção de comentários, que apresenta-se como espaço privilegiado para as trocas estabelecidas com os leitores, assim, se os visitantes são também autores de outros *blogs*, estabelece-se muitas vezes uma verdadeira rede de relações entre blogueiros. “As possibilidades de interação desenvolvidas a partir do aspecto público dos *blogs* se constituem, dessa forma, em um aspecto relevante da prática” (PRANGE, 2003. p. 104). O caráter público dos *blogs*, segundo a autora, oferece significativas possibilidades de interação. Dessa forma, as trocas costumam ocorrer de forma intensa, inclusive como estímulos para as atualizações diárias por parte dos autores. A ausência de comentários é, inclusive, uma fonte de ansiedade para os blogueiros, que desejam a participação dos leitores e o *feedback* dos conteúdos postados.

Segundo Recuero (2003), dessas relações virtuais surgem os *webrings*, compostos não apenas pelo *blog*, mas também pelo círculo de blogueiros e pelos comentários sobre o *blog*, além do suporte tecnológico e da comunidade virtual.

[...] utilizamos o termo *webring* para definir círculos de blogueiros que lêem seus *blogs* mutuamente e interagem nestes *blogs* através de ferramentas de comentários. Os *blogs* são linkados uns nos outros e formam um anel de interação diária, através da leitura e do comentário dos *posts* entre os vários indivíduos, que chegam a comentar os comentários uns dos outros ou mesmo deixar recados para terceiros nos *blogs*. Esse círculo de *blogs* difere, basicamente, de um grupo de *links* porque, como discutiremos adiante, o *blog* funciona como uma representação do blogueiro no ciberespaço. Portanto, num *webring*, como o definimos aqui, temos um grupo de pessoas, mais do que um grupo de *links* (RECUERO, 2003, p. 7).

Em um primeiro momento, o leitor conhece o *blog*, e ao ler os *posts*, sente a necessidade de interagir com o autor e deixar comentários. Aos poucos, esse leitor vai conhecendo o autor e vendo que outros leitores também interagem com ele. O leitor, muitas vezes, também possui um *blog*, onde também tem contato com seus respectivos leitores. É assim que o círculo começa a ser formado (RECUERO, 2003). A relação entre leitores e escritores de *blogs* também é analisada por Di Luccio e Nicolaci-da-Costa (2010, p. 140), que afirmam que “nos *blogs*, escritores e leitores se misturam e se fundem”. De acordo com as autoras, escritores de *blogs* são também leitores de outros *blogs*. Muitos blogueiros eram inicialmente leitores de *blogs*, que ficaram encantados com os recursos desse espaço textual virtual e decidiram criar seus próprios *blogs*. Araújo e Vieira (2012, p. 5) descrevem a rede formada pelos blogueiros e como ocorrem a formação dessas relações:

Na rede de interações formam-se vínculos virtuais entre os atores, às vezes essa relação interativa ocorre de forma isolada onde um laço de interação acontece numa via de mão única, [...] é chamada de relação unidirecional. Mas, também ocorrem os casos em que essa relação se apresenta de forma recíproca, ou bidirecional, por exemplo, um determinado ator interage com um nó, com um *link* de saída para um *blog* e por sua vez o *blog* que recebeu o *link*, oferta um outro *link* de entrada para esse determinado ator, formado um laço de interação mútua entre os pares.

Blogueiros são como vizinhos, se visitam diariamente, leem os *posts* uns dos outros e interagem por meio de comentários. As visitas recíprocas a partir dos *links* disponíveis nos *blogs* é que possibilitam a qualidade dinâmica dos mesmos (DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010). É assim que são constituídos os *webrings*. A ferramenta de comentários é essencial para a construção das relações sociais e, conseqüentemente, dos *webrings*. O círculo de blogueiros se forma quando um blogueiro lê o comentário de alguém e se interessa em saber quem é. Rapidamente, é possível identificar o indivíduo, pois geralmente nos comentários é possível assinar, colocar foto e o *blog* pessoal. A partir da descoberta de um novo *blog*, o blogueiro passa a acessá-lo com frequência, e, posteriormente divulga o *link* do mesmo em sua própria página, para que todo o círculo de pessoas que acessa seu *blog* possa também conhecer esse novo *blog*. À medida que novos *blogs* são acrescentados às listas diárias dos usuários, novos *webrings* surgem. Um blogueiro pode pertencer a vários *webrings* (RECUERO, 2003).

Entre os autores de *blogs* é comum a formação de grupos ou comunidades, sendo este mais um dos desdobramentos da escrita nos *blogs*. Esses grupos,

no entanto, não são fechados e nem têm definidos, previamente, o número de *blogs* integrantes. Assemelham-se a “redes” e se formam, geralmente, a partir dos *links* indicados em cada um dos *blogs*. Estes *links*, além de encaminhar os leitores de um *blog* para outros, indicam os *sites* com os quais os autores têm alguma afinidade. Em alguns casos o vínculo de amizade já existia antes dos *blogs* e, em outros casos, esse vínculo é iniciado ou construído justamente no ambiente virtual (PRANGE, 2003. p. 100).

Existem alguns elementos essenciais para que o blogueiro consiga inserir seu *blog* em uma rede de *blogs*. Primeiramente, o autor deve divulgar seu *blog*, fazendo uso dos recursos existentes na internet. Um dos recursos disponíveis é incluir o endereço eletrônico de seu *blog* em comentários deixados nos *blogs* de outros blogueiros, numa expectativa de reciprocidade, esperando a retribuição da visita e do comentário postado. Posteriormente, ao menos três outros movimentos parecem ser fundamentais para que o escritor/leitor entre no universo dos *blogs*: constante atualização dos *posts*, inclusão de *links* para outros *blogs* e visitas feitas a outros *blogs*, deixando comentários. Esses elementos demonstram a necessidade de atualização constante e apontam para a característica fundamental da interconexão (DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010).

Adentrando no conceito de comunidade virtual, Recuero (2003) o compreende como um grupo de pessoas que estabelecem relações sociais entre si, caracterizadas pela permanência no tempo que leva à construção de um corpo organizado, cuja comunicação é mediada por um computador e associada a um *virtual settlement*. Portanto, o primeiro passo para a formação da comunidade virtual é a formação de relações sociais através da interação mútua entre os indivíduos.

O conceito de *virtual settlement* é uma proposição de Quentin Jones (1997 citado por RECUERO, 2003). O *virtual settlement* “é um lugar demarcado no espaço, onde os indivíduos participantes da comunidade encontram-se para estabelecer as relações sociais, como por exemplo, uma sala de *chat*” (RECUERO, 2003, p. 6). Esse conceito é trabalhado por Recuero (2003), trazendo a perspectiva da criação de um lugar no ciberespaço, delimitações imaginárias constituídas por nós mesmos. Dessa forma, a autora compreende os *blogs* como representações espaciais do *self*, ou seja, o *blog* se constitui como demarcação de onde o blogueiro se encontra na *web*. Os *blogs* que costuma acessar e linkar são vistos como seus “vizinhos”.

Um *webring*, conforme Recuero (2003, p. 12), pode ser compreendido como um *virtual settlement*, pois os círculos de blogueiros que interagem, se relacionam e trocam informações entre si funcionam como um lugar, uma vizinhança. Segundo a autora, os *webrings* poderiam ser também compreendidos como comunidades virtuais “[...] porque todas as características estão presentes: a temporalidade das relações, uma vez que os *blogs* são atualizados frequentemente, bem como os comentários, que são *feedbacks* de cada *post*, e que representam a interação mútua possibilitada pelo sistema [...]”.

A concepção de que as redes de blogueiros e as relações entre escritores/leitores formam comunidades virtuais é também identificada por outros autores em suas pesquisas. Matos (2009) corrobora com essa ideia ao afirmar que os *blogs* se assemelham às salas de discussão e comunidades virtuais, devido ao seu caráter subjetivo e relacional. De acordo com os estudos de Di Luccio e Nicolaci-da-Costa (2010), os conceitos de comunidade e rede estão presentes nos depoimentos de blogueiros, sendo bastante difundida entre eles a ideia de que os *blogs* formam uma comunidade. Para Araújo e Viera (2012), os *blogs* estão organizados em torno de redes, uma vez que a partir dos comentários de leitores e dos *links* para outros *blogs* é promovida uma interconexão das redes, com potencial de agregação de grupos sociais. Em sua pesquisa, os autores adotam o conceito de *webrings*, identificando-os como as redes sociais dos *blogs*, que formam as comunidades virtuais, caracterizadas como espaços de comunicação e interação.

3.5 *Blogs* literários e blogosfera

De acordo com Silva e Martha (2009, p. 4) a literatura se inseriu no ciberespaço como forma de buscar sua sobrevivência e, principalmente, conquistar mais leitores. “Assim, observando este novo leitor, a literatura criou diversos espaços no mundo eletrônico e entre estas diversas formas de veiculação de textos na internet, o *blog* é um dos mais procurados e tem interessado tanto os leitores como os estudiosos”.

De acordo com o dicionário Priberam¹³, o adjetivo “literário” significa “relativo à letras, à literatura ou a conhecimentos humanos adquiridos pelo estudo”. Nessa concepção, um *blog* literário é um *blog* referente à literatura. Entretanto, a exploração da blogosfera permitiu a identificação de tipos diferentes de *blogs* literários.

Uma tentativa de diferenciação dos *blogs* literários é proposta na pesquisa de Carneiro (2011), que realiza uma divisão do ponto de vista do produtor do *blog*: *blogs* criados por escritores consagrados pelo cânone; *blogs* de pessoas que lidam direta ou indiretamente com a literatura (como jornalistas, professores de Letras ou críticos literários); *blogs* de escritores amadores que encontram na rede um canal de publicação de seus escritos. Já Almeida (2008), em sua pesquisa sobre fontes de informação literária na *web*, percebe os tipos diferentes ao dar exemplos de três *blogs* literários, identificando-os da seguinte forma: *blogs* de escritores e sobre literatura; *blogs* sobre livros e leituras; *blogs* sobre política, cinema e literatura.

¹³ Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/liter%C3%A1rio>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

É possível, com base na estrutura da blogosfera literária, categorizar três tipos de *blogs* literários. Um aspecto relevante é a possibilidade de, em todos esses tipos, os blogueiros identificarem-se como blogueiros literários:

- **Blogs sobre literatura:** Abordam temas relacionados aos livros, literatura e à leitura literária. Os leitores comuns¹⁴ pertencem a esse grupo, pois buscam compartilhar as leituras realizadas, resenhas e opiniões sobre os livros, notícias sobre lançamentos etc. Os críticos literários que mantêm *blogs* profissionais também pertencem a esse grupo.
- **Blogs de escritores:** Dedicam-se a publicação de textos autorais dos mais diversos gêneros literários (contos, crônicas, romances etc.). Nesse grupo podem ser inseridos os *blogs* de escritores já consagrados, que buscam publicar novidades e promover seu trabalho; como também podem ser inseridos os escritores amadores, que encontram na plataforma dos *blogs* um espaço para publicação da literatura que produzem.
- **Blogs mistos:** Contém tanto a produção literária autoral como também resenhas e comentários sobre outros livros. Esse tipo é a fusão dos outros dois, constituindo-se como um *blog* que promove os escritos do próprio blogueiro, mas que também publica comentários sobre as leituras realizadas por ele.

É interessante destacar que esses tipos de *blogs* podem apresentar conteúdos temáticos que extrapolam a temática da literatura. Nos *blogs* sobre literatura, é comum os blogueiros abordarem outros conteúdos além de suas opiniões sobre livros, como comentários sobre filmes, séries e outros assuntos relacionados ao universo literário. Nos *blogs* de escritores é comum os blogueiros postarem seus textos literários autorais, mas também postarem pensamentos ou relatos de sua vida cotidiana.

Os *blogs* de escritores têm o seu espaço na blogosfera literária. Por meio desses *blogs* é possível que um escritor amador, que não tem a possibilidade de publicar em uma editora, possa publicar seus escritos na *web*, o que permite que seus textos literários possam ser lidos e que ele receba o *feedback* de seus leitores. As produções são de diversos tipos:

Presente, cotidiano, humor, sarcasmo e iconoclastia são características unânimes. Aspectos reincidentes também são a autoreferência, o biografismo e o memorialismo em tom de paródia. Citações literárias e filosóficas, referências ao mundo da história, da psicanálise, da cultura erudita e de

¹⁴ Conforme Virginia Woolf, o leitor comum se diferencia do crítico e do professor. É aquele que lê para seu próprio prazer, muito mais do que para repartir conhecimento ou corrigir opiniões alheias. Ele é guiado pelo instinto de criar para si mesmo, enquanto lê jamais para a fim de remendar alguma construção imperfeita. Impaciente, descuidado e superficial, ora lendo um poema, ora as obras de um velho cenário, sem se importar de que natureza seja desde que sirva a seus propósitos e sustente seus argumentos. As deficiências críticas do leitor comum são bastante óbvias, mas se ele tem alguma palavra final talvez poderá valer a pena prosseguir escrevendo algumas ideias e opiniões, insignificantes em si mesmas, irão contribuir muito para um resultado (WOOLF, 2007, p.11-12).

massa (chegando ao lixo cultural) estão presentes em vários autores. Alguns se dedicam com talento ao ensaísmo, à crítica literária, à resenha, ao artigo, ao texto opinativo. Com exceção de poucos *posts* longos, a brevidade é marca desta produção textual, como se os blogueiros soubessem que dispõem de pouco tempo para seduzir o leitor, como se não quisessem enfastiá-lo. (MATOS, 2009, p. 8)

Entretanto, para os fins dessa pesquisa, serão estudados os *blogs* literários do primeiro tipo, **os *blogs* sobre literatura, especificamente aqueles mantidos por leitores comuns**. A escolha desse tipo de *blog* permite que seja possível analisar como o leitor sente a necessidade de compartilhar suas leituras, adentrando na blogosfera literária para publicar suas opiniões e comentários sobre os livros que leu, além de trocar informações com outros leitores, formando círculos sociais.

A proposta de diferenciação dos *blogs* foi realizada para fins de esclarecimento dos tipos de *blogs* literários existentes e do tipo que será investigado, delimitando o escopo da pesquisa. Ressalta-se que, no decorrer da pesquisa, utilizaremos o termo geral *blogs* literários, sempre em referência à subcategoria de *blogs* sobre literatura. A referência à categoria geral *blogs* literários justifica-se pela autonominação dos blogueiros, que qualificam seus *blogs* como literários e se intitulam como blogueiros literários.

Dessa forma, são considerados *blogs* literários, como o próprio nome sugere, *blogs* que abordam de várias maneiras a temática da leitura, dos livros e da literatura em geral (ARAÚJO; ARAÚJO, 2015). O objetivo dos *blogs* literários geralmente é promover o hábito da leitura e proporcionar um diálogo em torno dos livros, que vão dos clássicos aos lançamentos modernos (SANTOS; RODRIGUES; FERREIRA, 2014). Assim, os *blogs* literários levam uma discussão sobre livros e literatura para o ambiente virtual.

Araújo e Araújo (2015) constatam que não existem regras para o tipo de publicação do *blog* literário, contanto que esteja relacionada ao tema central que é a literatura. Entretanto, os autores ressaltam algumas peculiaridades das postagens desses ambientes virtuais. As resenhas apresentam-se como um importante elemento na caracterização de um *blog* literário, visto que “consistem em uma redação na qual o autor descreve a obra lida de maneira sintetizada, agregando argumentos referentes à sua opinião crítica [...] são a representação das experiências de leitura do autor da postagem transmitidas aos leitores da página” (ARAÚJO; ARAÚJO, 2015, p. 5).

Outra característica comumente presente nesse tipo de *blog* são notícias sobre lançamentos de livros, novidades sobre autores e eventos do gênero. Um elemento comum nos *blogs* literários são as parcerias, entre *blogs* e também entre editoras. A parceria entre *blogs* funciona como uma troca de divulgações e a parceria entre editoras consiste no envio de livros como cortesia, assim o blogueiro se compromete a resenhá-los em seu *blog* (ARAÚJO; ARAÚJO, 2015).

A respeito das relações entre *blogs* e editoras, Santos, Rodrigues e Ferreira (2014) argumentam que os *blogs* literários, além de divulgarem livros e críticas literárias, permitem uma maior proximidade entre autor, leitor e editora. O mercado editorial, dominado pela concorrência, encontrou na avaliação espontânea de leitores comuns uma estratégia de *marketing* de livros. O resultado dessa estratégia de mercado é uma promoção dos livros das editoras feito a baixo custo, uma vez que os blogueiros recebem os livros, mas não são pagos pela divulgação dos mesmos. Apesar dessas autoras considerarem essa parceria como duplamente positiva, alegando que existe a disponibilização de livros de forma gratuita, Matos (2009, p. 11) preocupa-se com o futuro dos *blogs* literários, que poderão perder a sua espontaneidade, sendo “engolidos por megaeditoras”.

A interatividade é fundamental nos *blogs* literários. Ao produzir conteúdo, os blogueiros compartilham suas experiências de leitura, suas resenhas, contendo opiniões e críticas; por sua vez, os leitores comentam a postagem do blogueiro, comunicando-se com ele e também com os demais leitores da página. Muitas vezes, esses leitores são também blogueiros. Essa comunicação estabelece relações e vínculos entre os blogueiros e leitores, constituindo uma blogosfera. “[...] os blogueiros formam comunidades cujo epíteto ‘espaço sem fronteiras geográficas’ não é mera retórica, sendo apropriado o uso do termo blogosfera para se referir a este universo e sua amplitude de alcance” (MATOS, 2009, p. 3).

De acordo com Santos, Rodrigues e Ferreira (2014, p.104), “a blogosfera literária pode ser definida como uma comunidade de *blogs* cujo objetivo é escrever sobre literatura”. Tratando-se de um notório canal de comunicação de leitores comuns, que apesar de não serem profissionais, se dedicam ao aperfeiçoamento ortográfico e crítico, promovendo um conteúdo variado e especializado, contribuindo ainda para chamar a atenção de não leitores.

Comunidades formadas por leitores e escritores existem há muito tempo, como por exemplo, os clubes de leitura. Entretanto, o fenômeno das comunidades virtuais de escritores e leitores na rede é algo novo, cujo surgimento é propiciado pelos recursos disponibilizados nos *blogs*, como o hipertexto, que permitem visitar, frequentar e linkar outros *blogs* (DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010, p. 142).

3.6 Blogs como objeto da Ciência da Informação

A presente pesquisa configura-se como um estudo em profundidade, com viés qualitativo. Adota-se a concepção de que os *blogs* não se apresentam somente como fontes de informação e disseminadores de conteúdo, e sim, espaços nos quais acontecem interações sociais, constituídas pelo compartilhamento de informação, pelas conversas informais e pelos vínculos formados entre os blogueiros e também com os leitores.

Retomando as três abordagens dos estudos de usuários da informação, analisou-se como seriam realizadas pesquisas sobre os *blogs* e seus respectivos blogueiros, sob o olhar tradicional, cognitivo e social. Um estudo de *blogs* na perspectiva tradicional se ateria a quantificar o seu uso pelos blogueiros, gerando estatísticas sobre a frequência de acesso, número de postagens, quantidade de comentários. Correlacionando-se essas variáveis, o intuito seria o de generalizar o comportamento dos blogueiros objetivando melhorar os *blogs* como fontes de informação, simplificando o acesso e disseminação da informação.

Por outro lado, uma pesquisa sobre *blogs* na abordagem alternativa, consideraria o indivíduo, no caso o blogueiro, e sua trajetória de necessidade, busca e uso da informação. O pressuposto seria de que o blogueiro possui uma necessidade informacional, se inserindo na blogosfera para preencher sua lacuna de conhecimento. Seu comportamento informacional seria analisado desde a percepção de sua necessidade, passando pelo processo de busca e as estratégias utilizadas para tal, até o uso da informação. A visita do blogueiro a outros *blogs* seria considerada um comportamento de busca por informação.

Já na abordagem social, adotada nessa pesquisa, os *blogs* e os blogueiros são analisados sob uma ótica sociocultural. O intuito é compreender o blogueiro como sujeito informacional, considerando seu contexto social e sua historicidade. O fluxo informacional na blogosfera não segue a sequência necessidade, busca e uso; considerando-se o encontro casual com a informação e o compartilhamento. Dessa forma, sob o suporte teórico das práticas informacionais, buscou-se compreender como acontecem as relações entre os sujeitos informacionais nos ambientes dos *blogs* inseridos na blogosfera literária, objetivando-se entender esses processos por meio do ponto de vista dos sujeitos, no caso, os blogueiros.

Com a finalidade de embasar essa pesquisa, considerou-se necessário realizar um levantamento bibliográfico de trabalhos no campo da Ciência da Informação que possuem *blogs* como objetos de estudo. O objetivo principal desse levantamento é a constatação da existência do *blog* como temática estudada no campo da CI e a análise de quais perspectivas estão sendo abordadas nesses estudos. É importante destacar que esse levantamento bibliográfico não pretendeu apresentar-se como uma pesquisa bibliométrica.

Conforme os dados do levantamento, realizado em maio de 2018, os *blogs* já apresentam-se como objetos de estudo na CI. Foram realizadas buscas com os termos “*blog*”, “*blogs*”, “*blogs literários*” e “*blogosfera*” associados ao termo “Ciência da Informação” nas bases de dados: Scielo, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Base PERI da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Além das bases de dados foi também utilizado o motor de busca Google Acadêmico. No total foram encontrados 37 trabalhos sobre *blogs* no campo da CI, conforme apresentado no quadro 4.

Quadro 4 – Trabalhos sobre *blogs* na Ciência da Informação (continua)

Autor	Título	Tipo	Periódico/ Instituição/Evento	Ano
Alvim	Blogue e bibliotecas - construir redes na <i>Web 2.0</i>	Artigo	Cadernos BAD	2007
Araújo, P.C.	O <i>blog</i> na “era da informação” como ferramenta de compartilhamento de informação, conhecimento e para promoção profissional	Artigo	Revista ACB	2010
Araújo; Araújo	Ler, compartilhar e interagir: <i>blogs</i> como ferramenta de mediação de leitura	Artigo	Revista ACB	2015
Araújo; Teixeira	Biblioteconomia conectada: uma análise da biblioblogosfera brasileira	Artigo	Revista ACB	2013
Araújo; Vieira	Blogosfera como rede social: análise da interatividade dos <i>blogs</i> de Alagoas	Artigo	Revista Informe	2012
Biscalchin	<i>Blogs</i> de entretenimento: um estudo exploratório da circulação e legitimação da informação na internet brasileira	Dissertação	Universidade de São Paulo	2012
Caregnato; Sousa	<i>Blogs</i> científicos.br? um estudo exploratório	Artigo	Informação & Informação	2010
Corrêa; Zamban; Oliveira	<i>Blogs</i> sobre Biblioteconomia e a resignificação da profissão no Brasil: uma análise do <i>blog</i> Bibliotecários Sem Fronteiras	Artigo	Revista ACB	2013
Dodebei	Novos meios de memória: livros e leitura na época dos <i>weblogs</i>	Artigo	Encontros Bibli	2009
Eiras	<i>Blogs</i> - mais que uma tecnologia, uma atitude	Artigo	Cadernos BAD	2007

Quadro 4 – Trabalhos sobre *blogs* na Ciência da Informação (continuação)

Autor	Título	Tipo	Periódico/ Instituição/Evento	Ano
Farias	A inclusão da comunidade de Santa Clara na sociedade da informação	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba	2011
Farias; Freire	Memória do cotidiano: registro da comunidade Santa Clara na <i>web</i>	Artigo	Em Questão	2011
Freire; Lima; Costa Júnior	Mídias sociais na <i>web</i> : de olho na CI para capacitação acadêmica e profissional	Artigo	Biblionline	2012
Freire; Santos; Nascimento	Gestão da Informação no <i>blog</i> De olho na CI	Artigo	Informação & Informação	2014
Gaudêncio	Representação da informação de cibercordéis em <i>blogs</i> : uma análise sob a luz da semântica discursiva	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba	2014
Gomes; Carvalho	Literatura erótica em <i>blogs</i> : análise do universo feminino nos <i>blogs</i> de literatura erótica	Artigo	Revista Informação na Sociedade Contemporânea	2017
Inafuko; Vidotti	Diretrizes para o desenvolvimento e a avaliação de <i>blogs</i> de biblioteca	Artigo	Encontros Bibli	2012
Jovanovich; Tomaél	A abordagem da informação jurídica e da jurisprudência em <i>blogs</i> : um estudo comparativo entre termos	Artigo	Revista ACB	2014
Lima	Mídias sociais na <i>web</i> : uma análise da mídia De olho na CI na perspectiva da disseminação da informação	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba	2013
Magalhães	O <i>Blog</i> Caçadores de Bibliotecas e a construção de conteúdos	Artigo	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2015

Quadro 4 – Trabalhos sobre *blogs* na Ciência da Informação (continuação)

Autor	Título	Tipo	Periódico/ Instituição/Evento	Ano
Manso-Rodríguez	<i>Leer, comentar, compartir! El fomento de la lectura y las tecnologías sociales</i>	Artigo	Transinformação	2015
Pinheiro	Estudo do uso das listas de discussão e dos <i>blogs</i> brasileiros em Biblioteconomia	Artigo	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	2014
Ramos	Usabilidade do <i>blog</i> da Biblioteca Leopoldo Nachbin do Instituto de Matemática da UFRJ: estudo de caso	Trabalho apresentado em evento	Seminário Nacional das Bibliotecas Universitárias	2016
Sampaio	A experiência da utilização de <i>blogs</i> na disciplina Teoria e Prática da Leitura: construindo o portfólio eletrônico	Artigo	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2011
Santana Júnior et al.	Uma ferramenta para recuperação de <i>tags</i> de <i>blogs</i> baseada em microformatos	Artigo	Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação	2017
Santos; Neves; Freire	Organização da informação em <i>blogs</i> : análise do uso de etiquetas no <i>blog</i> de olho na CI	Artigo	Ponto de acesso	2017
Silva et al.	<i>Blogs</i> : relevante ferramenta para o fazer bibliotecário	Trabalho apresentado em evento	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação	2011
Silva, I. S.	<i>Weblog</i> como fonte de informação para jornalistas	Dissertação	Universidade de Brasília	2006
Silva, I. S.	<i>Weblog</i> como objeto da Ciência da Informação	Artigo	DataGramZero	2008

Quadro 4 – Trabalhos sobre *blogs* na Ciência da Informação (conclusão)

Autor	Título	Tipo	Periódico/ Instituição/Evento	Ano
Silva, H. O.	Construção do sítio virtual para democratização da informação para pessoas com deficiência no Estado da Paraíba	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba	2014
Silva; Silva Júnior; Aquino	Gêneros digitais: expandindo a comunicação do Movimento Negro na Paraíba	Artigo	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2013
Silva Júnior	A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em <i>blogs</i> de funk	Dissertação	Universidade Federal da Paraíba	2014
Silveira	Dos jornais revolucionários aos <i>blogs</i> : a preservação das manifestações políticas por meio do <i>web archiving</i>	Trabalho apresentado em evento	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação	2011
Sousa; Caregnato	A comunicação científica nos <i>blogs</i> de pesquisadores brasileiros: interpretações segundo categorias obtidas da análise de <i>links</i>	Artigo	Liinc em Revista	2012
Souza et al.	A blogosfera: perspectivas e desafios no campo da Ciência da Informação	Artigo	Cadernos BAD	2007
Viera; Baptista	Uma teoria crítica da "biblioteca 2.0" para a situação dos <i>blogs</i> de bibliotecas no Brasil	Trabalho apresentado em evento	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação	2011
Targino	<i>Blogs</i> como instrumento de legitimação de lutas sociais em Cuba	Artigo	Informação & Informação	2013

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados obtidos no levantamento bibliográfico.

Ressalta-se que a simples menção dos termos relacionados à temática dos *blogs* não foi considerada nesse levantamento, sendo compilados somente os trabalhos que possuíam os termos presentes no título, resumo ou palavras-chave, ou seja, os que realmente tratavam os *blogs* como objeto de estudo.

Dos 37 trabalhos recuperados no levantamento, 26 são artigos de periódicos científicos, sete são dissertações e quatro são trabalhos apresentados em eventos científicos da área. Por meio da análise desses documentos foi possível identificar seis categorias, que auxiliam na compreensão de como os *blogs* são abordados nos trabalhos. Quatro das categorias formadas compreendem diferentes campos de estudo vinculados à Ciência da Informação como: fontes de informação, Biblioteconomia, tratamento da informação e responsabilidade social. As outras duas categorias compreendem os estudos da blogosfera e os estudos sobre *blogs* literários.

3.6.1 Blogs como fontes de informação

Dentre as pesquisas encontradas, oito trabalhos consideram os *blogs* na perspectiva de fontes de informação, como disseminadores de informações na *web*. Dessa forma, a tipologia de *blogs* como fontes de informação foi a que apareceu com maior frequência.

Em sua dissertação, Silva (2006) analisa os *blogs* como fontes de informação para jornalistas, e em um artigo de 2008 propõe o *blog* como objeto de estudo na CI, pelo uso da ferramenta na criação, distribuição, comunicação, armazenamento e recuperação da informação (SILVA, 2008). Sousa et al. (2007) apontam os *blogs* como passíveis de serem inseridos nos sistemas de informação, na perspectiva da gestão da informação. Eiras (2007) propõe a criação de *blogs* por parte dos profissionais da documentação e informação, como forma de divulgação das unidades de informação e também como ferramenta para partilha, troca de experiências entre os pares.

Silva et al. (2011) apontam a importância do uso do *blog* como fonte de informação e também como ferramenta de trabalho do bibliotecário. A pesquisa de Pinheiro (2014) também aborda os *blogs* como fontes de informação relacionadas à Biblioteconomia, pois objetivou investigar o uso de *blogs* e listas de discussão sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil.

O *blog* De Olho na CI foi objeto de estudo de vários trabalhos, uma vez que é um projeto vinculado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Freire, Lima e Costa Júnior (2012) compartilham a experiência com a edição e publicação do *blog*, que tem como público-alvo pesquisadores e profissionais da informação, objetivando divulgar conteúdo referente à Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Já Freire, Santos e Nascimento (2014) apresentam um estudo

sobre o *blog* De Olho na CI analisando a produção e transferência de informação, na perspectiva da gestão da informação.

Percebe-se que o ponto central dessas pesquisas é a compreensão do *blog* como uma fonte de informação, identificando o potencial da plataforma *blog* na publicação de conteúdo atualizado e relevante, principalmente para profissionais. Dessa forma, essas pesquisas evidenciam a possível atuação dos *blogs* na disseminação da informação na *web*, propiciando seu acesso para diversos usuários.

3.6.2 Blogs relacionados à Biblioteconomia

A análise de sete trabalhos revelou que seus objetivos estão especificamente relacionados ao estudo do vínculo entre os *blogs* e a Biblioteconomia.

Alvim (2007) apresenta os *blogs* como ferramentas que as bibliotecas podem utilizar em duas perspectivas: como fonte de informação e como forma de promover os seus serviços, proporcionando canais de comunicação com os usuários. O *blog* e sua relação com a divulgação de informação e promoção do profissional bibliotecário está presente no artigo de Araújo (2010) e também no artigo de Corrêa, Zamban e Oliveira (2013), que trata especificamente do *blog* Bibliotecários sem Fronteiras.

O uso do *blog* como ferramenta da biblioteca 2.0 é ressaltada por Vieira e Baptista (2011). Os *blogs* usados em bibliotecas também são tema do artigo de Ramos (2016), que apresenta uma avaliação do *blog* de uma biblioteca universitária, verificando sua qualidade e usabilidade. A autora enfatiza a inegável importância da utilização dos *blogs* por bibliotecas, não só pelo caráter informativo, mas também pela maior aproximação da instituição com seus usuários.

A divulgação de bibliotecas e espaços culturais por meio dos *blogs* é temática discutida por Magalhães (2015), que apresenta o *blog* Caçadores de Bibliotecas como um veículo informacional, que publica conteúdos relacionados a espaços culturais diversos e diferentes tipos de bibliotecas, ressaltando a importância da divulgação dos espaços de atuação do profissional da informação.

O *blog* também foi abordado como plataforma possível de ser utilizada em cursos de graduação em Biblioteconomia. Em seu relato de experiência, Sampaio (2011) descreve a utilização da do *blog* como portfólio eletrônico de uma disciplina.

Conclui-se que o foco dos trabalhos citados é defender o uso de *blogs* como formas de divulgação de bibliotecas, tornando-as mais conhecidas, de forma a explicitar os serviços oferecidos e atrair novos usuários. Além disso, a promoção do trabalho do bibliotecário por meio dos *blogs* é uma forma de valorização desse profissional, que muitas vezes não possui o devido reconhecimento.

3.6.3 Blogs como espaços sociais de representação

Foram encontrados sete artigos que relacionavam os *blogs*, no âmbito da CI, à representação social e cultural de grupos e comunidades.

Em sua dissertação, Farias (2011) objetiva promover a inclusão da comunidade Santa Clara na sociedade da informação mediante registro e publicação da memória social dessa comunidade da Paraíba. Assim, a autora identifica o regime de informação e as fontes de informação na comunidade, criando um *blog* para registrar e disseminar os seus conhecimentos, compreendendo-o como uma ferramenta de inclusão social. No mesmo ano, a autora publicou um artigo com sua orientadora, no qual Farias e Freire (2011) descrevem a experiência da criação do *blog* na comunidade Santa Clara como forma de preservar a memória social e o saber popular. O *blog* foi visto como uma ferramenta de empoderamento da comunidade, valorização da identidade cultural dos moradores e também como instrumento de comunicação. No mesmo sentido, Silva (2014) também trabalha na perspectiva da responsabilidade social da Ciência da Informação, uma vez que sua dissertação objetivou o planejamento e construção de um *blog* para democratização de informações de interesse para pessoas com deficiência no estado da Paraíba.

Silva, Silva Júnior e Aquino (2013) investigam como o Movimento Negro do Estado da Paraíba se apropria dos gêneros digitais, sendo um deles o *blog*, utilizando-os para disseminar a informação étnico-racial. Silva Júnior (2014), apresenta em sua dissertação o uso da netnografia para o estudo dos blogueiros. Seu objetivo foi averiguar a construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em *blogs* de funk. Sua pesquisa apresenta um forte viés cultural e trabalha a interpretação da informação e sua apropriação no ponto de vista dos sujeitos.

Os *blogs* como espaços de livre expressão são discutidos por Silveira (2011), que defende o *blog* como substituto da imprensa alternativa da época do regime militar brasileiro e dos jornais de cunho político do final do século XIX. Sendo assim, a autora alerta para a necessidade de preservação dos *blogs* como forma de manter a memória nacional registrada da atualidade. É apresentado o conceito de arquivamento da *web* como forma de preservação digital dos *blogs* de manifestações políticas e movimentos sociais. Nessa perspectiva, Targino (2013) analisa *blogs* cubanos como espaço de luta para (re)conquista da cidadania, em especial o *blog* Generación Y, que apresenta-se como espaço genuíno de crítica à realidade do povo cubano, sendo também uma alternativa à reivindicação de direitos, promovendo o exercício da liberdade de expressão e o intercâmbio de informações.

Compreende-se que o ponto comum dessas pesquisas é abordar o *blog* como um meio para promover uma representação social de certos grupos e comunidades, que muitas vezes são desprovidos de espaço para expressão ou são socialmente oprimidos. O *blog*,

como uma ferramenta de fácil criação e uso, possibilita o empoderamento desses grupos, que podem comunicar-se livremente através da *web*. Os *blogs*, nesses casos, são concebidos como artefatos culturais, revelando traços identitários e culturais de seus autores.

3.6.4 Estudos da blogosfera

Foram identificadas seis pesquisas que realizam estudos sobre *blogs*, possuindo enfoque na blogosfera e nos blogueiros.

Caregnato e Sousa (2010) realizam um estudo exploratório das redes formadas por *blogs* científicos brasileiros, investigando formas de recuperação e as características estruturais desses *blogs*, com o objetivo de compreender seu papel no âmbito da comunicação da ciência. Em outra pesquisa, Sousa e Caregnato (2012), analisam o fluxo da comunicação científica a partir do uso de *links* nas postagens dos *blogs* de pesquisadores profissionais brasileiros.

Em uma pesquisa voltada para a interação possibilitada pelos *blogs*, Araújo e Vieira (2012) interpretam a blogosfera como uma rede social. A partir da análise das redes sociais, os autores verificam a blogosfera averiguando sua expressividade, o nível de interatividade entre os *blogs* e os laços estabelecidos. Em 2013, Araújo e Teixeira, analisam a “biblioblogosfera” brasileira, realizando uma pesquisa exploratória com abordagem cibernética, objetivando mapear os *blogs* sobre Biblioteconomia no país e analisa-los quanto ao gênero, interatividade e abordagem temática. Por meio da análise de redes sociais, os autores verificaram a baixa interconectividade dos *blogs*.

Ao abordar os sujeitos atuantes na blogosfera, Biscalchin (2012) apresentou um caráter etnográfico em sua dissertação, na qual realizou um estudo de caso exploratório e descritivo sobre um *blog* de entretenimento. A autora objetivou compreender o papel dos *blogs* e a influência da blogosfera na troca de informações, abordando questões como a autoria, o uso de *links* e as questões de visibilidade que permeiam as relações mediadas pelas tecnologias da informação. O termo práticas informacionais foi utilizado esporadicamente no decorrer da pesquisa, sem embasamento teórico, referindo-se a participação dos blogueiros na blogosfera. A etnografia virtual foi usada por Lima (2013) ao abordar a mídia De Olho na CI como objeto de sua dissertação. A partir da análise documental e da análise de redes sociais, a autora conclui que as mídias De Olho na CI formam redes sociais na internet.

Nos estudos sobre a blogosfera é evidenciada a formação de redes, nas quais os *blogs* encontram-se conectados. O foco desses trabalhos é compreender o fluxo de informação nas redes formadas na blogosfera, sendo um dos métodos comumente utilizados, a análise de redes sociais.

3.6.5 Tratamento da informação em blogs

Conteúdos relacionados às temáticas de organização e tratamento da informação em *blogs* foram identificados em cinco trabalhos.

Inafuko e Vidotti (2012) analisam os *blogs* de bibliotecas do ponto de vista da arquitetura da informação e da usabilidade, apresentando diretrizes para o desenvolvimento e avaliação desses *blogs*. Santana Júnior et al. (2017) realizam um experimento com uma ferramenta voltada para a recuperação de informação em *blogs*, tendo como referência o padrão de microformatos.

Abordando a temática da indexação, a pesquisa de Gaudêncio (2014), em nível de mestrado, averiguou a representação da informação dos cibercordéis em *blogs* por meio de procedimentos semânticos centrais no processo de indexação. O autor voltou sua pesquisa para a questão do tratamento da informação e como os *blogs* podem auxiliar a entender, representar, preservar e divulgar produções culturais. Também relacionado à indexação, o artigo de Javanovich e Tomaél (2014) analisa a utilização das terminologias “informação jurídica” e “jurisprudência” em *blogs* da área. Santos, Neves e Freire (2017) realizaram uma pesquisa quanti-qualitativa para analisar o uso das etiquetas no *blog* De Olho na CI, organizando as temáticas abordadas nas etiquetas em nove categorias. O estudo atenta para a necessidade de padronização dos usos das etiquetas para melhor representação dos conteúdos no *blog*.

Conclui-se que os estudos sobre o tratamento da informação em *blogs* evidenciam a necessidade de organizar a informação disponibilizada nesse meio, por meio de técnicas como a indexação, de forma que ela possa ser facilmente recuperada posteriormente. O fato de existir uma preocupação com o tratamento da informação nos *blogs* está diretamente vinculada à compreensão de que eles são fontes de informação.

3.6.6 Estudos sobre blogs literários

Foram identificados quatro estudos sobre *blogs* literários na área da CI. Apesar de não utilizar o termo *blogs* literários, Dodebei (2009) discorre sobre a memória, os livros, a leitura e sua relação com as novas tecnologias, como os *blogs*. De acordo com a autora, *blogs* e *websites* são depositários das narrativas na atualidade. Dodebei ressalta a característica hipertextual da leitura nos espaços virtuais e a interatividade entre autor e leitor.

Gomes e Carvalho (2017) analisam o universo feminino em *blogs* de literatura erótica. As autoras realizam uma pesquisa qualitativa com observação direta de cinco *blogs* voltados para esse tipo de literatura. Constatou-se que esses *blogs* são escritos por mulheres e tem

um público majoritariamente feminino, que utiliza o espaço para compartilhar experiências de relacionamentos, divulgar e discutir a literatura erótica.

Na perspectiva dos *blogs* literários e sua relação com a promoção da leitura, Manso-Rodríguez (2015) investiga o uso das ferramentas tecnológicas e como elas contribuem para o incentivo à leitura, citando o *blog* como ferramenta usada frequentemente na implementação de ações de incentivo à leitura, como por exemplo, clubes do livro. O autor também caracteriza os *blogs* como via de intercâmbio de informação entre os leitores. Em uma outra pesquisa, Araújo e Araújo (2015) pesquisam os *blogs* como ferramentas de mediação de leitura. Para esses autores, os *blogs* são vistos como comunidades formadas por blogueiros e leitores, que como admiradores de livros e leitura, utilizam das ferramentas da rede para mediar a leitura entre si.

3.6.7 Considerações sobre os estudos de blogs na CI

Ao final dessa breve análise das pesquisas identificadas por meio do levantamento bibliográfico, destaca-se que não foi encontrado nenhum trabalho que realiza explicitamente um estudo de usuários da informação em *blogs*. Entretanto, na categoria estudos da blogosfera (3.6.4) foram encontrados alguns trabalhos que apresentaram certa aproximação com a subárea dos estudos de usuários da informação, uma vez que se dedicaram a pesquisar as redes formadas pelos blogueiros e ressaltaram o caráter social dos *blogs*, compreendendo-os como mais do que uma fonte de informação ou uma ferramenta disponível na *web*.

É perceptível uma certa concentração de pesquisas sobre *blogs* na Universidade Federal da Paraíba, visto que das sete dissertações analisadas, cinco foram defendidas na UFPB. As dissertações de Farias (2011), Lima (2013) e Silva (2014) foram orientadas pela Professora Isa Maria Freire. É percebida também a presença de Freire em quatro artigos.

Em relação à temporalidade, encontrou-se trabalhos mais antigos, elaborados na década de 2000, época do surgimento dos *blogs* no Brasil. No entanto, a maioria dos trabalhos concentram-se no início da década de 2010, período de grande crescimento do número *blogs*. Foram também encontrados trabalhos atuais, dos anos de 2015, 2016 e 2017, que demonstram a permanência dos *blogs* no ciberespaço.

4 LER E COMPARTILHAR

Ao abordar os blogueiros literários e seus respectivos *blogs* nessa pesquisa, torna-se necessário trabalhar questões relativas à leitura literária, uma vez que essa está vinculada ao motivo da existência dos *blogs* literários. Dessa forma, esse capítulo aborda a temática da leitura, em suas dimensões individual e coletiva, com ênfase no seu compartilhamento e na formação das comunidades. Além disso, é discutido o conceito de mediação de leitura, visto que essa é uma prática possível de ser realizada pelos blogueiros literários.

É apresentada uma revisão de literatura resgatando o histórico das comunidades de leitores, que tem início nas rodas de leitura ao pé do fogo, passando pelos cafés e salões literários, até chegar à atualidade das comunidades virtuais de leitores. Por fim, foram apresentados diversos ambientes virtuais nos quais é possível compartilhar leituras na *web* como, por exemplo, *sites*, *blogs*, Facebook, Youtube, Twitter, Wattpad, Skoob, Instagram e Google Plus.

4.1 Leitura literária

Inicialmente, faz-se necessário conceituar a Literatura, para tornar compreensível a prática da leitura literária. Lajolo (1982, p. 16) constata que “a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém escreva e que outro alguém leia. Ela só existe enquanto obra nesse intercâmbio social.” Portanto, segundo a autora, para que uma obra seja considerada parte do conjunto de obras literárias de uma determinada tradição cultural é necessário que ela tenha o endosso de certos setores especializados, que identificarão se determinado texto é literário ou não literário. Dentre esses setores estão os intelectuais, a crítica, a universidade, a academia e a escola. Entretanto, a concepção de literatura por parte desses setores muda com o tempo. A autora alerta que os conceitos de literatura seguem uma dinâmica relacionada ao tempo e aos grupos sociais, cada época e grupo têm sua definição de literatura. Por esse motivo, a literatura foi diferentemente concebida em diferentes momentos da história.

Quanto à linguagem, Lajolo (1982, p. 37) afirma que não é o uso deste ou daquele tipo de linguagem que configura o texto como literatura, “[...] é, pois, essa linguagem instauradora de realidade e fundante de sentidos de que se tece a literatura”. O mundo da literatura, assim como o mundo da linguagem, é o mundo do possível. A linguagem torna-se literária quando seu uso instaura um universo, promovendo um espaço de interação de subjetividades entre autor e leitor, espaço esse que escapa ao imediatismo, à predictibilidade, ao estereótipo das situações e dos usos da linguagem da vida cotidiana (LAJOLO, 1982).

Após a definição de literatura, é notória a discussão existente sobre as vantagens da leitura literária, principalmente no que se refere à formação e humanização. A respeito do caráter humanizador da literatura, Lajolo (1982, p. 43) alega que esse não vem da natureza ou da quantidade de informações transmitidas ao leitor, nas palavras da autora “Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente do não existente para cada um”. Nessa mesma perspectiva, Petit (2009) considera que a leitura convoca uma atividade de simbolização, de pensamento, de narração de sua própria história entre as linhas lidas. Os textos, segundo a autora, agem em vários níveis: através de seus conteúdos, das associações que suscitam, das discussões que promovem.

De acordo com Petit (2009, p. 29) a apropriação da literatura é desejável por vários motivos, “[...] porque quando aí se penetra, torna-se mais hábil no uso da língua, conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos”.

O novo horizonte aberto pela leitura literária, conforme Petit (2009), permite a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de possibilitar um processo de autonomia e de construção do sujeito. Além disso, a leitura torna possível iniciar uma atividade de narração, de forma que se estabeleçam vínculos entre os fragmentos de uma história, entre os participantes de um grupo, entre universos culturais. Esses elementos permitem que a experiência da leitura seja testemunhada por pessoas diferentes, pertencentes a distintos meios sociais e culturais, tendo praticado a leitura individual ou travado leituras compartilhadas. A experiência de leitura deve ser verdadeiramente apropriada, não sendo entendida como algo que se impõe ou sobre o que é preciso prestar contas (PETIT, 2009).

Para Yunes (1995) o ato de ler é uma ato de sensibilidade e inteligência, de compreensão e comunhão com o mundo, pois lendo expandimos o estar no mundo e alcançamos novas esferas do conhecimento. “Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida” (YUNES, 1995, p. 188). Por meio da leitura literária, conforme a referida autora, o leitor é capaz de mudar horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele.

Já Zilberman (2001) considera que a literatura realiza um papel social ao realizar uma ruptura no interior das vivências do sujeito, mostrando-lhe as possibilidades de outro universo e alargando sua compreensão de mundo. Assim, o leitor altera seu ponto de vista, conhece as possibilidades de transformar a sociedade e não se conforma com o já existente. Nesse sentido, Yunes (1995) afirma que, sem dúvida, a leitura por si só não resolve os problemas sociais e/ou individuais, mas o conhecimento de outras vidas, de outros tempos, de outras histórias e culturas, se oferece como um contraponto para o leitor. Segundo a autora, ter

opções e compreender situações é menos amargo do que ser levado pelo domínio do que se passa em torno.

Portanto, dentre os benefícios da leitura literária podemos destacar: a atividade de simbolização, a formação do pensamento crítico, a narração de sua própria história, o maior domínio da língua, a construção do sujeito e a compreensão do mundo. No entanto, para o leitor literário existem diferentes modos de apropriar-se do texto, tendo a possibilidade de realizar uma leitura solitária ou compartilhar suas leituras, o que irá influir diretamente nas suas experiências de leitura, como veremos a seguir.

4.2 Leitura solitária e leitura compartilhada

A leitura literária se mostra paradoxal, conforme Petit (2009), pois permite escapadas solitárias e também encontros. Ao tratar do ato da leitura solitária, a autora considera que os livros podem auxiliar a manter a dor ou o medo à distância, podendo também transformar a dor e agonia, possibilitando o reencontro com a alegria. “Os textos lidos abrem aqui um caminho em direção à interioridade, aos territórios inexplorados da afetividade, das emoções, da sensibilidade; a tristeza ou a dor começam a ser denominadas” (PETIT, 2009, p. 108).

Por vezes, os leitores descrevem que ler é realizar um salto para fora de suas realidades cotidianas. Para Petit (2009), esse salto não é tanto uma fuga, palavra que é dita frequentemente de maneira depreciativa, pois acredita-se que seria mais honrável se dedicar completamente à dor ou ao tédio. Essa fuga seria, na verdade, uma verdadeira abertura para outro lugar, que possibilita o devaneio, o pensamento, a lembrança e a imaginação. Por vezes, considera-se que a história lida ou a imagem contemplada é bela, mas o interior do leitor é que é belo, pois os livros existem como reflexos. “[...] Esses livros são sempre receptivos, estão à disposição, os heróis não podem escapar, e a permanência desse recurso possível ajuda a manter ou restaurar o sentimento da sua própria continuidade e sua capacidade de estabelecer elos com o mundo” (PETIT, 2009, p. 80).

Além de ser um caminho para a interioridade, a leitura literária permite que esse sujeito vá além do reconhecimento de si mesmo, permitindo uma mudança de ponto de vista, um encontro com a alteridade, que possibilita a educação dos seus sentimentos. Essa mudança de visão acontece por meio do diálogo com o autor, pois, mesmo lendo sozinho, o leitor encontra no texto a marca do trabalho psíquico e literário realizado pelo escritor, que o mantém próximo do seu corpo, de suas pulsões, das experiências sensíveis que encontrou e de seu prazer em transmiti-las. Em eco, essas experiências do autor suscitarão, em alguns leitores, pensamentos, emoções, potencialidades de ação, uma comunicação mais livre entre corpo e espírito. Essas sensações poderão dar força ao sujeito para sair do lugar onde se encontrava imobilizado (PETIT, 2009).

A relação dialógica entre leitor e texto é destacada por Zilberman (2001). De acordo com a autora, a leitura permite ao leitor ocupar-se com os pensamentos do outro, assim o leitor substitui a própria subjetividade por outra, abandonando momentaneamente suas disposições pessoais e preocupando-se com algo que até então não conhecia. O leitor vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo, entretanto a sua realidade não desaparece, formando um pano de fundo contra o qual os pensamentos advindos do texto assumem certo sentido. Ainda sobre a relação leitor-texto, Petit (2009, p. 113) considera que a leitura traz ao leitor um retorno de si mesmo:

Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase. E nossa sede de palavras, de elaboração simbólica, é tamanha que, com frequência, imaginamos assistir a esse retorno de um conhecimento sobre nós mesmos surgindo sabe-se lá de que estranhas fontes, redirecionando o texto lido a nosso bel-prazer, encontrando nele o que o autor nunca teria imaginado que havia colocado.

Para além da relação que o leitor estabelece com o autor e com o próprio texto, as narrativas conectam esse leitor à sua própria humanidade. Petit (2009) afirma que as histórias (mitos, contos, lendas, poesias, peças de teatro, romances) retratam as paixões, os desejos e os medos humanos, ensinando às crianças, aos adolescentes e também aos adultos que o que os assusta pertence a todos. Nesse sentido, é perceptível as pontes lançadas entre o eu e os outros. Portanto, mesmo a leitura realizada de forma solitária permite a interação com o outro, seja com o autor ou com a essência das narrativas que apresentam emoções e experiências inerentes ao ser humano.

É por meio de intersubjetividades gratificantes que surge o desejo de ler, e o ato de dividir é inerente à leitura como a todas as atividades de sublimação. Mesmo se leio sozinha no meu quarto, quando viro as páginas, quando levanto os olhos do livro, outros estão ali ao meu lado: o autor, os personagens cujas vidas ele narra ou aqueles que ele criou, se se tratar de uma ficção (e talvez aqueles que o inspiraram), os outros leitores do livro, de ontem e de amanhã, os amigos que dele me falaram ou a quem imagino que eu poderia recomendar. Mas também os que construíram a minha vida ou que a compartilham hoje, cujos rostos, brincadeiras, traições ou generosidade estão prontos para aparecer nas entrelinhas. Sozinha, sou muito povoada dentro de mim mesma (PETIT, 2009, p. 140).

Por outro lado, Bértolo (2014) acredita que a leitura silenciosa apresenta a possibilidade e o risco de que o leitor acredite que é ele quem dá vida às palavras e que o texto foi escrito somente para ele. Assim, o leitor silencioso tende a se apropriar das palavras de maneira individual, singular, própria, particular, egoísta e narcisista. Nesse momento, o leitor silencioso sente-se proprietário do texto.

Nada de estranho tem, portanto, que, a partir de sua condição de silencioso e solitário, o leitor se sinta o dono do universo que comprou na livraria ou no supermercado. Acomoda-se no sofá e submerge num universo alheio e próprio ao mesmo tempo. Entende que o livro é apenas a figura de barro que não ganhará vida até que alcance o sopro da leitura. Agora ele é o dono do livro. Pode dar-lhe vida ou tirá-la (basta fechar o livro), condená-lo ou salvá-

lo (gostei ou não gostei). O leitor sente que as palavras do livro são suas palavras. Enquanto lê não precisa de ninguém. O livro lhe oferece a possibilidade de viver outras vidas, de transportar-se a outros tempos e espaços. A leitura como um adultério sem riscos. O sonho do adultério – viver duas vidas - se torna realidade. O sonho do espião – viver duas vidas – se cumpre. O sonho do *voyer* – viver duas vidas – se torna realidade. Sem risco de escândalo, prisão ou condenação. O sonho de ser Deus – viver duas vidas: e fez o homem a sua imagem e semelhança – se cumpre. Claro que ele logo deve voltar à vida real, com suas tarefas, tédios, esperanças, afetos e desafetos, problemas e paixões, sonhos e temores. Mas é possível recuperar o paraíso perdido por uma soma modesta. Bastam algum dinheiro e um pouco de solidão (BÉRTOLO, 2014, p. 66).

A experiência da leitura silenciosa evoca no leitor o sentimento de que não são necessários os outros para se viver uma experiência plena. “A leitura silenciosa ou privada cria a aparência de uma solidão produtiva. Solidão porque o leitor se retira do mundo; produtiva, porque a partir da leitura constrói uma ideia de mundo e uma ideia de si mesmo” (BERTÓLO, 2014, p. 35).

Dessa forma, entende-se que a leitura permite ao leitor conhecer sua própria interioridade, tendo os livros como reflexos de si mesmo ao encontrar neles pensamentos e lembranças. Além disso, o leitor vivencia a alteridade, muda seu ponto de vista, coloca-se no lugar do outro. A leitura também possibilita ao leitor conectar-se à humanidade, identificando sentimentos e experiências comuns aos seres humanos. Por outro lado, o leitor silencioso está sujeito à solidão, ao egoísmo e ao narcisismo. Em decorrência desses sentimentos, é compreensível que um caminho possível para o leitor seja buscar outros leitores, procurando compartilhar suas leituras e experiências.

Adentrando na dimensão da leitura literária compartilhada, Petit (2009) afirma que aquelas e aqueles que participam de espaços de leitura livremente compartilhadas adquirem melhores possibilidades de se expressar. Por um lado, nesses espaços os leitores se sentem vinculados aos outros, descobrindo que dividem as mesmas emoções e confusões; por outro lado, eles se veem separados, capazes de pensar independentemente, o que propicia a delimitação de si mesmo, permitindo a cada leitor traçar os seus próprios contornos.

Seoane (2004 citada por PETIT, 2009, p. 169) ressalta o papel da leitura no contexto coletivo afirmando que “para além da possibilidade da leitura solitária, e sem de modo algum menosprezá-la, a leitura nos interessa aqui como uma atividade social de renegociação de significações, como prática polissêmica, coletiva, multívoca, polifônica”. Nesse sentido, os espaços coletivos de leitura são capazes de retirar o leitor da sua solidão, permitindo um compartilhamento das experiências encontradas nas páginas lidas pelos que estão ao seu lado, além das trocas que o leitor já realizou com o autor e com os próprios personagens. Essas experiências literárias contribuem para a formação de uma sensibilidade e de uma educação sentimental. Nessa perspectiva, a leitura favorece as transições entre o eu e os outros (PETIT, 2009).

Na visão de Bértolo (2014), a leitura coletiva está relacionada à leitura oral. Nessa forma de leitura, o “leitor-ouvinte” sabe que o texto não se destina a ele e sim ao público do qual ele se sente parte. Esse leitor coletivo escuta os outros, lê com os outros, fatos que alteram a sua apreensão das palavras. Esse leitor-ouvinte só se sente leitor enquanto parte de um coletivo, procura nas palavras o comum, o que a comunidade também escuta.

Tanto a leitura solitária como a leitura compartilhada apresentam sua relevância para os leitores, como relata Petit (2009, p. 170) em suas experiências de pesquisa:

Ao final de minhas pesquisas, encontrei muitos leitores, de diferentes meios sociais, entusiasmados de ler sozinhos, que estavam felizes nessa solidão tão povoada desses espaços “seus”, conquistados às vezes em grande luta contra seus próximos, onde não teriam que prestar contas a ninguém. Também conheci- e são por vezes os mesmos – leitores felizes, em certos momentos, por compartilhar seus achados, suas emoções, suas questões, suas reflexões.

De acordo com Petit (2009, p.170), as duas modalidades apresentam diferenças, pois a leitura solitária é propícia à intimidade rebelde, se opondo a leitura coletiva e edificante. No entanto, essas formas de ler também possuem semelhanças, pois, segundo a autora “Ambos os tipos de leitura desenham espaços de liberdade e, algumas vezes, de resistência, contribuindo para o desenvolvimento de outras formas de vínculo social, de espaço público”. Conclui-se que a apropriação do texto literário pelo leitor pode ocorrer tanto na dimensão individual como na dimensão coletiva, e que, das duas maneiras ele estará delineando um lugar de liberdade.

4.3 Mediação de leitura

A relação das pessoas com a leitura não surge de maneira espontânea ou natural, por esse motivo torna-se essencial que seja realizada uma intervenção, que deve trabalhar a aproximação entre os sujeitos e os livros, despertando o interesse e o gosto pela leitura literária. Portanto, a relação entre o leitor e os livros deve ser mediada por outras pessoas.

Para que uma pessoa possa apropriar-se de um texto, de acordo com Petit (2009), é necessário que ela tenha tido contato com alguém, uma pessoa próxima para quem os livros são familiares, que já fez com que contos, romances, ensaios e poemas entrassem na sua própria existência e que soube apresentar esses objetos sem esquecer disso. Essa pessoa próxima ao leitor pode ser um professor, um bibliotecário, um fomentador de leitura, um amigo. Nessa mesma linha, Yunes (1995) considera que no processo de iniciação à leitura existe uma relação afetiva, que sendo boa ou má, pode imprimir contornos duradouros à experiência de ler. De acordo com a autora, se o mediador inicial – seja ele o professor, o pai, o bibliotecário – deixar de apresentar o gosto pelas palavras, a apreciação da leitura e a

ampliação do saber podem estagnar, até que o sujeito se isole no seu medíocre vocabulário cotidiano, restringindo seus conhecimentos.

Em muitos lugares, pessoas se dedicam a dar vida a espaços coletivos que permitem a mediação de recursos culturais, narrativos, reflexivos, linguísticos. Tudo começa com uma hospitalidade, alguém que manifesta à criança, ao adolescente e também ao adulto, uma disponibilidade, uma recepção, seja em um centro cultural, uma biblioteca, uma escola (PETIT, 2009).

A mediação de leitura pode ser definida como “fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente formando leitores” (BARROS, 2006, p. 17). De acordo com Barros (2006) a atividade da mediação envolve o texto, o leitor e o mediador, sendo esse processo permeado por fatores extrínsecos e intrínsecos relacionados ao objeto, ao sujeito e ao agente da leitura.

Nesse sentido, Barros (2006) argumenta que a mediação de leitura deve ser planejada. Os mediadores de leitura, em sua maioria bibliotecários e professores, devem possuir conhecimentos que permitam a esses profissionais terem habilidade e competência para exercer a mediação de leitura, como o conhecimento de teorias sobre leitura e literatura, fundamentos de Psicologia, Teoria do Conhecimento, entre outros. É necessário também que o bibliotecário conheça o acervo disponível, as recentes publicações editoriais, avalie a crítica da mídia e faça também a sua própria análise, pois essas aptidões proporcionam “a diretriz para a oferta, para o aconselhamento, para o processo de mediação de leitura, enfim tanto em nível particular quanto em nível coletivo” (BARROS, 2006, p. 17).

Dessa forma, na visão de Barros (2006), a mediação de leitura não é a simples democratização da leitura e o acesso ao livro. O que ocorre com frequência é a não-mediação de leitura por parte dos encarregados de bibliotecas, seja pelo desconhecimento do conteúdo ou pela falta de critério. A autora define a não-mediação como “a inadequação, a omissão ou negligência no ato da oferta da leitura” (BARROS, 2006, p. 21).

Em contrapartida, Petit (2008) compreende a mediação de leitura não como uma atividade estritamente planejada, na qual o mediador deve ter o domínio de várias teorias, e sim, como uma atividade vinculada ao incentivo à leitura e à afetividade. De acordo com Petit (2008, p. 165), o mediador de leitura pode ser “um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou um animador voluntário de alguma associação, um militante sindical ou político, até um amigo ou alguém com quem cruzamos”. Nessa mesma perspectiva, Bortolin (2006) também considera que qualquer pessoa pode atuar como um mediador. Segundo a autora, a palavra mediador deriva do latim *mediatore* e significa aquele que medeia ou intervém.

Em se tratando de leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador dessa relação; que pode ser exercida por diferentes indivíduos,

independentemente do sexo, da idade e da classe social; em diferentes espaços e em diferentes situações (BORTOLIN, 2006, p. 67).

O gosto pela leitura não surge pelo simples contato material com os livros. Uma biblioteca pode ter pouco significado para uma pessoa que não se sente à vontade para aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social. É essencial a dimensão do encontro com um mediador, pois é ele quem atribui vida aos livros. Assim, não é a biblioteca ou a escola que despertam o gosto pela leitura, e sim o mediador, seja um professor, um bibliotecário, que transmite sua paixão através de uma relação individual. (PETIT, 2008).

O iniciador é aquele ou aquela que exerce uma função-chave para que o leitor não fique encurralado entre alguns títulos, para que tenha acesso a universos de livros diversificados, mais extensos. Porque uma das especificidades dos livros é a sua enorme variedade (PETIT, 2008, p. 197).

Contudo, não é apenas para iniciar a leitura que o papel do mediador é primordial, para legitimar ou revelar o desejo de ler. É essencial também a presença no mediador no acompanhamento do trajeto do leitor, para lhe dar oportunidade de alcançar uma etapa nova. Não se trata de questionar a liberdade do usuário, mas é preciso, em determinados momentos, ajudar certos leitores a superar algo. O leitor precisa de uma orientação para transpor barreiras, que podem ser, por exemplo, passar da seção juvenil à adulta ou acessar outros tipos de leitura (PETIT, 2008).

Petit (2008) também relata as atividades desenvolvidas por outros profissionais, na biblioteca ou fora dela, que animam clubes de leitura, ateliês de escrita, atividades teatrais, como forma de introduzir o jovem à leitura e também a outras formas de convívio. Nas palavras da autora “Como veem, não tenho receitas mágicas para lhes oferecer. Tenho apenas a preocupação de fazê-los sentir que o papel do mediador de leitura é, a todo momento, penso eu, o de construir pontes” (PETIT, 2008, p. 197).

Dessa forma, na visão da autora, o mediador de leitura é compreendido como a pessoa que pode legitimar um desejo de ler, aquele que ajuda a ultrapassar as barreiras em diferentes momentos da trajetória do leitor. Pode ser um profissional ou um voluntário que acompanha o leitor no difícil momento da escolha do livro. “Aquele que dá a oportunidade de fazer descobertas, possibilitando-lhe mobilidade nos acervos e oferecendo conselhos eventuais, sem pender para uma mediação de tipo pedagógico” (PETIT, 2008, p. 197).

Essa forma de mediação de leitura, que não é pedagógica nem planejada, mas que exerce o incentivo à leitura, despertando o desejo de ler e guiando o leitor na escolha de livros, pode ser realizada por diversas pessoas que não são necessariamente profissionais. Nessa perspectiva, um dos objetivos específicos dessa pesquisa é analisar a possibilidade dos blogueiros literários atuarem como mediadores de leitura, junto aos leitores de seus *blogs* e nos círculos sociais formados pelos *webrings*.

4.4 Comunidades de leitores

No contexto das leituras compartilhadas em espaços sociais, a retomada de aspectos históricos sobre o surgimento das comunidades de leitores se mostra relevante. Ao pesquisar historicamente sobre os hábitos de leitura, Darnton (2010) afirma que a leitura não evoluiu numa única direção, ela assumiu formas diferentes entre diferentes grupos em épocas diversas.

Darnton (2010) constata que, no Início da Idade Moderna, a leitura já se constituía como atividade social na Europa. A leitura popular acontecia nos celeiros, oficinas e tavernas. A instituição mais importante da leitura popular era uma reunião ao pé do fogo. Nessas reuniões, as crianças brincavam, as mulheres costuravam e os homens consertavam ferramentas, enquanto alguém que soubesse decifrar um texto lia para os demais livretos populares baratos. No século XIX, artesãos, como charuteiros e alfaiates, revezavam-se para ler ou contratavam uma pessoa para ler em voz alta e os entreter durante o trabalho. Esses livros se destinavam aos ouvidos, começando a narrativa com expressões como “o que vocês vão ouvir...”, dessa forma os livros eram mais ouvidos do que vistos, contando mais com ouvintes do que com leitores (DARNTON, 2010).

Assim como as classes populares, a elite também tinha suas formas de vivenciar a leitura como atividade social. De acordo com Rebollar (2002 citado por ALMEIDA, 2008), os primeiros pontos de encontros literários surgiram na França no início do século XVI, eram os primeiros cafés e salões literários, frequentados pela elite burguesa e pelos intelectuais da época. Para Darnton (2010) a cafeteria foi uma instituição de leitura importantíssima, que se difundiu pela Alemanha no século XVII. As cafeterias ofereciam jornais e revistas, mostrando-se como ambiente propício para discussões políticas. Em 1760, Viena tinha no mínimo sessenta cafeterias desse tipo. Em Londres e Amsterdã esses espaços de leitura nos cafés permaneceram por mais de um século (DARNTON, 2010).

Nos salões aristocráticos grandes damas, cavalheiros e pessoas letradas recebiam implicitamente uma educação literária. No século XVII, o número de salões literários aumentou, muitos deles passaram a ser vistos pela corte real sob uma ótica de perigo, visto que o pensamento extrapolava a literatura, abordando filosofia e política. Passada a desconfiança de uma revolta política, uma vez que os salões literários seguiam certas regras de conveniência e respeito; uma rua inteira de Paris se torna, no século XVIII, um ponto de encontro literário. Nessa época, os salões literários tornaram-se locais onde os convidados fumavam, bebiam, jogavam cartas, liam poemas, ouviam música, riam, discutiam literatura e participavam de debates calorosos sobre diversos temas. Já no século XIX, com o aparecimento das indústrias, das redes de transporte, das organizações operárias e do comunismo, os salões literários perdem aos poucos seu espaço para discussões mais

populares, com assuntos como dinheiro e política, transformando esses ambientes em locais de troca de interesses. Com isso, é deixado para trás o glamour dos períodos anteriores, o que empobrece a vida cultural europeia. (REBOLLAR, 2002 citado por ALMEIDA, 2008, p.37-39).

Além dos cafés e salões literários, outra instituição de leitura importante foram os clubes de leitura. Para um pequeno número de pessoas cultas que podiam comprar livros, a leitura constituía uma experiência mais privada. Ainda assim, muitas delas participavam de clubes de leitura, *cabinets littéraires* ou *lesegesellschaften*, onde podiam ler quase tudo que quisessem, numa atmosfera social. Por um pagamento mensal, tinham acesso a livros, jornais e salas especiais destinadas a socialização. A proliferação desses clubes em Paris aconteceu no século XVIII. Muitas livrarias eram convertidas em gabinetes de leitura, cobrando-se uma taxa pelo direito de frequentá-las, nesses locais os leitores tinham acesso a um ambiente com boa iluminação, cadeiras confortáveis e a assinatura de meia dúzia de jornais. Na Alemanha, os clubes de leitura cresceram numa velocidade espantosa no século XVIII, fornecendo as bases sociais para uma variedade distinta da cultura burguesa (DARNTON, 2010).

Broca e Barbosa (2005) descrevem que, no Brasil do início do século XX, a vida boêmia centralizava-se não somente nos clubes, mas também nos salões literários da época. Os tradicionais salões literários aconteciam no Rio de Janeiro e também em São Paulo, reunindo intelectuais. Os cafés literários, como a Confeitaria Colombo no Rio, eram ponto de encontro de escritores, como por exemplo João do Rio e Lima Barreto. Além dos cafés, as livrarias também eram locais de reunião dos escritores, sendo a primeira e mais frequentada a Garnier. Na livraria Revista Brasileira se reuniam Machado de Assis, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Taunay, Nabuco e outros. “Dessas tertúlias acompanhadas de um chá e torradas nasceu, como se sabe, a Academia Brasileira” (BROCA; BARBOSA, 2005, p. 81). Contudo, Almeida (2008) aponta que o período áureo dos salões brasileiros não persistiu por muito tempo. O autoritarismo do governo republicano, que conhecia o descontentamento da elite intelectual, dispersava os boêmios dos cafés do centro da cidade; o que acarretou o distanciamento e isolamento da burguesia intelectual, que passou a se reunir em pequenos salões fechados.

Na Europa de 1900, havia um movimento de ruptura estética, além da pluralidade de tendências filosóficas, científicas, sociais e literárias. O espírito moderno circundava a elite intelectual, uma época de criação de ambientes mais direcionados aos seus interesses. Com intenção de compartilhar cultura, em especial literatura e artes, foi lançado na França o Congresso do Espírito Moderno em março de 1922. Graça Aranha, membro da Academia Brasileira de Letras, fortemente influenciado pelo modelo francês, programa a 1ª Semana de Arte Moderna em fevereiro de 1922, que torna-se também um importante ponto de encontro

literário. Assim, o movimento modernista se torna ponto de partida para as conquistas da literatura brasileira no século XX (ALMEIDA, 2008).

Com o aumento desses eventos culturais no mundo, que promovia com afincado discussões literárias, surge a necessidade de se criar novamente ambientes exclusivamente literários. É assim que, por volta dos anos 1940 consolidam-se as primeiras feiras do livro. Surgida nas cinzas da Segunda Guerra Mundial, a feira do livro de Frankfurt aconteceu pela primeira vez em 1949. Seguindo a tendência alemã, surgem feiras do livro em toda a Europa, como as de Londres, Paris, Belgrado, Berlim e Lisboa. Surge também a Feira de Guadalajara no México e as de Québec e Toronto no Canadá. Surge “[...] no Brasil a Bienal do Livro, a Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto e a Festa Literária Internacional de Parati (FLIP), considerada hoje como um dos mais importantes festivais literários do mundo (ALMEIDA, 2008, p. 42).

Ainda no século XX, acontece a ruptura radical dos tradicionais ambientes literários com o aparecimento das novas tecnologias. Segundo Almeida (2008), o computador juntamente com a internet, alteraram definitivamente a forma de compartilhar ideias:

A possibilidade de diferentes trocas, como pesquisas, compras, músicas, filmes, jogos virtuais e diversificadas leituras, criou uma disputa de atenção dos leitores entre as movimentadas feiras do livro e os ambientes literários on-line, estes que oferecem páginas de reflexões, listas de discussões, salas de bate-papo, *blogs*, sítios literários e comunidades virtuais (ALMEIDA, 2008, p. 42)

Santaella (2012) afirma que, mediante as mídias digitais, a configuração da literatura foi alterada em todas as suas instâncias: produção literária, recepção multimídia, a leitura e interpretação literárias, direitos do autor, novas formas de edição, novas configurações da obra literária, o acesso e a função social da literatura.

As reuniões ao pé do fogo, os cafés e salões literários, os clubes do livro e feiras literárias tinham em comum a exigência do encontro presencial dos leitores. Em geral, os encontros presenciais oferecem trocas riquíssimas entre os leitores, de forma que sua importância não deve ser menosprezada. Entretanto, a *web* abre outra possibilidade: o leitor têm a oportunidade de conectar-se com outros leitores através da rede. Assim, se no passado só era possível formar uma comunidade de leitores a partir de encontros presenciais, atualmente a internet permite a interação entre leitores por meio de ambientes virtuais que proporcionam um diálogo sobre livros e literatura. Na próxima seção, serão apresentados diversos espaços virtuais nos quais são formadas comunidades de leitores.

4.5 Ler e compartilhar na *web*

De acordo com Almeida (2008), no século XXI o ponto de referência para a vida literária é o internauta/leitor, adaptado a um mundo de possibilidades no qual ele consegue

adquirir quase de tudo pela internet: periódicos, artigos, livros, imagens e textos em geral. Além dessa facilidade na aquisição de leituras, a *web* não é somente uma fonte de informação, mas também uma fonte de aproximação, possibilitando trocas diversas. “No campo literário, com todo o compartilhamento de textos em rede, o internauta/leitor passa a sentir a necessidade de dividir suas ideias e impressões literárias através da rede” (ALMEIDA, 2008, p. 44).

Chartier (2009) caracteriza algumas das mudanças que aconteceram com a denominada Revolução Eletrônica. Para o autor, o leitor do texto eletrônico é mais livre. O texto no formato eletrônico permite uma maior distância em relação ao escrito, o que torna possível uma relação não corporal, não sendo necessário que o leitor segure um livro com as mãos e vire as suas páginas. Processo semelhante acontece com quem escreve, a mediação do teclado instaura um afastamento entre o leitor e seu texto. Há também uma mistura dos papéis de produtor e editor, na medida em que um produtor de texto pode ser imediatamente seu editor. Quanto ao papel do crítico, esse é ampliado no sentido em que todo mundo pode apresentar sua crítica:

Evidentemente, as redes eletrônicas ampliam esta possibilidade, tornando mais fáceis as intervenções no espaço de discussão constituído graças à rede. Deste ponto de vista, pode-se dizer que a produção dos juízos pessoais e a atividade crítica se colocam ao alcance de todo mundo (CHARTIER, 2009, p. 17).

Em virtude desse novo leitor, surgiram também novas ferramentas e plataformas que proporcionassem espaços para as discussões e trocas literárias. Gnisci (2018) considera que “quanto às produções e críticas literárias, o *blog* pode ser considerado a primeira ferramenta midiática a compartilhar relatos de experiências individuais e coletivos de diversas áreas e interesses [...]”. Além dos *blogs* literários, já abordados no segundo capítulo dessa pesquisa, existem outros espaços virtuais nos quais acontecem trocas literárias. A seguir são apresentadas algumas plataformas que proporcionam a formação de comunidades virtuais de leitores: Facebook, YouTube, Instagram, Twitter, Skoob, Wattpad e Google Plus.

Almeida (2008) aponta a existência de *sites* na *web* que fazem reflexões sobre textos, livros, escritores e a vida literária. A autora também cita o Facebook como espaço de discussão sobre literatura através dos diversos grupos sobre o tema. A Revista Conexão Literatura¹⁵, *site* dedicado ao universo literário, apresenta um *ranking* de grupos do Facebook relacionados à leitura literária, nos quais é possível conversar sobre autores preferidos, compartilhar ideias, dar dicas de leituras e se manter atualizado sobre novidades do mundo da literatura. Alguns grupos relacionam leitores, autores, editoras e também blogueiros literários para discussões literárias, mas também para divulgação e lançamentos de livros.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2016/08/10-grupos-do-facebook-para-quem-ama.html>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

Outro espaço para cultura literária disponível na rede é o YouTube. Gnisci (2018) define os *booktubers* como proprietários de canais do YouTube que produzem vídeos relacionados à literatura e à leitura. Para Jeffman (2018, p. 187) um *booktuber* forma um *booktube*, ou seja, uma comunidade formada por um canal literário. Um *booktube* trata-se de uma rede social “formada por pessoas que gostam de ler e compartilhar suas impressões sobre a leitura através de vídeos”. A autora explica que no *booktube* “o diálogo é norteado pelas leituras realizadas, autores preferidos, eventos literários frequentados, pelas reflexões que o contato com a literatura oferta, entre outras possibilidades relacionadas ao consumo cultural” (JEFFMAN, 2017, p. 187). De acordo com Gnisci (2018), a transição das narrativas escritas para produções audiovisuais teve início na primeira década do século XXI. Jeffman (2017) afirma que, no Brasil, até 2012 o local de maior concentração do universo literário era a blogosfera. O crescimento exponencial dos *booktubers* foi percebido pela autora principalmente em 2015, após mapear 630 canais literários brasileiros entre os anos de 2009 e 2016.

O Instagram, rede social para compartilhamento de fotos e vídeos, também vem se tornando um ambiente virtual propício ao compartilhamento de experiências literárias. Os perfis do Instagram que se dedicam à literatura geralmente publicam fotos das capas ou de pequenos trechos dos livros, além disso postam pequenas resenhas juntamente com a imagem. O Instagram também é utilizado por editoras para promoção de lançamentos literários. É fácil encontrar na internet *rankings* que listam os perfis do Instagram sobre livros, como por exemplo, os sete perfis selecionados pela revista Exame¹⁶, que listou perfis que apresentam conteúdo relacionado à literatura cujas postagens contemplam: frases de livros, imagens de grifos em livros, trechos de livros em *backgrounds* e fontes diferentes, frases engraçadas relacionadas à leitura, situações vividas pelos leitores, confissões de leitores, fotos de livros e livrarias.

O Twitter, microblog criado em 2006, também tem se tornado um espaço para discussões sobre livros e leitura. Lemos (2008) apresenta as características do Twitter, que permite postagens com poucos caracteres, sendo uma ferramenta que publica atualizações rápidas e curtas a partir de uma multiplicidade de suportes diferentes. De acordo com a autora, recursos como o Twitter dão origem a novas linguagens, algumas delas de caráter colaborativo, ou seja, não é um só enunciador, mas enunciadores que colaboram produzindo novos discursos. No Brasil, o Twitter foi adotado de forma rápida pelos blogueiros como forma de informação, relacionamento e socialização (LEMOS, 2008). É possível encontrar vários perfis sobre livros e leitura literária no Twitter, desde perfis oficiais de grandes editoras e de autores consagrados, até perfis de leitores que publicam fotos das capas e comentários sobre

¹⁶ Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/7-perfis-no-instagram-para-quem-gosta-de-livros/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

os livros que leram. Dentro da restrita quantidade de caracteres, muitos usuários publicam frases retiradas dos livros.

O Skoob é citado por Silva (2011) como um canal de interação de internautas que visam compartilhar as suas experiências de leitura. A autora afirma que, no Brasil, a rede Skoob é uma experiência similar às redes sociais internacionais Goodreads¹⁷ e Shelfari¹⁸, com o mesmo objetivo de promover trocas de informações sobre livros, autores e leituras. Criado em 2009, o Skoob possui uma interface que possibilita que o leitor compartilhe com sua rede de contatos informações como: os livros que está lendo, relendo, suas pretensões e metas de leitura e até mesmo os livros que desistiram de ler. Além disso, por meio da ferramenta “cortesia” os usuários podem participar de sorteio de livros que estão em lançamento. Existe também a possibilidade do usuário trocar livros com outras pessoas da rede (SILVA, 2016).

A comunidade on-line Wattpad, criada em 2006, é considerada por Silva (2016) como uma plataforma que possibilita aos usuários lerem livros e também permite que autores independentes publiquem seus próprios livros, poemas etc. De acordo com informações disponibilizadas no próprio *site*¹⁹, o Wattpad é um aplicativo que pode ser acessado no computador ou celular, que permite a leitura on-line e off-line dos livros disponíveis sem a necessidade de realizar o *download*. O aplicativo permite que sejam feitos comentários on-line, que possibilitando compartilhar impressões e interagir com outros leitores enquanto o usuário realiza a leitura. O Wattpad também promove concursos literários para premiar os escritores amadores.

Outra rede que possibilita a formação de comunidades virtuais de leitores é o Google Plus²⁰. Em uma postagem de 2013, o jornalista Ben Oliveira listou em seu *blog*²¹ 35 comunidades para leitores e escritores existentes no Google Plus. De acordo com o blogueiro, dentre as várias possibilidades do Google Plus é possível usar a rede social para compartilhar experiências, tirar dúvidas, acompanhar palestras e lançamentos on-line, divulgar dicas de leitura e escrita, acompanhar o mercado editorial, conhecer autores iniciantes e interagir com os autores veteranos. Atualmente, as comunidades²² do Google Plus são compostas por um grande número de membros. Ao fazer uma busca por comunidades relacionadas à literatura, a comunidade “Livros” aparece com 92.357 membros, seguida da comunidade “Apaixonados por livros” com 33.328 membros, dentre inúmeras outras comunidades.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.goodreads.com/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.shelfari.com/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

¹⁹ Disponível em: <https://www.wattpad.com/?locale=pt_PT>. Acesso em: 28 fev. 2018.

²⁰ Disponível em: <https://plus.google.com/?hl=pt_BRA>. Acesso em: 8 mar.2018.

²¹ Disponível em: <<http://www.benoliveira.com/2013/08/comunidades-para-leitores-e-escritores.html>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

²² Disponível em: <<https://plus.google.com/s/livros/communities>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

Como visto, existem várias possibilidades de redes sociais e canais nos quais os leitores literários podem interagir. É interessante ressaltar que esses espaços são, de certa forma, complementares, uma vez que o fato de um leitor ter um perfil em uma determinada rede não impede que ele possa criar o perfil em outra plataforma. O que acontece é justamente o contrário: é comum o leitor literário participar de mais de uma rede social sobre leitura. Nos *blogs* literários geralmente encontra-se o *link* para a página do Facebook do *blog* ou para o Instagram. Muitas vezes, uma postagem no *blog* consiste em um vídeo feito pelo blogueiro em seu canal literário no YouTube. No final do vídeo de um *booktuber* consta o seu perfil do Twitter e/ou do Instagram. Trata-se do fenômeno transmídia.

Conforme Arnault et al. (2011, p. 5) vivemos atualmente em uma “era transmídia”, com a disponibilidade de diversas plataformas e meios de comunicação nos quais a população pode engajar-se, interagir e gerar conteúdo. “Sempre que há o engajamento por determinado assunto, e é feita a distribuição de forma conectada entre as múltiplas plataformas de mídia, pode-se observar a transmídia em ação, seja de forma planejada ou por consequência das mídias espontâneas [...]”.

Na transmídia, temos o desenvolvimento de conteúdo em um plataforma de mídia, que tem seu desdobramento expandido em outras plataformas. O objetivo de uma ação transmídia é alcançar o público-alvo buscando uma interligação entre todas as plataformas de mídia, promovendo a interação desse público em mais de um tipo de mídia de forma sinérgica. O início de um projeto transmídia pressupõe a elaboração de um conteúdo principal (história, produto, serviço, etc.). A partir desse conteúdo, planeja-se as demais ações de veiculação para cada plataforma de mídia. A divulgação deve ocorrer também com a utilização das novas mídias, como as redes sociais (Facebook, Twitter, Google +, LinkedIn, etc.) (ARNAUT et al., 2011). É especialmente importante em um projeto transmídia, o conhecimento das plataformas de mídia, sabendo-se utilizar o melhor de cada uma de modo que elas se complementem. “Em um projeto transmídia, as ações de mídia se encaixam umas nas outras, e se não houver um conhecimento profundo dos recursos disponíveis em cada mídia, o projeto não conseguirá explorar todo o potencial de cada plataforma em cada segmento de público” (ARNAUT et al., 2011, p. 12).

Em suma, as redes estão todas interligadas, o que proporciona ao leitor literário espaços virtuais diversos nos quais ele pode escolher a forma como quer interagir e transmitir suas experiências literárias. O leitor poderá ainda optar pela criação de conteúdos textuais, imagéticos e audiovisuais, divulgando sua produção nas diversas mídias disponíveis na *web*.

5 METODOLOGIA

De acordo com Amaral, Recuero e Montardo (2009) uma variada gama de propostas metodológicas são utilizadas nos estudos sobre *blogs*. Dentre os métodos empregados, as autoras explicitam dois: a análise de redes sociais e a netnografia. A análise de redes sociais permite estudar “as redes compostas em *blogs* através de seus comentários e/ou conexões e observam-se as características estruturais e dinâmicas dessas redes” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 43). Por sua vez, a netnografia, segundo as autoras, consiste na adaptação do método etnográfico para o ambiente on-line, sendo os *blogs* uma rica ferramenta para a aplicação do método.

A análise de redes sociais foi considerada como um método possível para a realização dessa pesquisa, pois proporcionaria uma forma de delinear as interações realizadas pelos blogueiros na blogosfera, com a identificação dos *webrings*. Entretanto, a intenção principal da pesquisa é buscar a intencionalidade dos sujeitos dentro dos *webrings*. Além disso, Biscalchin (2012) considera que a heterogeneidade da blogosfera se mostra como um grande obstáculo na execução dessa metodologia.

Dessa forma, para o desenvolvimento da pesquisa optou-se por utilizar o método da netnografia, também conhecida como etnografia virtual. A escolha desse método também está relacionada a adoção da perspectiva teórica das práticas informacionais, visto que a netnografia apresenta uma maneira de pesquisar que permite uma proximidade com as dimensões cultural e social dos sujeitos, aspectos que são evidenciados na abordagem social dos estudos de usuários da informação. Ao se tratar de um estudo de cunho qualitativo em profundidade, pautado no método netnográfico, optou-se por adotar as seguintes técnicas de coletas de dados: análise documental e entrevista semiestruturada.

É importante ressaltar que, devido à adoção da entrevista como técnica de coleta de dados, foi essencial que a pesquisa fosse submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, como forma de dar credibilidade à pesquisa e também de respeitar as pessoas que aceitaram fornecer seus dados e informações durante a entrevista. O projeto de pesquisa²³ foi submetido ao COEP em 05/04/2018 e aprovado em 05/06/2018. Foi também elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver APÊNDICE B).

No decorrer deste capítulo, é abordada a concepção de netnografia e as possibilidades de sua aplicação em um estudo sobre *blogs*. Posteriormente, descreve-se as técnicas de coletas de dados. Por fim, apresenta-se a definição do universo da pesquisa, a amostra dos *blogs* e o piloto.

²³ À época da submissão ao COEP, a pesquisa se intitulava Práticas Informacionais de Blogueiros Literários.

5.1 Netnografia

A netnografia é definida por Kozinets (2002, p. 2, tradução nossa)²⁴ como “uma nova metodologia de pesquisa qualitativa que adapta técnicas de pesquisa da etnografia para o estudo de culturas e comunidades emergentes cujas comunicações são mediadas por computador”. Como método, segundo o autor, a netnografia apresenta-se mais rápida, mais simples e menos cara do que a etnografia tradicional, além de ser natural e discreta no estudo dos sujeitos virtuais.

A etnografia tradicional é um método antropológico que ganhou popularidade na Sociologia e em estudos culturais de vários campos das Ciências Sociais. Tal método refere-se ao trabalho de campo, ao estudo dos significados, práticas e artefatos de grupos sociais particulares. A etnografia baseia-se na participação e observação de arenas culturais, bem como no emprego da reflexividade do pesquisador. Sendo assim, esse método é fundamentado no conhecimento daquilo que é local, particular e específico. Por mais de um século, a etnografia tem sido utilizada para compreensão dos comportamentos de pessoas de diferentes nacionalidades, religiões, culturas e faixas etárias. Entretanto, pode-se dizer que não existem duas pesquisas etnográficas que foram conduzidas exatamente da mesma maneira, sendo a flexibilidade da etnografia uma de suas maiores qualidades. Dessa forma, os métodos etnográficos são continuamente remodelados para se adequar a diferentes campos, grupos culturais, pesquisas e preferências do pesquisador. Embora a forma de pesquisa seja aberta, os etnógrafos escolhem procedimentos de campo relacionados e, muitas vezes, enfrentam problemas metodológicos semelhantes. Alguns procedimentos etnográficos comuns que ajudam na observação participante realizada pelos pesquisadores incluem: (1) ingresso cultural, (2) reunião e análise dos dados, (3) realização de interpretações confiáveis, (4) realização de pesquisas éticas e (5) oferecimento de oportunidades para os membros da cultura realizarem seus comentários (verificação dos participantes) (KOZINETS, 2002, p. 4-5).

A internet proporciona um novo meio para troca social, para Kozinets (2002) uma reunião social mediada por computador constitui uma comunidade on-line. Dessa forma, a netnografia apresenta-se como a adaptação do método etnográfico para o estudo de comunidades virtuais. Assim como a etnografia, a netnografia também é bastante flexível e adaptável.

A netnografia baseia-se principalmente na observação do discurso textual, seu foco está nos laços particulares dos grupos e na profundidade reveladora de suas comunicações

²⁴ “Netnography” or ethnography on the Internet, is a new qualitative research methodology that adapts ethnographic research techniques to the study of cultures and communities emerging through computer-mediated communications.

on-line. Conclusões úteis podem ser retiradas de um número relativamente pequeno de mensagens, caso essas contenham informações descritivas suficientes para serem interpretadas com considerável profundidade analítica e percepção (KOZINETS, 2002).

É importante fornecer uma descrição geral das etapas e dos procedimentos envolvidos na condução da netnografia, uma vez que são adaptados a contingências on-line únicas. Como resultado da observação, os etnógrafos geralmente escrevem notas de campo reflexivas, registrando suas percepções sobre os subtextos, pretextos, condições e emoções pessoais que ocorreram durante a pesquisa. Tais reflexões escritas podem apresentar-se como inestimáveis para contextualizar os dados e constituem um procedimento recomendado. No entanto, é possível conduzir a pesquisa netnográfica apenas com observação e *downloads*. A análise de dados muitas vezes começa concomitante à coleta de dados, nessa etapa o netnógrafo deve contextualizar os dados on-line (KOZINETS, 2002).

Montardo e Passerino (2006) analisam as possibilidades e limitações de um estudo sobre *blogs* realizados a partir da netnografia. Os estudos de netnografia, como o de Kozinets (2002), são orientados para estudos da *web* de forma ampla, não sendo aplicada especialmente a *blogs*. As autoras se apropriam do termo *webrings* (RECUERO, 2003), considerando-os como a socialização decorrente dos *blogs*. Para elas, os *blogs* são objetos privilegiados para a análise da socialização na internet. Afinal, as relações sociais entre autores e leitores ocorre de forma espontânea, tratando-se de um fenômeno no ciberespaço que existe independentemente de qualquer pesquisa que se realize sobre os mesmos, apresentando-se como objeto que requer a netnografia como técnica para apreendê-lo.

Dessa forma, o estudo dos *blogs* conforme o método da netnografia apresenta possibilidades como a exploração da comunicação multimídia, ou seja, coleta de dados em texto, áudio, vídeo e demais recursos que podem enriquecer a observação dos estudos etnográficos tradicionais. Outras possibilidades no uso da netnografia para pesquisar os *blogs* são: facilidade de busca e coleta de dados; amplitude da coleta e do armazenamento (no tempo e no espaço); desdobramento da pesquisa com rapidez (MONTARDO; PASSERINO, 2006).

Em relação aos procedimentos éticos de pesquisa em comunidades virtuais, Kozinets (2002) recomenda as seguintes práticas a serem realizadas pelo pesquisador: divulgar plenamente sua presença e intenções para os membros da comunidade on-line durante qualquer pesquisa; garantir o sigilo dos participantes; buscar e incorporar *feedback* de membros da comunidade on-line que está sendo pesquisada. Há um procedimento final adicional que é específico para o meio on-line, que envolve tomar uma posição cautelosa na mediação da relação privado-versus-público. As questões éticas, na visão de Montardo e Passerino (2006) devem ser bem observadas pelo pesquisador ao adentrar nas redes de relacionamento criadas em torno dos *blogs*. Primeiramente, o pesquisador deve entrar em

contato com os blogueiros nos próprios *blogs*, solicitando o *e-mail* dos mesmos, para se manifestar de forma mais precisa sobre as intenções da pesquisa e estabelecer acordos sobre a coleta de dados que será feita a partir dos *blogs* a serem analisados, obtendo assim, o consentimento dos sujeitos participantes.

Quanto às limitações do estudo, podem ocorrer desdobramentos da pesquisa, com abertura de inúmeros caminhos, fazendo com que seja fácil perder o foco inicial. Nesse sentido, Schneider e Foot (2005 citados por MONTARDO; PASSERINO, 2006) sugerem a seleção do tópico de análise, restringindo o tipo de *blog* e delimitando o período de análise. Entretanto, definir uma amostra que se mantenha constante durante o período da pesquisa pode apresentar-se como uma tarefa difícil. Para tal, é necessário que os blogueiros postem nos *blogs* a serem observados e, além disso, comentem em outros *blogs*, fator que não pode ser determinado *a priori* pelo pesquisador (MONTARDO; PASSERINO, 2006).

Conforme as autoras, outro problema que pode ocorrer está relacionado à desterritorialização do ciberespaço, que apresenta-se presente também nos *blogs*, de forma que, para evitar o fenômeno *infoglut*²⁵, o pesquisador deve ter em mente a delimitação de sua pesquisa.

Em comparação à etnografia tradicional, a netnografia apresenta uma limitação no que diz respeito à identidade dos blogueiros e a veracidade das informações transmitidas por eles. Dessa forma, é pertinente realizar uma triangulação da técnica de observação netnográfica com outras técnicas de pesquisa como, por exemplo, entrevistas e análise de documentos disponíveis no ciberespaço (MONTARDO; PASSERINO, 2006). A junção dos métodos também é citada por Kozinets (2002), ao considerar que uma triangulação de dados netnográficos com dados coletados usando outros métodos, como entrevistas, grupos focais ou etnografias tradicionais realizadas pessoalmente, pode ser útil ao pesquisador que procura generalizações para outros grupos diferentes da população estudada.

Apesar das limitações descritas, Montardo e Passerino (2006) recomendam o uso da metodologia netnográfica em estudos de espaços de socialização na *web*, como os *blogs*. Segundo as autoras, a etnografia virtual é fundamental para oferecer um estudo mais aprofundado e completo, pois considera o universo pesquisado a partir de seus atores principais.

5.2 Técnicas de coleta de dados

O método etnográfico pressupõe a técnica da observação como forma de compreensão e análise dos fenômenos. Como afirmado anteriormente, no caso da

²⁵ Sobrecarga de informações.

netnografia, a observação baseia-se principalmente na observação do discurso textual, objetivando compreender as relações sociais dos grupos e a profundidade de suas comunicações virtuais (KOZINETS, 2002). Dessa forma, a observação netnográfica nessa pesquisa foi embasada nos preceitos da análise documental.

De acordo com Garcia Júnior, Medeiros e Augusta (2017), a análise documental no campo da Ciência da Informação tem sua relevância ao possibilitar que o pesquisador possa coletar, tratar e analisar fontes informacionais, compreendendo o potencial informativo existentes nos documentos. Tal procedimento exige que o pesquisador compreenda certos mecanismos que auxiliam na construção de evidências de um determinado registro. Conforme os autores, os documentos estão ligados às suas realidades sociais, podendo informar sobre o contexto social em que estão inseridos. Dessa forma, é possível realizar uma pesquisa documental para compreender, por exemplo, redes de sociabilidade e o mapeamento de suas configurações. É importante ressaltar que a forma de interpretar um documento irá depender das particularidades de cada pesquisador, pois não existe um pensamento unificado, o que resulta em abordagens críticas dos documentos com caráter subjetivo (GARCIA JÚNIOR; MEDEIROS; AUGUSTA, 2017).

Com base nesses pressupostos, após a seleção da amostra dos *blogs* que foram investigados, a primeira etapa da coleta de dados consistiu em uma imersão na blogosfera literária. A partir dela, foi possível conhecer os *blogs* e os blogueiros, realizando a leitura de postagens e comentários. Ao analisar o conteúdo textual, imagético e hipertextual presente nos *blogs*, buscou-se compreender como se configura o perfil de cada *blog* e que tipo de informação é veiculada pelo blogueiro.

Como complementação da análise documental, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas. De acordo com Cunha (1982), a entrevista é o segundo método mais utilizado em estudos de usuários, sendo superada apenas pelo questionário. Segundo o autor, a entrevista apresenta vantagens como possibilitar o contato direto com o entrevistado, permitindo captar suas reações e sentimentos, além disso a técnica permite que o entrevistador esclareça alguma pergunta não compreendida pelo entrevistado e também que o pesquisador possa pedir detalhes de respostas fornecidas quando são detectados fatos interessantes ou novos. Como toda técnica, a entrevista também apresenta desvantagens, como a possibilidade de dupla distorção, a probabilidade de o entrevistador emitir opiniões afetando as respostas do entrevistado e o custo mais elevado.

De acordo com Boni e Quaresma (2005), as entrevistas nas Ciências Sociais podem ser: entrevista estruturada, semiestruturada, aberta, entrevistas com grupos focais, história de vida e a entrevista projetiva. Dentre essas tipologias, a que mais se enquadra nessa pesquisa é a entrevista semiestruturada. Nessa técnica, o pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas o procedimento tem o caráter mais semelhante a uma

conversa informal. Boni e Quaresma (2005) destacam que o entrevistador deve ficar atento para dirigir a entrevista de acordo com os assuntos que mais o interessam, podendo fazer perguntas adicionais para explorar ou elucidar respostas que não ficaram claras. Caso o entrevistado tenha “fugido” ao tema, o pesquisador deve recompor o roteiro da entrevista. As autoras afirmam que a entrevista semiestruturada aplica-se quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo um direcionamento maior para o tema que possa permitir o alcance dos objetivos da entrevista.

A técnica da entrevista semiestruturada tem como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma flexibilidade para abordar profundamente determinados assuntos. Além disso, esse tipo de entrevista possibilita uma maior interação entre o entrevistador e o entrevistado, dando abertura para abordar assuntos mais complexos e delicados. “As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Dessa forma, a segunda etapa da coleta de dados consistiu na realização das entrevistas semiestruturadas com os blogueiros responsáveis pelos *blogs* selecionados para a pesquisa, buscando entender as práticas do sujeito informacional do seu ponto de vista. Por meio de tais entrevistas pretendeu-se apreender as falas dos sujeitos no que se refere as intenções de criação do *blog*, como acontecem as interações entre os blogueiros possibilitando a formação dos *webrings*, e como o blogueiro se identifica como leitor literário, produtor de conteúdo e também como mediador de leitura na blogosfera literária.

O roteiro da entrevista semiestruturada foi inspirado em alguns tópicos utilizados na pesquisa de Di-Luccio e Nicolaci-da-Costa (2010), um estudo no campo da Psicologia, que pretendeu investigar como escritores e leitores estão usando o espaço textual dos *blogs* e seus recursos, dentre eles, a interatividade. A técnica utilizada pelas autoras consiste em um roteiro estruturado, com uso de itens e não de perguntas, para preservar a característica informal da conversa. Dessa forma, as autoras formulavam as perguntas durante a realização da entrevista, com base no seguinte roteiro:

O roteiro era dividido em duas partes. A primeira era composta de perguntas objetivas sobre os participantes, tais como: idade, escolaridade, profissão, ocupação, etc. Já a segunda parte era composta por 11 itens/perguntas de cunho mais subjetivo, que abordavam os seguintes tópicos: (1) a decisão de criar um *blog*, (2) a frequência de atualização dos *posts*, (3) a importância dos comentários recebidos, (4) a reação às críticas feitas nos comentários, (5) a falta de comentários, (6) o que o (a) entrevistado(a) achava atraente em um *blog* como leitor(a), (7) o que achava que atraía seus leitores, (8) como era o(a) entrevistado(a) no *blog*, (9) como era o(a) entrevistado(a) fora dele, (10) o papel do *blog* na vida do entrevistado(a) e (11) as mudanças que ocorreram em sua vida e nele(a) próprio(a) após a criação do *blog* (DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010, p.139).

Os tópicos do roteiro estruturado de Di Luccio e Nicolaci-da-Costa se apresentaram interessantes e aplicáveis também a essa pesquisa. Dessa forma, os itens considerados pertinentes foram o ponto de partida para a estruturação das questões, sendo remodelados na forma de perguntas para compor o roteiro da entrevista semiestruturada.

Foram também acrescentadas outras perguntas relevantes que estão relacionadas aos propósitos específicos desse estudo, com ênfase nos *blogs* literários, nas práticas informacionais dos blogueiros, na interação e formação dos *webrings*. Algumas perguntas foram elaboradas após uma navegação na blogosfera literária, que possibilitou a identificação de aspectos gráficos das páginas, como o *layout*, a plataforma utilizada pelo *blog*, a presença de conteúdo imagético juntamente ao conteúdo textual, a presença de publicidade e dos selos editoriais, a conexão do *blog* com outras mídias sociais. O roteiro da entrevista semiestruturada (ver APÊNCIDE A) foi elaborado em dois blocos:

- I. O blogueiro e sua relação com seu *blog*: visa coletar dados referentes aos blogueiros e seus *blogs*, objetivando conhecer aspectos pessoais desses sujeitos como suas práticas de leitura literária e aspectos relacionados à criação do *blog* (motivação pessoal, influências, necessidade de compartilhar leituras, etc.), além da relação do blogueiro com o *blog*.
- II. O blogueiro e a interatividade: no intuito de coletar dados referentes às práticas informacionais dos blogueiros, verificando como o blogueiro, considerado sujeito informacional, atua na blogosfera literária, objetivando identificar como ocorre a interação entre os blogueiros e a formação dos *webrings*. Intencionou também obter dados sobre o papel do blogueiro como produtor de conteúdo, sendo escritor do seu próprio *blog*, além de seu possível papel de mediador de leitura.

Os dados coletados utilizando-se as técnicas de análise documental e entrevista semiestruturada foram referentes aos próprios blogueiros, seus respectivos *blogs*, as formas como lidam com a informação e interação entre si. Esses dados foram analisados em categorias de análise criadas posteriormente à coleta de dados.

5.3 Universo e amostra

O universo da pesquisa abrange os blogueiros literários da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e seus respectivos *blogs*. A opção do recorte por localização geográfica é justificada pela preferência em realizar a entrevista de forma presencial, o que possibilita um contato maior com os entrevistados, considerando-se que o método de coleta de dados adotado exige maior profundidade.

Quanto à amostra, Guerra (2010) afirma que não faz muito sentido falar de amostragem numa pesquisa qualitativa, uma vez que não se procura uma representatividade

estatística, mas sim uma **representatividade social**. De acordo com a autora, nas pesquisas qualitativas a maioria dos autores utilizam a noção de amostra em um sentido não probabilístico.

Face à questão de saber quem entrevistar (no interior da amostra definida), e considerando que não se trata de interrogar indivíduos cujas respostas serão somadas, mas informadores suscetíveis de comunicar suas percepções da realidade através da experiência vivida, não se procura nem a representatividade estatística, nem regularidades, mas antes uma representatividade social e a diversidade dos fenômenos (GUERRA, 2010, p. 48)

Conforme Pires (1997 citado por GUERRA, 2010), a amostra não probabilística não se constitui por acaso, mas em função de características específicas que o investigador quer pesquisar. “É uma amostra teórica, não probabilística” (PIRES, 1997 citado por GUERRA, 2010, p. 43). O autor também cita as diversas formas de amostra: acidental, intencional, por quotas, típica de voluntários em cascata ou bola de neve.

Portanto, ao possuir um caráter qualitativo, a presente pesquisa apresentou uma amostra não probabilística, com a intenção de obter uma representatividade social. Para definição da amostra de blogueiros literários, inicialmente houve uma tentativa de realizar um mapeamento dos *blogs* literários da RMBH. Foram realizadas buscas com diversas palavras-chaves no motor de busca Google, entretanto a recuperação de *blogs* foi escassa. Observou-se que nos *blogs*, geralmente, não são informadas as cidades nas quais os blogueiros residem. Possivelmente a localização física dos blogueiros não é tão relevante na blogosfera, visto que a informação publicada virtualmente é acessível a todos que tenham acesso à internet, independentemente do local no qual se encontram.

A segunda tentativa de definir uma amostra de blogueiros e *blogs* da RMBH se deu por meio de grupos e comunidades de blogueiros literários. Em fevereiro de 2018, a pesquisadora entrou nos grupos do Facebook “Book Lovers”²⁶ (1.808 membros) e “Interação Blogueiros Literários”²⁷ (663 membros), ambos dedicados à divulgação de *blogs* e trocas entre os blogueiros. A pesquisadora fez uma postagem apresentando sucintamente os objetivos da pesquisa e solicitou que os blogueiros residentes na RMBH se manifestassem nos comentários da postagem. Não houve nenhuma resposta dos membros dos grupos. A mesma postagem foi feita em duas comunidades do Google Plus: “Divulgue seu *blog*, *site*, etc”²⁸ (77.228 membros) e “Livros, escritores, *Booktuber* e *Blogs* Literários”²⁹ (3.261 membros). Também não houve nenhuma manifestação por parte dos membros das comunidades.

26 Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/bookloversgp/>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

27 Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/155641511442825/>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

28 Disponível em: <<https://plus.google.com/communities/111670081397754414475>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

29 Disponível em: <<https://plus.google.com/communities/117929815855415259231>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

Observou-se que, de modo geral, as postagens realizadas nesses grupos do Facebook e nessas comunidades do Google Plus não recebem nenhuma forma de *feedback* dos membros, com ausência de curtidas e comentários.

Dessa forma, optou-se por definir uma amostra em um evento literário na cidade de Belo Horizonte. O evento escolhido foi o #Clube do Livro BH, um evento literário de grande porte idealizado por uma blogueira literária, administradora do *blog* Coisas de Mineira. O evento conta com o apoio de várias editoras e também da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte, sendo realizado no Centro de Referência da Juventude, na região central da cidade. O Clube foi criado em 2013, é gratuito e tem cerca de quatro edições por ano. De acordo com informações da página oficial do evento no Facebook³⁰, o #Clube do Livro BH possibilita a reunião de leitores e pretende também incentivar a leitura junto aqueles que ainda não são leitores.

A amostra de blogueiros literários foi definida no 20º #Clube do Livro BH (FIGURA 3), que aconteceu no dia 24 de fevereiro de 2018. O evento contou com a presença de autores nacionais, além da realização de sorteios de livros e brincadeiras com os participantes (ver SEÇÃO 6.1). Das 196 pessoas presentes no evento, foram identificadas 17 pessoas que afirmaram ter um *blog* literário, assinando uma lista na qual informaram o nome, *e-mail*, cidade e endereço do *blog*. Posteriormente, foram identificadas outras duas blogueiras que estavam presentes no evento, mas que não assinaram a lista. Dessa forma, identificou-se um total de 19 *blogs*.

Figura 3 – 20º #Clube do Livro BH



Fonte: Imagem retirada do vídeo “Venha ler e se divertir com a gente!” disponível na página do Facebook do Clube do Livro BH, 2018.

³⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ClubedolivrodeBH/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 14 jul. 2018.

A listagem de 19 *blogs* advinda do evento 20º #Clube do Livro BH foi analisada pela pesquisadora, que navegou pelos *blogs* e identificou se suas características eram condizentes com a proposição da pesquisa, como explicitado no Quadro 5.

Quadro 5 – Definição da amostra

Blog	Participou da pesquisa?	Motivo
Uma Mente Inquieta	Não	O <i>blog</i> abrange muitos temas diferentes como livros, artesanato, maquiagem, fotografia, viagens, filmes, séries e variedades.
Depois da Leitura	Não	É um perfil do Twitter sobre literatura.
Sweet Dark	Não	O <i>blog</i> não foi localizado, mesmo após tentativa de contato com a blogueira por <i>e-mail</i> .
Minha Estante e Muito Mais	Sim	É um <i>blog</i> literário.
Milcaretas	Não	O <i>blog</i> foi abandonado em novembro de 2017, continuando somente como um canal literário no YouTube.
Eu nos Dezesete Outra Vez	Não	O <i>blog</i> é um diário virtual, que ocasionalmente publica resenhas literárias.
3 amigas e 1 livro	Não	É um perfil do Instagram sobre literatura.
Day Dreams Books	Não	É um perfil do Instagram sobre literatura.
Marshmallow com Café	Sim	É um <i>blog</i> literário.
Julgando pela capa	Não	É um perfil do Instagram sobre literatura.
Menina Compassiva	Sim	É um <i>blog</i> literário.
Livrenhos da Thatty	Não	É um perfil do Instagram sobre literatura.
Cultura Pocket	Sim	É um <i>blog</i> literário.
Entrando Numa Fria	Sim	É um <i>blog</i> literário.
Enquanto Somos Jovens	Não	É um <i>blog</i> de escritora, utilizado para divulgação de produção literária autoral.
Livros e Sushi	Sim	É um <i>blog</i> literário.
Morena Boa de Prosa	Não	O <i>blog</i> não pertence à RMBH, sendo a blogueira residente na cidade de Itabira.
DNA Literário	Sim	É um <i>blog</i> literário.
Paradise Books	Sim	É um <i>blog</i> literário.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dessa forma, dos 19 *blogs* identificados, **oito *blogs*** foram considerados como possíveis de serem contemplados na pesquisa. Os demais 11 *blogs* foram desconsiderados, uma vez que suas características não estavam em conformidade com a definição de *blog* literário adotada, conforme discutido na seção 3.4. O tamanho da amostra foi considerado pertinente, visto que a entrevista semiestruturada exige conversas mais longas e detalhadas com as entrevistadas. Assim, segundo Barros (2016), a amostra pode parecer pequena, mas é condizente com a proposta da pesquisa. Além disso, a autora também afirma que considerando o tempo disponível para uma pesquisa de mestrado, a quantidade parece adequada para que o trabalho possa ser realizado com qualidade.

É interessante ressaltar que a amostra foi essencialmente feminina, sendo todos os *blogs* administrados por mulheres, apesar de dois *blogs* também terem a participação de homens na equipe. O primeiro contato com as blogueiras foi realizado virtualmente. Primeiramente, tentou-se a comunicação através do *e-mail* informado no *blog*. Como somente uma das blogueiras respondeu ao *e-mail*, optou-se por enviar uma mensagem aos perfis do Facebook dos *blogs* e das blogueiras. Dessa forma, obteve-se a resposta de outras quatro blogueiras. Aquelas que já haviam respondido ao contato inicial e aceitado participar da entrevista, auxiliaram na localização das outras três blogueiras, compartilhando o contato delas do aplicativo WhatsApp. Assim, a pesquisadora conseguiu contactar todas as oito blogueiras, que concordaram em fornecer uma entrevista pessoalmente.

5.4 Piloto

Como etapa piloto da pesquisa, foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma blogueira literária de RMBH, com a finalidade de verificar a pertinência do roteiro de perguntas. A intenção foi realizar um teste de aplicação do roteiro em campo, verificando se ele proporcionaria uma entrevista que apresentasse dados suficientes para o cumprimento dos objetivos da pesquisa. Ressalta-se que o piloto foi realizado no dia 11 de novembro de 2017, antes da definição da amostra, portanto essa entrevista não foi incorporada à discussão dos resultados da pesquisa, sendo utilizada somente como forma de pré-teste do roteiro de perguntas.

O *blog* escolhido para realização da entrevista piloto foi o Livros de Fantasia³¹. A escolha desse *blog* baseou-se em seu acompanhamento prévio pela pesquisadora, que já era sua leitora e conhecia a blogueira que o administra. O *blog* (FIGURA 4), constituído em 2010 na plataforma WordPress, apresenta interação entre a blogueira e os leitores. A blogueira responsável se dispôs a fornecer uma entrevista pessoalmente.

³¹ Disponível em: <<http://livrosdefantasia.com.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Figura 4 – *Blog* escolhido para aplicação do piloto



Fonte: *Blog* Livros de Fantasia, 2017.

A entrevista durou 53 minutos e apresentou-se muito enriquecedora, possibilitando conhecer o processo de criação do *blog* e a importância que a blogueira dá aos recursos disponíveis, a relação da blogueira com a produção de conteúdo e compartilhamento da informação, assim como a criação de vínculos entre ela e outros blogueiros e como acontece a comunicação nesses círculos sociais. A blogueira citou vários *blogs* dos quais é seguidora, interagindo com as blogueiras administradoras. Durante a entrevista, a blogueira apresentou-se comunicativa e, muitas vezes, antecipou as respostas de várias perguntas. Entretanto isso não se apresentou como algo negativo, pois quando perguntada sobre um item do qual já havia falado anteriormente, ela foi conduzida a se aprofundar naquele tópico específico, de forma que a entrevistada relatasse com detalhes suas experiências e percepções.

Como resultado, concluiu-se que o roteiro apresentou boa estrutura, podendo ser aplicado às demais entrevistas realizadas nessa pesquisa. Houve mudanças simples na forma de escrita das perguntas, de forma a torná-las mais claras. O número de perguntas existentes no roteiro foi diminuído, uma vez que haviam questões que estavam repetitivas e, também, questões muito específicas, que poderiam acabar direcionando a fala das entrevistadas.

6 RESULTADOS E ANÁLISE

Neste capítulo são apresentados os resultados e a análise dos dados coletados, com utilização das técnicas de análise documental e entrevistas semiestruturadas. Na prática, a análise documental dos *blogs* e as entrevistas com as blogueiras foram realizadas de modo concomitante. Primeiramente, são descritos os eventos literários presenciados pela pesquisadora. Em seguida, são apresentados os perfis das blogueiras e dos *blogs* literários que compõem a amostra. Por fim, apresentam-se as categorias de análise da pesquisa e a discussão dos resultados.

6.1 Eventos literários

Durante o período de coleta de dados, a pesquisadora teve a oportunidade de participar de quatro eventos literários. A participação no primeiro evento ocorreu com o objetivo de obter a amostra da pesquisa e a participação nos outros três ocorreu devido ao convite das próprias blogueiras entrevistadas. A descrição desses eventos torna-se relevante, uma vez que a sua observação acabou por fazer parte da coleta de dados.

Conforme citado anteriormente na seção 5.3, o primeiro evento literário observado foi o 20º #Clube do Livro BH, realizado no Centro de Referência da Juventude, aparelho público vinculado à Prefeitura de Belo Horizonte. O evento aconteceu das 14h às 18h no auditório do local com capacidade para 300 pessoas, possuindo um grande palco e uma arquibancada com cadeiras para o público. Antes do início do evento, do lado de fora do auditório, foram montadas algumas mesas enfeitadas, conhecidas como “Banca Pimenteira”, na qual estavam sendo vendidos alguns itens, como blusas coloridas e canecas com a logomarca do Clube. Os responsáveis pela Banca Pimenteira são ajudantes na organização do evento, chamados de “anjos”, que ficam uniformizados com a camisa do Clube. Uma hora antes do início, os anjos começaram a distribuir as senhas, colocando uma pulseira laranja com um número no braço de cada pessoa.

A porta do auditório foi aberta 10 minutos antes do horário marcado, de forma que as pessoas pudessem se acomodar nas arquibancadas. Uma garota fantasiada da personagem Emília, do livro *Sítio do Picapau Amarelo*, dançava segurando alguns balões, convidando as pessoas a entrar no auditório, ao som de uma música animada. Na entrada, foram entregues a cada participante o denominado “kit boas vindas”, que consiste numa sacola com o logotipo do Clube contendo diversos marcadores de páginas. Ao se acomodar no auditório, cada pessoa recebeu um pequeno formulário no qual deveria informar alguns dados pessoais, como nome, idade, cidade, *e-mail* e também o endereço de seu *blog* e de suas redes sociais.

O evento foi iniciado pelas duas organizadoras, conhecidas como irmãs Pimenta, que estavam no palco vestidas com camisas do Clube. Elas apresentaram a história do evento, relatando que a necessidade de trocar ideias sobre livros foi o que impulsionou a criação do #Clube do Livro BH. As irmãs descreveram também o início do projeto, que acontecia em *shoppings* e parques da cidade com a participação de poucas pessoas, até que, com uma quantidade maior de participantes, conseguiram a parceria com a Fundação Municipal de Cultura para utilizar o Centro de Referência da Juventude. Em seguida foram dados alguns avisos gerais, como a proibição do consumo de alimentos dentro do auditório, a proibição da venda de livros sem autorização prévia, a necessidade de menores de 14 anos estarem acompanhados dos pais, o aviso de que a senha é pessoal e intrasferível e de que as pessoas devem permanecer sentadas durante todo o evento. As organizadoras também divulgaram o projeto “Leitura coletiva diferente”, no qual, pagando um valor mensal de 30 reais, o participante pode retirar na Banca Pimenteira uma caixa com vários brindes e livros, que serão lidos de forma coletiva pelo grupo de leitores pertencentes ao projeto.

No palco estavam dispostas mesas com os 50 livros destinados para sorteio entre todos os participantes. Esses livros são oferecidos pelas editoras parceiras do evento, sendo carimbados com a logomarca do Clube e uma frase sobre a proibição da venda. Além disso, também estava no palco o “Tambor vip”, um tambor no qual estavam dispostos três livros de Shakespeare e um *box* com obras de Jane Austen, destinados a um sorteio exclusivo, somente para aqueles que compraram uma blusa ou caneca com a logomarca do Clube. As irmãs Pimenta alegam que o valor arrecadado pela venda desses itens colabora para a realização do evento.

Algumas poltronas estavam preparadas no palco para os autores nacionais convidados: Marina Carvalho, Frini Georgakopoulos e Jim Anotsu. Os autores foram convidados para um bate-papo com as irmãs Pimenta, no qual falaram sobre suas obras e os lançamentos futuros. Para fazer uma pergunta para algum dos autores era necessário escrevê-la em um papel, que seria recolhido e colocado numa caixa para ser sorteado pelas irmãs Pimenta. Os autores foram convidados para algumas brincadeiras, como *quiz* e pequenas encenações no palco. Posteriormente, foi convidada ao palco a diretora do filme “Elena, a Filha da Princesa”, adaptação do livro de Marina Carvalho. Foi exibido o trailer do filme no telão e os atores que formam o casal principal subiram ao palco para serem apresentados ao público.

As organizadoras conduziram o evento com muitas brincadeiras e piadas. O público foi majoritariamente feminino, contando com a presença de muitas mulheres jovens e adultas, algumas crianças e poucos homens. Em vários momentos ocorreram pausas para realização de sorteio de livros. O número sorteado pelas irmãs Pimenta era conferido com o número que constava na pulseira do participante, que após ter ganhado o livro e tirado uma foto com as

irmãs, tinha sua pulseira cortada, não sendo permitido que uma pessoa ganhasse mais de um livro.

Foi realizada a “Batalha das blusinhas”, na qual todos os participantes vestidos com a blusa oficial do Clube deveriam se levantar, de forma que pudesse ser contado o número de pessoas que estavam com a camisa de determinada cor. A maioria dos participantes estava com a camisa amarela, portanto esse grupo foi o ganhador da “batalha”, sendo chamado ao palco, para que cada um recebesse um bombom como prêmio.

Antes do encerramento foi tocada uma música, escolhida previamente pelo público por meio de uma enquete do Facebook. As organizadoras convidaram a plateia a ficar de pé e dançar a música ganhadora da enquete, cuja coreografia estava sendo exibida em um vídeo no telão. O melhor dançarino, escolhido pelas irmãs Pimenta, ganhou um livro. Ao final, foi sorteado o restante dos livros e os participantes do Clube puderam pedir autógrafos e tirar fotos com os autores. Antes do público sair do auditório, todos são instruídos a se reunirem ao centro e gritarem “Clube do Livro BH” ao mesmo tempo que jogam as mãos para o alto em frente a uma câmera de vídeo (ver FIGURA 3).

O segundo evento presenciado pela pesquisadora foi o Clube do Livro de Ribeirão das Neves, cidade da RMBH. O Clube ocorreu no dia 14 de julho de 2018, das 14h às 17h, no parque ecológico da cidade. O projeto é realizado por duas blogueiras literárias, administradoras dos *blogs* DNA Literário e Cultura Pocket, que foram entrevistadas pela pesquisadora. O Clube consiste em uma pequena reunião de cerca de 20 leitores, que se encontram mensalmente para fazer um piquenique e conversar sobre os livros que leram.

O grupo de leitores pôde ser facilmente identificado no pequeno parque, pois várias toalhas de mesa foram estendidas para forrar o gramado, onde foram colocados os quitutes trazidos por cada participante. Todos se sentaram em círculo, deixando o lanche ao centro, de forma que pudesse ser compartilhado. Alguns livros destinados ao sorteio estavam encostados em um tronco de árvore, ao lado de uma pequena placa de plástico com os dizeres Clube do Livro de Ribeirão das Neves.

Uma das organizadoras deu início ao Clube do Livro, informando que o tema do mês era o gênero romance. Ela discorreu sobre o tema consultando algumas informações anotadas em um caderno pessoal, explicando o que era de fato um romance e quebrando alguns preconceitos sobre os livros do gênero ao afirmar, por exemplo, que um livro policial é um romance. A organizadora também fez uma distinção entre romance de época e romance histórico.

Após esse momento inicial, cada participante foi convidado a falar sobre os livros que leu. Não foi estabelecida nenhuma ordem, possibilitando que cada leitor pudesse tomar a iniciativa de falar no momento em que sentisse vontade. Alguns leitores levaram os livros que leram para mostrar ao grupo, enquanto contavam a história e falavam suas impressões. Os

participantes que não levaram livros para o encontro também comentaram sobre suas leituras. Na maior parte das vezes os leitores recomendaram os livros, mas também tiveram momentos em que criticaram alguns livros de forma negativa. Os membros do grupo se sentiam à vontade para comentar as falas dos demais.

Entre os comentários dos participantes, as organizadoras sorteavam alguns livros, que conseguiram através de editoras ou por meio de doações. Cerca de 10 livros foram sorteados e houve também o sorteio de marcadores de livros. Não havia tempo demarcado para o lanche, de forma que os participantes conversavam e comiam de modo informal.

Ao final, as organizadoras fizeram um *quiz* sobre assuntos tratados no próprio encontro, como o gênero romance e os autores que tinham sido abordados pelos participantes. A vencedora do *quiz* ganhou o livro “A Filha Perdida” da autora Elena Ferrante, o livro mais desejado pelo grupo durante o encontro. Alguns participantes adolescentes não puderam esperar até o final do Clube, afirmando que tinham horário para ir embora.

Para encerrar foram tiradas algumas fotos do evento (FIGURA 5) e os participantes dividiram o que sobrou do lanche. O Clube aconteceu de forma descontraída, informal e, principalmente, intimista. A maioria dos participantes já se conhecia das outras edições, mas os novatos foram incluídos nas conversas e ouvidos da mesma forma que os demais. Em sua maioria, o Clube é composto por adolescentes e mulheres, estando presente apenas três rapazes e duas crianças levadas pela mãe.

Figura 5 – Clube do Livro de Ribeirão das Neves



Fonte: Facebook do Clube do Livro de Ribeirão das Neves, 2018.³²

O terceiro evento observado foi o 5 anos de #Clube do Livro BH, uma comemoração do aniversário do Clube, que aconteceu no dia 21 de julho de 2018, das 14 às 18h, no auditório

³² Disponível em: <<https://www.facebook.com/ClubedoLivroNeves/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

do Centro de Referência da Juventude, contando com a presença de aproximadamente 250 pessoas. Como na edição anterior, a “Banca Pimenteira” estava posicionada próxima à porta de entrada do auditório e as senhas começaram a ser distribuídas uma hora antes do início do evento. De forma geral, o Clube teve uma estrutura bem semelhante ao anterior, com a organização feita pelas irmãs Pimenta, os avisos gerais e o relato da história do evento, que dessa vez ocorreu com a exibição de vídeos. Também ocorreu de forma semelhante os sorteios dos livros oferecidos pelas editoras e o momento da dança.

O grande diferencial foi que, nessa edição, o evento não contou com autores, e sim, com representantes de editoras. Estavam representadas as editoras Companhia das Letras, Valentina, Aleph, Gutenberg e Arqueiro. O evento consistiu em apresentações feitas pelos representantes editoriais, que mostravam e comentavam sobre os lançamentos. Cada representante falou em média 40 minutos. O telão foi muito utilizado para exibir vídeos de divulgação dos livros e também vídeos de autores, assim como diversas imagens das capas dos livros. Alguns representantes fizeram brincadeiras com o público, como um *quiz*, no qual o ganhador recebia um livro como brinde. Entre uma apresentação editorial e outra, as irmãs Pimenta promoviam algumas brincadeiras com os representantes e com a público.

Ao final, os participantes foram convidados a se levantarem e cantarem a música “Parabéns Para Você” em comemoração ao aniversário do #Clube do Livro BH. Foi também tirada uma foto com todos os participantes levantando as mãos e gritando “Clube do Livro BH” como mostra a figura 6. Na saída, cada participante recebeu um pote contendo um bolo confeitado.

Figura 6 – 5 anos de #Clube do Livro BH



Fonte: Facebook do #Clube do Livro BH, 2018.³³

³³ Disponível em: <https://www.facebook.com/ClubedolivrodeBH/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

O último evento literário observado foi o Encontro de Fãs da Marissa Meyer, realizado no dia 28 de julho de 2018, organizado pelas blogueiras do *blog* Paradise Books, analisado nessa pesquisa. O encontro foi realizado em parceria com a Editora Rocco e com a Livraria Leitura, sendo realizado em uma unidade da loja em um *shopping* na região central de Belo Horizonte. O evento foi divulgado pelo Facebook, sendo ao todo 64 pessoas convidadas, contando com a confirmação de 22 pessoas e outras 37 pessoas interessadas em comparecer. No dia do encontro, apenas 16 pessoas compareceram (FIGURA 7).

Figura 7 – Encontro de Fãs da Marissa Meyer



Fonte: Acervo pessoal das blogueiras do Paradise Books, 2018.

O evento ocorreu no segundo andar da livraria, local onde foi disposta uma mesa com vários marcadores de página e exemplares do livro “Sem Coração”, lançamento da autora Marissa Meyer. Havia também um pequeno *banner* com os dizeres “encontro de leitores”, a data e horário do evento e uma imagem da capa do livro lançamento. Em frente à mesa estavam dispostas cerca de 20 cadeiras de ferro organizadas em filas.

Somente uma das blogueiras do Paradise Books foi responsável pela condução do evento, sentando-se na mesa e apresentando o lançamento ao público. A blogueira contou um pouco da história do livro e comentou sobre sua experiência de leitura. O livro “Sem Coração” é uma recriação do passado da Rainha de Copas, personagem do livro Alice no País das Maravilhas. A blogueira também comentou um pouco sobre Marissa Meyer, autora de uma outra coleção de livros fortemente recomendada pela blogueira. Além disso, foi ressaltada a presença da autora na 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que ocorreu no mês de agosto.

O encontro de fãs ocorreu de forma breve, durando aproximadamente 30 minutos. Ao final, foi sorteado um exemplar do livro entre as 16 pessoas que assinaram a lista de presença. Os marcadores de livros foram distribuídos para todos os participantes.

Após o evento, a pesquisadora foi convidada a passear pelo *shopping* com um grupo de blogueiros presentes no encontro de fãs. Esse grupo era composto por duas blogueiras do Paradise Books, o blogueiro do Eu Conto Depois, a blogueira do Beco Imaginário e a blogueira do Livros e Sushi. Nesse grupo, duas das blogueiras já tinham sido entrevistadas pela pesquisadora, uma vez que Paradise Books e Livros e Sushi são *blogs* que fazem parte da amostra da pesquisa. A faixa etária dos blogueiros do grupo era de 19 a 32 anos.

O passeio consistiu em caminhar pelo *shopping* e comprar alguns lanches. O grupo de blogueiros alegou ter se formado a partir de eventos literários, nos quais foram se conhecendo e tornando-se amigos. Atualmente, eles participam de um grupo de blogueiros de Belo Horizonte no aplicativo WhatsApp, por meio do qual mantêm contato virtual diário. Os blogueiros caminharam pelo *shopping* em clima de brincadeira e fazendo piadas internas. Uma das blogueiras perguntou a pesquisadora se ela também era uma leitora e de quais livros gostava, o que levou a uma breve conversa sobre alguns livros que elas tinham lido em comum. O clima de descontração foi marcante nesse grupo de blogueiros que, às vezes, faziam algumas piadas sobre o universo literário dizendo frases como “Não posso gastar hoje, vou economizar pra gastar tudo na Bienal!” ou “Você vai ter que me pagar tudo em livro!”.

Os quatro eventos que tiveram a observação participante da pesquisadora, apresentam-se bastante diferentes no que se refere a estruturação e forma de contato com o público, com exceção das duas edições do #Clube do Livro BH que, claramente, apresentam semelhanças. É perceptível que o #Clube do Livro BH constitui-se como um evento de grande porte, com a possibilidade de convidar autores e representantes editoriais, além de conseguir uma grande quantidade de livros para sorteio e brindes para os participantes. Entretanto, percebe-se que o Clube tem um caráter de animação cultural, com muitas brincadeiras e uma marcada presença de um mercado editorial, não ocorrendo uma aproximação efetiva com o público leitor. Na forma como é estruturado o evento, a participação dos leitores presentes na plateia fica restrita às brincadeiras e sorteios. Portanto, os leitores não têm a possibilidade de opinarem e se expressarem sobre suas experiências literárias como geralmente ocorre em um encontro de leitores ou, no caso, um clube do livro.

Diferentemente do #Clube do Livro BH, o Clube do Livro de Ribeirão das Neves é precário em termos de espaço para a realização do evento, uma vez que o parque onde é realizado não possui sanitários, é muito barulhento e frequentado por um grande número de pessoas. Também não possui o grande apoio editorial e a mesma quantidade de participantes que o evento de Belo Horizonte. Entretanto, esse Clube tem um caráter intimista e próximo aos leitores. As blogueiras organizadoras conduzem o grupo de forma sutil e integram-se a

ele nas discussões. O número reduzido de pessoas permite que os leitores se conheçam e que cada um expresse suas ideias e opiniões sobre suas leituras.

Por sua vez, o Encontro de Fãs da Marissa Meyer apresentou-se como um evento predominantemente editorial. O lançamento do livro da Editora Rocco foi feito com a mediação das blogueiras do Paradise Books, mas claramente tratava-se de um interesse maior do grupo editorial. Por mais que a blogueira manifestasse genuíno interesse pelo livro e pela autora, o evento foi uma estratégia de *marketing* para a divulgação do lançamento, promoção e venda do livro. Por outro viés, foi um evento que agregou muitos blogueiros, possibilitando o encontro presencial de pessoas que se comunicam virtualmente.

A importância dos eventos literários para os blogueiros será aprofundada e discutida na seção 6.4.4.2.

6.2 Perfil das blogueiras

As entrevistas foram realizadas no período de 19/06/2018 à 28/07/2018, sendo gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra pela própria pesquisadora. As oito entrevistas resultaram em aproximadamente nove horas de gravação em áudio, cuja transcrição totalizou 139 páginas. Como forma de preservar o sigilo das participantes, optou-se pela utilização de nomes fictícios para a identificação das blogueiras. Inicialmente, pretendia-se identificar cada blogueira associando o termo “entrevistada” a um número. Entretanto, considerou-se que a utilização de nomes fictícios aproximaria a discussão dos resultados ao caráter social da pesquisa, ressaltando a importância dos sujeitos. Dessa forma, as blogueiras foram identificadas por nomes fictícios, inspirados em personagens femininas da literatura brasileira. Evidencia-se que não há relação entre a escolha dos nomes e as características pessoais das blogueiras.

A faixa etária das entrevistadas foi de 20 a 36 anos. Todas as blogueiras residem na RMBH, sendo que cinco moram na cidade de Belo Horizonte, duas em Ribeirão das Neves e uma em Contagem. Quanto à escolaridade, três possuem o ensino superior incompleto, sendo estudantes de graduação. As outras cinco possuem ensino superior completo e, dentre elas, uma possui pós-graduação. Em relação à profissão, as blogueiras possuem ocupações que não estão vinculadas à literatura. Curiosamente, essas leitoras atuam profissionalmente sem contato direto com a leitura literária. Entre as três estudantes, uma cursa Fisioterapia, uma Jornalismo e a outra Design Gráfico. Entre as outras cinco, uma é advogada em um escritório da família, uma é analista contábil em uma grande empresa nacional de eletrodomésticos, uma é administradora de empresas, uma é analista de processos em uma siderúrgica, a última é professora de circo e também artista circense.

No que tange ao ano em que se tornaram blogueiras, algumas criando seu próprio *blog* e outras se inserindo em *blogs* já existentes, todas adentraram na blogosfera literária na última década. A mais experiente é blogueira desde 2008 e a menos experiente tornou-se blogueira em janeiro de 2018.

No quadro 6 foi descrito o perfil das entrevistadas. Os dados são apresentados na ordem em que as entrevistas aconteceram.

Quadro 6 - Perfil das entrevistadas

Nome	Idade	Cidade	Escolaridade	Profissão	Ano em que se tornou blogueira	Blog
Emília	28	Belo Horizonte	Ensino Superior	Advogada	2008	Entrando Numa Fria
Lucíola	31	Belo Horizonte	Ensino Superior	Analista Contábil	2015	Minha Estante e Muito Mais
Ana Terra	22	Belo Horizonte	Ensino Superior Incompleto	Estudante de Fisioterapia	2018	Marshmallow com Café
Gabriela	20	Ribeirão das Neves	Ensino Superior Incompleto	Estudante de Jornalismo	2016	DNA Literário
Macabéa	36	Ribeirão das Neves	Ensino Superior	Administradora	2017	Cultura Pocket
Capitu	21	Contagem	Ensino Superior Incompleto	Estudante de Design Gráfico	2013	Menina Compassiva
Iracema	32	Belo Horizonte	Pós-graduação	Analista de Processos	2014	Livros e Sushi
Ceci	32	Belo Horizonte	Ensino Superior	Professora de Circo	2015	Paradise Books

Fonte: Elaborado pela autora.

No TCLE foi informado que a entrevista ocorreria no local escolhido pelas entrevistadas. Dessa forma, Emília optou por realizar a entrevista em seu escritório de advocacia. Já Ana Terra escolheu a UFMG como seu local de preferência para fazer a entrevista. Lucíola e Iracema receberam a pesquisadora em suas respectivas residências. As outras quatro blogueiras escolheram locais e datas relacionados à eventos literários, o que demonstra mais uma vez a importância desses eventos. Gabriela e Macabéa são parceiras na organização do Clube do Livro de Ribeirão das Neves. Assim, a pesquisadora foi convidada a participar do evento, realizando a entrevista com Gabriela antes do seu início, e com Macabéa após o seu encerramento. Capitu preferiu marcar a entrevista para o dia do evento 5 anos de #Clube do Livro BH, sendo realizada antes do início do Clube. Por fim, a entrevista com Ceci foi agendada para o dia do Encontro de fãs da Marissa Meyer, uma vez que o seu *blog* era responsável pela organização do evento.

6.3 Perfil dos *blogs* literários

A análise documental foi realizada por meio do acompanhamento de cada um dos *blogs*, sendo feita a leitura das postagens, a análise do *layout* e dos recursos disponíveis. Em um período de seis meses, compreendido entre março e agosto de 2018, foi observado o conteúdo textual, o conteúdo imagético e também os comentários dos leitores.

Como o conteúdo dos *blogs* é público, foi realizada a análise documental e, posteriormente, as blogueiras foram avisadas que seus *blogs* foram observados. A opção de informar as blogueiras somente após a coleta dos dados teve a finalidade de garantir que as suas práticas não fossem alteradas por terem a consciência de que estavam sob observação.

Como forma de apresentação dos oito *blogs* que compõe a amostra, foi feito o *print screen* das páginas iniciais dos *blogs*. Dessa forma, as figuras de 8 a 15 permitem uma breve visualização do *layout* de cada *blog* e, acompanhadas das figuras, constam as descrições das principais características identificadas na análise documental.

Ressalta-se que nessa seção, além dos dados obtidos por meio da análise documental, foram também apresentadas algumas informações sobre os *blogs* obtidas nas entrevistas, uma vez que as duas técnicas de coletas de dados são complementares. As informações advindas das entrevistas referem-se ao histórico do processo de criação de cada *blog* que, em muitos casos, não consta nas páginas dos próprios *blogs*.

6.3.1 Entrando Numa Fria

O *blog* Entrando Numa Fria³⁴ (FIGURA 8) foi criado em 2006 pelo blogueiro Paulo³⁵, na plataforma WordPress. Quando o *blog* já estava com cerca de dois anos de existência, Paulo conheceu Emília em um evento literário em Belo Horizonte. A parceria surgiu quando Emília apresentou seu interesse em escrever em um *blog* e Paulo comentou sobre sua dificuldade em administrar um *blog* sozinho. Emília, entrevistada pela pesquisadora, relatou que no início o *blog* era no formato de um diário virtual, no qual ela e Paulo escreviam sobre vários assuntos. Com o tempo, os dois perceberam que o *blog* estava ficando cada vez mais voltado para a literatura e para o cinema. Atualmente, o *blog* é administrado pelos blogueiros Paulo e Emília, mas também conta com a colaboração de outras pessoas, identificadas como colunistas. Emília afirmou que o *blog* possui de dez a doze colunistas, mas nas postagens do período analisado foram encontrados sete colunistas atuantes no *blog*.

Figura 8 – Página inicial do *blog* Entrando Numa Fria



Fonte: *Blog* Entrando Numa Fria, 2018.

O nome Entrando Numa Fria foi ideia de Paulo, que anteriormente possuía um outro *blog* na plataforma Terra, cujo conteúdo foi perdido. Ao relatar seu problema em uma postagem no Orkut, recebeu um comentário afirmando que ele tinha “entrado numa fria”. Assim, quando criou um novo *blog*, em uma nova plataforma, Paulo batizou o *blog* com o nome Entrando Numa Fria.

As páginas do *blog* disponíveis no menu são: “Início”, “Você Encontra” (contendo as abas Notícias, Promoções, Críticas), “Lançamentos”, “Cinema”, “Resenha”, “Série”, “Sobre”, “Contato” (contendo as abas Colabore Conosco, Nosso Selo). Na barra lateral direita estão dispostos os *gadgets*: caixa de cadastro do *e-mail*, selos das 13 editoras parceiras, selos das

³⁴ Disponível em: < <http://www.entrandonumafria.com.br/>>. Acesso em 31 de ago. 2018.

³⁵ Nome fictício.

três empresas parceiras (livrarias e agências de comunicação), redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, YouTube, Google Plus), postagens recentes e divulgações (propagandas da Amazon e de filmes em cartaz).

Quanto ao conteúdo, o *blog* apresenta resenhas de livros e críticas de filmes, assim como notícias de lançamentos editoriais e sorteios. Existem também algumas postagens sobre séries de TV. Comparado aos demais *blogs* analisados, Entrando Numa Fria é o que possui um maior número de *posts*, uma vez que as postagens são praticamente diárias. Também é o *blog* com o maior número de parceria com editoras, fato que se reflete em postagens cujo tema é a pré-venda de livros e lançamentos editoriais. O *blog* realiza promoções em parceria com editoras e empresas, sorteando livros, marcadores de páginas, cortesias de cinema e brindes. Quanto às imagens, é o único *blog* que não se dedica à produção autoral de fotos de livros.

Apesar das resenhas do *blog* serem escritas por pessoas diferentes, é mantido um padrão. No início de cada resenha é postada a foto da capa do livro, a ficha técnica (nome, autor, ISBN, páginas, ano) e a sinopse. Posteriormente, são escritos os comentários e opiniões do autor da resenha, sendo que o tamanho do texto é variável. Após o texto, são dispostos dois *banners* de propagandas, geralmente da Amazon. Depois são colocadas algumas *tags* (etiquetas), como forma de categorizar a resenha, e também alguns *links* de outras resenhas com o título “você também pode gostar de”. Ao final, o autor da resenha é identificado por uma foto, acompanhada de um pequeno texto de descrição. Dois dos colunistas possuem seus próprios *blogs* literários, sendo comum que postem o nome e o *link* para o seu respectivo *blog*. A estrutura das críticas de filmes é um pouco diferente, uma vez que o texto é intercalado por muitas imagens de cenas do filme, sendo ao final postado o *trailer* oficial. Um diferencial das resenhas do Entrando Numa Fria é que os blogueiros atribuem notas aos livros de um a cinco.

Na escrita das resenhas é perceptível uma preocupação com a ortografia e gramática do texto. Geralmente, os blogueiros comentam sobre a narrativa, a estética do livro e também fazem comentários pessoais sobre a experiência de leitura. Na resenha do livro “O que Alice Esqueceu”, postada em 18 de junho de 2018, a blogueira Emília escreveu:

Passei muita vergonha rindo alto e chorando no ônibus durante a leitura, rs. Mas é que há muitas situações tão engraçadas quanto emocionantes. Impossível não me afetar com os acontecimentos [...]. A capa é um espetáculo à parte e achei que tem tudo a ver com a história! Assim, indico esse livro para todo mundo! Casadas, solteira, mães, quem ainda não é mãe. Com certeza é uma lição para todos, sobre como lidar com a vida adulta, com as responsabilidades da vida, do casamento, do amor, de filhos sem precisar levar a vida tão a sério. Leiam!

Quanto aos comentários dos leitores, foi identificada uma ausência nos meses de junho, julho e agosto. Em junho, somente quatro postagens receberam comentários, sendo que em três os comentários foram da editora Intrínseca e somente um comentário foi de uma

leitora. No mês de julho, só uma das postagens recebeu dois comentários e em agosto nenhuma postagem recebeu comentários. Entretanto, observou-se que de março a maio, todas as postagens receberam de dois a três comentários, sendo que algumas chegaram a cinco comentários. Tal fato se deve ao “top comentarista”, promoção cujas regras exigiam que o participante comentasse nas resenhas de janeiro a maio de 2018 para concorrer ao prêmio, um vale no valor de 50 reais na livraria Saraiva. A postagem de 01/04/18 com anúncio do “top comentarista” é a recordista de comentários, uma vez que 14 pessoas comentaram na postagem confirmando sua participação. Entre os leitores que deixaram seus comentários nas postagens, não foi encontrado nenhum que se apresentasse como blogueiro, deixando o *link* do seu *blog*. Somente alguns dos comentários são respondidos pelos blogueiros do Entrando Numa Fria.

6.3.2 Minha Estante e Muito Mais

Minha Estante e Muito Mais³⁶ (FIGURA 9) foi criado em julho de 2015 na plataforma Blogger e é administrado pela blogueira Lucíola. Inicialmente tinha o nome De Letras a Números, com a intenção de juntar as duas paixões da blogueira, que pretendia postar sobre livros e também sobre matemática. Em um dos primeiros *posts*, a blogueira relata seus métodos de estudo de contabilidade. Entretanto, as postagens sobre matemática não tiveram continuidade, sendo o *blog* dominado por postagens sobre literatura. Sendo assim, Lucíola restringiu o nome De Letras a Números a uma das páginas do *blog*, que contém somente a postagem sobre seus estudos em contabilidade. Dessa forma, a blogueira optou por alterar o nome do *blog* para Minha Estante e Muito Mais.

Figura 9 – Página inicial do *blog* Minha Estante e Muito Mais



Fonte: *Blog* Minha Estante e Muito Mais, 2018.

³⁶ Disponível em: <<http://minhaestanteemuitomais.blogspot.com/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Na página “Sobre o *Blog*”, em 11 de julho de 2015, Lucíola escreveu:

O *blog* nasceu há uma semana, e tem a função muito pessoal, e digamos que como uma válvula de escape. Nunca pensei em ter um *blog* e ainda morro de vergonha em ser o centro das atenções, apesar de que depois de conhecer sou palhaça. Aqui é um lugar pra falar de tudo um pouco, coisas que gosto, que sei e que aprendo [...]. Amo ler desde sempre, e sou viciada em comprar livros e qualquer motivo é usado como desculpas para uma nova aquisição.

As páginas do *blog* disponíveis no menu são: “*Home*”, “*Quem escreve*”, “*Sobre o blog*”, “*Resenhas*”, “*Estante*” (contendo as abas *Lidos*, *A Ler*, *Primeiras Impressões* e *Autores Nacionais*), “*Dicas de letras a números*” (contendo as abas *Dicas*, *Letras e Números*) e “*Contato*”. O *blog* possui os seguintes *gadgets* na barra lateral direita: redes sociais (Facebook, Instagram, Skoob e Google Plus), o cadastro para receber os *posts* por *e-mail*, os seguidores do *blog*, os cinco *posts* mais acessados, uma nuvem de *tags*, as cinco postagens mais recentes, *links* de *blogs* literários com a indicação “*blogs que amo*”.

No que diz respeito ao conteúdo, o *blog* é essencialmente literário, apresentando resenhas, primeiras impressões de livros, entrevistas com autores nacionais e novas aquisições. Lucíola afirma ter vontade de começar a resenhar filmes e séries, tendo uma lista com vários títulos que pretende escrever no *blog*. Entretanto, esse projeto ainda não foi concretizado.

As resenhas presentes em *Minha Estante* e *Muito Mais* seguem um mesmo padrão. No início são apresentados alguns dados sobre o livro: foto da capa, autor, editora, ano de publicação, ISBN, *link* para a página do livro no Skoob e número de páginas. Na sequência, Lucíola apresenta sua opinião sobre o livro em alguns parágrafos, sempre se dirigindo aos leitores com as frases iniciais “Oi pessoal, tudo bom? Hoje vamos falar...” e com as frases finais “E você, já leu? Abra seu coração e me conte como foi a sua leitura. Até a próxima”. Em seguida, é apresentada a sinopse do livro e uma foto do autor acompanhada de uma pequena biografia. Em uma nota no final da postagem, é informado que as fotos foram retiradas do *sítio* Skoob ou são de autoria da blogueira.

Lucíola escreve de maneira simples, utilizando uma linguagem informal semelhante à uma conversa entre amigos, fazendo uso de gírias e abreviações. A blogueira escreve de forma bem pessoal, buscando relacionar as suas leituras às suas experiências de vida. Como exemplo, apresenta-se um parágrafo da resenha do livro “*Nunca Olhe para Dentro*”, postada em 20 de junho de 2018:

Betina ganhou meu coração já nas primeiras linhas e minha vontade de bater nela também. Não teria conseguido passar pelo que ela passou, sem socar a cara daquela tia. Isso só prova que ela é mais evoluída do que eu jamais serei. Já que não aguentaria passar por metade. Ressalto que o livro não é pesado, pelo contrário, no entanto há cenas de te jogar em um mar de emoções.

Em cada postagem existe a possibilidade de compartilhar o *post* nas redes sociais, curtir e comentar. Em geral, os *posts* de Lucíola não possuem comentários e somente alguns possuem curtidas.

6.3.3 Marshmallow com Café

O *blog* Marshmallow com Café³⁷ (FIGURA 10) foi criado em agosto de 2017 na plataforma Blogger e é administrado por quatro blogueiras. Três delas já eram amigas e conheceram a quarta integrante no #Clube do Livro BH. A entrevistada Ana Terra foi a última a se tornar blogueira, tendo entrado para a equipe do *blog* em janeiro de 2018, mas já atuava como colaboradora do *blog*, sendo responsável pela administração da página do Facebook. Uma das blogueiras já tinha uma conta na rede social Tumblr com o nome Marshmallow com Café, que acabou sendo mantido também como o nome do *blog* coletivo.

Figura 10 – Página inicial do *blog* Marshmallow com Café



Fonte: *Blog* Marshmallow com Café, 2018.

As páginas do *blog* disponíveis no menu são: “Home”, “Resenhas”, “Organização”, “Experiência Literária”, “TV e Cinema”, “Autorial” e “Dicas”. A página Experiência Literária contém conteúdo um pouco diferente das resenhas, uma vez que apresenta relatos de como foi para as blogueiras lerem novos gêneros literários e conhecerem autores diferentes. Em Autorial, as blogueiras publicam textos autorais sobre assuntos diversos. Na barra lateral direita estão disponíveis os seguintes *gadgets*: foto das blogueiras, caixa de pesquisa, arquivo do *blog*, postagens populares, categorias, *links* das redes sociais (Twitter, Facebook e Instagram), seguidores do *blog* e caixa para cadastro do *e-mail*.

Quanto ao conteúdo, o *blog* é predominantemente literário, mas também aborda outros temas como filmes, séries e organização. Entretanto, as postagens sobre filmes e séries se

³⁷ Disponível em: <<http://www.marshmallowcomcafe.com.br/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

restringem a poucos *posts*, e com o tema organização existem apenas duas postagens. Além disso o *blog* também possui cinco textos autorais das blogueiras sobre autoestima, feminismo, vida pessoal, frases inspiradoras e um poema. Dessa forma, a grande maioria das postagens está relacionada aos livros e ao universo literário.

Apesar do *blog* ser escrito a quatro mãos, as resenhas possuem um padrão, sendo divididas em duas partes. Na primeira parte é apresentada uma sinopse do livro, e na segunda “o que eu achei”, na qual a blogueira autora da postagem faz os seus comentários sobre a história. É comum as blogueiras destacarem algumas frases do livro e colocarem citações em itálico no decorrer das postagens. Cada uma das postagens é assinada por uma das blogueiras, sendo a assinatura acompanhada de uma foto da blogueira e uma pequena descrição pessoal.

São postadas de duas a três fotos em cada *post*, sendo todas as fotografias autorais. A dedicação à fotografia é evidente, pois as fotos dos livros são tiradas em um fundo padrão e possuem ornamentos diversos, como flores, xícaras, canetas, joias, etc. Existem também muitas fotos das blogueiras lendo diversos livros em meio à natureza.

As blogueiras escrevem as resenhas de forma bem objetiva, expressando em alguns parágrafos suas opiniões e comentários sobre o livro. Elas se referem aos leitores do *blog* de forma carinhosa como “Oi meus amores” ou “Olá Marshmallows”, o que sugere uma proximidade com os seguidores e uma informalidade ao escrever. Apesar disso, é perceptível uma preocupação com a escrita das postagens e com a expressão de opinião, como pode ser percebido no seguinte trecho da resenha do livro “Espada de Vidro”, postada em 26 de junho de 2018:

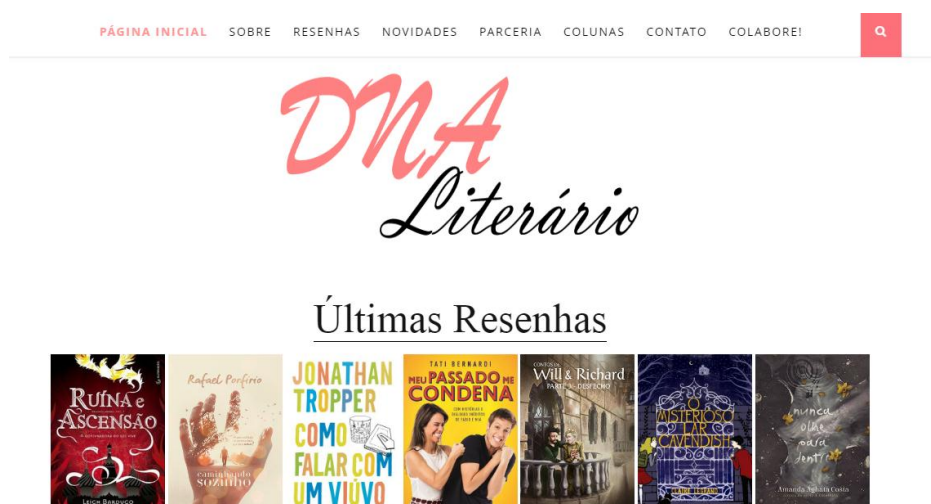
Posso dizer – assim como eu disse para Rainha Vermelha – que sou apaixonada com a capa desses livros. E que o final me deixou tão atordoada que quase surtei! [...] Uma coisa que eu senti falta foi de mais narradores, visto que Mare narra o livro todo sozinha. Acredito que a perspectiva de uma personagem só em uma narrativa tão rica quanto essa, deixa o texto limitado. E sei que nem todas as pessoas gostam da personagem principal, apesar de eu não ter nada contra ela.

Todas as postagens de Marshmallow com Café recebem comentários. A maioria dos *posts* possui de cinco a dez comentários, existindo postagens com 12, 15 e 18 comentários. Um *post* de sorteio de livros publicado em 25 de maio recebeu 21 comentários. A maioria dos comentários são feitos por outras blogueiras, que cumprimentam a blogueira autora da postagem, escrevem o que acharam da resenha e deixam também o *link* do seu respectivo *blog*. Encontrar um comentário de um visitante que seja apenas leitor do *blog* é raridade. É comum também ocorrer a interação das quatro blogueiras administradoras, uma vez que elas comentam nas postagens feitas pelas colegas. De modo geral, os comentários são respondidos pelas blogueiras.

6.3.4 DNA Literário

O *blog* DNA Literário³⁸ (FIGURA 11) foi criado em 2013 pela blogueira carioca Kátia³⁹ na plataforma Blogger. Inicialmente foi criada uma página no Facebook com o nome DNA Literário, mas Kátia sentiu a necessidade de um espaço em que pudesse escrever postagens mais longas, o que a levou a criar o *blog*. Em 2016, a blogueira fez uma postagem procurando alguém que pudesse auxiliá-la com o *blog*. Foi então que Gabriela, que já estava com a intenção de criar um *blog*, respondeu à postagem de Kátia, afirmando que gostaria de entrar para a equipe do DNA Literário. As duas já eram amigas virtuais desde 2011, quando se conheceram no Twitter. Dessa forma, o *blog* é administrado por Kátia, no Rio de Janeiro, e por Gabriela, em Ribeirão das Neves.

Figura 11 – Página inicial do *blog* DNA Literário



Fonte: *Blog* DNA Literário, 2018.

Na página “Sobre” foi contado um pouco da história do *blog* e a escolha do nome:

Tudo começou no facebook. Uma página foi criada e a chamamos de DNA Literário. Por que esse nome? Bem, eu sou uma apaixonada por biologia e uma das minhas matérias preferidas é a genética, foi só juntar com outra paixão minha: livros. Aí está: DNA Literário! Ou, se preferir, Ácido desoxirribonucleico Literário haha - Brincadeira!

Eu sempre queria falar sobre livros, mas nem todos no meu perfil tem gosto por leitura e é sem graça você ler um livro muito bom e não ter com quem conversar sobre ele. Foi então que criei a página, depois de um tempo tive a ideia do *blog*, que me daria mais espaço para criar as resenhas e fazer *posts* mais longos. E esse foi o início do DNA Literário.

Bem, aqui no *blog*, podem esperar matérias interessantes, curiosidades, novidades literárias e resenhas. Este é o seu, o nosso cantinho literário, onde podemos compartilhar do mesmo amor pelos livros e toda a cultura pop/geek.

³⁸ Disponível em: <<https://dna-literario.blogspot.com/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

³⁹ Nome Fictício.

No menu é possível identificar as páginas: “Página Inicial”, “Sobre”, “Resenhas”, “Novidades”, “Parceria”, “Colunas”, “Contato” e “Colabore”. Na página Resenhas, é possível fazer a busca por ordem alfabética do título do livro, por editora e pelo título do filme. Já em Novidades, são postadas notícias e lançamentos de livros e filmes. Apesar dos demais *blogs* possuírem parcerias, o DNA Literário é o único que explicitou as condições para parceria com autores nacionais, editoras, lojas e também com outros *blogs* na página Parceria. Outro diferencial do *blog* é a Página Colunas, onde são listadas as colunas existentes no *blog*, sendo elas: “Cariótipo” (biografia de autores), “Convidados” (postagens feitas por pessoas convidadas), “DNA em Série” (séries de TV), “*Dream Casting*” (elenco dos sonhos), “Entrevistas” (autores e pessoas relacionadas à literatura), “Especiais” (datas comemorativas, eventos, projetos), “Gene Recessivo” (divulgação de livros, séries e filmes pouco conhecidos), “O XX da Questão” (mulheres na literatura), “Primeiras Impressões” (livros que as blogueiras estão lendo), “*Tags*”⁴⁰ (criadas ou respondidas), “Top X” (*rankings*). Nos demais *blogs* existem categorias relacionadas ao assunto da postagem, sendo que cada *post* pode pertencer a várias categorias. Mas o formato de colunas, no qual cada postagem tem uma tipologia e pertence a uma das colunas, foi encontrado somente no DNA Literário.

Na barra lateral direita encontram-se os seguintes *gadgets*: perfis das blogueiras, propagandas diversas, redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, YouTube, Skoob, Google Plus), seguidores do *blog*, caixa para cadastro do *e-mail*, posição do *blog* no *ranking* Blogs Brasil⁴¹, colabore (apoio financeiro ao *blog*), listas de *links* (autores parceiros, *blogs* parceiros, editoras parceiras, lojas parceiras), cupom de desconto (loja parceira), o que estamos lendo (*link* para o *site* Skoob), postagens populares, contador de visitantes da página, tradutor e arquivo do *blog*. O DNA Literário é o *blog* que apresenta o maior número de *gadgets* e também o que possui maior número de propagandas.

As duas blogueiras seguem o mesmo padrão para escrever as resenhas. Primeiramente, é postado um quadro azul no qual consta a ficha técnica do livro, a sinopse e a cópia literal do trecho preferido da blogueira. Em seguida, é postada a foto da capa do livro e a blogueira inicia seus comentários. Entre os parágrafos são postadas cerca de duas fotos do livro tiradas pelas próprias blogueiras ou é postado o vídeo da resenha postada no canal do YouTube do DNA Literário. É possível compartilhar as postagens do *blog* nas redes sociais.

⁴⁰ O termo *tag*, nesse caso, está associado ao ato de criar ou responder à uma *tag*. Um blogueiro cria uma *tag*, ou seja, um tipo de jogo de perguntas e respostas sobre determinado assunto. No caso dos *blogs* literários, as respostas das *tags* envolvem a indicação de livros.

⁴¹ Blogs Brasil é uma plataforma que junta os blogueiros, as marcas/agências e leitores, fornecendo ferramentas que ajudam a comunicar via blogosfera. Os *blogs* são classificados por categorias e a plataforma publica estatísticas e dados sobre a audiência. Disponível em: <<https://blogsbrasil.com.br/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

A escrita das resenhas é informal, na qual as blogueiras se comunicam diretamente com os leitores como em uma conversa. Entretanto, fica bem nítida a maneira de escrever de cada uma, sendo que Gabriela é bem objetiva e Kátia é mais descontraída. Ao final de cada postagem as blogueiras publicam a despedida “Obrigada por tudo! Que a força esteja com você e a sorte a seu favor! Volte sempre! #desaparetei”.

Quanto aos comentários, de março a agosto de 2018, somente dez postagens do DNA Literário foram comentadas. Sete comentários foram feitos pela blogueira Macabéa, parceira de Gabriela na coordenação do Clube do Livro de Neves. A parceria entre as duas fica evidente no *blog*, não só pela interação nos comentários, mas também nas leituras realizadas por Gabriela, como pode ser observado na postagem do dia 23 de março de 2018:

Fala, galera! Hoje eu trouxe a resenha de um livro que me tirou da minha zona de conforto fantasia-suspense. As Doze Tribos de Hattie foi o livro escolhido para o projeto “Livro Viajante” do Clube do Livro de Ribeirão das Neves. A sugestão foi [...] do *blog* Cultura Pocket, nosso parceiro.

Dentre os outros comentários, alguns foram de leitores e um foi de um autor nacional que teve seu livro resenhado no *blog*. A maioria dos comentários foi respondido pelas blogueiras administradoras.

6.3.5 Cultura Pocket

O *blog* Cultura Pocket ⁴²(FIGURA 12) foi criado em agosto de 2017 pelas blogueiras Macabéa e Talita⁴³ na plataforma Blogger. Durante um dos encontros do #Clube do Livro BH, Talita propôs a ideia da criação do *blog* para sua amiga de faculdade Macabéa. Com receio de não conseguir produzir conteúdo suficiente, Macabéa convidou uma outra amiga, e, com o tempo, conquistou um grupo de pessoas dispostas a escrever no *blog*. Atualmente, o Cultura Pocket tem uma equipe de oito blogueiros, sendo que uma das blogueiras não escreve resenhas, atuando na diagramação e no design do *blog*. Duas das blogueiras são de outros estados, sendo uma residente em Brasília e a outra no Pará. Macabéa, entrevistada pela pesquisadora, relatou ter conhecido as duas em grupos literários no Facebook. O nome Cultura Pocket foi escolhido porque a palavra Pocket significa bolso, e a intenção do *blog* era produzir textos curtos. Além disso, Macabéa afirma que Pocket também lembra a palavra pop e que o conteúdo das postagens está relacionado à cultura pop. Na postagem “Quem Somos?”, datada de 2 de agosto de 2017, os blogueiros se descrevem:

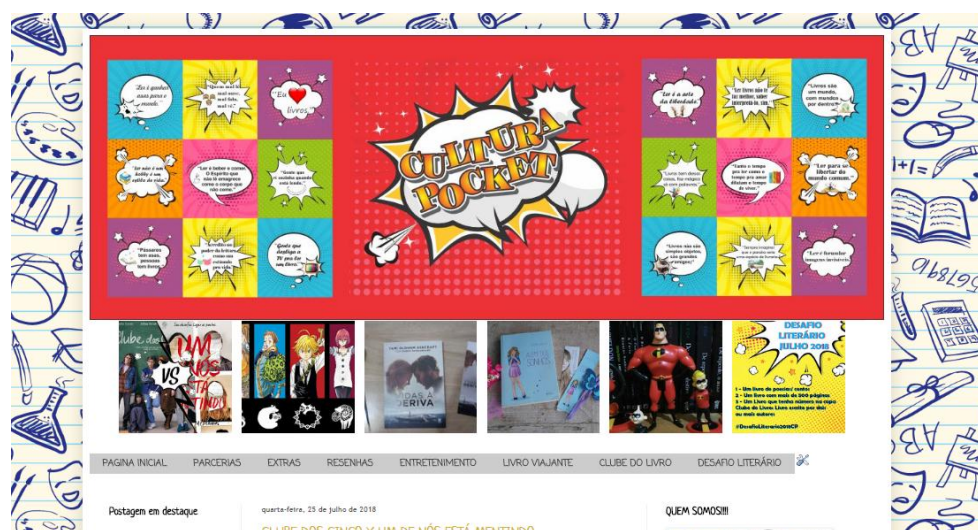
Somos uma geração cheia de opinião e muitas coisas a dizer. Nossa geração presenciou a mudanças nos meios de comunicação e o mundo se tornou menor. Por este motivo também consumimos muito mais informação e cultura. Sofremos o impacto não só dos acontecimentos e comportamentos sociais locais, mas sim mundiais. A música, a literatura, o cinema, os

⁴² Disponível em: <<https://culturapocket.blogspot.com/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

⁴³ Nome fictício.

esportes, a política, a moda, as comidas nada se restringe mais a sua rua, bairro, cidade, estado, país. Somos cidadãos do mundo e ele está em constante mudança. Somos amigos “virtuais” de vários lugares que gostariam de falar do que amam, dos nossos sonhos e ideias. Emitir nossa opinião e te convidar a compartilhar a sua também.

Figura 12 – Página inicial do *blog* Cultura Pocket



Fonte: *Blog* Cultura Pocket, 2018.

No menu é possível acessar as páginas: “Página Inicial”, “Parcerias” (editoras parceiras, *blogs* parceiros, autores parceiros), “Extras” (filmes, séries, música, falando sobre política, meu autor nacional, esportes, coisas que amamos, sorteios), “Resenhas” (estrangeiro, nacional, infantil), “Entretenimento” (eventos, datas importantes, dicas), “Livro Viajante”, “Clube do Livro” e “Desafio Literário”. O Livro Viajante é um projeto do qual o *blog* participa, no qual determinado livro “viaja” por várias cidades sendo lido por diversos leitores que compõem um grupo de amigos. Já o Desafio Literário é realizado mensalmente pelo Cultura Pocket, que propõe três leituras diferentes, com o objetivo de tirar o leitor de sua zona de conforto como, por exemplo, ler um livro que um amigo recomendou ou um livro que tenha uma história engraçada.

Na barra lateral esquerda é possível encontrar os *gadgets*: postagem em destaque, contador de visualizações da página, citação de livro da semana, leituras (*link* para o Skoob), *link* do Instagram, arquivo do *blog*. Já na barra lateral direita estão os *gadgets*: perfil dos blogueiros, *link* para o Facebook e Instagram, seguidores do *blog*, divulgação da leitura coletiva, caixa para cadastro do *e-mail*, *link* do Google Plus, *blogs* amigos.

Em relação ao conteúdo, o *blog* é predominantemente literário, abordando também conteúdos relacionados, como filmes e séries. Ocasionalmente o *blog* posta algo na categoria “Extras”. As resenhas são, em sua maioria, escritas por Macabéa e pela blogueira residente no Pará. O padrão das resenhas é começar com uma pequena introdução cumprimentando

os leitores com “Oi Pockets!” e apresentando o livro. Em seguida é apresentada a foto da capa do livro acompanhada da ficha técnica, a sinopse e a resenha em si. Ao final de cada resenha, o blogueiro autor assina a postagem com uma foto pessoal. É possível compartilhar a postagem nas redes sociais e também assinalar uma reação (interessante, engraçado, legal) para a resenha. Na parte inferior da resenha é possível identificar as *tags*, que categorizam a postagem.

As resenhas do Cultura Pocket são extensas se comparadas às resenhas dos demais *blogs*, são bem detalhadas com várias citações ao longo da postagem e apresentam de quatro a cinco fotos do livro. A produção de imagens é menos frequente no *blog*, que muitas vezes posta fotografias autorais junto às fotos não autorais. Ao resenhar o livro “Dias de Chuva”, em 21 de março de 2018, Macabéa expressou suas opiniões sobre os personagens e sobre a história de uma maneira bem próxima aos leitores:

Muito contraditório e cheio de segredos Audrick é daqueles que deixa a gente sonhando com ele, lindo, místico, misterioso, “mau” (este foi por minha conta). Ele é muito dúbio a gente nunca sabe o que esperar, mas que é um gato disso não tenho dúvidas!!!

Uma história cheia de uma fantasia bem nacional, que te deixa de queixo caído com a riqueza de informação, um amor que terá de resistir a muitas desafios, uma protagonista com uma história sofrida como de tantos brasileiros, muitas perdas, dor e ensinamentos.

Comparado aos demais, esse é o *blog* que possui o maior número de comentários nas postagens. Dos meses de março a agosto de 2018 foi encontrada somente uma postagem que não possuía comentários. Geralmente, as postagens recebem entre 7 e 20 comentários, existindo uma postagem com 27 e outra com 29 comentários. Muitos comentários são feitos por blogueiros, mas também existem muitos comentários de leitores. Os comentários são, em sua maioria, respondidos pelos blogueiros do Cultura Pocket.

6.3.6 Menina Compassiva

O *blog* Menina Compassiva⁴⁴ (FIGURA 13) foi criado em 2013 pela blogueira Capitu na plataforma Blogger. A ideia do *blog* foi sugestão de uma colega, que recomendou que Capitu escrevesse sobre cuidados com os cabelos. Na época, o namorado apoiou a criação do *blog*, mas incentivou Capitu a escrever sobre vários assuntos de seu interesse. Dessa forma, Capitu criou o *blog* com a intenção de escrever sobre seus assuntos preferidos, principalmente a literatura. O nome do *blog* foi ideia de um amigo e a blogueira achou interessante o significado da palavra compassiva, relativa a quem tem compaixão.

⁴⁴ Disponível em: <<https://meninacompassiva.blogspot.com/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Figura 13 – Página inicial do *blog* Menina Compassiva

Fonte: *Blog* Menina Compassiva, 2018.

No menu é possível encontrar as páginas: “Home”, “Livros”, “Beleza”, “Decoração”, “Promoções” (sorteios), “Parcerias” (lista de *blogs*), “Contato” e “Sobre”. Na barra lateral direita é possível localizar os seguintes *gadgets*: perfil com foto da blogueira, caixa para cadastro do *e-mail*, redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Google *Plus*), seguidores do *blog*, postagens populares, nuvem de *tags* e contador de visitantes.

Entre os *blogs* analisados, o Menina Compassiva é o que apresenta conteúdos mais diversificados. A própria blogueira caracteriza o *blog* como principalmente literário, uma vez que ele também aborda outras temáticas. Além dos temas relacionados ao universo literário, como filmes e séries, Capitu também escreve alguns *posts* sobre beleza e decoração.

As resenhas de Capitu apresentam elementos em uma ordem pré-estabelecida. Primeiramente, apresenta a ficha técnica do livro acompanhada de uma foto da capa e, em seguida, a sinopse. Ao apresentar seus comentários e opiniões sobre o livro, a blogueira intercala parágrafos de texto com fotos. Capitu fotografa de uma forma diferente das blogueiras dos demais *blogs* analisados, uma vez que tira fotos de partes internas dos livros, como prólogo e páginas iniciais dos capítulos. Cada resenha conta com cerca de seis fotografias do livro, o que é um número muito maior se comparado às fotografias dos demais *blogs*. Por outro lado, as fotos são simples, sem a presença de muitos adereços no entorno do livro.

A escrita das resenhas é informal, a blogueira expressa suas opiniões sobre a narrativa em três ou quatro parágrafos pequenos. Nas resenhas Capitu se dirige aos leitores com “Oi pessoal, tudo bem?” no início da postagem e “Beijinhos e até o próximo *post*!” ao final. Um trecho da resenha do livro “A Fada”, postada em 19 de março de 2018, revela uma identificação com a personagem principal:

O livro me prendeu desde a primeira palavra, e fiquei muito feliz por isso. Há tempos eu não era surpreendida desde a primeira página, e Carolina conseguiu isso direitinho. Li em apenas 5 dias durante meu trajeto de ida e

volta para o trabalho, dentro do ônibus. Me identifiquei muito com a personagem por vários motivos, primeiro porque ela faz aniversário no mesmo dia que eu (21/02), segundo porque a forma de pensar dela e seus sentimentos eram bastante parecidos com os meus quando eu tinha a idade dela (18 anos), terceiro porque ela é uma fada!

A maior parte das resenhas não recebe comentários. Duas postagens receberam comentários de blogueiras, que elogiaram as resenhas e deixaram o *link* de seus *blogs*. Uma outra postagem recebeu o comentário da autora do livro resenhado.

6.3.7 Livros e Sushi

O *blog* Livros e Sushi⁴⁵ (FIGURA 14) foi criado pela blogueira Iracema em março de 2014, na plataforma WordPress. Iracema já era colunista em um *blog* literário de uma amiga, mas decidiu criar o seu próprio *blog*, que tivesse a sua identidade. Atualmente, ela administra o Livros e Sushi, mas ainda mantém o trabalho de colunista, escrevendo para o Entrando Numa Fria. O namorado de Iracema atua ocasionalmente como colunista em seu *blog*.

Figura 14 – Página inicial do *blog* Livros e Sushi



Fonte: *Blog* Livros e Sushi, 2018.

Na página “Sobre”, a blogueira escreveu sobre a história do *blog* e a escolha do nome:

Tive a ideia de começar um *blog* em 2014 como um passatempo, escrevendo sobre as coisas da vida, do que eu gosto e que quero compartilhar. Espero fazer daqui um cantinho para gente conversar, falar de livros (óbvio né?! hahaha) e de tudo mais que der vontade.

Eu tenho um sonho de ter a minha própria biblioteca e o meu amor pela leitura começou com os livros dos “Karas” do Pedro Bandeira. Além dos livros, eu sou apaixonada pela culinária de outros países, principalmente a do Japão, não resisto a um bom sushi. #souboadegarfo

Escolhi o nome LIVROS E SUSHI para juntar essas duas paixões! ♥

⁴⁵ Disponível em: <<https://livrosesushi.wordpress.com/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Estou sempre online, se quiser falar comigo ou me seguir pode usar uma das redes sociais.

No menu é possível encontrar as seguintes páginas: “Home”, “Sobre”, “Resenhas” (com as abas Por Autor, Por Editora, Por Filme), “Séries Literárias”, “Sorteios” e “Contato”. O *blog* apresenta uma organização das resenhas, que podem ser facilmente recuperadas por autor ou editora. Na página Séries Literárias, Iracema apresenta várias séries resenhadas, postando as capas dos livros e a sequência correta dos volumes, pois a blogueira afirma que conhecer a ordem dos livros de séries é uma das maiores demandas de seus leitores. Na barra lateral direita estão disponíveis os *gadgets*: redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, Pinterest), perfil com foto e pequena descrição da blogueira, colunistas, caixa para cadastro do *e-mail*, categorias, últimos comentários, principais *posts*, tradutor, propagandas de filme em exibição nos cinemas, selos das cinco editoras parceiras.

Quanto ao conteúdo, Livros e Sushi é um *blog* predominantemente literário, sendo que só iniciou postagens sobre filmes em agosto de 2018, estando o restante dos *posts* relacionados aos livros. As resenhas têm uma sequência: foto da capa, acompanhada da ficha técnica do livro, seguida do texto com os comentários da blogueira. Diferentemente de alguns *blogs*, Iracema não posta a sinopse do livro, mas conta sobre a história no decorrer de seu texto. A blogueira classifica os livros atribuindo de uma a cinco estrelas. Em cada postagem há pelo menos uma fotografia autoral do livro, postada entre os parágrafos do texto. Em todas as resenhas há o *link* “compare os preços do livro aqui”, que direciona o leitor para o *site* Buscapé. Ao final das resenhas é encontrada a assinatura da blogueira com foto e uma pequena descrição pessoal. Há também a possibilidade de compartilhar a resenha no Facebook, Twitter, Google Plus, por *e-mail* e a opção de imprimir a postagem, o *link* para postagens relacionadas, além das *tags* que categorizam o *post*. O *blog* possui a opção “curtir” para blogueiros da plataforma WordPress, de forma que em cada postagem conta quantos blogueiros curtiram, junto à uma pequena foto e nome de cada blogueiro que curtiu. Geralmente, as postagens possuem de duas a quatro curtidas de blogueiros, sendo que dois *posts* foram curtidos por sete blogueiros.

Iracema escreve as resenhas demonstrando suas opiniões, não deixando de lado as críticas negativas. Como exemplo, segue o trecho da resenha do livro “A Joia”, postada em 9 de agosto de 2018:

Apesar de ter gostado no geral, destaco que, para mim, a autora errou ao introduzir no meio da trama um romance que não caiu bem. Não teve química entre o casal e sinceramente o livro ganharia mais pontos se tivesse apenas mostrando a jornada de Violet sozinha, mas ainda tenho esperanças que a leitura será melhor no próximo volume.

Em relação aos comentários, o *blog* apresenta grandes variações, pois, ao mesmo tempo que existem postagens sem nenhum comentário, existem postagens que possuem muitos comentários. Das 34 resenhas analisadas, apenas 14 possuem comentários, sendo

que cinco delas possuem de um a quatro comentários, e as outras nove resenhas possuem de nove a quinze comentários. Os comentários são, na maior parte, de blogueiros, que possuem conta no WordPress e são identificados na plataforma, ou que deixam o *link* do seu respectivo *blog*. Existem também alguns comentários de leitores. Entretanto, poucas vezes Iracema responde aos comentários.

6.3.8 Paradise Books

O *blog* Paradise Books⁴⁶ (FIGURA 15) foi criado em agosto de 2014 por três blogueiras na plataforma Blogger. Posteriormente, uma quarta integrante se juntou a equipe do *blog*. Três das blogueiras são parentes, sendo duas irmãs e uma prima. A quarta blogueira, a entrevistada Ceci, entrou para a equipe do *blog* em janeiro de 2015. Ceci conheceu as outras blogueiras em uma página literária no Facebook e passou a ser leitora do Paradise Books, se tornando também amiga das garotas. Por ser muito participativa no *blog*, Ceci foi convidada para se tornar uma das blogueiras administradoras. O nome do *blog* foi escolhido como uma referência ao livro Alice no País das Maravilhas.

Figura 15 – Página inicial do *blog* Paradise Books



Fonte: Blog Paradise Books, 2018.

No menu estão disponíveis as páginas: “Home”, “Resenhas”, “Seriados”, “Livros por Temas”, “Dica da Nik”, “Sorteios”, “Contatos”. Na página “Resenhas” é possível realizar a busca por editora, por data e também pela capa do livro. De forma semelhante, na página “Seriados” é possível fazer a busca de resenhas pelo *banner* da série. Em “Livros por Temas” são apresentadas resenhas que indicam vários livros de um mesmo assunto, por exemplo, piratas, esportes, caubóis, sereias, etc. O menu lateral do *blog* encontra-se à esquerda com os seguintes *gadgets*: perfil com foto das blogueiras, publicidade (propagandas de livrarias),

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.paradisebooks.com.br>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

selos das seis editoras parceiras, propaganda de um filme em exibição nos cinemas, caixa de pesquisa, *posts* populares, *link* do Facebook, tradutor, caixa para cadastro do *e-mail* e contador de visualizações da página. Destaca-se que os *links* para as demais redes sociais (Twitter, Instagram, YouTube e Google Plus) encontram-se no canto superior direito do *blog*.

O conteúdo do Paradise Books é predominantemente literário, sendo composto em sua maioria por resenhas de livros e apresentando algumas resenhas de séries de TV e filmes. As resenhas começam com a foto da capa e a ficha técnica do livro, em seguida a autora do texto conta um pouco da história e expressa sua opinião. As blogueiras atribuem de uma a cinco estrelas para cada livro. Alguns trechos dos livros são copiados e destacados em quadros azuis. Em todas as resenhas é postada também uma fotografia do livro tirada pelas blogueiras, sendo notável a dedicação do Paradise Books em relação à produção de fotos autorais, uma vez que as imagens são de alta qualidade e existe toda uma ornamentação de forma a montar um cenário que se relacione ao conteúdo do livro. Ao final das resenhas existe a possibilidade de compartilhamento nas redes sociais e são postadas também algumas *tags*, que auxiliam na categorização do conteúdo da postagem.

A escrita das resenhas é informal, as blogueiras expressam suas opiniões se preocupando sempre em apresentar os pontos fortes e fracos de cada livro, como é possível identificar na resenha de Ceci sobre o livro o “Segredo de Helena”, postada em 26 de julho de 2018:

Lucinda criou uma trama envolvente onde você fica a todo momento querendo saber quais são seus segredos mais obscuros, quem é o pai de Alex, qual foi o real significado de seu relacionamento com Alexis em sua adolescência, enquanto eu fui lendo eu fiquei imaginando o que realmente aconteceu com ela para nunca tocar nesses assuntos com ninguém. Eu fiquei um pouco desapontada com os segredos dela, eu durante a leitura já fui deduzindo quais eles eram e quando foram revelados não me causou grande impacto.

O Paradise Books recebe poucos comentários em suas postagens. Talvez por esse motivo, ao final de cada postagem é feita uma comunicação direta com os leitores:

Hey, gostou da postagem?
Então deixe sua opinião/crítica/elogio aqui!
O Paradise Books agradece seu comentário, obrigado pela visita!
obs.: Não respondemos comentários em anônimo; Não é permitido o uso de palavras ofensivas; Não compartilhamos livros, isso vai contra a política de direitos autorais.

De março a agosto, apenas sete *posts* receberam comentários. Cinco postagens receberam de um a três comentários, as outras duas receberam quatro e seis comentários respectivamente. Em geral, os comentários são feitos por blogueiros, que deixam o *link* de seus *blogs*, sendo identificada somente uma leitora do Paradise Books. As quatro blogueiras administradoras geralmente respondem aos comentários.

6.3.9 Características dos blogs analisados

Após a descrição do perfil de cada um dos oito *blogs* da amostra, pretendeu-se fazer uma análise de alguns elementos, de forma a identificar as semelhanças e diferenças que auxiliam na caracterização desses *blogs*. Dessa forma, apresentam-se as análises referentes à frequência das postagens, ao número de comentários nas postagens, à quantidade de seguidores e aos conteúdos presentes nos *blogs*.

A frequência das postagens é apresentada no quadro 7, uma vez que os *blogs* apresentam diferentes intervalos de tempo na produção de conteúdo. Foi realizado um levantamento do número de postagens de cada um dos *blogs* em um período de seis meses, compreendendo os meses de março a agosto de 2018. A frequência das postagens pode ser compreendida como um indicativo do tempo de dedicação de cada blogueira ao seu *blog*, no que diz respeito a produção de conteúdo e a preocupação em mantê-lo sempre atualizado.

Quadro 7 – Frequência das postagens

<i>Blogs</i>	Meses	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto
Entrando Numa Fria		31	25	34	22	32	20
Minha Estante e Muito Mais		2	1	0	3	0	1
Marshmallow com Café		11	11	10	12	10	7
DNA Literário		7	7	10	10	11	9
Cultura Pocket		4	5	5	6	9	7
Menina Compassiva		4	1	0	0	1	2
Livros e Sushi		7	7	7	1	9	4
Paradise Books		4	4	4	5	3	4

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponíveis nos respectivos *blogs*.

Evidencia-se que a maioria dos *blogs* possui uma frequência média de postagem pré-estabelecida pelas blogueiras. Entrando Numa Fria possui uma frequência de postagem praticamente diária. Marshmallow com Café realiza postagens de duas a três vezes por semana. DNA Literário posta em média duas vezes por semana. Livros e Sushi também apresenta postagens duas vezes por semana, com exceção do mês de junho, no qual a blogueira estava viajando, e do mês de agosto, que teve uma postagem por semana. Cultura Pocket posta de uma a duas vezes por semana. Paradise Books realiza postagens uma vez por semana. Já os *blogs* Minha Estante e Muito Mais e Menina Compassiva não possuem

uma frequência de postagens, apresentando intervalos de tempo muito grandes entre um *post* e outro. Há meses em que esses *blogs* não postam nenhum conteúdo ou postam uma única vez.

Foi realizado também um levantamento do número de comentários nas postagens dos *blogs* de março a agosto de 2018. No quadro 8 é apresentado o total de comentários mensais dos *blogs*, advindo da soma dos comentários presentes em cada uma das postagens dos respectivos meses.

Quadro 8 – Número de comentários nas postagens

<i>Blogs</i>	Meses	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho	Agosto
Entrando Numa Fria		77	60	80	4	3	0
Minha Estante e Muito Mais		0	0	0	0	0	0
Marshmallow com Café		88	74	92	67	57	24
DNA Literário		2	4	2	3	6	2
Cultura Pocket		38	78	69	69	104	36
Menina Compassiva		0	0	0	0	2	4
Livros e Sushi		6	29	27	0	35	14
Paradise Books		5	9	2	1	1	0

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponíveis nos respectivos *blogs* em 31 de agosto de 2018.

Ao analisar a quantidade de comentários nas postagens, é evidente que as blogueiras possuem diferentes relações com seus respectivos leitores, sejam eles blogueiros ou não. No caso do *blog* Entrando Numa Fria, como comentado anteriormente, o número elevado de comentários nos três primeiros meses foi em decorrência do top comentarista, uma premiação para o leitor que deixasse mais comentários no *blog*. Após a premiação, foi visível a queda no número de comentários. Minha Estante e Muito Mais e Menina Compassiva são os *blogs* que apresentam os menores números de comentários, sendo também os que possuem frequência irregular de postagens. A ausência de comentários, nesses casos, pode estar relacionada a dificuldade dos leitores em acompanhar *blogs* que não tenham uma frequência de postagens bem definida. Os *blogs* DNA Literário e Paradise Books possuem um número pequeno de comentários, com várias postagens que não são comentadas. Já Livros e Sushi possui muitos comentários em algumas postagens específicas como, por exemplo, os 14 comentários do mês de agosto que foram feitos em uma única resenha. Marshmallow com Café e Cultura Pocket são os *blogs* mais comentados, sendo raridade encontrar nesses *blogs* postagens sem

comentários. Destaca-se que nos *blogs* Marshmallow com Café, Livros e Sushi e Paradise Books houve uma predominância de comentários escritos por outros blogueiros.

Além de apresentarem diferentes frequências de postagens e número de comentários, os *blogs* também apresentaram proporções variadas no que se refere à quantidade de seguidores. O quadro 9 apresenta o número de seguidores dos *blogs* e de suas respectivas páginas nas redes sociais.

Durante as entrevistas, ao falarem sobre o número de seguidores que possuem no *blog*, as blogueiras citaram também o número de seguidores que o *blog* possui nas redes sociais, demonstrando a forte relação dos *blogs* com essas mídias. Analisar *blogs* com grandezas diferentes tornou-se muito enriquecedor para a pesquisa, proporcionando avaliar como ocorrem as interações e práticas informacionais em *blogs* pequenos, médios e grandes.

Quadro 9 – Número de seguidores dos *blogs*

<i>Blogs</i>	Nº de seguidores no <i>blog</i>	Nº de seguidores no Instagram	Nº de seguidores no Facebook	Nº de seguidores no Twitter	Nº de seguidores no YouTube
Entrando Numa Fria	NI	9.267	10.517	5.281	202
Minha Estante e Muito Mais	32	809	410	NP	NP
Marshmallow com Café	51	3.082	122	NP	NP
DNA Literário	NI	1.777	1.322	106	340
Cultura Pocket	314	659	426	NP	NP
Menina Compassiva	102	580	449	28	NP
Livros e Sushi	3.881	7.774	2.922	767	NP
Paradise Books	NI	8.612	7.175	2.223	949

Legenda: NI = Não Informado; NP = Não possui

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponíveis nos respectivos *blogs*, Instagram, Facebook, Twitter e YouTube, referentes ao dia 27 de julho de 2018.

Conforme os dados apresentados, observa-se que o número de seguidores dos *blogs* é bem menor em comparação com o número de seguidores nas redes sociais. Três blogueiras não souberam informar o número de seguidores dos *blogs*, afirmando que retiram o contador de seguidores da página. O Instagram apresenta-se como a rede social com o maior número de seguidores, com exceção de Entrando Numa Fria, que apresenta maior número de seguidores no Facebook. Percebe-se que mesmo os *blogs* pequenos possuem maior

representatividade no Instagram, como é o caso de Minha Estante e Muito Mais, que no *blog* possui apenas 32 seguidores e no Instagram possui 809. O número de seguidores no Facebook também é relevante, apesar de, na maioria dos casos, ser menor que o número de seguidores do Instagram. O Twitter apresenta grande número de seguidores somente para Entrando Numa Fria e Paradise Books. Quanto ao YouTube, apenas três *blogs* possuem um canal literário (*booktube*). Os canais de DNA Literário e Paradise Books são constituídos de vídeos feitos pelas próprias blogueiras. Já o canal de Entrando Numa Fria possui vídeos autorais, mas também publica vídeos não autorais como *trailers* de filmes. Entretanto, os canais de Entrando Numa Fria e Paradise Books foram descontinuados, com as últimas postagens feitas, respectivamente, em 2016 e 2017.

Quadro 10 - Características dos *blogs* literários analisados

Características	Entrando Numa Fria	Minha Estante e Muito Mais	Marshmallow com Café	DNA Literário	Cultura Pocket	Menina Compassiva	Livros e Sushi	Paradise Books
<i>Blog</i> coletivo	X		X	X	X			X
Publica resenha de livros	X	X	X	X	X	X	X	X
Aborda outros assuntos como filmes e séries	X		X	X	X	X	X	X
Realiza sorteios	X	X	X	X	X	X	X	X
Tem parceria com editoras	X			X			X	X
Tem parceria com autores nacionais		X		X	X			
Produção de fotos autorais		X	X	X	X	X	X	X
Possui Facebook	X	X	X	X	X	X	X	X
Possui Instagram	X	X	X	X	X	X	X	X
Possui Twitter	X		X	X		X	X	X
Possui canal no YouTube	X			X				X

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao conteúdo, conforme apresentado no quadro 10, foram identificados alguns tópicos semelhantes que caracterizam os *blogs* literários analisados como: a existência *blogs* coletivos; a publicação de resenhas de livros; a abordagem de assuntos relacionados à literatura, como filmes e séries; a realização de sorteios; as parcerias com editoras e autores; a intensa presença das blogueiras nas redes sociais.

Por meio desse quadro foi possível identificar quatro características comuns a todos os *blogs* analisados: a publicação de resenhas de livros, a realização de sorteios, o perfil no Instagram e a página no Facebook. Dos oito *blogs* analisados, cinco são coletivos, o que pode demonstrar uma relação de parceria entre os blogueiros e também uma dificuldade em manter atualizado um *blog* literário de forma individual. A maioria dos *blogs* também posta resenhas de filmes e séries, de forma que apenas Minha Estante e Muito Mais apresenta-se como exclusivamente literário. A presença das parcerias também é marcante, sendo que quatro *blogs* possuem parcerias com editoras e cinco com autores nacionais. O *blog* Menina Compassiva é o único que não possui nenhum tipo de parceria. A produção de fotos autorais dos livros está presente em todos os *blogs*, com exceção do Entrando Numa Fria. A relação dos *blogs* com as redes sociais apresenta-se intensa, uma vez que todos os *blogs* possuem no mínimo dois perfis em redes sociais, e três *blogs* estão presentes em quatro redes sociais.

Após o fim da interpretação dos dados obtidos por meio da análise documental, a próxima seção apresenta a discussão dos dados advindos das entrevistas.

6.4 Categorias de análise

Para analisar os dados obtidos nas entrevistas, realizou-se a análise de conteúdo das falas das entrevistadas. De acordo com Franco (2005), a análise de conteúdo é utilizada para produzir inferências acerca de dados verbais ou simbólicos, coletados por meio de perguntas e observações feitas pelo pesquisador. Segundo a autora, o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem emitida, vinculada às condições contextuais de seus produtores, pois as expressões verbais estão permeadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos, históricos e ideológicos. “É, portando, com base no conteúdo manifesto e explícito que se inicia o processo de análise” (FRANCO, 2005, p. 24). Para a autora, a produção de inferências é essencial na análise de conteúdo, uma vez que a ação puramente descritiva é de pequeno valor. As inferências permitem a criação de relações entre os dados, assim toda análise de conteúdo implica em comparações, inclusive com abordagens teóricas.

Diríamos que produzir inferências em análise de conteúdo tem um significado bastante explícito e pressupõe a comparação de dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com os pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade. Situação concreta que se expressa a partir das condições da práxis de seus produtores e receptores acrescida do momento histórico/social da produção e/ou recepção (FRANCO, 2005, p. 28).

Em relação à criação de categorias, Franco (2005) considera que formular categorias é o ponto crucial da análise de conteúdo, sendo um processo longo, difícil e desafiante, que implica em constantes idas e vindas entre teoria e material de análise. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação

seguida de reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos (FRANCO, 2005, p. 57). A referida autora considera que a criação de categorias de análise exige esforço do pesquisador, que não possui “fórmulas mágicas” que possam orientá-lo, não sendo aconselhável que esse estabeleça passos apressados ou muito rígidos. “Em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho baseado em seus conhecimentos e guiado por sua competência, sensibilidade e intuição” (FRANCO, 2005, p. 58).

Nessa pesquisa, as categorias foram criadas *a posteriori*, ou seja, emergiram após a análise dos dados das entrevistas. De acordo com Franco (2005), as categorias não definidas *a priori* emergem da fala, do discurso, do conteúdo das respostas. As categorias devem ser criadas conforme surgem nas respostas, para depois serem classificadas quanto às convergências e divergências, deixando sempre espaço aberto para novas categorias. “As primeiras, quase sempre aproximativas, acabam sendo lapidadas e enriquecidas para dar origem à versão final, mais completa e satisfatória” (FRANCO, 2005, p. 58).

Dessa forma, as transcrições das entrevistas foram analisadas pela pesquisadora, que realizou a categorização das falas das entrevistadas. O processo resultou na criação de quatro grandes categorias, com 18 subcategorias, conforme apresentado no quadro 11.

Quadro 11 - Categorias de análise

(continua)

Categorias	Subcategorias	Descrição
6.4.1 Leitura	6.4.1.1 Interesse inicial pela leitura	Pessoas, instituições e contextos que influenciaram a formação das blogueiras como leitoras.
	6.4.1.2 Frequência de leitura	Tempo destinado à leitura literária, caracterizando as blogueiras como leitoras assíduas.
	6.4.1.3 Suportes de leitura	A leitura literária em <i>ebooks</i> e livros impressos.
	6.4.1.4 Necessidade de compartilhar leituras	Compartilhamento de leituras como fruto da necessidade de conversar sobre os livros lidos.
	6.4.1.5 Busca de informações sobre livros	Busca de informações antes e/ou depois da leitura. O encontro ocasional e a fuga dos <i>spoilers</i> .
	6.4.1.6 Apropriação da leitura	A apropriação da leitura como as diversas associações do texto literário ao contexto individual de cada leitora.

Quadro 11 - Categorias de análise

(conclusão)

Categorias	Subcategorias	Descrição
6.4.2 Identidade	6.4.2.1 Motivações	As principais motivações de cada blogueira para adentrar na blogosfera literária e para postar no <i>blog</i> .
	6.4.2.2 Representações do <i>blog</i>	As diversas formas como os <i>blogs</i> são concebidos pelas blogueiras: <i>hobby</i> , trabalho, forma de visibilidade, filho.
	6.4.2.3 Mudanças após o <i>blog</i>	As contribuições do <i>blog</i> na vida das blogueiras: amizades e sociabilidade; autoconfiança e reconhecimento.
6.4.3 Ações de informação	6.4.3.1 Produção de conteúdo	Compreensão das blogueiras sobre sua atuação como produtoras de conteúdo.
	6.4.3.2 Escrita de resenhas	Produção de resenhas críticas nos <i>blogs</i> , a importância da informação textual e a relação das blogueiras com a escrita.
	6.4.3.3 Sorteios e lançamentos	Outros conteúdos postados nos <i>blogs</i> : os lançamentos editoriais e os sorteios de livros.
	6.4.3.4 Produção de fotos	A forte tendência da produção de fotografias autorais nos <i>blogs</i> , uma forma de veicular informações sobre os livros lidos por meio das imagens.
	6.4.3.5 Atualização	A importância da atualização do <i>blog</i> como forma de manter os leitores.
	6.4.3.6 Transmídia	A presença das blogueiras nas mídias Instagram, Facebook, Twitter e YouTube.
6.4.4 Interação	6.4.4.1 Leitores	A importância dos seguidores, a relevância e a ausência de comentários. A discussão sobre a relação dos <i>blogs</i> literários com o incentivo à leitura.
	6.4.4.2 Blogueiros	A interação entre blogueiros: a leitura de outros <i>blogs</i> , a formação de <i>webrings</i> , os eventos literários, os sentimentos de amizade e competição.
	6.4.4.3 Mercado editorial	As parcerias firmadas pelos blogueiros com editoras e autores nacionais.

Fonte: Elaborado pela autora.

As próximas seções serão destinadas a apresentação do conteúdo de cada uma das categorias com suas respectivas subcategorias, nas quais analisou-se o discurso das entrevistadas à luz de abordagens teóricas.

6.4.1 Leitura

Na categoria leitura são apresentadas as práticas informacionais das entrevistadas no papel de leitoras de literatura, uma vez que, antes de atuarem como blogueiras, elas realizam leituras de livros. Identificou-se que a leitura literária ocupa um lugar de destaque na vida dessas blogueiras, que relataram sua paixão pelos livros. A seguir são apresentadas as seguintes subcategorias: interesse inicial pela leitura, frequência de leitura, apropriação da leitura, suportes de leitura, necessidade de compartilhar leituras e a busca de informações sobre livros.

6.4.1.1 Interesse inicial pela leitura

Para conhecer as práticas informacionais das blogueiras no papel de leitoras, considera-se importante compreender a historicidade da prática da leitura literária, ou seja, como elas tornaram-se de fato leitoras. Retomando Savolainen (1995), considera-se que a relação dos sujeitos com a informação é permeada por fatores sociais, culturais, individuais e temporais. Nesse sentido, evidencia-se o fato de que as entrevistadas não tornaram-se leitoras de forma arbitrária, mas tiveram uma trajetória histórica permeada de elementos influenciadores em determinado contexto que, juntamente às suas preferências individuais, culminaram na prática da leitura assídua.

Ao serem perguntadas sobre quando surgiu o interesse pela leitura, as blogueiras descreveram os seus respectivos processos de formação como leitoras. É perceptível que esses processos foram permeados por diferentes pessoas e instituições que incentivaram a leitura, como a família, a escola e os amigos. Em alguns relatos, as bibliotecas, tanto a escolar como a pública, apareceram como instituições utilizadas pelas entrevistadas para o empréstimo de livros. Além disso, a leitura de massa apresentou-se como grande propulsora de leitura entre quatro das oito blogueiras.

Não é por acaso que a família, a escola e os amigos emergiram nas falas das blogueiras ao relatarem seu interesse inicial pela leitura. Retomando Petit (2009) e a revisão de literatura realizada, o gosto pela leitura não surge por meio do simples contato material com os livros, pois para que uma pessoa possa apropriar-se efetivamente de um texto é necessário que ela tenha tido contato com alguém para quem os livros são próximos. Da mesma forma, Yunes (1995) considera que o processo de iniciação à leitura é envolvido por uma relação afetiva, que imprime contornos duradouros à experiência de ler.

Na pesquisa Retratos da Leitura do Brasil 4 (FAILLA, 2016), o mediador emerge como figura de destaque na formação dos leitores, sendo citados a família e os professores como os principais fomentadores da leitura. Na referida pesquisa, a mãe surge como a principal

influenciadora no gosto pela leitura, principalmente na primeira infância. Destaca-se que a figura da mãe é preponderante, principalmente se comparada à figura do pai ou de outros parentes. O incentivo da família pode ser percebido com maior ênfase no discurso de algumas blogueiras, que foram incentivadas à leitura desde crianças. Nos relatos, ao serem perguntadas sobre como se interessaram pela leitura, duas blogueiras logo se recordaram de suas mães.

MACABÉA: Minha mãe, ela é cristã, evangélica, então ela sempre leu pra gente histórias da bíblia. Então, desde pequenininha, minha mãe sempre gostou de pegar assim histórias e ela meio que transformava aquilo ali num conto, numa historinha pra poder contar pra gente, tipo a travessia do mar vermelho e tal, e parecia tão fantasioso que era quase que... Pra mim a bíblia não tem aquela conotação de algo muito místico né, muito sagrado, pra mim é como se eu tivesse lendo as histórias dos personagens que a minha mãe me contava.

Uma outra blogueira conta que era obrigada pela mãe a pegar livros na biblioteca da escola, ler e fazer resenhas. A mãe julgava se a resenha estava condizente com a história do livro ou não, para saber se a filha realmente tinha feito a leitura. A rigidez da mãe nesse quesito era justificada pela preocupação em manter as filhas em segurança dentro de casa, pois enquanto elas estivessem lendo, não estariam na rua. A blogueira relata que o fato de a mãe trabalhar fez com que ela tivesse mais autonomia e responsabilidade, ao mesmo tempo em que ler a transportava para outros lugares. Talvez por isso, ela compreendeu o incentivo, mesmo que feito de maneira obrigatória, como um ato positivo que efetivamente a aproximou dos livros.

LUCÍOLA: Então, minha mãe. Apesar de hoje ela achar que é muito vício da minha parte, ela que me incentivou. Ela era... Eu devia ter uns nove, dez anos, era obrigação pegar um livro na biblioteca. E a minha mãe, não sei que macumba, ela lia a primeira página e a última página, ela sabia de toda a história e queria resenha no final da semana. Ou seja, tinha que ler o livro durante a semana e falar com ela sobre o que se tratava a história. E ela julgava se a história era convincente ou não. [...] A minha mãe sempre trabalhou fora, sempre, sempre, sempre [...]. Eu passei a ter autonomia, passei a ter responsabilidades muito cedo. E a literatura é aquilo, ela faz com que você fique num lugar mas, ao mesmo tempo, te leva pra outros né. Então assim, Menino Maluquinho, Turma da Mônica... Por incrível que pareça, eu amo livro clássico, Lucíola, amo Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, José de Alencar é meu preferido... E eram livros que eu sempre li. Então assim, é... Sempre tinha um livro, mesmo que, mesmo pequeno assim. A minha mãe sempre fazia a gente ler, porque... porque a gente tava lendo a gente tava dentro de casa e não na rua. Então assim, era a forma dela manter a gente em casa enquanto ela tava trabalhando.

Houve também um outro caso de formação da entrevistada como leitora devido à forte influência da família, que ocorreu através da irmã mais velha. Por ser 25 anos mais velha, essa irmã também pode se enquadrar no papel de uma figura materna, que acompanhou a blogueira desde a infância, presenteando-a com livros e levando-a à biblioteca.

GABRIELA: Então, é desde pequena a minha irmã me influenciou muito pra ler, ela é bem mais velha que eu, ela é 25 anos mais velha que eu, então ela teve muita influência sobre mim enquanto eu estava pequena. Eu aprendi a

ler, ela que me levou na biblioteca pra fazer minha conta, ela me deu um box com clássicos, adaptados né pra criança, então tinha O Mágico de Oz, tinha O Patinho feio, essas coisas.

Uma das blogueiras afirma não saber exatamente como se interessou pela leitura, mas lembra que começou a gostar de livros na quinta série. Ela se lembra de ter lido a série Os Karas do autor Pedro Bandeira, uma coleção de livros de literatura infanto-juvenil amplamente divulgada no Brasil. Com o tempo, parou de ler. Só retomou a leitura por influência de uma amiga, uma blogueira literária.

IRACEMA: Nem sei quando eu comecei a ler, pra falar a verdade... Mas eu lembro de uma série que me marcou muito que foi aquele Os Karas do Pedro Bandeira, o que eu mais lembro é que eu comecei... Aí teve um tempo que eu parei de ler. Aí uma amiga minha me falou que ela tinha um *blog* e tal, eu falei 'Ah que legal, acho que eu vou começar a ler também né'. Aí a gente... Eu até comecei a trabalhar pra ela no *blog*, e nisso eu comecei a ler, e foi assim natural e meio instintivo sabe.

A escola foi lembrada por algumas entrevistadas como uma instituição que colaborou para que elas se tornassem leitoras. A figura da professora como promotora de leitura aparece no depoimento de uma das blogueiras.

CAPITU: Eu tinha mais ou menos uns 12 anos e eles sempre incentivam a leitura assim na escola, escola pública, tipo toda sexta-feira a gente tinha que pegar um livro e ler. E aí eu comecei a engajar um pouco assim na leitura [...].

GABRIELA: [...] E a escola também ela incentivava muito, sempre tinha alguma coisa relacionada à leitura.

MACABÉA: Então eu aprendi a ler, quando eu entrei na escola, primeiro ano lá da escola, eu já sabia ler. Já tava muito adiantada. E por eu estar muito adiantada, eu acabava lendo muito mais do que as outras crianças né. A professora acabava que, enquanto ela tava alfabetizando os outros alunos, ela me dava outra coisa pra eu fazer. E essa outra coisa acabava sendo um livrinho pra eu ver e tal.

Em alguns casos, a leitura literária promovida pela escola foi lembrada negativamente. Nesses relatos, a escola apareceu como uma instituição que desmotivou a leitura, pois o incentivo ocorria na forma de leituras obrigatórias.

ANA TERRA: Meu contato com a leitura era coisa obrigatória do colégio, sabe. O professor passou o livro tal, você tem que ler pra fazer trabalho. Eu lia obrigada, detestava, porque ninguém merece ler coisa obrigada. E nem sempre era de um gênero que me interessava.

EMÍLIA: [...] Porque eu lia? Lia. Só que na época da escola eu parei de ler, porque eu peguei aqueles livros pesados de ensino médio e parei.

A biblioteca escolar foi recordada por algumas blogueiras como uma instituição da qual elas eram usuárias, realizando empréstimos de livros, uma vez que elas não tinham livros em casa. Entretanto, é perceptível que não há menção de bibliotecários ou outros profissionais atuantes na biblioteca, nem de projetos de promoção da leitura existentes no local, sendo o único serviço oferecido o empréstimo domiciliar de livros.

PESQUISADORA: Essa biblioteca que sua mãe falava pra você pegar livro era da escola?

LUCÍOLA: Escola, escola. Acho que eu li uns 40%. Dos meu nove aos meus quatorze anos.

PESQUISADORA: Do que tinha na biblioteca da escola?

LUCÍOLA: Sim. E eram livros antigos né, então assim era o que eu tô te falando, clássicos... É... Encarnação do José de Alencar, A Moreninha, esses livros assim... Todos eu li, hoje em dia eu tô relendo porque é uma outra visão né. Porque antigamente eu li com dicionário pra entender o que tava escrito, hoje em dia é mais aquela percepção...

MACABÉA: E tive muito livro na escola porque em casa, como meus pais não tinham condições financeiras de ter livros em casa, eu quase não tinha livro. Mas eu lia muito livro da escola, da biblioteca da escola. Desde pequena assim, comecei lá lendo os pequenos clássicos que a gente vê aí dos Irmãos Green, as várias adaptações que tem, depois fui ler Vaga-Lume, fui ler romance de banca e... Foi a vida toda, sempre foi algo que eu adoro.

O uso da biblioteca escolar foi evidenciado por uma das blogueiras, entretanto ela ressalta as falhas da instituição, como a escassez de exemplares que causava longas filas de espera para empréstimo de livros.

ANA TERRA: [...] eu sempre ia na biblioteca atrás de alguma coisa. Lá na escola tinha um volume de Crônicas de Nárnia, eu nunca consegui pegar, eu sempre ficava na fila de espera, nunca eu chegava, nunca chegou a minha vez. Por fim eu tive que comprar o livro pra conseguir ler. Mas aí eu não parei mais.

PESQUISADORA: Você usava a biblioteca da escola então?

ANA TERRA: Sim, eu estudei em escola estadual.

A biblioteca pública foi citada somente por uma das entrevistadas, residente na cidade de Ribeirão das Neves. Ela lembra com afeto das facilidades de ter uma biblioteca próxima a sua casa.

PESQUISADORA: Essa biblioteca que você citou é a Biblioteca Pública de Ribeirão das Neves?

GABRIELA: Biblioteca Pública de Neves. Antes ela ficava aqui na praça né, quando eu tava pequena, a primeira vez que eu fui. E aí teve uma época, quando eu morava lá embaixo, ela mudou lá pra perto, então era só eu subir a rua que eu tava na biblioteca. Acho que foi a melhor época pra mim, porque era bem rápido. Aí eu subia, pegava livro. Depois descia, lia tudo. Depois voltava lá, era bem mais fácil.

Curiosamente, metade das blogueiras relatou que o seu interesse inicial pela leitura surgiu devido ao lançamento de um romance *best-seller*: o livro *Crepúsculo*. Dumont (2000a, p. 166) define a literatura de massa como “os livros de ficção, tipo *best-sellers* e os de bolso, normalmente vendidos em bancas de revistas”. De acordo com Dumont (2000b, p. 12), a literatura de massa é considerada um contraponto à literatura erudita, consagrada, acadêmica ou até mesmo clássica, possuindo várias designações como “literatura popular, marginal, paraliteratura, subliteratura, contraliteratura, antiliteratura, literatura *underground*”. Segundo a referida autora, a análise da literatura de massa oscila entre a crítica severa e uma relativização de seus efeitos. Em geral, as críticas a essa literatura baseiam-se nos seguintes argumentos: é considerada como um instrumento de dominação que homogeneiza os gostos, inibindo o questionamento e a criatividade; transmite o discurso da classe dominante,

induzindo o leitor a nele acreditar; funciona como catarse, fuga, escapismo ou evasão provocando a alienação (DUMONT, 2000a, p. 168).

Em oposição, Dumont (2000a) apresenta alguns elementos que relativizam os efeitos provocados da leitura de massa, afirmando que toda leitura acrescenta algo à bagagem de conhecimentos do leitor, de acordo com sua vivência. Os meios de comunicação em massa podem ser considerados instrumentos da democracia, podendo veicular valores das classes subalternas. Além disso, podem ajudar na solução de problemas metafísicos, e, por serem produtos mais baratos e acessíveis, podem promover a cultura e a instrução, proporcionando também lazer e descontração para grande parte da população.

O fato de metade das blogueiras terem se tornado leitoras devido a um mesmo livro, demonstra a capacidade da literatura de massa em marcar toda uma geração. A saga *Crepúsculo* trata-se de uma série de livros de fantasia constituída de quatro volumes, que conta a história de uma adolescente que se apaixona por um vampiro. De acordo com o *site* oficial⁴⁷, o primeiro volume intitulado *Crepúsculo* teve sua primeira publicação em 2005 e figurou como *best-seller* número um do *The New York Times* e do *USA Today*. A saga vendeu 155 milhões de cópias em todo o mundo. Em 2008, *Crepúsculo* foi adaptado para o cinema e o outros volumes da série também viraram filmes nos anos seguintes.

No relato abaixo, a blogueira conta como o livro estimulou o seu gosto pela leitura:

CAPITU: [...] só que desengatou [a leitura] mesmo quando eu conheci *Crepúsculo*. E aí eu li o primeiro livro e o segundo, e aí me apaixonei, li o resto e aí continuei, aí fui lendo tudo que aparecia. Eu gosto bastante de romance também, é o segundo gênero preferido. E aí foi com *Crepúsculo*.
 PESQUISADORA: Qual idade que você tinha?
 CAPITU: Uns 12, 13 anos.

Em outro caso, *Crepúsculo* foi recomendado por uma amiga, que julgou a importância do livro ao afirmar que ele seria adaptado para o cinema. O interesse da entrevistada pelo livro resultou na leitura de outro *best-seller*, a série *Percy Jackson*.

CECI: [...] uma amiga falou 'Tá lançando *Crepúsculo*, vão fazer um filme'. Aí comecei com *Crepúsculo*, então assim minha iniciação no mundo literário foi *Crepúsculo*. Aí depois *Percy Jackson* e foi indo, foi indo, foi indo... E agora eu tenho mais de 600 livros em casa, não parei mais.

No caso de Ana Terra, o interesse pelo livro *Crepúsculo* surgiu da necessidade de ocupar um lugar social, espelhando-se em uma colega vista como a líder da turma. Ela relata que *Crepúsculo* "explodiu", referindo-se ao fenômeno literário e cinematográfico. A entrevistada assistiu ao filme, uma vez que "todo mundo assistia" e se interessou pelo livro. Em seu depoimento, é notório como a família, no caso os pais, mesmo não sendo leitores, investiram na aquisição do livro para a filha, como forma de incentivá-la a ler.

ANA TERRA: Aí quando eu tava na sétima série, *Crepúsculo* explodiu, todo mundo assistia *Crepúsculo*, todo mundo lia *Crepúsculo*. Aí eu falei 'Ué vamos

⁴⁷ Disponível em: <<http://www.thetwilightsaga.com/>>. Acesso em 21 set. 2018.

ver esse negócio'. Aí eu vi o filme, gostei. E tinha as meninas da minha sala, que era bem parecido com a Regina George do Meninas Malvadas, tem a menininha que é a chefe e aí todo mundo queria ser igual ela, aí tinha uma moça assim e ela lia Crepúsculo. Eu falei 'Vou ler esse negócio também'. Aí eu li Crepúsculo, eu demorei bastante pra ler. Minha mãe comprou o livro pra mim de presente, porque eu cheguei em casa pedindo e ela nunca tinha visto eu pedir um livro, ela falou 'Vou comprar né, vamos apoiar esse negócio'. E eu achei interessante porque os meus pais não têm muito costume de leitura, mas eles queriam que eu e minha irmã lêssemos [...]. Aí ela me deu o livro de presente, eu li Crepúsculo, demorou bastante. Mas, assim que eu terminei de ler Crepúsculo, eu li Lua Nova, li Eclipse, na época ainda não tinha lançado Amanhecer. É, eu li os dois em um mês, pra quem não tinha hábito de leitura foi bastante rápido. E aí eu não parei [...].

Após um período tumultuado na faculdade, uma das entrevistadas teve o seu interesse pela leitura renovado ao ler o livro Crepúsculo, uma vez que só realizava leituras acadêmicas. A blogueira foi incentivada a ler o livro depois de assistir a sua adaptação para o cinema.

EMÍLIA: E aí eu assisti Crepúsculo na TV e isso me puxou de novo pra literatura. [...] Na faculdade eu tava lendo só livro de direito, livro de literatura não tava lendo nada. Aí quando eu acabei esse período e assisti Crepúsculo, eu fui procurar o livro. Li, fiquei apaixonada. Aí comecei a procurar alguma outra coisa que me apaixonasse, fui pro romance de banca. Depois do romance de banca fui procurar... Aí acabei caindo no romance, foi aí que o romance entrou, que eu lia tudo de romance. E aí foi nesse período meu de maluquice que eu voltei a me apaixonar pela literatura.

No relato das blogueiras sobre sua formação como leitoras emergiu a figura de mediadoras de leitura – a mãe, a irmã, a amiga, a professora. Curiosamente, todas as fomentadoras de leitura citadas são figuras femininas. Também foram lembradas as instituições que contribuíram para que as leitoras tivessem acesso aos livros, como a biblioteca escolar e a pública. Em alguns casos, a obrigatoriedade da leitura promovida pela escola foi lembrada negativamente. Um fato surpreendente foi o potencial da literatura de massa no incentivo à leitura, uma vez que metade das blogueiras se tornou leitora devido ao mesmo livro.

6.4.1.2 Frequência de leitura

A frequência de leitura pode ser compreendida como uma ação que demonstra o gosto pela leitura e sua incorporação no cotidiano das leitoras, uma vez que a procura frequente por livros e as leituras realizadas promovem um contato contínuo com a literatura, que resulta na apropriação de informações. Dessa forma, o período de tempo destinado à leitura literária auxilia na caracterização das blogueiras como leitoras assíduas. É necessário enfatizar que, ao analisar a frequência de leitura, o mais importante não é a quantidade de livros lidos, mas o contato frequente das blogueiras com a prática da leitura.

É evidente que algumas entrevistadas tentam estabelecer frequências de leitura, apesar do esforço, elas relatam que nem sempre é possível cumprir a meta. A falta de tempo

devido à faculdade foi a justificativa de uma das blogueiras para a redução da sua frequência de leitura. No caso das blogueiras que são universitárias, elas consideram que sua frequência de leitura aumenta nos períodos de férias da faculdade.

ANA TERRA: Eu tento manter um livro por semana, tem semana que dá, tem semana que não dá. Tem semana que eu consigo ler mais, tem semana que eu leio um livro e meio, às vezes até dois. Vai depender muito de como tá a minha situação na faculdade, de quanto tempo eu consigo separar pra ler. Geralmente eu venho pra faculdade lendo e volto lendo, e se eu tenho algum intervalo. Nas férias isso aumenta porque eu tenho muito menos coisa pra fazer. Então é uma frequência meio bagunçada.

GABRIELA: Ó, por mês eu tento manter uma média de quatro livros, eu tento ler um livro por semana. Porque... Pelo *blog* mesmo, porque eu sempre gravo aquelas leituras do mês, então acho que ter um livro por semana assim é a minha meta. Porém, quando chega férias eu consigo ler mais, porque eu tô em casa, não tem faculdade, aí geralmente sobe pra seis, sete livros por mês.

CAPITU: Atualmente é bem complicado, porque eu não tenho tempo, de verdade. Mas eu consigo ler melhor assim em férias, por exemplo, eu entrei em férias tem uma semana, então tô resolvendo problemas e depois eu começo com a leitura de novo. Mas no período de faculdade é bem complicado. Mas eu já cheguei numa meta assim de leitura muito boa, de conseguir ler tipo 30 livros no ano, eu acho isso muito bom. Só que isso é numa época assim, alguns anos atrás. Quando eu tinha mais tempo né... Mas eu pretendo voltar, como eu tô no último período, eu espero conseguir ler mais ano que vem.

Mesmo com muitas tarefas no trabalho, uma das blogueiras consegue manter uma frequência de leitura bem alta, lendo dois livros por semana. Apesar disso, ela se cobra para ler mais livros.

EMÍLIA: Ó, eu não tô numa época boa agora porque eu tô bem agarrada no trabalho então eu tô lendo uma média de dois por semana [...]. Pois é, numa época boa minha é tipo quatro por semana. Isso é uma época excelente. Excelente mesmo. Mas eu não tô numa época boa. Tanto que a minha meta esse ano era 100. Eu acho que eu não vou conseguir essa meta de 100 livros. Pra mim é uma meta muito ruim essa meta que eu tenho de 100 livros é muito ruim.

Outra blogueira consegue mensurar suas leituras por semana ou por mês, afirmando que lê sempre que possível. A entrevistada relata a dificuldade em conciliar trabalho, família e suas leituras, restringindo seu tempo de leitura a pequenos intervalos, como seus horários de almoço, durante a o trajeto de ônibus ou enquanto seu filho está brincando.

LUCÍOLA: Menina, sempre que eu não tô fazendo... Tipo assim, sempre que eu não tenho algo que eu precise me concentrar. É... Ônibus, fila, às vezes meu filho tá andando de bicicleta, eu sento ali no meio fio, ele tá andando de um lado pro outro, de vez em quando eu só levanto a cabeça pra ver se não tá vindo carro alguma coisa... Mas assim, sempre que eu posso, eu tô lendo [...]. Ou então às vezes questão de tempo também, porque como trabalha fora, tem filho, tem família, tem o Bruno meu namorado, então assim às vezes... Por exemplo, quando eu não tava trabalhando, em dezembro do ano passado, eu li 23 livros então tinha resenha no *blog* até junho de tudo que eu li em um mês. Mas, por exemplo, mês passado eu li um livro só [...]. Hoje em dia eu trabalho de oito às seis, aí chega em casa tem que dar conta de para casa de menino, tem que dar conta de... sabe. Aí eu tenho meia hora pra ler de manhã, de manhã não, no horário do almoço. Eu almoço e tenho meia

hora pra ler. Então, às vezes eu demoro tipo um mês pra ler um livro de 200, 300 páginas.

Algumas blogueiras afirmaram que a frequência de leitura depende muito do livro em si, do gênero e da quantidade de páginas. Além disso, a frequência de leitura é afetada pelo humor e pela fase da vida em que se encontram. Como exemplo, uma entrevistada afirma ter passado pela “crise dos 30 anos”, diminuindo seu ritmo de leitura.

IRACEMA: Então eu tava com uma média de oito a dez por mês, mas depende sabe... Depende do livro também. [...] Depende muito do livro pra gente saber se tem aquela... Pra gente ler rápido ou não. Mas é o que? Dois a três por semana, depende. Mas depende, teve uma época que eu lia tipo cinco por mês. Depende da época da vida também né. Coloca oito aí por mês.

CECI: Ah, eu tive a minha crise dos 30, depois eu dei uma diminuída no ritmo de leitura, mas eu consigo ler mais de três livros por mês. Assim, depende, tem mês que eu posso tá super empolgada e ler 10 livros e tem mês que nem agora eu tô super garrada com um livro que eu recebi, o livro é 1.200 páginas, então ele fica um pouco mais garrado comigo. Mas vai depender de como eu tô, como tá meu humor no mês. Dependendo até do gênero, porque às vezes tem alguns livros que eles são lentos, então até você entrar no ritmo, essa leitura fica um pouco mais arrastada, mas tem livros que você lê numa tarde.

Conforme relatado pelas entrevistadas, é perceptível que a frequência de leitura é variável, uma vez que a maioria das blogueiras relativiza a quantidade de livros que lê em um determinado período de tempo. É evidente que o contato dessas leitoras com os livros é constante, de forma que a leitura foi incorporada no seu cotidiano. Constata-se que existe nos discursos das blogueiras a recordação de um passado no qual elas liam mais ou o destaque para uma época específica do ano em que leem mais livros. Essas falas demonstram um desejo das blogueiras de afirmar que seu desempenho como leitoras pode ser melhor do que relatam no momento, como se quisessem afirmar que conseguem ser leitoras “melhores” do que são agora.

6.4.1.3 Suportes de leitura

A subcategoria que aborda os suportes de leitura surgiu de maneira inesperada, uma vez que não havia nenhuma pergunta no roteiro da entrevista semiestruturada relacionada a leitura de livros eletrônicos e/ou impressos. Somente uma das blogueiras não se posicionou quanto a essa temática.

Verificou-se que as entrevistadas fazem uso dos livros eletrônicos por meio de leitores digitais, como o Kindle ou Kobo, ou até mesmo pelo celular. Entre os principais motivos para leitura de *ebooks*, elas citam a facilidade e rapidez de leitura do livro digital e até mesmo a preservação do livro impresso. Contudo, o principal motivo para leitura de *ebooks*, presente na fala da maioria das blogueiras, foi o peso do livro impresso e sua dificuldade para transporte. Nesse sentido, Chartier (2009) considera que o leitor do texto eletrônico é mais

livre, pois tem uma relação não corporal com o texto, não sendo necessário que o leitor segure um livro com as mãos e vire as suas páginas.

Algumas blogueiras alegaram possuir tanto o livro eletrônico como o livro físico, tendo o costume de alternar entre os dois suportes. Carrenho (2016) afirma que os *ebooks* atraem primeiramente aqueles que já são leitores, pois são eles os mais dispostos a mudar seus hábitos de leitura, sendo mais curiosos em relação aos novos suportes e mais interessados em investir em um aparelho de leitura. “[...] o leitor de livros digitais é o leitor assíduo que tem passado a realizar suas leituras também no formato digital” (CARRENHO, 2016, p. 106). Na figura 16, é possível visualizar o mesmo livro no formato impresso e em *ebook*, a fotografia foi postada pelas blogueiras do Marshmallow com Café.

Figura 16 – Livro *Outlander* nos suportes eletrônico e impresso



Fonte: Perfil do Instagram do *blog* Marshmallow com Café, 2018. ⁴⁸

Em alguns relatos, as blogueiras narram a facilidade de ler livros eletrônicos quando se está fora de casa, uma vez que os leitores digitais e celulares são mais leves que o livro físico, além de que o transporte de um livro de papel pode danificá-lo. Já uma das blogueiras considera que as ruas de Belo Horizonte são perigosas para se usar o leitor digital ou celular, preferindo carregar o livro impresso ao sair de casa e ler *ebooks* em outras ocasiões.

EMÍLIA: [...] eu sempre tenho o livro físico e o livro em *ebook*, porque quando eu tô na rua eu não vou ler um livro físico, até eu pegar ele na bolsa, abrir, achar a página que eu tava lendo, já perdi muito tempo. Quando você lê no celular, você lê muito mais rápido. É uma coisa que eu já aprendi, que eu tipo

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/marshmallowcomcafe/>>. Acesso em: 19 set. 2018.

coloco na minha vida, tenha o livro físico e o *ebook*, porque o *ebook* você consegue ler muito mais rápido.

IRACEMA: Inclusive, costumo ter o físico e o *ebook*, porque as vezes eu tô no celular aí eu vou ler sabe... Eu cuido muito dos livros, às vezes até pra não estragar o livro eu falo 'Ah não vou levar ele pra rua não', daí eu leio... Leio muito, muito. Eu tenho muito livro, tem vez que eu fico pensando nossa era melhor ter tudo em *ebook* sabe porque menos espaço e tal. Mas ao mesmo tempo, eu gosto de ter o livro, então eu fico nesse conflito aí eterno.

LUCÍOLA: Tanto que eu sempre leio mais de um livro, é sempre um livro físico, porque as nossas ruas não estão seguras assim, e um livro digital, sempre. Então livro e Kindle tão sempre na bolsa, sempre na mochila, sempre do lado do travesseiro assim, isso aí é sempre [...]. Por exemplo, livros já publicados ou livros de autores que são parceiros do *blog*, eu leio sempre no Kindle. Mas, por exemplo, eu leio da plataforma Whattpad, aí eu leio no celular. É... e livro físico também. Livros muito grossos eu tento sempre, tipo assim Stephen King, Game of Thrones, eu sempre tento manter nas duas plataformas, porque às vezes você quer ler na rua, aí você tá com o físico, às vezes o livro é muito grande e você tá com uma bolsa muito pequena, então o Kindle cabe em qualquer lugar, então assim sempre tem...

Outra entrevistada também costuma ter livros nos dois suportes, mas define sua preferência pelo livro eletrônico, defendendo a praticidade de poder levar vários livros consigo sem precisar carregar peso. Ela possui livros físicos porque se considera uma consumista, gostando de colecioná-los.

CECI: Eu leio muito *ebook*. Hoje em dia eu prefiro ler no Kindle do que ler no papel. Mas eu sou uma consumista então eu tenho o *ebook*, mas eu tenho o livro de papel. De papel não, publicado né, impresso. Eu tenho o livro impresso e tenho o livro digital, o *ebook*. Eu prefiro, como eu falei, já prefiro ler, é muito mais prático, mais leve, se eu não tô gostando eu mudo pra outro *ebook*... Se eu tô carregando um livro comigo, eu tenho só aquele, só aquele que eu vou poder ler. Eu apoio, só acho muito caro ainda, os livros digitais aqui no Brasil acho um pouco caro...

As blogueiras Ana Terra e Gabriela tinham um preconceito inicial com o *ebook*, que foi desconstruído após o reconhecimento das facilidades da leitura do livro eletrônico. As duas contam situações em que abandonaram livros impressos para ler a obra no formato digital, por serem livros muito grandes e pesados ou uma edição antiga com cheiro de mofo. Esses relatos exemplificam a praticidade de ler livros eletrônicos no dia-a-dia das blogueiras.

ANA TERRA: Eu tinha muito aquela imagem de que livro se não for de papel não presta. Só que aí, por exemplo, eu peguei pra ler *Outlander*, aquele livro é enorme! Eu tinha o *Viajante do Tempo*, só que eu leio no ônibus, trazer aquilo todo dia é muito pesado. E eu queria ler, mas pesava. E você ler um livro grande não é confortável, não dá pra você ler de qualquer jeito. Eu acho que eu consigo ler de qualquer jeito porque eu tenho o Kindle, ele é leve, eu consigo manusear ele com uma mão, então isso ajuda bastante. E como eu consegui os livros de *Outlander* no Kindle, facilitou bastante, eu até vendi o meu [...]. Acabei desfazendo do meu livro e ficando só com a versão em Kindle. E aí, a partir daí eu percebi que não... Que ele não veio pra acabar com o livro impresso, ele veio pra agregar. Eu prefiro livro impresso? Prefiro. Mas tem hora que eu não consigo ler, eu vou ler um livro de 800 páginas dentro do ônibus apertada? Não dá. Então nesses momentos o Kindle é melhor pra mim, mas se eu posso ler meu livro de 800 páginas deitada na minha cama, ótimo.

GABRIELA: Então, agora eu tô aproveitando mais *ebook* do que antes. Antes eu era bem... Aquele preconceito né, não vou ler *ebook* [...]. Então, eu tinha um certo preconceito, agora eu tô deixando de lado, porque eu tô vendo que eu tô rendendo muito bem no livro digital também, sabe. E eu tô tendo preferência porque eu vou pra faculdade, então pra ficar carregando peso é difícil, então quando o livro é maior eu prefiro ler o *ebook*. Tipo Os Irmãos Karamazov, eu ganhei ele físico, só que é uma edição deste tamanho e é uma edição antiga, então o texto tá com a letra desse tamanho, socada, e já tem aquele cheiro de mofo, porque já é uma edição velha. Então eu falei gente não vou ler isso aqui não, então eu peguei o *ebook*, entendeu, li no *ebook* [...]. E eu percebi que eu tô rendendo melhor no livro digital, eu tô lendo Jane Eyre muito bem, tá fluindo assim. Também porque o livro é um livro gostoso, sabe. Mas quando é um livro também que eu tenho um certo pé atrás pra comprar, tipo ah eu não vou comprar, será que eu vou gostar mesmo, vai ficar aqui na estante... aí eu pego o *ebook* primeiro, entendeu. Às vezes é mais confortável, porque carregar peso pra lá e pra cá é muito difícil.

Somente uma das blogueiras afirmou não gostar de ler livros eletrônicos, apesar de reconhecer a sua praticidade. Ela considera que o livro impresso é melhor, devido a um apego pessoal às suas características físicas, como a textura do papel e as edições. Mas, ao final de sua fala, ela afirma que ainda não conseguiu aceitar o suporte, o que sugere que futuramente possa aceitá-lo.

CAPITU: Não gosto. Eu gosto do livro físico, gosto de ter os livros, da sensação de passar a página... Mas porque eu gosto mesmo de edição sabe. Aí eu acho que perde a característica do livro quando você tá lendo no *ebook* sabe... É muito prático, mas é um negócio que eu não consegui aceitar ainda não.

De modo geral, por meio do discurso das blogueiras, fica evidente a facilidade que a maioria delas possui em transitar pelos dois suportes de leitura, o livro impresso e o livro eletrônico. As vantagens do livro eletrônico relatadas foram: a facilidade de transporte, a leveza do aparelho, a possibilidade de possuir vários *ebooks* disponíveis no leitor digital e a rapidez da leitura nesse suporte. Já o livro físico foi lembrado com maior afetividade, como algo para se preservar, colecionar e ler no conforto de casa.

6.4.1.4 Necessidade de compartilhar leituras

Foi investigada a necessidade das blogueiras de compartilhar as suas leituras. A pesquisadora perguntou se após a leitura de um livro interessante, as blogueiras sentiam vontade de recomendá-lo para outras pessoas. As entrevistadas afirmaram que sentem vontade de conversar sobre as leituras realizadas, recomendar os livros para os amigos e disseminar a leitura.

Algumas blogueiras brincam ao dizer que, após ler um livro muito bom, obrigam os amigos a lerem também. Para elas, a necessidade de compartilhar a leitura é fruto de uma vontade de discutir alguns aspectos da história e de incentivar os amigos a lerem os mesmos livros.

CECI: Até obrigo a ler. Ah minha filha, a Natasha que tava aqui comigo, eu sempre falo com ela 'Pode ler esse Natasha', ela fala 'Ah então eu vou ler'. Então assim, eu recomendo demais... Natasha pegou um livro pra ler, ela leu 100 páginas e falou 'Ceci, eu não gostei'. E era um livro indicado meu, aí eu olhei pra cara dela e falei assim 'Natasha, você pode pegar esse livro e terminar de ler'. Quando ela terminou, hoje ela me agradece, ela falou 'Nossa Ceci, o livro era realmente muito bom'. Eu falei 'Termina de ler porque você não chegou na parte interessante' [risos].

ANA TERRA: Eu tento obrigar as pessoas a ler [risos]. Afinal de contas, eu preciso ter alguém pra discutir. Nem sempre a gente consegue encontrar pessoas que leem a mesma coisa que você. Então quando você encontra alguém que gosta de ler, você quer que ela leia mais ou menos a mesma coisa, pra vocês poderem discutir ah e tal coisa, que você acha que aconteceu, porque você acha que aconteceu aquilo, e se fulano tivesse feito diferente, o final tinha sido diferente? Eu acho essa troca muito interessante.

Em seu depoimento, Macabéa ressalta que compartilhar leituras é uma forma de transformar o ato de ler, solitário e intimista, em uma ação coletiva. Essa percepção da blogueira está em concordância com Petit (2009), que considera que os espaços de leitura livremente compartilhadas são capazes de retirar o leitor da sua solidão. A autora afirma que o compartilhamento das experiências de leitura com outras pessoas permite a criação de conexões entre o eu e os outros, pois os leitores se sentem vinculados, descobrindo que dividem as mesmas emoções e confusões.

MACABÉA: Impossível não recomendar. Na verdade, eu não recomendo né, a gente intima o amigo da gente a ler. Você precisa ler esse livro, vai mudar a sua vida! Eu não consigo ler e não fazer isso. E acho até que eu ter criado o *blog* acabou sendo isso também, sabe. Uma maneira de você poder falar com as outras pessoas que 'olha, esse livro é tão legal' [...]. Eu normalmente recomendo, recomendo, presenteio, se eu achar que é bom demais vou te dar o livro, pra garantir que você vá ler o livro [...]. E eu acho que a literatura, ela precisa disso, porque ler é uma coisa muito individual, você acaba ficando muito sozinho, quase todo mundo que lê fica meio estigmatizado de pessoa que fica isolada né, aquela pessoa que gosta de ficar sozinha, é o universo dela. Quando você lá ali tá você e seu livro, não é uma coisa que dá pra você compartilhar. E isso que a gente tá fazendo agora [o *blog*], me deu uma perspectiva diferente, de você encontrar pessoas que gostam daquilo que você gosta também e poder dividir com elas sua opinião, trocar ideia. Isso eu tô achando totalmente diferente de tudo aquilo que eu já vi, da maneira como eu me comportava como leitora, acho que agora eu tô sendo mais interativa com as outras pessoas, tem sido bem legal.

A associação entre a necessidade de compartilhar leituras e realização de postagens no *blog* foi rapidamente feita por Capitu e Gabriela, que afirmaram indicar livros para amigos, mas também postarem nos seus respectivos *blogs* recomendando as leituras.

CAPITU: Recomendo. Eu sempre tento pensar numa pessoa que eu acho que vai dar certo com aquele livro, tipo já é do estilo da pessoa. Ou no caso, eu faço a postagem no *blog* e vou divulgando esse *link*, a pessoa que gostar é isso aí.

GABRIELA: Nossa quando eu amo o livro, eu não paro de falar do livro. Aí toda hora eu falo, no almoço com as pessoas lá de casa, depois eu falo no WhatsApp com os amigos, grupo de leitura, porque a gente tem vários grupos de leitura no WhatsApp, tem o grupo do Clube do Livro, tem o grupo da leitura conjunta do Cultura Pocket, tem o grupo da leitura conjunta do DNA Literário,

então você sai mandando vários livros, comentando. Aí no *blog* também a gente faz resenha, faz vídeo, faz *post* no Instagram também recomendando.

Algumas blogueiras costumam recomendar até mesmo os livros que acham ruins, pois consideram que uma outra pessoa pode achar interessante. O fato de indicar livros que não gostaram, evidencia que as blogueiras consideram a leitura como uma ação positiva, independente do livro ser bom ou não, o que elas julgam relevante é o ato de ler em si. Essa questão fica clara na fala de Lucíola, que afirma ter vontade de disseminar a leitura devido ao seu caráter transformador.

LUCÍOLA: Sempre, mesmo livros ruins, mesmo livros que eu não goste. É... No *blog* eu sinto essa liberdade, que eu posso falar sobre... sobre tudo. E mesmo que as pessoas me julguem, é a minha versão, é a minha história aquilo ali. É tipo um diário que eu deixo as pessoas lerem. [...] Quando você fala de livros, você quer disseminar a leitura pro maior número de pessoas possível, por isso que tem tantas plataformas que falam de livros, tantos *sites*, tantos *blogs*, canais, Instagrams, porque a ideia principal é fazer com que mais pessoas leiam, porque a leitura ela te transforma, esse é o meu ponto de vista.

EMÍLIA: Ah, recomendo. Na verdade, mesmo que eu não goste do livro, eu recomendo, porque eu não gostei, a outra pessoa eu não sei se ela vai gostar ou não. Então geralmente eu falo o que eu achei do livro, tipo se eu for falar com você, eu falo o livro fala disso e disso e disso, eu não gostei muito não, mas pode ser que você goste. E tem uma coisa que as pessoas não prestam atenção, às vezes eu não gostei, mas é a hora que eu tô lendo. Eu já li um livro que eu não gostei, aí eu falei assim eu vou dar outra chance pra ele, quando eu dei essa outra chance numa outra época eu me apaixonei pelo livro. Eu não aguentava pensar no livro quando eu li a primeira vez.

IRACEMA: Recomendo sempre, sempre. Até falo dos livros se eu não gostar, mas lá no *blog* a gente faz resenha negativa né, acaba que é gosto pessoal né. Eu sempre deixo no final olha, eu não gostei, não dá pra agradar todo mundo né, mas quem sabe você goste [...]. Mas eu sempre recomendo sim. Sempre. Até mesmo quando não é livro de parceria, tipo o livro que eu comprei sabe, aí eu recomendo assim mesmo, sem ser no *blog*, às vezes pra amigos. Por favor, leiam pra comentar comigo. Acho que isso é o principal.

Todas as blogueiras afirmaram sentir necessidade de compartilhar as suas experiências de leitura. Recomendar o livro lido para os amigos ou fazer uma postagem no *blog* contando a sua opinião sobre a leitura são modos que essas leitoras encontram de socializar suas leituras. Após a leitura solitária, que propicia a vivência de emoções, a reflexão e a apropriação de informação, essas leitoras necessitam compartilhar essas experiências. Elas sentem o desejo de interagir com outros que possam ter experienciado essas mesmas leituras ou recomendam que outros leitores também as vivenciem.

6.4.1.5 Busca de informações sobre livros

O sujeito informacional busca por informações de diversas formas. No caso das blogueiras, a necessidade informacional pode vir antes da leitura, de maneira que elas procuram informações sobre os livros que desejam ler para saber se o conteúdo é de seu

interesse. Mas, na maioria dos casos, as blogueiras sentem necessidade de informação após a leitura, realizando buscas sobre opiniões de outras pessoas sobre o livro que leram, pretendendo esclarecer aspectos da narrativa, saber se o livro foi bem avaliado e se outros leitores gostaram ou não da experiência de leitura. Essas buscas nem sempre são realizadas de maneira formal, podendo acontecer informalmente, na forma de conversas com amigos. A busca informal é evidenciada por Savolainen (1995) ao enfatizar que, muitas vezes, as pessoas procuram por fontes informais de informação. Como exceção, foram identificadas duas blogueiras que relataram ausência da necessidade de buscar informações sobre livros.

Dessa forma, as blogueiras relataram suas experiências em buscar (ou não) informações sobre os livros que desejam ler ou comentários de outras pessoas sobre as leituras realizadas. Muitas das buscas por informações sobre livros ocorrem por meio da *web*. As blogueiras citaram os *blogs*, o YouTube, o Skoob e o GoodReads como plataformas nas quais procuram informações sobre livros literários. O aplicativo WhatsApp também foi citado como fonte de informação sobre livros, uma vez que, em grupos de blogueiros, são realizadas diversas trocas informativas sobre os lançamentos literários e comentários sobre livros.

CECI: Lá no *blog* somos quatro, então a gente sempre comenta entre si os livros. E dependendo lê e fala 'Ah não lê não', aí você passa... ou 'Lê que é ótimo', aí você lê... E também a gente tem um grupo no WhatsApp de blogueiras daqui de Belo Horizonte, então sempre a gente tá lá comentando a respeito da leitura, então a gente vê o que sai, até assim ah será que eu vou gostar, aí a gente vê assim... Leio resenhas no Skoob às vezes, visito outros *blogs* também.

GABRIELA: Sim, normalmente eu gosto de assistir resenha no YouTube e *blogs* também, tem um *blogs* que eu já acompanho, aí eu procuro... Às vezes dou uma olhada nas resenhas que ficam no Skoob, então eu procuro sim [...]. É importante, por exemplo, você tá com uma dúvida sobre um livro, você não sabe se você vai gostar, eu acho que quando você lê uma resenha você consegue ter uma noção maior do que pode te agradar e o que pode fazer você não gostar da história, sabe. Acho que você ter uma opinião de uma pessoa, principalmente uma pessoa que você sabe que tem o gosto parecido com o seu, uma pessoa que você sabe o que ela gosta, você sabe mais ou menos o que agrada ela, você tem uma noção do que naquele livro pode te agradar ou não, acho que tira essa dúvida assim, sabe. Quando você vai pegar um livro você tá com um pé atrás, eu acho que a resenha é bom pra isso.

IRACEMA: Sim, demais. Tô até falando né, recomendar pro pessoal ler pra gente poder comentar né. Mas sim, eu olho muita resenha no Skoob também, antes de ler... E depois também, pra eu saber se... Igual, quando tem livro que eu não gosto, eu olho pra saber se tipo 'Só eu que não gostei?'. Tipo não deu certo comigo. Eu olho muito no GoodReads também, só que o pessoal lá de fora eu acho muito doido, sabe, tem umas opiniões meio doida, eu acho que... não sei se eu acredito muito sabe. Mas o Skoob eu sempre olho, olho *blogs* também de outras pessoas. Digito o nome do livro, coloco resenha sabe... Mas assim é mais é depois pra falar verdade viu, porque eu acho que tem muita gente que entrega né.

Uma das blogueiras busca informações sobre os livros que leu na forma de conversas informais e trocas de opiniões com os amigos. De acordo com Savolainen (2007), as práticas informacionais também podem lidar com elementos da comunicação, de forma que a fronteira

entre comunicação e informação fica difícil de ser delimitada, podendo sobrepor-se em muitos casos.

CAPITU: Mas quando acontece de eu ler um livro que tipo assim eu fiquei muito surpresa, aí eu sinto muita necessidade de conversar com alguém ou de postar, no caso. Porque pode acontecer, tipo assim eu li um livro que eu fiquei sem saber o final assim, eu li, mas eu não sei se eu entendi. Então eu preciso conversar com alguém, pra ver a opinião dela, o que que ela achou, pra ver se ela entendeu a mesma coisa, pra ver se eu não tô doida. Porque tem livro que... Meu Deus! Aí tem que buscar uma segunda opinião pra ver o que a pessoa achou.

PESQUISADORA: E geralmente você procura na internet?

CAPITU: Amigos mesmo. Aí eu vou procurando pessoas mais próximas que gostam do mesmo tipo de livro e vou perguntando se já leu 'Ah como é que foi?' E aí a gente discute sobre o assunto.

Algumas das entrevistadas destacam que só procuram informações ou comentários sobre os livros depois que já fizeram a leitura, para evitar formar uma opinião antes de ler o livro.

MACABÉA: Eu não gosto de ler resenha por exemplo antes de ler o livro, eu não gosto de ler resenha do livro porque eu acho que quando você lê você já vai com uma opinião meio formada, então você acaba sendo influenciado, acho que isso me atrapalha um pouco, então não gosto muito de ler resenha antes. Eu leio, às vezes, depois. Depois, pra ver se parece com a minha opinião. Então assim, eu acho... eu gosto, eu gosto de compartilhar sabe, aquilo que o outro acha sobre o livro também. Se achou legal, se não achou, ou o porquê de não ter achado tão bom. Eu acho que é uma boa interação.

EMÍLIA: Depois que eu leio, sim. É, eu não gosto de... Na verdade, eu não leio nenhuma opinião antes de ler [...]. Então eu não leio nada do livro antes de ler e nem antes de escrever. Porque se eu ler alguma coisa, se eu conversar com alguém antes, pode ser que as vezes uma coisa que tava pensando em colocar, a pessoa fala 'Ah não gostei muito disso', e às vezes você faz automático, nem reparando as vezes você já tá falando aquilo mesmo. Então eu gosto de ficar com minha cabeça bem centrada, limpa. Mas depois que eu já escrevi, aí eu leio, eu vejo o que as pessoas acharam, converso com alguém sobre o livro. Mas eu gosto de limpar, eu gosto de deixar a opinião só minha mesmo.

Em alguns casos, as blogueiras afirmam não buscarem nenhuma opinião ou comentário de outras pessoas sobre os livros que leram. Ana Terra mostra-se aberta a possibilidade; ao contrário, Lucíola considera que as pessoas no mundo literário não estão preparadas para aceitar opiniões diferentes. A blogueira considera que as pessoas são muito intolerantes e que não acontecem trocas verdadeiras, pois não aceitam ideias diferentes.

ANA TERRA: Eu não tenho muito esse costume, mas eu acho que pode ser algo interessante.

LUCÍOLA: Sinceramente? Não. Porque é... Não é nem questão de não querer opinião. [...] no início da minha leitura, era uma coisa muito solitária, pra mim a minha visão bastava. E como, eu assim, depois do *blog*... Eu percebi que tipo assim quem lê é igual as mesmas pessoas que não leem, e as vezes elas são até mais intransigentes do que quem não lê. E elas não aceitam a sua opinião [...] tem gente que já vem armado, com muros e tal, querendo te... entendeu [...]. Elas não estão preparadas pra se relacionar com alguém que não concorda com a mesma coisa que elas. Eu acho que assim é... A gente já via isso muito forte, mas aí quando a gente entra no meio literário, a gente

vê que isso não diminui. E às vezes é tão mais severo e tão mais gritante do que fora do mundo literário.

Compreende-se que a busca de informação sobre livros é frequente no cotidiano das blogueiras. Algumas relatam que antes da leitura buscam algumas informações sobre o livro que desejam ler, de forma que possam avaliar se ele é de fato interessante. Outras já afirmam sentir a necessidade de buscar informações após a leitura, para saber as opiniões de outras pessoas sobre o livro ou para conversar sobre a sua história. A ausência da necessidade informacional e da busca de informações sobre livros foi relatada por duas blogueiras, podendo ser decorrente de dois fatores. No primeiro caso, a blogueira aparentava satisfação com sua própria opinião sobre o livro, não possuindo a necessidade informacional de conhecer as experiências de outras pessoas, mas mostra-se aberta para a possibilidade de realizar futuras buscas. No outro caso, a blogueira se refere à intolerância das pessoas vinculadas ao mundo literário, o que sugere que ela tenha tido experiências negativas ao buscar informações e/ou trocar opiniões sobre os livros lidos.

Spoiler

A busca por informações sobre livros pode resultar em tomar conhecimento de um *spoiler*. De acordo com o dicionário Priberam⁴⁹, o termo *spoiler* refere-se a uma “informação que revela partes importantes do enredo de um filme, de uma série televisiva ou de um livro, sobretudo para quem ainda não os viu ou leu”. O *spoiler* foi um tema que surgiu no decorrer das entrevistas e que não estava no roteiro de perguntas. O tema é popular entre as blogueiras, sendo que apenas uma delas não se posicionou sobre esse assunto.

O *spoiler* pode apresentar-se na forma de um encontro ocasional com a informação, no qual o sujeito não está ativamente buscando a informação, mas depara-se com ela. A identificação acidental ou casual com a informação está relacionada ao conceito de *serendipity* cunhado por McKenzie (2003), definido por Araújo (2015, p.14) como “a possibilidade de se fazer descobertas importantes por acaso ou, no caso, encontrar determinados recursos informacionais relevantes sem estar procurando por eles”. Para McKenzie (2003), o encontro casual com a informação tem a mesma importância de uma busca ativa. Como exemplo, o caso relatado por Ana Terra que, sem intenção, descobriu o final do livro que estava lendo ao visitar uma livraria.

ANA TERRA: [...] por exemplo eu tava lendo Corte de Espinhos e Rosas, aí eu fui na Leitura [...]. E na sinopse de Corte de Neve e Fúria, que é o segundo né, na sinopse tem um *spoiler* do final de Corte de Espinhos e Rosas. Eu tava com o livro assim, eu olhei pra cara do meu namorado, ele falou assim ‘Que que foi?’, eu ‘Acabei de descobrir o que vai acontecer no final do livro que eu tô lendo’, ele falou ‘Bem feito, quem mandou você ler’, eu falei ‘Mas... Ah meu

⁴⁹ Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/spoiler>>. Acesso em: 19 set. 2018.

Deus e agora?'. Aí assim, eu fiquei curiosa pra saber como que aquilo tinha acontecido, porque na parte que eu tava no livro, nada indicava que o que tava escrito na sinopse do segundo livro ia acontecer, então eu fiquei curiosa pra saber como. Mas tem histórias que... Depende muito também do meu engajamento com o livro. Se eu tô lendo e tô achando a história mais ou menos, provavelmente eu largo. Mas se eu tô lendo, achei a história boa, acontece igual aconteceu, eu vou querer terminar de ler o primeiro pra saber porque que aquilo aconteceu.

Para evitar o encontro casual com a informação, algumas blogueiras tentam fugir do *spoiler* a todo custo, evitando a leitura até mesmo da sinopse e das orelhas do livro. O importante para essas blogueiras é manter as surpresas da narrativa.

CAPITU: Não gosto de *spoiler*, eu gosto de ser surpreendida. Não gosto de saber nada do livro, só leio atrás da capa, porque se contar um pedacinho eu já fico ah já sei o que é. A não ser que seja alguma coisa que eu já li, que eu gostei muito, aí eu quero ler de novo, aí tudo bem. Mas a pessoa contar antes de eu começar a ler o livro, aí eu perco a vontade. Eu acho que o legal é você não saber. É a surpresa.

EMÍLIA: Na verdade eu não leio nem a orelha do livro. Às vezes eu leio só a parte, a sinopse do final, aquela que vem na contracapa, porque às vezes é a que vem menos coisa falando, mais limpa, sem *spoiler*, orelha sempre tem *spoiler*. E eu não leio...

IRACEMA: Eu tento evitar até sinopse às vezes. Pra mim interfere, eu gosto de surpresas. Gosto de descobrir sozinha. Então acaba que leio sim, mas às vezes é mais no final, quando eu já terminei de ler, então... Mas quando é livro que a gente recebe né, a gente recebe as *news*, aí eu dou uma olhada na sinopse superficialmente, dou olhada. Às vezes eu vou no GoodReads ver a pontuação... Eu não leio tantas resenhas antes pra não estragar.

Curiosamente, o *spoiler* é procurado por uma das blogueiras, que adora saber os acontecimentos da narrativa antes da leitura. Ela alega que o interessante da leitura não é conhecer a história, mas sim como ela aconteceu.

LUCÍOLA: E eu amo *spoiler* então... Nossa acho um barato descobrir o final. Eu comprei Como eu Era Antes de Você porque eu descobri o final.

PESQUISADORA: Você não acha que estragou a leitura?

LUCÍOLA: Não, porque o gostoso da leitura não é saber o fato, é saber como aconteceu, como é que o autor escreveu pra chegar naquele fato. Porque é muito fácil você falar assim, por exemplo, você sabe o *spoiler* da Bíblia, Jesus morreu! Mas tipo assim, como isso aconteceu? Entendeu, eu acho que é isso que é o gostoso, é você descobrir como e não o quê. Acho que a história ela é isso, como aconteceu, como ela é contada pra você. E não o que aconteceu. Você vê vários livros aí sobre a mesma história, por exemplo, A Bela e a Fera, olha quantas recontagens tem sobre a Bela e a Fera, e todas são legais. E você sabe que no final a Bela salva a Fera da morte, mas mesmo assim quem é fã da história lê todas as recontagens.

No entanto, a blogueira percebe que muitos leitores não gostam dos *spoilers*, considerando que as pessoas são muito engessadas quando se trata do assunto.

LUCÍOLA: Às vezes a pessoa fala 'Não quero ouvir, não quero ouvir', faz um escândalo, briga com você e fica sem conversar com você. Porque tipo assim a pessoa não tem... O propósito que ela usa pra leitura não é esse. E tipo assim as pessoas se engessam muito com aquilo dali.

Algumas entrevistadas afirmam que, em certas situações, gostam de descobrir um *spoiler*, já em outros momentos preferem evitá-los. Um exemplo é o caso de Ceci, que

inicialmente afirma não gostar de *spoilers*, mas depois relata uma situação em que pediu a outra blogueira para lhe contar o final de um livro.

CECI: Mas eu tô muito assim, tem aquela coisa ah não gosto de *spoiler*, então às vezes eu evito também ler [resenhas], então depende [...]. Não gosto de *spoiler*, não gosto [...]. Você perguntou se eu procuro outras resenhas, às vezes sim, às vezes não, porque tem coisas que eu quero descobrir... Aí a gente comenta muito entre a gente, a Naiara⁵⁰ [colega no *blog*] leu agora um que é A Garota dos Pesadelos, o segundo livro, eu falei 'Pode me contar o final, Naiara, eu vou ler, mas você pode me contar o final'. Porque ela ficou muito revoltada, a Naiara ela sempre tem os surtos dela, ela não aceita o final, eu falei 'Então me conta', ela não aceita [risos].

ANA TERRA: Pra mim depende bastante. Tem coisas que me animam e tem coisas que eu falo ah já que é assim, já que eu já sei que isso vai acontecer no final eu vou largar, porque eu sei que eu não vou gostar. Então vai depender bastante da história e do que eu já sei sobre a história.

Conclui-se que a relação das blogueiras com o *spoiler* apresenta-se de duas formas, uma vez que elas deparam-se com essa informação de forma despretensiosa ou buscam pelo *spoiler*, procurando saber sobre o final do livro. Algumas blogueiras relativizam a questão de tomar conhecimento de um *spoiler*, mas outras se mantêm firmes ao afirmar que não gostam de descobrir informações cruciais da narrativa antes da leitura do livro.

6.4.1.6 Apropriação da leitura

De acordo com Petit (2008, p. 201), a apropriação da leitura é um assunto individual, uma vez que “um texto nos apresenta notícias sobre nós mesmos, nos ensina mais sobre nós, nos dá as chaves, as armas para pensarmos sobre nossas vidas, pensarmos nossa relação com o que nos rodeia”. Nesse sentido, essa subcategoria compreende as diversas relações emocionais estabelecidas entre as entrevistadas e o texto literário, reveladas em trechos nos quais elas relatam sentimentos associados às leituras realizadas. Discute-se o gosto pela leitura, a leitura como fuga da realidade, a quebra de preconceitos e as experiências de leitura.

Gosto pela leitura

Em alguns trechos, as blogueiras comentaram seu gosto pela leitura. Emília, Lucíola, Iracema e Macabéa concebem a leitura na perspectiva de *hobby*, passatempo, entretenimento e prazer. Petit (2009, p. 183) considera a leitura como uma atividade muito complexa, que não pode ser reduzida a um único aspecto. Entretanto, ela afirma que não se pode negar que o leitor encontre nessa atividade “prazer, distração, informações, assuntos de conversa,

⁵⁰ Nome fictício.

algumas vezes ideias que apurem seu espírito crítico; e de tempos em tempos, de se encantar com uma escrita, serem tocados por um estilo, sensibilizados por um ritmo”.

EMÍLIA: Gosto de ler né [risos], ver filmes, série, às vezes ficar sem fazer nada que é muito raro. Gosto...A gente tem uma chacinha, gosto de sentar na varanda e ficar olhando pro nada... Mas normalmente sempre tem um livro envolvido, sempre tem um livro. Sentada olhando pro nada tem um livro... É ... Ai sabe qualquer coisa que possa envolver um livro eu gosto de fazer.

LUCÍOLA: Pra mim ler é isso, pra mim ler é um *hobby*. É uma coisa que eu me sinto bem fazendo, é uma coisa que eu fico feliz em fazer.

IRACEMA: Eu acho que é meio um passatempo mesmo. E eu acabo não vendo TV, então é um jeito de entretenimento, entendeu.

MACABÉA: Às vezes eu tô fazendo uma coisa, tô pensando em outra, fazendo uma atividade eu tô pensando em outra coisa que eu tenho que fazer. Aí quando eu tô lendo, não... quando eu tô lendo, eu estou lendo. Eu me foco naquilo que eu estou lendo. Então eu gosto de uma literatura que me faça ter esse tipo de sensação, a sensação de prazer, de estar envolvida com uma história, de me ver dentro daquele contexto.

O gosto pela leitura também foi demonstrado pelas entrevistadas ao falarem sobre seus gêneros literários favoritos. Britto (2015, p. 130), afirma que o leitor lê pelas mais variadas razões diferentes tipos de texto, em situações e suportes diferentes, conforme as suas disponibilidades e necessidades. De acordo com o autor “[...] não faz sentido afirmar que uma pessoa torna-se melhor ou pior, mais ou menos crítica, por ser menos ou mais leitora, ou ser leitora disto ou daquilo”. Quanto aos gêneros literários, algumas blogueiras mostraram ter preferências bem delimitadas sobre quais livros procuram para ler.

CAPITU: Sim, fantasia. Gosto muito, qualquer coisa assim que tem seres sobrenaturais eu leio. Amo.

IRACEMA: Mas hoje em dia eu gosto só de ler ficção. Acaba que eu não leio muita biografia, nem autoajuda, nem esse tipo...

Emília e Macabéa consideram o romance como gênero literário favorito, revelando que esse gênero funciona como uma válvula de escape e uma distração. Em sua pesquisa, Petit (2009) relata que a menção a romances é muito frequente, uma vez que os sujeitos acessavam esse gênero literário em busca de tranquilidade, companhia, consolo, esperança, e também para escapar do medo, da pobreza do tédio e da infelicidade.

EMÍLIA: [...] eu tenho um gênero muito que eu leio, romance. 90% da minha leitura, ela é romance. Aí vem romance com suspense, romance com um pouquinho de ação, um pouquinho de ação, suspense. Não leio, de jeito nenhum, terror. É drama eu tenho que tá muito inspirada. Eu normalmente eu pego tipo um drama e consigo ler dois, três dramas de uma vez, vou ficar depressiva, mas eu vou ler tudo de uma vez. Aí eu vou e corro e leio, a minha válvula de escape é sempre o romance, agora tem sido especificamente romance de época, eu tenho lido muito, mas muito mesmo romance de época. Então a gente sempre volta pro romance. Sempre vou voltar pro romance.

MACABÉA: Tenho, meu gênero preferido é o romance. Eu acho que é algo que eu encontro mais coisas dentro desse tema que acaba me agradando né. Eu gosto muito de tipo assim tem uma história, dos dramas que envolvem aquele personagem, isso em qualquer dos seguimentos do romance, é onde me atrai mais [...]. E já o romance eu consigo me distrair, porque eu sou uma

peessoa muito agitada sabe, eu sou muito ligada, eu faço muitas coisas ao mesmo tempo e a única coisa que eu consigo me desligar é quando eu tô lendo, nada mais me desliga [...]. Então eu acabo me envolvendo muito com romance por causa disso. Não é só questão do romance romântico, igual a gente expôs aqui hoje né, não é só questão do romance romântico, é aquele romance por exemplo de investigação, de você ficar curioso pra descobrir, é quase como se tivesse assistindo um filme.

Já as outras quatro blogueiras leem vários gêneros literários, demonstrando em suas falas a importância de variar as suas leituras. Petit (2009) afirma que, qualquer que seja o meio social e cultural dos leitores, a regra é o ecletismo. De acordo com a autora, a sede de simbolização dos humanos é tamanha que eles tiram proveito do que tem acesso, a ponto de que é necessário questionar se qualquer material não está apto a servir a esse propósito.

LUCÍOLA: E sempre com histórias diferentes, eu tento sempre misturar gêneros diferentes. É... Romance, um clichê, uma distopia, uma fantasia...

ANA TERRA: Esse ano eu coloquei como uma das minhas metas de leitura tentar expandir um pouco meu horizonte, sabe. Eu gosto muito de romance, eu sempre leio muito romance e eu tendo a procurar romances pra ler. Então eu tava ficando muito presa nisso e muita coisa eu tava deixando de conhecer, então esse ano eu me propus a ler mais fantasia, meu namorado curte muito quadrinho, então ele me passa uns quadrinhos pra eu ler que ele acha interessante. É... Pretendo tentar ler alguma coisa de terror, de suspense. Eu tô tentando assim... conhecer um pouco de tudo.

CECI: Eu gosto muito de fantasia, fantasia e *new adult*, mas eu leio... Assim, tem alguns que eu não leio, policial eu nunca me envolvi muito. Livros de terror, li um livro só. Então eu não me envolvo muito, mas eu sou bem... Eu leio fantasia, eu leio infanto-juvenil, leio infantil, leio livro adulto, eu leio bastante de tudo. Biografias eu também não leio muito ainda. Mas eu tento sempre tá andando entre os gêneros literários, eu não fico muito presa a um não, mas assim o gênero preferido, o meu é fantasia.

GABRIELA: Então, eu tento ler de tudo assim, eu sou bem curiosa e eu gosto de variar. Justamente para ter o que falar né, eu gosto de saber pra poder falar. É, mas eu gosto muito de fantasia, acho que fantasia é uma coisa que me marcou muito, assim... Quando eu era pequena eu fui apresentada ao Senhor dos Anéis, eu fui apresentada a Harry Potter, isso me cativou muito assim, eu fiquei encantada com aquilo. E até hoje eu gosto muito de fantasia.

Desse modo, algumas blogueiras expressaram o seu gosto pela leitura e o lugar que ela ocupa em suas vidas como um *hobby*. Já outras blogueiras afirmaram seu gosto pela leitura ao falar sobre os gêneros literários que costumam ler, evidenciando seus favoritos ou procurando a leitura de diversidades.

Leitura como fuga

A discussão sobre leitura como uma fuga da realidade é feita por Dumont (2000a), que apresenta as críticas feitas pelos estudiosos ao mecanismo de evasão. Essa ação é criticada ao ser considerada como uma tentativa de escapar da dura realidade do dia-a-dia, que provocaria a alienação do sujeito, tornando-o um leitor passivo e não questionador. Por outro lado, na concepção de Dumont (2000a), toda leitura, em princípio, permite uma evasão.

Entretanto, há vários tipos de evasão, sendo essencial saber do que se está evadindo e em qual direção. Já Petit (2009) não considera que a leitura promova uma fuga, pois a palavra pode ter uma conotação depreciativa, julgando-se que seria mais honrável entregar-se completamente à dor ou ao tédio. A autora avalia como mais apropriado considerar que a leitura pode propiciar um salto para fora da realidade vivida pelo leitor. Esse salto seria “uma verdadeira abertura para um outro lugar, onde o devaneio, o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis” (PETIT, 2009, p. 76).

Algumas entrevistadas descreveram o ato de ler como uma forma de fugir da realidade. Emília conta que a leitura de livros de romance, principalmente romances de época e de banca, proporcionam a ela uma sensação de alívio e tranquilidade, pois a previsibilidade da narrativa a conforta e distrai quando sua própria vida está muito atribulada. De acordo com Dumont (2000a), um efeito atribuído a leitura de romances de massa é o mecanismo de consolação, utilizado pelos escritores de literatura de massa, que usam artifícios muito eficientes nos romances folhetinescos. Um desses artifícios é a previsibilidade, onde tudo acaba exatamente como se desejava que acabasse, sendo uma das principais características do mecanismo de consolação o final feliz. Além disso, o recurso do reconhecimento também é bastante aplicado na literatura de massa, no qual são contados ao leitor fatos ou revelações que os personagens da trama ainda não têm conhecimento. Esse recurso é muito apreciado pelo leitor, que tem a sensação de ter desvendado o enigma antes do que deveria (DUMOND, 2000a). No relato de Emília, fica nítido o seu gosto pelo mecanismo de consolação e pelo recurso de reconhecimento:

EMÍLIA: Ele [livro de romance] já me deixa leve, já me deixa... Porque... Principalmente romance de época, romance de época você já sabe o que vai acontecer. O incininho tá a mocinha que vai ser... vai ficar pra titia ou vai ser a dama mais bonita da sociedade, da temporada, aquela coisa. Aí ela vai sofrer alguma coisa ali no meio ou vai só bagunçar a vida dela. E no final ela vai tá feliz pra sempre, então... Dá aquela [respiração de alívio], aquela acalmada. Quando a vida tá muito bagunçada, eu sempre pego um romance de época, que você já sabe o que vai acontecer. Você já sabe o que é o final então dá aquela aliviada, dá aquela tranquilizada no dia. E aí é a mesma coisa de romance de banca. Romance de banca é isso, você sabe o início, sabe o meio, sabe o fim. Então você só vai ler pra você distrair.

Zéraffa (1971 citado por DUMONT, 2000a, p. 169), considera que não importa saber para onde o leitor está evadindo, mas certamente é para a liberdade. “Determinista ou anti determinista, o romance organiza, harmoniza, ressocializa, realiza o desejo, o prazer e, sobretudo, a imaginação.” Nesse sentido, a entrevistada Lucíola relata que os livros a ajudam a esquecer-se dos seus problemas, sendo seus companheiros fiéis. A blogueira considera que a leitura a mantém sã e viva, principalmente nos momentos tristes que vivencia. Em outro momento da entrevista, a blogueira volta a comentar sobre a importância da literatura em auxiliá-la a viver, relacionando os gêneros literários que gosta de ler quando está sentindo determinadas emoções.

LUCÍOLA: Olha, [o livro] é um dos meus melhores companheiros. É... Eu em todo momento, tanto feliz quanto triste da minha vida, eu tava assim... Os livros foram o que mais me ajudou [...]. E a literatura, ler livros, ela me colocava com o pé, ela me mantinha com o pé na sanidade, digamos assim. Ela meio que esquecia do... Ela meio que me fazia esquecer dos meus problemas, dessas neuras que de vez em quando elas aparecem e me deixava bem. Então assim... eu conseguia ler. E, na época eu era meio uma devoradora, quando eu tô mal, eu meio que vou colocando um livro atrás do outro [...]. Porque eu acho que a leitura é isso: ela tem esse poder de te distrair, mas ao mesmo tempo te manter viva.

[...] e a leitura é o que faz a vida continuar... Porque às vezes tá muito difícil, aí eu leio uma fantasia. Mas aí quando eu tô muito dramática, quando eu tô muito triste, aí eu leio romance clichê. Aí quando eu tô forte eu leio tipo um Game Of Thrones, uma distopia, um livro de guerra. Aí quando eu tô bem emocionalmente eu leio um drama, sabe.

Outra referência à prática da leitura como fuga, escapismo ou evasão aparece na fala de Macabéa. A blogueira considera a leitura como a única coisa que a distrai dos seus problemas, chateações e ocupações diárias.

MACABÉA: Porque realmente é algo que eu me concentro quando eu tô ali. E mesmo que as coisas estejam acontecendo em volta, muitas vezes aquilo não me incomoda, entendeu. Porque é algo que realmente me dá prazer, é algo que eu faço porque, não porque é algo que eu tenho obrigação [...]. Eu acho que é a única coisa que realmente me tira dos meus problemas, quando eu tô muito chateada, às vezes das ocupações que eu tenho do dia, é poder ter um momento pra mim poder ler.

Já para Ceci e Gabriela, a leitura proporcionou uma evasão diferente, um refúgio para a timidez e solidão. Na adolescência, Gabriela sentiu dificuldade para se socializar e voltou-se para a literatura. Por sua vez, Ceci cresceu no circo, vivendo itinerante até os 18 anos, o que fez com ela não tivesse amizades quando fixou residência em Belo Horizonte. A leitura foi compreendida por elas como uma atividade solitária, que dispensava o contato com outras pessoas. Dessa forma, para fugir de uma realidade de isolamento, as blogueiras liam livros.

GABRIELA: Então eu sempre li, sempre li bastante, mas foi na adolescência, que eu tive mais dificuldade pra me socializar que eu busquei na leitura meio que um refúgio sabe. Aí eu comecei a ler mais, aí foi nessa época, a partir dos 15 [...].

CECI: Ler... Eu... É uma fuga pra mim também, vamos dizer assim, de viver outras vidas, conhecer outras histórias, nesse sentido e... Eu não gosto de sair, eu não sou de balada, eu não sou de barzinho, eu não sou assim. Eu gosto muito de ficar em casa e tá em contato com os livros. Eu acho que também o que me fez ficar tão assim presa à literatura, porque eu não tenho... Assim, hoje eu tenho alguns amigos. Mas quando eu vim pra Belo Horizonte, eu não tinha amigos. Porque não é como todo mundo que estudou junto e cresceu e tem aquele grupo. Então eu não tive, sempre fui muito mais sozinha assim. Então eu me identifico muito com a leitura, que é uma coisa só, a leitura é você e o livro. Aí eu fico eu com a leitura muito por conta disso. E até... igual eu falei que eu jogo *online*, também é em casa... Então... a *forever alone* [risos].

Portanto, é evidente que a fuga da realidade propiciada pela leitura emergiu no discurso de algumas blogueiras. Para elas, a leitura apresentou-se como uma fuga da tristeza, dos problemas e também da dificuldade de socialização.

Alteridade

Retomando o referencial teórico, Zilberman (2001) considera que a leitura permite a vivência da alteridade, de forma que o leitor pode ocupar-se dos pensamentos de outro, substituindo momentaneamente sua própria subjetividade por outra, permitindo que ele se preocupe com algo que até então desconhecia. Assim, o leitor experiencia a alteridade como se fosse ele mesmo.

Nessa perspectiva, foram identificados trechos das falas de duas blogueiras que evidenciam a vivência da alteridade, demonstrando como essa experiência possibilitou a quebra de preconceitos. Ana Terra afirmou que a leitura a torna uma pessoa melhor ao proporcionar que ela conheça outras culturas, desfazendo preconceitos que ela possuía devido à falta de informação.

ANA TERRA: Eu acho que a leitura me permite viajar por lugares que muitas vezes não seria possível de eu viajar, por questões de não existir por exemplo livros de fantasia, ou então me levar a lugares que eu tenho vontade de conhecer, mas eu não tenho possibilidade. A leitura me permite imaginar certas situações, me permite torcer por pessoas, me permite conhecer novas culturas [...]. Então me permite conhecer outras coisas, me permite me tornar uma pessoa melhor também.

PESQUISADORA: E porque você acha que te torna uma pessoa melhor?

ANA TERRA: Eu acho que a partir do momento que eu posso conhecer algo mais profundamente, eu tiro alguns preconceitos que eu tinha sobre aquilo. Mas porque eu não conhecia, e não porque eu não acho certo.

Lucíola relata as contradições que vive em aceitar a homossexualidade dos amigos, uma vez que ela é religiosa e aprendeu a julgar que a relação entre homossexuais não é correta ou natural. Ela afirma que o *blog* e a leitura abriram seus horizontes para que ela visse a questão de uma outra forma, retirando rótulos. Mesmo não abandonando sua religião, a blogueira lê livros com narrativas de personagens homossexuais e transexuais.

LUCÍOLA: E aí é isso, ele [o *blog*] me fez ver também coisas de uma outra forma né. Não vou te falar que eu não sou homofóbica, eu não gosto. Sou cristã, então pra mim não é natural. Mas assim, os meus melhores amigos são *gays*. É contraditório? É [...]. Mas aí você fala assim, mas você é evangélica, né? É uma coisa... Sim, mas ao mesmo tempo são pessoas que eu vou levar... Mas é contraditório sim, sabe [...]. E aí meu universo, minha percepção também aumentou muito [...]. Eu, na minha religião, não acho certo. Mas eu leio livro de qualquer gênero, hetero, homossexual, trans... Caiu na minha mão, eu tô lendo, é igual bula de remédio, caiu na minha mão, eu tô lendo. E... ampliou mesmo, essa coisa de conhecer pessoas, de tirar rótulos, de sair da zona de conforto...

Dessa forma, constata-se que nesses dois casos a leitura apresentou-se como possibilidade de aprender sobre o outro, vivenciar outras culturas, colocar-se no lugar de outra pessoa. Essa experiência com a alteridade propiciou que as blogueiras repensassem alguns de seus preconceitos.

Experiências de leitura

Duas blogueiras relataram de modo mais demorado as suas experiências com os livros, afirmando sentir emoções durante a leitura. Conforme Petit (2009), a leitura abre caminho para a interioridade, possibilitando transitar pelos territórios da afetividade, das emoções e da sensibilidade.

Lucíola conta sobre o medo e a revolta que sentiu após ler o livro de terror “O Iluminado”, do autor Stephen King. Ela considera que o livro despertou seu instinto materno em relação a um dos personagens da história, sentindo necessidade de protegê-lo.

LUCÍOLA: Aí eu li O Iluminado, fiquei dois dias sem dormir. Não é que deu medo... Menina, é porque eu fico assim como é que ele [o autor] teve imaginação de fazer isso com uma criança de seis anos. Porque tipo assim... tinha umas horas que o menininho via umas coisas que te dá um cagaço. Você fica assim ‘Oi, o menino tem seis anos e tá vendo isso?’. E tipo eu não posso fazer nada. E aí vem meu instinto materno assim, eu só quero abraçar e proteger ele. Cadê a mãe desse menino? E o pai endemoniado e o hotel... E a mãe simplesmente ‘meu casamento tá bem’. O menino aparecia roxo e a mãe não fazia nada. Como assim, Jesus?

Emília relata sua experiência com leituras de dramas. A blogueira tem uma resistência em ler livros desse gênero, mas conta que quando está chateada lê vários livros de drama em sequência. Ela afirma que se sentiu paranoica após ler vários livros de drama que envolviam sequestro. Ao acabar seu estoque de livros de drama, ela sempre volta a ler romances, como forma de aliviar a tristeza provocada pelas narrativas dramáticas.

EMÍLIA: É porque eu não consigo pegar um livro de drama, aí eu tenho vários na estante que eu quero ler, mas eu não tenho coragem de pegar pra ler. Então, normalmente eu pego... é uma coisa estranha. Sabe aquele dia que você tá bem chateada? Eu pego esse dia, eu leio um, aí eu já emendo em outro, porque já que eu já comecei a descer a ladeira eu já emendo em outro. Aí normalmente assim, se tem mais algum faltando ali, eu já pego e já leio de uma vez, mesmo sabendo que eu vou ficar mal quando eu ler aquele livro, que eu vou chorar, eu vou ficar chateada. Eu pego e vou lendo, vou lendo, até acabar meu estoque de drama. E aí depois acabou o estoque, eu pego romance rápido pra ler, normalmente pego um romance com comédia tipo Sophie Kinsella, Marian Keys, pego alguma coisa rápida pra eu subir de novo a ladeira. Que... pensa, eu fui ler O Quarto, que adaptou pro cinema, O Quarto de Jack. Eu tive crises de choro [...]. Aí eu fui emendando só livro pesado, aquilo... eu... sabe... Eu não aguentava sair de casa, ficava achando que tinha alguém me perseguindo. E eu tinha emendado, eu emendei só sequestro, foi trauma com sequestro. Aí foi Quarto de Jack, esse do Harlan Coben, aí peguei outro... Eu tinha certeza que tinha alguém me seguindo. Sem brincadeira, eu andava olhando para trás. Eu emendei uns três ou quatro de drama com sequestro. Eu tinha certeza, falei eu vou ser sequestrada, se você chegasse e encostasse no meu ombro eu já tava gritando.

De acordo com Dumont (2000a), a leitura pode proporcionar ao leitor uma comoção identificatória. Ao possuir uma cumplicidade com o leitor, o texto traz à luz múltiplas referências arquivadas em seu repertório textual, permitindo a reflexão, o discernimento e a decisão. O que o leitor sente é um retorno sobre si mesmo, pois a leitura possibilita a busca

por informações previamente armazenadas, que o sujeito relaciona consciente ou inconscientemente a passagens específicas do texto. De acordo com a autora, quando uma determinada leitura traz alguma informação que vai de encontro a algo que permanecia latente no leitor, há o desencadeamento de uma sensação de êxtase quase explosivo no sujeito. O leitor tem a satisfação de finalmente compreender aquela informação que ele não conseguia expressar com palavras, que já estava na sua consciência, mas que o texto expressou com perfeição. Petit (2009) também identifica o retorno de um conhecimento sobre si mesmo propiciado pela leitura, afirmando que a necessidade de elaboração simbólica redireciona o texto lido, de forma que o leitor encontra nele ecos do que viveu de forma confusa, explicitado graças a um fragmento ou uma frase.

Um exemplo de comoção identificatória está presente no relato da blogueira Lucíola. A entrevistada narra sua experiência ao descobrir que sofria de depressão após ler o livro *Uma Canção para a Libélula* da autora nacional Juliana Daglio. A blogueira relata que, devido à sua religião, acreditava que a depressão era causada pela ausência de Deus na vida das pessoas. Ao ler o livro, concluiu que a depressão se tratava de uma doença.

LUCÍOLA: [...] Como Juliana Daglio, uma autora nacional, que eu me vi depressiva depois de ler um livro dela. Porque tipo assim, eu sou evangélica então, você cresce entendendo que depressão é coisa de gente que não acredita em Deus, que depressão é uma coisa de quem não tem Deus, depressão é de quem se afasta de Deus né. E aí assim quando você começa a ler, você vê que não é bem assim. Aí quando você começa a pesquisar, você começa a ver que as coisas não são bem assim né.

No trecho abaixo, Lucíola conta como se identificou com os sentimentos da personagem principal do livro, que apresentava sintomas de depressão.

LUCÍOLA: Tipo assim é um livro fenomenal, mostra a protagonista dela com depressão no meio de uma família dividida, porque a mãe odeia ela, mas o pai ama... E aí você fica assim sabe... Você se vê em muitos momentos como a personagem. E aí você fica assim gente, sabe... Como? Porque? E aí você vê que tudo que a pessoa, que a protagonista passa, são coisas que você também passa.

A blogueira entrou em contato com a autora para questionar se os sentimentos da personagem eram baseados na realidade. Juliana Daglio, formada em Psicologia, confirmou a veracidade dos sintomas da depressão descritos em seu livro e orientou que Lucíola procurasse ajuda profissional. Lucíola considera a leitura como um remédio, que auxilia a manter sua mente equilibrada.

LUCÍOLA: Essa Juliana ela é psicóloga. E ela sempre teve depressão e aí ela quis colocar um pouco dela na personagem. E aí eu falei pra ela, uma vez eu perguntei pra ela, eu falei assim 'Aqui esses sintomas da sua personagem, eles são sintomas verdadeiros?'. Ela 'É'. Aí eu virei pra ela e falei assim 'Você tem certeza?'. Ela 'Sim, eu estudei, eu sou formada em Psicologia' e tal, eu falei assim 'Porque eu sinto tudo que ela sente', ela 'Então procure uma ajuda' [...]. Tanto que aí eu me tratei, fiz terapia. Os remédios não me faziam bem, com nenhum remédio eu consegui ficar centrada, os remédios eles me faziam fisicamente mal, eles não tratavam meu psicológico, só afetavam meu físico. E aí os livros fizeram isso, eles fizeram essa... sabe. Eles me tiram do mundo

real quando eu preciso ser tirada e eu consigo voltar pro mundo real pra ser presente pro meu filho, pra ter minha família, pra lidar com as pessoas né.

Conforme constatado nos depoimentos das blogueiras, as experiências de leitura proporcionaram o contato com emoções e a vivência de sentimentos profundos. Além disso, a identificação com personagens ou com aspectos da narrativa, promoveu uma associação direta entre a ficção e a vida real das leitoras.

6.4.2 Identidade

De acordo com Recuero (2004b), os *blogs* funcionam como uma presença do “eu” no ciberespaço. Existe uma personalização do *blog*, que reflete a visão que o blogueiro tem de si mesmo ou a visão que pretende transmitir aos seus leitores. Conforme a autora, essa personalização está presente em todos os aspectos de um *blog*. Dessa forma, em toda informação que é divulgada no *blog* está incutida a personalidade de seu autor, pois o blogueiro deseja que o leitor entenda que aquele espaço é seu. “O *blog* é imbuído de personalidade. Imbuído das características e das impressões que seu autor quer dar, da maneira através da qual ele deseja ser percebido pelo leitor” (RECUERO, 2004b, p. 3).

A presente categoria busca compreender a relação das blogueiras com seus respectivos *blogs*, que é permeada por aspectos muito pessoais, que envolvem sua personalidade, sentimentos e vivências. Segundo Recuero (2004b), a relação entre o “eu” do blogueiro e o *blog* trata-se da apropriação individual do espaço virtual, uma construção do “eu” em um lugar que é “meu”. O *blog* constitui-se como “uma tentativa de apropriação individual e coletiva do ciberespaço, através da extensão daquilo que o blogueiro compreende como seu particular (identidade individual, personalidade) através da configuração de um espaço” (RECUERO, 2004b, p. 6).

Nesse sentido, promoveu-se uma exploração das dimensões emocional e social dos sujeitos da pesquisa. Na perspectiva das práticas informacionais, a identidade tem um “eu” individual e social, visto que há uma relação dialógica entre a dimensão pessoal e a coletiva. De acordo com Araújo (2012), a abordagem social dos estudos de usuários tende a superar algumas dicotomias, como o usuário entre o cognitivo e o emocional. Nessa visão, acessar e usar a informação é também uma ação emocional, cultural, contextual, não restringindo-se o sujeito a uma mente cognitiva.

Na análise das entrevistas é perceptível que a relação entre cada blogueira e seu *blog* – que é também uma relação com a informação, ao abranger busca, uso, produção e compartilhamento de informações - está permeada pelo envolvimento afetivo, constatado nos relatos das motivações das blogueiras, na concepção que elas possuem de *blog* e nas mudanças de vida proporcionadas por ele.

6.4.2.1 Motivações

Recuero (2004b, p. 4) constata que “permanece a questão da motivação pela qual as pessoas estão apropriando-se com tal intensidade do ciberespaço, através da personalização que acontece através dos *blogs*”. Após investigar essa questão, apresentam-se nessa subcategoria as principais motivações das blogueiras ao inserirem-se na blogosfera literária: superação da timidez, criação de um espaço para compartilhar leituras e influência de outras blogueiras literárias. Além disso, verificam-se as motivações para fazer postagens no *blog*, ou seja, as motivações atuais que promovem a continuidade do *blog*.

Inserção na blogosfera literária

As blogueiras foram questionadas quanto a sua motivação para criação de um *blog* literário. Lucíola, Capitu, Iracema e Macabéa criaram seus próprios *blogs*. Já Emília, Ana Terra, Ceci e Gabriela se tornaram blogueiras ao se inserirem em *blogs* já existentes.

Em alguns casos, a criação do *blog* literário surgiu de uma necessidade de criar um espaço para compartilhar suas leituras. Lucíola conta que se sentia solitária e que o *blog* surgiu como uma oportunidade para falar com as pessoas sobre o seu amor pelos livros, mas, ao mesmo tempo, manter o seu filho próximo e mostrar a ele um exemplo positivo. Já Capitu, foi inspirada por uma colega a fazer o *blog* e achou que esse seria um espaço importante para falar sobre as coisas que mais gostava, com foco nos livros.

LUCÍOLA: Menina, tava sozinha e queria muito falar dos livros que eu gostava [...]. Então assim, foi disso mesmo, eu precisava falar [...]. E foi aí que eu precisei dessa necessidade. Que tipo assim, eu lia várias coisas, eu lia vários livros maravilhosos e tipo assim não tinha o que fazer... E era uma forma de eu conseguir fazer o que eu amava que era ler, ficar perto do meu filho né, é... [...]. Mas assim, manter ele perto, sabe. E mostrar ele, tipo assim, com exemplos mesmo, que pode ser legal tipo assim você falar sobre as coisas, você ler alguma coisa e conseguir falar com as pessoas daquilo ali. Foi mais dessa necessidade de tipo assim manter quem eu gosto perto, continuar fazendo o que eu gosto e também falar com as pessoas sobre o que eu gosto, mas ao mesmo tempo, sem ter ninguém pra falar, sabe.

CAPITU: E aí eu parei pra pensar algumas coisas que eu gostava muito na época e livro foi o principal. E aí às vezes eu falava de maquiagem ou alguma coisa assim, mas o principal, o foco mesmo é livro. E aí foi assim, uma ideia jogada da menina da minha van, aí eu pensei um pouco mais sobre o assunto e gostei, e aí continuei.

Surpreendentemente, algumas entrevistadas alegam que sua inserção na blogosfera literária como blogueiras foi uma forma de superar a timidez. Elas contam que são muito tímidas, mas a faculdade e o trabalho demandam que elas sejam pessoas mais comunicativas. Dessa forma, elas encontraram no *blog* literário uma forma de trabalharem suas habilidades de comunicação.

EMÍLIA: E a ideia era falar com as pessoas sobre aquilo que eu gostava, na verdade a ideia foi escrever. Eu era muito tímida e queria melhorar um pouco a minha timidez, comecei a escrever. Mas não aparecia né, ninguém sabia quem tava escrevendo [...]. Veio essa vontade de escrever e de falar, de fazer evento tudo, por causa da minha timidez [...]. Eu ainda sou um pouco, ainda sou tímida, ninguém acredita, mas eu sou tímida. E eu não conseguia escrever com segurança, eu não conseguia falar com segurança. E acabou que era uma válvula de escape do meu trabalho, porque eu precisava no meu trabalho de ter essa segurança. Eu precisava na faculdade ter essa segurança por causa do curso e eu não tinha [...]. A partir do momento que eu vi que eu precisava perder aquela timidez e eu vi no *blog* uma possibilidade grande disso, aí eu entrei de cabeça.

ANA TERRA: Eu sempre fui uma pessoa muito tímida, eu sou uma pessoa muito tímida e a faculdade tá exigindo que essa timidez acabe ou pelo menos que seja diminuída. Igual, no meu caso, eu vou lidar diretamente com pessoas, eu preciso conversar com elas, eu preciso saber instruir, eu preciso saber ouvir... E eu senti uma necessidade de falar algo que as pessoas tivessem interessadas pelo que eu estivesse falando, pudessem me ouvir, no caso, pudessem me ler [...]. Então, a partir disso eu senti uma necessidade de mudar alguma coisa em mim, então eu me matriculei na academia, eu comecei a escrever no *blog*. Eu acho que eu já melhorei bastante, mesmo que eu esteja falando e as pessoas não estejam me ouvindo falar diretamente. Eu acho que é uma ferramenta de comunicação e que é bastante viável, eu vejo uma resposta muito boa, então foi mesmo uma necessidade de melhorar.

Metade das blogueiras se inseriu na blogosfera literária como influência de outras blogueiras literárias. Ceci já era leitora do *blog* Paradise Books antes de ser convidada para se tornar parte da equipe. Ao ver as postagens das amigas no *blog*, ela conta que sentiu necessidade de falar a respeito da sua opinião sobre os livros que lia. Gabriela, integrante do *blog* DNA Literário, também se sentiu influenciada por várias blogueiras e *booktubers*. Curiosamente, ela conta que uma grande influência para se tornar blogueira também foi o *blog* Paradise Books.

CECI: Porque eu via elas postando a opinião delas sobre os livros, eu li aqueles livros, eu também queria falar qual que era a minha opinião a respeito daquele livro. Então...

GABRIELA: Porque eu via muita gente falando, eu acompanhava. Naquela época os canais literários estavam começando né [...] e eu via aquelas pessoas comentando, falando das leituras. E eu também conheci umas meninas que tinham um *blog* aqui em Bh, as meninas do Paradise Books. E eu sempre encontrava com elas em eventos literários. Inclusive uma delas, são quatro, uma delas eu conheci no Mundo Nárnia, que era o site dos fãs de Crônicas de Nárnia. E aí a gente sempre se encontrava, eu via que elas postavam, elas faziam uns *posts* e eu também queria compartilhar sabe. Eu também tinha essa vontade de falar de livro, eu lia muito sabe, eu queria falar também. Eu queria que as pessoas soubessem que eu tava lendo, eu queria conversar sobre livros, então foi isso.

As outras entrevistadas que se inseriram na blogosfera literária por influência de blogueiras, contam que já atuavam como colunistas de *blogs* de amigas, mas sentiram a necessidade de criar seus próprios *blogs*, que tivessem a sua própria identidade.

MACABÉA: Teve uma certa inspiração em amigos que já tinham *blog*, que falavam, eu tenho uma amiga de São Paulo que ela já tava. E ela já tinha me chamado pra escrever duas vezes no *blog* dela, resenhar algumas coisa pra

ela, e eu já tava trabalhando como colaboradora nesse *blog* dela. Só que como o *blog* dela tem parceria acaba que ela fica focada naquilo que ela tem que ler e eu não queria isso pro meu. Eu falei não, se eu tiver que escrever um *blog*, eu vou escrever um *blog* que eu possa ler o que eu quiser e falar sobre o que eu quiser, independente da editora tá me pagando, não tá me pagando, eu quero falar o que eu gosto. Então acabou sendo isso, acabou sendo a junção de algo que já tinha despertado meu interesse com algo que eu tinha me familiarizado no *blog* de outra pessoa. Aí eu vi falei ah eu me identifico com isso aqui, eu acho que isso aqui vai ser legal de eu falar, acho que eu vou poder colocar minha opinião e vou poder ouvir o que as pessoas tão achando também.

IRACEMA: Aí quando eu comecei a trabalhar com a minha amiga, a Bruna, aí eu achava legal, sabe, é diferente. E era legal ler os comentários, sabe e tudo mais. Aí que eu quis fazer o meu, mas pra ter a minha cara, porque eu só escrevia pra ela. Aí eu falava 'ah vamos mudar o *layout*', ela falava 'não, tá bom'. Eu não tinha aquela liberdade, apesar de sermos amigas, era dela. Então eu quis fazer o meu pra ter mais tipo assim minha cara e tudo mais. E foi bom, foi muito bom, tanto é que o dela fechou e eu continuei, entendeu, foi bom. Agora se eu começasse do zero, talvez eu não tivesse o mesmo ânimo daquela época. Aí foi bom por causa disso, acho que ter nossa própria identidade. Apesar da gente trabalhar... Eu trabalho pra Emília também. Só que eu só escrevo, eu não interfiro em nada, sabe. Mas aí no meu eu faço foto, coloco as resenhas na ordem que eu quero, enfim... Fica muito mais pessoal. E *blog* a ideia é essa né, bem pessoal assim.

A necessidade de compartilhar leituras já era cotada como uma grande motivação para uma leitora se tornar uma blogueira literária. Mas, a inserção na blogosfera como forma de superação da timidez foi uma motivação muito peculiar que surgiu no discurso de algumas entrevistadas. É interessante, também, observar como a leitura de outros *blogs* influenciou a metade das entrevistadas a se tornarem blogueiras literárias. Acompanhar o *blog* de outras pessoas, despertou nessas leitoras a vontade de também exercer um protagonismo, ocupar o seu lugar no ciberespaço e emitir opiniões a respeito das leituras.

Postar no blog

Realizar postagens no *blog* é o que o mantém ativo. As motivações de todas as blogueiras para postar nos *blogs* estão, direta ou indiretamente, associadas aos leitores do *blog*, o que ressalta uma necessidade que elas possuem de terem suas opiniões lidas, de possuírem voz ativa e serem "ouvidas". Determinadas blogueiras afirmaram que sua motivação para fazer os *posts* é receber o *feedback* dos seguidores do *blog*. Esse argumento vai ao encontro da afirmação de Prange (2003), que considera que os comentários funcionam como estímulo para os blogueiros escreverem diariamente em seus *blogs*. De acordo com a autora, o desejo das blogueiras pela participação dos leitores fala de uma intensa necessidade de *feedback* dos conteúdos postados.

CAPITU: Eu gosto de ver o *feedback* das pessoas, eu gosto de ver quando eu mando o *link* pra pessoa e ela fala 'Nossa eu gostei muito, quero ler', ou ela fala 'Nossa você escreve bem, eu gostei das fotos'... Nem que seja só pelas fotos, sabe. Mas quando a pessoa dá um retorno, ela fala que gostou,

eu percebo que tá fazendo diferença pra alguém. Então se tá fazendo diferença pra alguma pessoa, eu continuo postando porque vai ter aquela pessoa que vai ser bom pra ela, sabe. Não precisa ser tipo nossa vou ficar famosa mundialmente, mas assim se tá fazendo diferença pra alguém já é alguma coisa.

GABRIELA: Motivação... é eu acho que por mais que a gente faça por gostar, eu acho que é bom ter um retorno sabe, saber que tem alguém lendo. Eu acho que... E divulgar nosso trabalho, sabe, dá trabalho fazer [...]. Então acho que você saber que tem alguém lendo, que tem alguém acompanhado o *blog*, divulgando a gente, isso é bom.

ANA TERRA: Eu acho que é mais essa questão de querer que as pessoas ouçam o que eu tenho pra falar sobre determinada coisa [...]. Mas eu acho que é essa necessidade mesmo sabe. [...] se eu for lá no *blog* vai ter gente que acha interessante e que eu vou falar alguma coisa, ela vai responder no final do *post*. Então eu acho bacana esse *feedback*.

Apesar de todos os dias pensar em desistir do *blog*, uma das blogueiras sente que a motivação para continuar vem dos comentários que recebe dos leitores e de sua atuação na disseminação de informações na blogosfera literária.

EMÍLIA: Então, motivação mesmo... Todo dia quando eu acordo eu acho que eu vou desistir dele [...]. Eu falo 'nossa eu não aguento, chega, cansei, vou passar esse *blog* pra frente'. Aí na hora que eu vou dormir, porque normalmente eu olho meu quarto na hora que eu vou dormir, então tipo eu olho pra frente, aí eu olho a quantidade de livro que tem e aquilo me bate um desespero, aí eu durmo. Aí de manhã cedo 'não, eu vou dar conta' aí eu acordo já motivada de novo. Eu acho que a motivação é dos comentários que a gente recebe. Tipo, eu recebi um comentário agora mais cedo, a menina falou 'Nossa fala mais de romance de época, adoro romance de época'. E às vezes o fato de que as pessoas, é estranho isso, porque hoje a rede social é tão ampla, a gente para e pensa todo mundo sabe de tudo, mas não. As pessoas não veem as coisas, não vê os lançamentos, não recebe, não vê evento. Aí de repente quando passa fala tipo 'nem vi'. Então mesmo sendo uma rede social tão ampla a informação não chega. Então eu gosto de pensar que eu sou um pontinho ali ajudando a rede social, as informações a chegarem um pouco mais pra frente, sabe.

Outras motivações citadas dizem respeito ao senso de responsabilidade com as editoras parceiras do *blog* e também o compromisso em mantê-lo atualizado para os seguidores.

IRACEMA: Motivações eu não sei... É tão natural hoje em dia 'ah tenho que postar'. Eu acho que é mais até por responsabilidade, até porque a gente tem as parcerias. E pra deixar também porque a gente tem os seguidores, é legal também manter o *feed* atualizado até pra mostrar que você tá ativa no perfil né. Então eu acho assim é mais motivações eu acho que é o público e também o compromisso que a gente tem com as editoras e tudo mais [...]. Eu acho que a motivação é mais essa aí mesmo, é um trabalho.

A necessidade de falar sobre os livros que gostam é a motivação de certas entrevistadas. Algumas blogueiras enfatizam o gosto pelo compartilhamento de suas leituras. Já outra afirma que, além de falar sobre os livros que gosta com outras pessoas, ela motiva-se a postar no *blog* para ser um bom exemplo para os filhos.

CECI: Pra postar no *blog* é compartilhar informação. E como eu comentei falar de algo que eu realmente gosto.

LUCÍOLA: Ah, não tem muita motivação, é aquela coisa o sentido inicial é eu li e quero compartilhar aquilo com as pessoas [...]. É, tipo assim... Quem sabe alguém mais gostou ou quem sabe o que esse livro falou é bom pra outra pessoa...

MACABÉA: Porque eu gosto de fazer, eu gosto de ler. Quando eu fico muito empolgada com alguma coisa. Às vezes eu posto também, porque como eu tenho dois filhos, eu leio pra eles e eles trazem algumas coisas da escola [...]. É minha motivação, acho que eles principalmente, assim, poder mostrar pra eles que aquilo é legal, poder mostrar que você pode ter pessoas inteligentes, você pode conviver com pessoas, você pode aceitar as pessoas do jeito que elas são, você não precisa impor sua vontade sobre elas... A minha maior motivação é fazer algo que eu gosto e poder compartilhar isso com outras pessoas que eu sei que também gostam dessas coisas.

Percebe-se que grande parte das blogueiras usa a palavra “*feedback*” ao relatarem sobre as suas motivações, ressaltando a importância da interação com o leitor do *blog*. Outras motivações citadas dizem respeito a atuação como disseminadora de informações na blogosfera literária e o compromisso assumido com as editoras. A já citada necessidade de compartilhar leituras surge outra vez junto às principais motivações. A questão de ser um exemplo para os filhos, já citada na motivação para inserção na blogosfera, aparece novamente, sendo esse ponto abordado pelas duas blogueiras que são mães.

É evidente que as motivações das blogueiras, tanto para inserir-se na blogosfera literária como para continuar realizando postagens no *blog*, perpassam por questões muito pessoais, que envolvem sentimentos muito íntimos como: a necessidade de trabalhar a timidez, ter voz ativa e ser ouvida por outras pessoas, compartilhar suas leituras e poder expressar sua própria opinião, ser um exemplo para os filhos e mantê-los próximos, escapar da solidão, a responsabilidade com as parcerias e com os leitores do *blog*.

6.4.2.2 Representações do *blog*

O *blog* possui diferentes representações na vida das blogueiras. Durante as entrevistas elas foram perguntadas se enxergavam o *blog* como um *hobby*, como uma forma de visibilidade ou como uma forma alternativa de renda. Entretanto, surgiram outras respostas, uma vez que o *blog* também é visto como um trabalho e, em algumas falas, constatou-se que as blogueiras se referem ao *blog* como um “filho”.

É importante ressaltar que as representações do *blog* são ações, pois, conforme o conceito de informação adotado pelo paradigma social, produzir ou usar informação ocorre no decurso de outras ações, noção evidenciada pelo conceito de práticas informacionais.

Blog como hobby

A maioria das blogueiras compreende o *blog* como um *hobby*, evidenciando em suas falas que o *blog* é algo que fazem por prazer, não sendo uma forma alternativa de renda.

MACABÉA: Acho que ele tem muito mais uma forma de *hobby*. Hoje ele pra mim é um *hobby* assim, algo que eu dispendo um tempo pra cuidar porque eu gosto, não porque eu tenho pretensão de ah eu vou ser a blogueira mais conhecida da história dos *blogs*. Eu não tenho essa pretensão não, não é essa a intenção. A intenção mesmo é poder interagir com outras pessoas que gostam das mesmas coisas que eu e poder falar um pouquinho. Não é nada grandioso, não quero ficar rica.

CAPITU: Um *hobby* que me dá prazer em fazer quando eu tô inspirada. Do mesmo jeito que eu amo ler, eu amo fotografia, eu amo escrever também [...]. Eu faço por prazer mesmo. Se vier o dinheiro e a visibilidade é uma consequência, quem sabe um dia.

LUCÍOLA: É um *hobby* mesmo. É *hobby* mesmo, tanto que ele não tem uma constância. Eu escrevo nele tudo que eu gosto de todos os livros que eu leio e é isso. Não me dá renda não.

Uma das blogueiras também considera o *blog* um *hobby*, mas ressalta que, apesar de não obter uma renda, o *blog* possibilita que ela receba livros gratuitamente das editoras.

CECI: Hoje o *blog* pra nós é um *hobby*, porque como eu falei todas têm outros afazeres, mas a gente tem aquele carinho com o Paradise. [...] Como renda não temos, assim o que a gente tem nesse sentido é... A gente tem parcerias com algumas editoras, então a gente recebe alguns livros. [...] Mas como renda, não. Ele dá mais é gasto, porque às vezes a gente gosta muito do livro e quer sortear e a gente não tem como, a gente compra pra sortear.

Apenas uma das blogueiras ressalta o fato de conseguir arrecadar um pouco de dinheiro através da publicidade da Amazon, mas considera que o *blog* é um *hobby*.

GABRIELA: Olha, renda a gente ainda não tá ganhando dinheiro não. A gente tem negócio com a Amazon, aquele *link* da Amazon, então tem um dinheirinho lá, que a gente vai usar sei lá pra enviar prêmio de sorteio, alguma coisa assim. Então renda muito pouco. *Hobby*, sim.

As blogueiras consideram o *blog* como *hobby*, uma atividade realizada por prazer, ressaltando que ser blogueira literária não é uma atividade lucrativa.

Blog como trabalho

Surpreendente, certas blogueiras responderam que o *blog* trata-se de um trabalho, pois elas possuem parcerias com editoras e necessitam de cumprir prazos para ler os livros recebidos e postar as resenhas.

IRACEMA: A minha relação hoje com o *blog* é *hobby* também, até porque ele preenche lacunas no meu dia-a-dia, apesar de não ser o principal. Mas eu também encaro como trabalho, por causa do compromisso que eu assumi, até porque não é brincadeira né. A empresa que tá do outro lado ela é séria, ela quer lucro, ela não tá lá só pra fazer os blogueiros felizes [...]. E a gente é um meio de divulgação, um veículo né. Então eu encaro muito como um trabalho, como um compromisso. E com dinheiro assim, a gente não ganha

nada, mas quando a gente recebe livro, a gente economiza né. Porque é um livro que você queria ler, acaba que você recebeu em casa, então acaba que é uma economia. Então no geral é uma conta que fecha assim. Eu compraria de qualquer forma, então é até bacana ter o *blog* pra poder receber os lançamentos. E é muito bom você saber das coisas, sabe. Eu quando era leitora apenas, nossa não sabia de nada.

EMÍLIA: É, eu não considero mais um *hobby*, porque eu tenho obrigações a cumprir ali [...]. Mas hoje se eu não cumprir minhas obrigações, eu vou queimar meu nome [...]. Se fosse um *hobby*, eu postar ou não, seria tranquilo, mas não é mais [...]. Então se fosse só um *hobby*, tranquilo, eu não ia preocupar, porque não deu pra fazer, beleza. Só que eu tenho compromisso com terceiros, eu tenho compromisso com editora. Eu sei que muita gente considera a blogosfera, o *blog*, como *hobby*. Mas eu acho que a partir do momento que você tem parcerias, que você tem... assume compromissos, já não é... Já não é mais um *hobby*, aí acaba sendo um trabalho, um terceiro trabalho que eu tenho.. Eu tenho que cumprir aqueles prazos que eles determinam.

O *blog* configura-se como um trabalho para as duas blogueiras que possuem um grande número de parcerias com editoras. Emília do Entrando Numa Fria possui 13 parcerias com editoras, enquanto Iracema do Livros e Sushi possui cinco selos editoriais. A parceria com as editoras demanda dessas blogueiras uma responsabilidade com os prazos para leitura e postagem dos livros, o que desconfigura o *blog* como um *hobby* feito por prazer e impõe uma pressão para publicação das postagens.

Blog como forma de visibilidade

Em alguns casos, os *blogs* são considerados como forma de visibilidade. Gabriela afirma que o *blog* promove sua visibilidade e que coloca em seu currículo que é blogueira, pois como estudante de jornalismo, ela considera importante divulgar seu trabalho. Emília também afirma que o *blog* é uma forma de visibilidade, mas não em relação a sua profissão de advogada, sendo conhecida por ser blogueira

GABRIELA: É um pouco forma de visibilidade, porque eu coloco no currículo. Coloco blogueira DNA Literário, vídeo e texto. Porque se a pessoa vai procurar um texto seu e ela vê lá, eu acho que dá uma ajudada, sabe [...]. Então eu coloco no currículo sim, coloco naquela assinatura do Gmail.

EMÍLIA: Ah, todo mundo fala que eu conheço o mundo né. Todo mundo fala, 'A Emília? A Emília conhece o mundo'. Na verdade, a Emília é conhecida no mundo, todo mundo conhece a Emília. Então o pessoal normalmente sabe, que se precisa saber de alguma coisa, se tem alguma novidade fala comigo. Eu não sei nada, mas normalmente o pessoal aqui de BH, fala 'Ah a Emília deve saber', 'Ah vamos postar alguma novidade, ah a Emília sabe, se a Emília não souber ninguém sabe'. Eu falo que não é assim gente, tem gente que sabe muito mais do que eu, mas eu sei de muita coisa [...]. As pessoas praticamente não conhecem a Emília advogada pelo *blog*, as pessoas conhecem a Emília blogueira. Mas eles sabem que se precisar de qualquer coisa tem a Emília ali que vai te ajudar. Então eu tenho uma visibilidade boa.

Para algumas blogueiras, o *blog* permite algumas facilidades no meio literário, como a entrada gratuita em eventos.

CECI: É, a gente consegue, nós conseguimos credenciar na Bienal, então nós não vamos pagar a entrada. Então ele dá uma facilitada com algumas coisas no meio literário [...]. A visibilidade no sentido que às vezes você tá aqui, a pessoa fala 'Ah você é a Ceci do Paradise', então nós somos reconhecidas em alguns locais por causa do *blog*. Mas é só no meio literário realmente, não pra outra coisa assim.

LUCÍOLA: É, menina acho que foi uma das melhores realizações da minha vida blogueira foi isso. Eu recebi uma carta, uma carta não, eu recebi um *e-mail* da Novo Século me convidando pra ir na Bienal, e eles me deram duas cortesias. Na Bienal de BH em 2016. E assim, eu me senti o máximo, porque eu tinha direito a um *kit* de blogueiro e aí eu fui sabe feliz. Ah mostra sua... Mostrei o meu ingresso, porque eu não gastei nada pra poder entrar. Aí fui toda maravilhosa, cheguei 10 horas da manhã, na hora que abriu a Bienal, saí da Bienal seis horas da tarde. Aí fui, passei lá no estande da Novo Século, ganhei meu kitzinho, que veio com *ecobag*, garrafinha, tudo que a gente gosta né. Ter um negócio pra você beber água, poder hidratar, e uma *ecobag* maravilhosa e tal, fiquei me sentindo.

Em outro momento da entrevista, Emília também lembrou do reconhecimento que possui nos eventos literários, como na Bienal do Livro, onde é sempre lembrada como a blogueira que vai presentear os autores com doce de leite. Ela conta com orgulho, que na Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em 2017, recebeu a credencial de imprensa, sentindo-se mais valorizada.

EMÍLIA: [...] você tem que manter sua marca, você tem que manter sua ideia, porque igual as pessoas já me conhecem, já sabem quem eu sou. Há oito anos, que eu acho que eu fui na minha primeira Bienal, eu levei doce de leite para os autores, aleatoriamente, porque eu queria dar uma lembrancinha. Acabou que hoje todo mundo sabe, todo mundo sabe, se vier em Belo Horizonte, vai ganhar doce de leite. Se for na Bienal, eu sempre vou levar doce de leite. Então, eu já sou conhecida como a blogueira que vai levar doce de leite. Se eu não levar doce de leite, é assustador o tanto de gente que reclama, não reclama não do tipo de xingando, mas 'Pô Emília, você não trouxe doce'. Então gente é sempre isso, é acreditar que uma coisinha mínima que você faz vai ser reconhecida, pode não ser reconhecido financeiramente que às vezes é o que as pessoas esperam. Mas é o carinho, um livro que você vai receber sem tá esperando, uma cortesia de entrada, uma credencial de imprensa invés de ser de blogueiro. Ano passado, Bienal do Rio. Eles tinham a credencial de blogueiro, eu recebi a de imprensa e a de blogueiro. Então, faz uma diferença, você vê que seu trabalho tá sendo mais reconhecido porque você recebe uma credencial de imprensa, sendo que eles poderiam ter me dado a de blogueiro.

Dessa forma, o *blog* apresenta-se como uma forma de visibilidade, dependendo do propósito de cada blogueira. A futura jornalista Gabriela necessita que as pessoas conheçam seu trabalho com o *blog*. Ceci e Lucíola constatam que a sua visibilidade é somente no meio literário, mas que isso proporciona algumas facilidades. Já Emília, que já possui uma carreira consolidada como advogada, prefere ser reconhecida como blogueira, sendo uma referência nos eventos literários.

Blog como filho

No discurso de metade das blogueiras constatou-se que elas referem-se ao *blog* como um “filho”, utilizando também a palavra “cuidar” ao se referirem à atualização do *blog*. Essas expressões demonstram uma forte afetividade na relação das blogueiras com o seu *blog*.

CECI: Então como eu falei, no começo do ano a gente ficou um tempo sem atualizar o *blog*, todo mundo ficou triste. Como vamos fazer com o *blog* né não vamos deixar ele morrer, tipo é o nosso filho [risos]. Então é um *hobby*, vamos cuidar dele. Cada uma pode postar uma vez por semana? Pode. Então vai ser assim. A gente tenta cuidar mesmo, assim é o nosso filho.

GABRIELA: Eu acho que eu faço muita coisa pensando no DNA e pensando no DNA crescendo, sabe [...]. Então eu fico pensando nisso tipo nossa vou fazer tal vídeo, vou fazer tal coisa, mas porque é uma parte da minha vida que eu gosto, sabe. Eu realmente gosto de fazer o que eu tô fazendo. E então eu penso no DNA com carinho mesmo, tipo como se fosse um filho que eu tô cuidando sabe.

Uma das blogueiras conta como consegue “cuidar” do *blog* em meio a uma rotina de trabalho intensa. Em seu discurso, ela expressa uma contradição entre, ao mesmo tempo, gostar e não gostar do tempo que o *blog* demanda, mas considera que o *blog* é uma escolha que faz parte de quem ela é. A blogueira conta que qualquer tempo disponível que possui, entra no *blog* para dar uma olhada, como se fosse um filho.

IRACEMA: Engraçado, eu falo que às vezes não tenho tempo pra cuidar dele, que quero desistir né, mas ao mesmo tempo eu penso assim nossa se eu não tivesse ele o que eu ia fazer no final de semana, o que que eu ia... Será que eu ia ler por obrigação? Porque a gente tem prazos né. E acaba que hoje eu vejo que eu gosto demais do tempo que ele me toma, e não gosto também. É bom demais, não sei explicar, é bom e ruim. É tipo eu não odeio, porque se eu odiasse eu não ia fazer nunca né, mas é uma relação assim tipo tá dentro já, tá inserido no meu dia-a-dia, super corrido, mas a gente encaixa. E dá certo, sabe. É muito doido [...]. Mas assim, às vezes no meu trabalho, no meu trabalho eu acabo abrindo o *blog*, tem um comentário e tal, acabo respondendo e tal. Qualquer momentinho eu vou lá e dou uma olhada, é tipo filho sabe. Eu gosto muito, mas o tempo que ele toma não é um tempo assim que nossa eu tô deixando de viver, sabe. Acho que faz parte do que eu hoje sou, do que hoje eu quero. Então assim é bem natural mesmo, gosto muito.

Ana Terra, ao falar das diversas redes sociais ligadas ao *blog*, conta que cada plataforma é “cuidada” pelas blogueiras integrantes do Marshmallow com Café. De acordo com ela, o Twitter precisa de uma “mãe” para cuidar dele como um “filho”, da mesma forma que as outras mídias são “cuidadas”

ANA TERRA: Porque o Instagram nós quatro cuidamos, o Facebook a Yasmin⁵¹ cuida mais, aí tem o Pinterest que às vezes a gente consegue colocar alguma coisa lá, mas aí nós quatro também acessamos. Precisamos de uma cuidadora oficial, uma mãe do Twitter, pra poder cuidar dele como um filho como a gente tem cuidado das outras mídias.

⁵¹ Nome fictício.

O fato das blogueiras referirem-se ao o *blog* com um filho, demonstra uma relação sentimental com o projeto. No discurso das blogueiras observa-se que esse *blog* “filho” demanda cuidado, carinho, deseja-se que ele cresça, mas ao mesmo tempo, esse mesmo filho demanda tempo e cobra responsabilidades.

6.4.2.3 Mudanças após o *blog*

As entrevistadas relataram as principais mudanças que sofreram em suas vidas após se tornarem blogueiras. No discurso de determinadas blogueiras constata-se que o *blog* trouxe amizades e auxiliou na melhoria da sociabilidade. Em outros relatos, as blogueiras evidenciam que o *blog* contribuiu para sua autoconfiança e reconhecimento.

Amizades e sociabilidade

Tornar-se blogueira possibilitou que essas leitoras participassem de novos círculos sociais, conquistando novas amizades. Ceci é grata ao meio literário pelos amigos que fez em Belo Horizonte, principalmente as blogueiras do Paradise Books. Ela também comenta sobre sua amizade com Iracema e afirma que o mundo literário constitui 50% de sua vida.

CECI: Na minha vida é... Eu sou muito grata à literatura, aos livros, pelos amigos que eu fiz, como eu falei, eu não morava aqui... Então hoje todos os amigos que eu tenho foi por meio da leitura. E eu me senti... pelas meninas quando elas me convidaram pra fazer parte do *blog*, porque como eu falei são duas irmãs e uma prima, então elas são todas da família, eu sou o pontinho de fora ali no *blog*. Então pra mim é importante nesse sentido, é onde eu posso me expressar a respeito das minhas leituras, se eu tô gostando se eu não tô gostando. Eu entro em contato com outros leitores também, que às vezes você posta a resenha, você pergunta ‘Quem já leu? Vocês gostaram ou não gostaram?’ Então você fica compartilhando essa informação com pessoas, contatos mesmos... Amigos que eu fiz por conta do *blog*, a Iracema veio depois, eu conheci a Bruna que é do Meu Mundinho Fictício porque eu participava da promoção no *blog* dela, eu comentava lá e eu conheci ela pessoalmente, que é daqui de Belo Horizonte... Então assim é muito importante pra mim esse mundo literário, vamos dizer assim, do *blog*, dos contatos e tudo. Como eu falei na Bienal tenho contato com todas... Então tipo assim é 50% pra mim esse mundo literário, que é muito importante.

Outra blogueira considera que não é uma pessoa que possui facilidade em fazer amizades, mas que conheceu pessoas do Brasil todo por meio do *blog*, além do grupo de amigas blogueiras de Belo Horizonte.

IRACEMA: E eu não sei... Mas eu conheci muita gente, muita, muita gente, foi muito bom. Eu não sou uma pessoa que faz amizade fácil e com ele eu conheci muita gente, sabe, que talvez eu não conheceria nunca. Tipo eu só conheço gente do meu trabalho, da faculdade... E são pessoas do Brasil todo, tem gente de São Paulo, do Rio que a gente fez amizade. Aqui de BH também meninas que eu nunca... não tem nada em comum a não ser livros e somos amigas. Então assim eu acho que essa parte dos livros mudou muito por causa disso. E também tem as apresentações em eventos, acaba que a gente

fica mais atendida. [...] Então eu acho que um pouco dos livros já tá internalizado em mim sabe... A gente muda sem saber né... E acaba que eu não sei viver mais sem isso, é muito louco né.

Lucíola considera o *blog* como seu ponto de equilíbrio, afirmando que ele a retirou de crises depressivas intensas. Além disso, ela afirma que depois do *blog* conquistou novos amigos, pois antes ela só convivia com o filho e com as pessoas vinculadas à igreja que frequenta. Atualmente, ela se relaciona com várias pessoas diferentes no meio literário.

LUCÍOLA: Ele é meu ponto de equilíbrio [...]. Ele não deixa a minha, o meu pêndulo nem ficar muito negativo e nem ir por positivo demais, porque eu acho que quando você tá muito feliz, as coisas sempre tendem a dar um caída. E aí ele mantém esse meu equilíbrio entre o coração e a razão, digamos assim, porque eu sou muito racional [...]. Eu tenho amigos [risos]. Não, eu... As pessoas que eu conheço elas são maiores, porque antigamente eram pessoas da faculdade e pessoas da igreja. E... Aí eu saí, eu terminei Gestão Financeira, aí era só eu e meu filho e as pessoas da igreja. Agora, tipo assim, nos encontros eu me relaciono com várias pessoas diferentes, então eu tenho essa possibilidade de conhecer outras pessoas, conhecer pessoas diferentes, sabe, de trabalhar com pessoas diferentes, de estar em meios [...]. Me tirou de crises depressivas, de crises de ansiedade muito grande... Então assim, pra mim o *blog* é isso.

Em seu relato, Macabéa considera que o *blog* possibilita que ela esteja próxima dos amigos, uma interação com pessoas por quem ela tem um carinho especial. Além disso, o *blog* permite também conhecer outros leitores, de modo que seja criada uma rede social de pessoas que gostam das mesmas coisas. Ela termina sua fala afirmando que o *blog* é seu grupo de apoio.

MACABÉA: É um papel mesmo assim [...] que eu possa realmente estar mais próxima dos meus amigos porque as pessoas que estão lá são pessoas por quem eu tenho um carinho muito grande [...]. Uma ferramenta pra você fazer da leitura... uma ferramenta pra interagir com outras pessoas. Então o *blog* acabou sendo isso, ser uma ferramenta pra gente conhecer outras pessoas, pra gente falar desse... pra criar mesmo um universo de pessoas em uma rede social de pessoas que gostam das mesmas coisas que a gente gosta. É quase como se fosse aqueles grupos sabe, tipo grupo de apoio, o *blog* é meu grupo de apoio [risos], tive DR [discussão de relacionamento] aí eu vou pra lá.

No caso das blogueiras tímidas, houve relatos de como o *blog* auxiliou na superação da timidez e na melhoria de sua socialização.

ANA TERRA: Eu tenho melhorado o aspecto pessoal. Porém no *blog* é um pouco mais tranquilo, por tirar o visual, sabe. Eu tô falando lá, tem a minha foto lá, mas a pessoa não tá me vendo falar. Então é bem mais tranquilo falar assim. Mas eu tenho tentado melhor o verídico mesmo né, a Ana Terra fora da internet.

GABRIELA: Olha, eu tô bem menos tímida do que eu era. Porque eu acho que a partir do momento que você se abre pra outra pessoa ler o que você tá falando, você perde um pouco disso, porque tipo você sabe que alguém tá lendo, você não tá postando pra ninguém [...]. Eu perdi muito a timidez [...]. Foi o DNA que me ajudou com a timidez assim e me ajuda também a fazer amizade, eu tô fazendo amizade por causa dos livros.

É perceptível que o *blog* promove a criação de vínculos entre os leitores literários. Ao ser uma forma de divulgar as leituras realizadas, o *blog* permite a interação entre leitores que

possuem gostos semelhantes, o que propicia o surgimento de novas amizades. Além disso, o *blog* auxilia como forma de expressão, possibilitando a superação da timidez.

Autoconfiança e reconhecimento

A autoconfiança e o reconhecimento são sentimentos que emergiram nas falas das blogueiras. No depoimento abaixo, uma das blogueiras constata que, conforme recebia *feedback* positivo dos leitores do *blog*, sentia-se confiante e valorizada. Ela afirma que essa confiança atingiu todos os aspectos de sua vida.

CAPITU: Autoconfiança. Sério. Porque as pessoas que me davam retorno, eu comecei a pensar nossa as pessoas leem de verdade, nossa as pessoas realmente gostam, se elas tão se dando ao trabalho de escrever pra mim é porque elas gostam. Já recebi vários *e-mails* de pessoas elogiando, nem pedindo nada... E eu fico muito feliz de ver que as pessoas gostam, sabe. Então eu comecei a escrever, eu sempre gostei de escrever só que eu não publicava nada. E quando eu comecei a fazer o *blog* que eu percebi que as pessoas gostavam do que eu escrevia, melhorou muito assim a minha confiança na minha pessoa. Sério, eu fiquei assim mais confiante em qualquer coisa na vida. Fui melhorando aos poucos né, claro, mas melhorei bastante.

Outra blogueira descreve como se tornou uma referência para as pessoas quando o assunto são os livros, sendo reconhecida como uma pessoa que lê muito e escreve sobre os livros que ama.

EMÍLIA: É... Todo mundo quando precisa de alguma informação, de família, é muito engraçado... Às vezes alguém de família vem conversar com você, você fala 'Ah pode falar', 'Não, tô precisando é de uma indicação de livro'. Então pra indicar livro sou eu. E isso mudou muito de antes, porque hoje todo mundo sabe a Emília lê, a Emília tem muito livro, a Emília ama leitura, a Emília escreve. Então isso fez uma diferença até na minha vida.

Macabéa, uma das organizadoras do Clube do Livro de Ribeirão das Neves, considera que o *blog* contribui com certa credibilidade, uma vez que ela necessita de solicitar contribuições de editoras para esse projeto social. Segundo a blogueira, o *blog* permite que as pessoas a conheçam e possam ler o que ela escreve.

MACABÉA: E o *blog* me ajudou nisso. Em que? Conhecer editoras, de ter mais coragem pra poder ir lá e falar aqui deixa eu te falar, tem um Clube lá em Neves e tal... E eu acho que o *blog* ajuda porque dá credibilidade e tal. A pessoa tem um *blog* onde ela escreve e ela tá fazendo um trabalho social lá na cidade dela onde quer fazer né alguma coisa lá... Então isso ajuda, dá credibilidade quando você manda, você fala 'Ah eu escrevo lá no *blog* tal', você vai ver minha carinha lá, quem sou eu na fila do pão, você sabe quem que é. Então o *blog* ajudou nisso, sabe.

É perceptível no discurso das blogueiras que sua inserção na blogosfera literária possibilitou mais do que a participação no universo literário, abrindo caminho para conhecer novas pessoas e fazer novas amizades, além de permitir a conquista da autoconfiança e um reconhecimento do seu trabalho por parte de terceiros, como os familiares e as editoras. É importante ressaltar que todas as mudanças observadas estão relacionadas a sentimentos

muito íntimos de cada blogueira, que envolvem as relações interpessoais, a capacidade de interagir, a confiança em si mesma e a sensação de ser reconhecida.

6.4.3 Ações de Informação

Em sua pesquisa, Harlan (2012) considera como ações de informação: a coleta, o pensamento e a criação de conteúdo. Essas três categorias conceituais criadas pela autora, foram obtidas no estudo das práticas informacionais de adolescentes em comunidades virtuais, abordado no referencial teórico. As ações de coleta são guiadas por necessidades informacionais e ocorrem por meio da observação, navegação, busca e também inclui o encontro casual com a informação. As ações de pensamento estão relacionadas ao modo como são usadas as informações coletadas, incluindo avaliação, reflexão e o planejamento. Por fim, as ações de criação constituem o uso visível da informação, incluem copiar, modelar e compor.

Ao fazer um paralelo com o conceito de ações de informação proposto por Harlan (2012), a presente categoria intenciona compreender as ações das blogueiras no processo de produção de conteúdo para o *blog*. Tal processo compreende ações de coleta, visto que as blogueiras necessitam de realizar leituras prévias para produzir resenhas, procurar informações sobre os lançamentos ou recebê-los diretamente das editoras. As ações de pensamento também estão presentes no momento da construção do texto, no planejamento dos sorteios, na ideia do cenário das fotografias de livros, ao manter a atualização do *blog*, ao programar a divulgação do conteúdo em cada uma das redes sociais. As ações de criação são contempladas no ato de escrever resenhas críticas, realizar sorteios, divulgar lançamentos literários, fotografar livros, postar nas redes sociais, enfim, produzir conteúdo.

Nesse sentido, apresentam-se as subcategorias de ações de informação: produção de conteúdo, escrita de resenhas, sorteios e lançamentos, produção de fotos, atualização e transmídia.

6.4.3.1 Produção de conteúdo

As entrevistadas foram questionadas se consideravam-se como produtoras de conteúdo, um dos papéis que essa pesquisa objetiva averiguar no que se refere a atuação dos blogueiros na blogosfera. De acordo com Arnault et al. (2011), atualmente, todos têm o potencial de produzir conteúdo. A realização de postagens nos *blogs*, a escrita de resenhas e a criação de imagens são ações que podem ser compreendidas como produção de conteúdo na *web*. Entretanto, a pergunta intencionava investigar a perspectiva que as blogueiras possuem de si mesmas como produtoras de conteúdo. A maioria das blogueiras respondeu

afirmativamente, considerando que produzem conteúdo nos *blogs* como resenhas e fotos. Além disso, a influência que o conteúdo postado pode provocar no leitor também foi citada.

IRACEMA: Sim, também, até pelas fotos e pelas resenhas. Eu acho assim... a gente acha que não, mas a gente influencia muita gente.

EMÍLIA: Produtora de conteúdo, sim. Porque eu tenho conteúdo escrito e mesmo se eu replico conteúdo, se eu pego conteúdo numa página e repostado no Instagram, eu tô fazendo com que aquele conteúdo aumente, chegue, um alcance maior, então assim...

ANA TERRA: Acho que sim. Eu deixo a minha opinião marcada sobre determinada coisa e aquilo pode influenciar outras pessoas, sabe. 'Ah, eu vou ler aquele livro porque a menina daquele *blog* falou que ele é bom, vamos ver se ele é bom'. Isso pode influenciar tanto positivamente, quanto negativamente.

GABRIELA: Sim, eu produzo conteúdo. Nunca parei pra pensar nisso, mas é, eu produzo conteúdo pra alguém, falando de alguma coisa pra alguém, alguma coisa que... alguma coisa que outra pessoa também pode gostar.

CAPITU: Pergunta difícil. Eu não sei se eu diria que hoje em dia... Mas se for olhar no geral, sim. Porque eu não copio nada dos outros *blogs*, o que eu faço é autoral, as fotos são minhas, o texto é meu, eu escrevo a minha opinião [...]. Então é uma geração de conteúdo.

Por outro lado, algumas blogueiras não se consideram como produtoras de conteúdo. As ações de compartilhar conteúdo e emitir opiniões por meio das resenhas críticas não são compreendidas pelas entrevistadas como uma produção de conteúdo. O argumento preponderante em seus discursos é o de que elas não produzem nada de novo, sendo sua atuação somente compartilhar e comentar sobre algo que já existe.

CECI: Não... Eu... É compartilhar mesmo assim, eu não... É *hobby* pra nós. Então é mais um compartilhar mesmo, pra as pessoas terem contato com outras pessoas com o mesmo gosto que a gente, essas coisas... Sim, eu crio conteúdo, mas não...

LUCÍOLA: Não. Porque tipo assim pra você ter, pra você ser um... você produzir um conteúdo, você precisa produzir além daquilo ali. E eu falo de uma coisa que já está pronta, eu só tô fazendo a minha visão. Não é, eu não vou influenciar o mundo pela minha resenha, às vezes eu posso mudar o seu pensamento com uma resenha minha. Mas eu não vou criar nada, eu não vou tirar do limbo uma coisa que não existia ou melhorar uma coisa que não existia. É, não me acho.

MACABÉA: Produtora de conteúdo? Eu não sei... [...]. Eu não sei se produtora de conteúdo seria... Acho que mais produtora de opinião do que de conteúdo, porque eu entendo que conteúdo é você pegar algo e colocar um assunto novo em pauta. Acho que quando você faz resenha, você não tá colocando um assunto novo em pauta, você tá emitindo opinião sobre algo que outras 300 pessoas tão emitindo. Acho que seria gerar conteúdo se eu falasse de um assunto completamente novo, tipo eu entro lá e falo algo a partir do nada ou a partir de alguma coisa que eu vi, uma pesquisa que eu fiz, realizei, eu vou fazer algum *post*. Mas quando eu faço uma resenha eu não acho que eu tô gerando conteúdo, eu acho que eu tô na realidade emitindo uma opinião sobre algo.

A identificação das suas ações na blogosfera como formas de produção de conteúdo está presente no discurso de muitas blogueiras. Em outra visão, algumas não se consideram produtoras de conteúdo, preferindo afirmar que compartilham informações e emitem opiniões.

6.4.3.2 Escrita de resenhas

Retomando o referencial teórico, Araújo e Araújo (2015) consideram a resenha como um elemento essencial na caracterização de um *blog* literário, pois são as experiências do autor da postagem transmitidas aos leitores da página, contendo a descrição da obra lida de maneira sintetizada e argumentos relacionados à opinião crítica. Por meio da análise documental, constatou-se que a maior parte das publicações dos oito *blogs* pesquisados constitui-se de resenhas. As blogueiras foram questionadas sobre a importância que davam ao texto e como acontece o processo de escrita das resenhas.

Como observado durante a análise documental dos *blogs*, as resenhas críticas possuem uma estrutura pré-determinada, com a inserção dos elementos em uma certa ordem. Geralmente a resenha é iniciada com a sinopse, copiada do livro ou redigida com as próprias palavras da blogueira. Posteriormente, apresenta-se a opinião sobre o livro, transmitindo aos leitores as impressões que a blogueira teve durante a leitura.

ANA TERRA: Eu acho que o texto... Ele é a parte mais importante na questão do transmitir [...]. Então, eu tento passar... Igual a gente divide né, a sinopse e o que eu achei desse livro. Eu tento passar na sinopse o máximo de informação possível sem dar *spoiler*, e o que eu achei eu tento falar... De uma forma... bem verídica, assim o que eu achei sabe.

LUCÍOLA: Mas assim, se você for ver eu sempre tenho uma estrutura meio que pré-determinada, que eu mudei a pouco tempo, que eu meio que inverti. Sempre falo, tipo assim, falo alguma coisa aleatória, aí eu falo a minha visão, tipo a minha sinopse do livro e aí eu falo sobre o livro, assim a história. Aí eu coloco a sinopse mesmo do livro, que o autor fez. Eu acho que tipo assim, tem gente que fala que enche muito, mas eu acho que não enche, eu acho que... Uma coisa é você ver a minha visão, outra coisa é você ver a visão que o autor tem da história...

CECI: No texto da resenha a gente sempre tenta não copiar a sinopse do livro, pra não ficar tipo uma repetição né. Já tem a sinopse, eu vou repetir a sinopse inteira? Não. Então a gente sempre tenta falar do livro qual que é o tema ou a trama que ele envolve, a gente sempre tenta colocar. E falar a respeito do que nos agrada e do que não agrada também.

De acordo com Pereira (2009, p.10), “o que podemos então compreender é que os *blogs* literários partem de uma situação concreta: o desejo de escrever e ser lido. São dirigidos a um auditório concreto, os leitores, e de acordo com o desejo de atingir ou não um interlocutor específico [...]”. Dessa forma, evidencia-se no discurso das blogueiras a necessidade em adequar a sua escrita de forma que agrade o leitor. Atualmente, as blogueiras consideram que os seguidores não estão interessados em ler resenhas muito longas, pois percebem que as pessoas estão com certa “preguiça” de ler. Dessa forma, elas procuram escrever de forma mais sucinta, proporcionando aos seus leitores uma leitura menos exaustiva.

CAPITU: E eu não coloco muito texto porque eu acho que as pessoas, atualmente elas tão com muita preguiça de ler assim, sabe. Tipo ela começou a ler, só preciso dar o gostinho do livro do livro, pra ela ir lá e comprar. Se eu falar tudo, a pessoa não vai nem querer comprar sabe.

IRACEMA: Aí eu nem faço muitas resenhas longas assim, eu acho que eu faço uns cinco parágrafos. Assim não tem conta, mas eu tento não falar muito pra não estragar a história e também tento não ser chata tipo assim 'ah gente achei esse livro tão lindo olha aqui, olha essa capa', porque isso enche linha e quando você vê tem cinco parágrafos falando nada e a pessoa não tá interessada às vezes muito nesse processo sabe. Então assim, escrever é uma arte viu, porque manter a pessoa interessada é difícil.

LUCÍOLA: [...] assim também como resenhas grandes também não adianta.

PESQUISADORA: O pessoal não lê resenhas muito grandes.

LUCÍOLA: Não [risos]. Por isso que vídeos no YouTube, aqueles de cinco minutos, aquelas resenhas mega rapidinhas fazem tanto sucesso.

A ação de emitir uma opinião pessoal sobre o livro lido é destacada por algumas blogueiras. Elas acreditam que é essencial justificar ao leitor a sua avaliação sobre a leitura, explicando o porquê de ter gostado ou não da narrativa. A análise do livro, feita por meio de uma resenha, geralmente avalia o enredo, os personagens e até mesmo a edição.

ANA TERRA: Se eu gostei eu vou colocar que eu gostei por causa disso, disso e disso. O personagem tal me chamou a atenção nisso, o personagem tal eu não gostei de tal característica dele [...]. Mas tem alguns que eu procuro falar coisas que me incomodaram, sabe [...]. Ah, foi a escrita do autor que eu achei incoerente, foi a edição que não ficou muito boa, eu não me adaptei pra aquela edição, ah a paginação do livro é branca e não *off-white*, isso cansa a vista. Eu procuro dar esse *feedback*.

CAPITU: Mas tentar falar sobre tudo um pouco, os personagens, o enredo, se eu me dei bem com o personagem ou não, se eu achei que a história foi bem desenvolvida ou não e a edição em si mesmo. Eu falo se eu gostei, se vale a pena.

MACABÉA: A maior parte são resenhas, normalmente resenhas críticas, que a gente acaba emitindo um pouco da nossa opinião sobre aquilo que a gente leu, aquilo que a gente viu [...]. No texto eu acho muito importante, e isso é algo que eu prezo, é a liberdade de emitir a minha opinião.

GABRIELA: E eu acho que a gente divulga muita resenha, muita opinião de filme, de série. Então eu acho que as pessoas vão pra querer saber o que a gente tá falando mesmo das coisas.

CECI: Porque não é só falar que é tudo lindo e maravilhoso, porque tem algumas leituras que realmente não fluem. E dar a nossa opinião se a gente indica ou não, assim eu realmente gostei do livro por causa disso, disso e disso, isso me atraiu, ele teve um final que me deixou desesperada, agora eu quero ler o próximo...

Outro ponto citado foi a importância de destacar os aspectos positivos e os negativos da leitura na resenha, sem julgar o livro como completamente ruim. As blogueiras ressaltam o fato de as pessoas possuírem opiniões diferentes, de forma que um livro que não gostaram poderá ser apreciado por um outro leitor.

CECI: Mas eu tenho uma opinião um tanto minha que... Eu já escrevi no *blog*, em resenhas passadas, em alguns comentários, que é às vezes um livro que funciona pra você, não funciona pra mim, então vamos lá né... Gostos diferentes. Porque às vezes você faz uma resenha realmente que ela fica negativa, aí você fala gente eu não consegui me incluir nessa história, eu não consegui entrar no contexto do autor, tudo que ele escreveu eu já esperava...

EMÍLIA: Eu acho que as minhas resenhas, as resenhas do *blog* são importantes. Porque uma coisa é a pessoa falar 'Ah não, livro horrível', e não

explicar porque. Eu gosto... eu não sou jornalista, nenhum de nós é jornalista pra poder dar uma opinião final. Então eu acho que a gente deve falar sempre pontos positivos, pontos negativos pra que a pessoa... Às vezes um ponto negativo pra mim, pro leitor é um ponto positivo [...]. Na verdade as minhas resenhas no *blog*, eu acho que elas têm ponto positivo no mercado, por causa disso, por não falar que é ruim e não falar que é maravilhoso.

Macabéa considera que é importante fazer associações entre a atualidade e os livros que indica em suas resenhas. A blogueira acredita que possui uma grande responsabilidade de mostrar para seus leitores que a literatura não é somente um entretenimento, servindo também para informar. Como exemplo, ela conta que em uma data específica sobre a memória das vítimas de tortura, ela fez uma postagem abordando vários livros com a temática da ditadura.

MACABÉA: Então a gente procura sempre fazer um *link* que esteja envolvido com a literatura [...]. A gente procura falar de alguns temas dentro do que tá acontecendo no momento também [...]. Mês passado se não me engano, eu aproveitei a nossa lista de leituras do mês, os desafios que a gente tinha do mês, pra falar por exemplo de literatura ligada a época dos militares sabe, à repressão [...] é um mês que tem uma data específica pra falar sobre vítimas de tortura, e aí a gente aproveitou pra falar “Ó esses livros falam sobre esse tema”... Porque às vezes as pessoas vão muito cruas, assim literatura ela não pode ser só pra divertir, ela tem que ser pra informar. Sabe, eu acho que a gente tem uma responsabilidade muito grande, principalmente quando se escreve uma coisa assim, você joga nas redes sociais, de você falar pras pessoas olha você até pode ler pra se divertir, mas se você quiser saber alguma coisa, se você quiser se informar a respeito de uma época... Igual a gente fica chocado quando a gente vê jovens falando ‘Ah podia voltar a ditadura’, não sabe o que tá falando. Então assim... Será que é falta de conhecimento? Será que é porque você não quer chegar a esse conhecimento? Eu acho que é importante a gente chegar e mostrar que tem, ‘olha tem essas alternativas aqui, você pode pesquisar, você pode saber’.

Durante a escrita de uma resenha crítica sobre um livro literário, as blogueiras tentam contemplar alguns aspectos da narrativa, mas, sobretudo, emitir a sua opinião sobre a leitura. É também essencial justificar ao leitor elementos que embasam essa opinião, como aspectos positivos e negativos do enredo, dos personagens e da edição do livro. Atualmente, as resenhas adaptam-se à preferência do seguidor do *blog*, que não lê textos muito longos. A preocupação com esses leitores também é evidenciada na ação de não julgar o livro como completamente ruim, uma vez que outro leitor pode gostar. Essa centralidade do leitor é comentada por Recuero (2004a, p. 6), que afirma que “quem escreve, em um *weblog*, escreve sempre em relação ao Outro, a um leitor, um receptor, imaginário ou concreto [...]”. Por fim, a responsabilidade de informar os leitores por meio das resenhas foi sentida por uma das blogueiras, que faz associações entre momentos atuais, história e literatura.

Relação com a escrita

As blogueiras também foram questionadas a respeito de como é a sua relação com a escrita, se elas possuem ou não facilidade em escrever e como se dá o processo de escrever uma postagem para o *blog*.

MACABÉA: Eu normalmente assim, eu vou fazendo anotações, quando eu quero resenhar alguma coisa, normalmente eu gosto de fazer algumas anotações ao longo do período que eu tô lendo, eu marco com *post-it*, eu coloco alguma coisa pra sinalizar e tal. Quando eu sento pra escrever, eu gosto de escrever tudo de uma vez [...]. Porque assim, enquanto tá fresco na minha cabeça, enquanto as ideias tão fluindo [...]. Aí depois, às vezes eu nem faço no mesmo dia, eu volto depois. Às vezes eu edito, arrumo direitinho, tabulo, organizo as ideias, às vezes troco parágrafo, tipo assim nossa atropeli essa informação aqui, aí troco um parágrafo de lugar. Não tem nada que eu faça assim sob pressão não.

A blogueira citada afirma que o processo de escrever começa durante a leitura, com as marcações e anotações feitas no livro. Ela relata escrever tudo de uma vez e só depois organizar as ideias e editar o que escreveu. Já no relato abaixo, outra entrevistada conta sua dificuldade em expressar no texto da resenha as emoções sentidas durante a leitura do livro.

LUCÍOLA: Tem livros que eles são maravilhosos de se ler e muito difíceis de escrever, sabe [...]. Tipo assim, quando eu pego esse tipo de livro, eu fico assim... Caraca como eu vou colocar tipo uma unha do sentimento desse livro num papel? [...]. Então acho que esse que é o desafio, o gostoso do *blog* é exatamente essa diferença assim, sabe. Você tem um peso sobre aquilo que você escreve, porque você tenta passar a mesma emoção que você teve lendo, você quer que as pessoas tenham um gostinho daquilo ali lendo o que você escreveu, por isso que eu acho que é tão difícil.

A relação com a escrita depende do momento em que se escreve, sendo natural para as blogueiras terem dias em que a escrita flui e dias em que não flui. Outro fator que intervém na escrita é a narrativa do livro em si, que interfere na facilidade em transmitir informações pelo texto.

IRACEMA: Eu até que... Tem dias que a gente, tem dias melhores que os outros pra escrever. Mas... Não sei, acho que é tranquilo. Eu sento, escrevo. Tem alguns erros [...]. Mas é prática e tudo mais [...]. Mas a relação, não é que é complicada, eu acho que tem seus dias.

ANA TERRA: Depende. Tem algumas que eu consigo escrever bem rápido e tem outras que eu agarro. Tem histórias que eu tenho muita coisa pra falar, eu tenho várias histórias, mas na hora que eu sento na frente do computador, tudo some. Ou então nada tá bom, as informações não tão conversando entre si, aí eu apago e refaço, apago e refaço, aí uma hora vai. Mas vai depender bastante da história e do que eu tenho pra falar sobre a história.

EMÍLIA: É engraçado, porque às vezes se eu não gostar do livro, ela vai fluir melhor do que se eu gostar. Depende muito do dia, a gente comentou, já aconteceu de eu pegar tipo quatro horas e fluir cinco, seis resenhas. Já aconteceu de eu ficar duas horas na frente do computador e não sair uma linha. Depende muito de como eu tô [...]. Normalmente às vezes eu só desespero. Se eu tô com um prazo pra cumprir e tá chegando o prazo, por exemplo, amanhã é dia 20, eu tenho que entregar acho que duas resenhas da Arqueiro, se eu não consigo escrever hoje, amanhã eu começo a surtar, aí elas não vão sair fácil.

Como abordado no referencial teórico, Santos, Rodrigues e Ferreira (2014) consideram que os blogueiros são leitores comuns que atuam como aprendizes de críticos literários, e que, mesmo não sendo profissionais, dedicam-se ao aperfeiçoamento ortográfico e crítico. Os cuidados com a coerência do texto, a ortografia, a gramática, a norma culta e a revisão são evidenciados pelas blogueiras. Afinal, a resenha é um texto publicado na internet com acesso livre que, na visão das entrevistadas, necessita de certa formalidade e de ser compreensível para o leitor, o que torna a sua produção demorada.

CECI: Então, a gente tenta ter uma formalidade quando escrevemos as resenhas do *blog*, pelo linguajar mesmo, o modo de escrita, pra não ficar escrevendo gírias ou essas coisas... Porque é um texto pra internet, pra um acesso e tal, a gente tem um cuidado sim nessa escrita. Porque quando eu for comentar com alguém a respeito do livro 'aquela vaca daquela autora', eu não posso escrever isso 'mas aquela vaca daquela autora matou meu personagem favorito' [risos]. Então tem assim um pouco de diferença na forma de falar do livro no *blog* ou pessoalmente [...]. Então eu melhorei muito meu português depois do *blog*, porque você tem que ter um cuidado com o que você escreve.

LUCÍOLA: A resenha escrita, ela demora. Por que? Porque você tem que assentar aquela ideia e aí você começa a escrever e aí você tem que pensar em contar a história, falar o que você acha, mas sempre preocupada com ortografia, gramática... [...]. Então tipo assim, às vezes eu passo duas horas, três horas pra escrever uma resenha. E fora as revisões né [...]. Então assim dia produtivo, consegui escrever cinco resenhas, aí programo todas, deixo todas bonitinhas e elas saem lá automaticamente...

IRACEMA: Eu não acho que eu escrevo bem, não acho que eu escrevo bem. E é engraçado que às vezes eu escrevo e posto né, aí eu vou ler e falo 'Gente será que eu escrevi isso mesmo?' É engraçado porque às vezes eu não me reconheço nas escritas, é estranho né. Escrever é uma coisa que não é fácil, eu acho. E apesar de ter que trabalhar com isso, não é fácil escrever e pôr de um jeito que as pessoas compreendam sabe.

A relação com a escrita extrapola as postagens do *blog* no caso de duas blogueiras, que escrevem textos literários. Gabriela escreve para o jornal da faculdade de jornalismo, tendo também publicado poemas e crônicas. Ela sente vergonha de compartilhar seus textos no *blog*, afirmando ser muito tímida. Capitu conta que mantém um diário e gosta de escrever o que vem à mente, já escreveu poesias e pretende escrever um livro de fantasia. Ela tem receio de compartilhar seus escritos no *blog*, com medo do julgamento das outras pessoas, afirmando que se sente confiante em postar sobre livros, mas sobre seus sentimentos ainda tem vergonha, preferindo manter somente para si. Compreende-se que o ato de postar um texto no *blog* é visto pelas blogueiras como uma forma de exposição, uma vez que publicar abre margem para o julgamento e os comentários de outras pessoas.

GABRIELA: E aí foi com o DNA que eu comecei a escrever mais [...], fui escrevendo pro DNA, fui escrevendo pro jornal da faculdade. E esse ano lançou coletânea da Academia de Letras daqui da cidade [Ribeirão das Neves] e eu participo da Academia também, então entrei com dois poemas e uma crônica. Eu escrevi ano passado, então assim eu ainda tô aos poucos escrevendo contos essas coisas. Mas pro *blog* então é sempre né. É, eu até gosto, gosto de escrever. Mas assim pensando numa coisa mais literária, aos pouquinhos eu tô indo.

CAPITU: Flui [a escrita], mais com livros. Mas eu escrevo outras coisas também, só que não publico, eu escrevo pra mim assim, pra treinar. Eu gosto de manter um diário também, eu gosto de escrever sobre o que eu tô sentindo. E pretendo escrever um livro um dia, mas não sei quando, uma coisa de fantasia assim... Não sei se eu vou conseguir, mas a esperança é a última que morre.

Percebe-se que a relação das blogueiras com a escrita é algo complexo, permeado por várias questões: a leitura do livro; a organização das ideias; o ato de escrever em si, com as preocupações com as normas da língua portuguesa; a edição do texto; a revisão; a expressão dos sentimentos; a exposição da blogueira; a transmissão de informações.

6.4.3.3 Sorteios e lançamentos

De acordo com Santos, Rodrigues e Ferreira (2014), os *blogs* literários possuem um conteúdo variado e especializado, buscando atrair uma audiência no ambiente virtual. Além das resenhas, as blogueiras costumam postar outros conteúdos nos *blogs*. No decorrer das entrevistas, as publicações mais mencionadas foram os sorteios e lançamentos. Os sorteios de livros são feitos por todas as blogueiras entrevistadas, muitas vezes a divulgação do sorteio é feita no *blog* e/ou nas redes sociais.

ANA TERRA: A gente faz sorteios. A maioria dos nossos sorteios sai pelo Instagram, que é o nosso maior público. Mas a gente tá com um sorteio atualmente ativo no *blog*.

GABRIELA: E fazemos promoções, fazemos sorteios no *blog*, sorteio no canal, sorteio no Instagram.

CAPITU: Eu já fiz dois sorteios, os dois em parceria com outros *blogs*.

MACABÉA: A gente faz alguns sorteios. Agora mesmo o *blog* vai fazer um ano, então a gente conseguiu vários livros que a gente vai sortear alguns brindes, que a gente consegue com parceiros, com amigos tudo que a gente vai sortear.

A realização de sorteios é considerada como muito importante, pois apresenta-se como uma estratégia para atrair seguidores para o *blog*. É comum o sorteio de livros, marcadores de página e também brindes exclusivos fornecidos pelas editoras. Outra prática citada é a parceria entre *blogs*, que se unem para realização conjunta do sorteio, o que atrai seguidores para ambos, além de permitir a divisão dos custos.

CECI: O Paradise é... O que atrai os leitores muitas vezes para os *blogs* são os sorteios. Isso é um fato. A gente não pode fugir muito disso.

EMÍLIA: E também a quantidade de sorteios, eu faço uma quantidade... Como eu recebo muita coisa, e eu fico com as coisas, eu normalmente tenho uma quantidade boa de sorteio. Então eu acho que isso atrai o público.

LUCÍOLA: O povo gosta muito de promoção, boba. Aí como eu andei fazendo umas promoções, uns sorteios, aí acaba vindo bastante gente assim. E aí oscila muito, por exemplo, eu tive muita entrada durante as promoções e tive muita gente que saiu depois das promoções [...]. Então, quando você fica muito tempo sem fazer sorteio, promoção, alguma coisa assim, meio que...

IRACEMA: Promoção apenas no Instagram que eu faço. No *blog* eu já fiz, mas eu prefiro fazer no Instagram mesmo. Sorteio de livros, marcador. Geralmente também acabo fazendo com a Emília, o *blog* dela é bem grande né, acaba tendo mais alcance, e a gente divide os custos né, é melhor [...]. E é isso livros e marcadores, brindes... A gente ganha muitos brindes, a gente despacha também junto... E o povo adora brinde, porque brinde é muito exclusivo né. Tipo livro, você compra, o brinde não. Tem muita gente que gosta [...]. Às vezes você não escreve nada, mas tem lá mil seguidores... A gente faz sorteio pra isso também sabe, a gente... Fala verdade, assim todo mundo, ninguém quer dar livro, tipo você não faz sorteio porque você gosta de fazer sorteio, você quer algo em troca.

Outro tipo de publicação é a postagem de lançamentos literários no *blog*, ou seja, as novidades do mercado editorial. Araújo e Araújo (2015) constatam que os lançamentos são muito recorrentes nos *blogs* literários, mas que nem sempre refletem diretamente o gosto do blogueiro, sendo uma fonte de informação para manter os leitores da página inteirados sobre as novidades. Esses lançamentos normalmente recebem apoio das editoras parceiras, que solicitam aos blogueiros a divulgação dos novos livros que serão publicados. Santos, Rodrigues e Ferreira (2014) consideram que a divulgação de lançamentos de livros na blogosfera literária faz parte de estratégias de promoção de setores de *marketing* das editoras. Ao noticiar o lançamento de um livro, as blogueiras se sentem importantes, uma vez que receberam aquela informação em primeira mão, sendo as responsáveis por transmiti-la ao público: “[...] é possível afirmar que o blogueiro se torna atuante, líder de opinião dentro do contexto em foco, porque é ele quem apresenta novidades aos seus leitores, além de propagar as notícias do mercado editorial” (SANTOS; RODRIGUES; FERREIRA, 2014, p. 12). As três blogueiras que possuem parcerias com grandes editoras divulgam os lançamentos:

CECI: Lançamento literário sim... Ou desejados.

IRACEMA: Agora no Instagram eu já faço lançamentos, recebidos...

EMÍLIA: E a nossa ideia é que as pessoas saibam dos lançamentos, porque tem gente que não sabe, tem gente que não tem acesso. Então a gente sempre tenta colocar todos os lançamentos das editoras, mensais [...]. Mas a gente coloca lá tem uma postagem que chama Na Mira dos Lançamentos, que tem todos os lançamentos [...]. Porque eu tento fazer de todas as editoras e é uma quantidade muito alta, chega a ter às vezes no mês umas 12, 15 postagens de lançamento, e eu faço tipo uma postagem por editora. E aí acaba que é uma quantidade mais alta.

Porém, houve também uma crítica a superficialidade de se postar os lançamentos editoriais. A postagem sobre um lançamento literário também pode ser feita de modo espontâneo, uma vez que as blogueiras comentam no *blog* sobre os livros que consideram como desejados.

CAPITU: Eu já fiz em parceria com editora. Então, por exemplo, a editora falou ‘Ah eu te dou tal coisa se você postar esse lançamento’, entendeu, tipo isso. Mas eu não tenho costume de postar os lançamentos não, porque eu acho que já tem bastante coisa assim sabe, eu acho um pouco superficial. Opinião minha, eu acho um pouco superficial colocar só os lançamentos, sendo que já tem muito lugar que tem, principalmente nas próprias editoras. Então eu não acho muito necessário, eu acho mais importante a minha opinião sobre o livro depois que eu leio ele.

GABRIELA: Lançamento a gente nunca fez não, às vezes a gente comenta tipo 'Nossa esse livro fiquei sabendo que vai lançar e eu quero muito'. Aí geralmente a gente comenta isso numa *tag* ou coisa assim, mas num *post* mesmo de lançamento a gente não faz não.

Percebe-se que o conteúdo dos *blogs* literários não é unicamente voltado para as resenhas críticas de livros, sendo produzidas também outras formas de publicações que diversificam as postagens, como forma de chamar a atenção dos leitores e de trazer novidades.

6.4.3.4 Produção de fotos

Uma resenha crítica geralmente é acompanhada de uma imagem do livro, uma vez que fotos das capas funcionam como forma de ilustrar as resenhas publicadas no *blog*. Destaca-se que a produção de fotografias autorais de livros é uma tendência nos *blogs* literários. Ao invés de utilizar imagens dos livros que estão disponíveis na *web*, as próprias blogueiras se dedicam a fotografar os livros resenhados de forma autoral. Dessa forma, as fotografias não são meramente um complemento das resenhas, sendo uma outra forma de se produzir conteúdo nos *blogs* literários.

A imagem é considerada como um elemento especialmente importante nas publicações dos *blogs*, uma vez que o conteúdo imagético atrai o público. Além disso, as fotografias são essenciais para apresentar o livro ao leitor. A produção autoral de fotos também retoma a ideia da personalização do *blog*, transmitindo por meio das fotografias a identidade das blogueiras.

MACABÉA: Eu acho que quando você navega na internet, imagem é algo que faz você parar. É inegável, você vê alguma coisa que chama sua atenção você não vai parar no texto primeiro, normalmente você para pela imagem [...]. Parou pela imagem? Beleza. Agora que você parou, vem cá, deixa eu te falar um pouquinho do quê que eu acho, do que esse momento representa, do que essa história representa.

ANA TERRA: Eu acho que as imagens são muito importantes porque eu não posso partir do pressuposto de que todo mundo conhece aquele livro, todo mundo conhece aquela edição que eu tô falando.

CECI: Sim, as fotos são todas autorais do Paradise, todas as resenhas e tudo [...]. Eu acho que é muito importante pra ter a nossa identidade, não é simplesmente você receber um livro... Porque como é algo que a gente ama fazer que é ler e falar com os outros a respeito desse nosso amor, então a gente tem que fazer com carinho e eu acho super importante fazer as fotos autorais pra tá mostrando mesmo.

Na figura 17 é possível visualizar fotografias autorais publicadas nos *blogs*. Destacam-se os ornamentos que são arranjados em torno dos livros, o que indica a preocupação das blogueiras em fotografar e ter um resultado esteticamente harmonioso.

Figura 17 – Produção de fotografias autorais nos *blogs*

- Legenda: a) Fotografia autoral do *blog* Minha Estante e Muito Mais, 19 set. 2018.
 b) Fotografia autoral do *blog* Marshmallow com Café, 12 jul. 2018.
 c) Fotografia autoral do *blog* DNA Literário, 26 jul. 2018.
 d) Fotografia autoral do *blog* Menina Compassiva, 6 ago. 2018.
 e) Fotografia autoral do *blog* Paradise Books, 21 maio 2018.
 f) Fotografia autoral do *blog* Livros e Sushi, 13 ago. 2018.
 g) Fotografia autoral do *blog* Cultura Pocket, 16 set. 2018.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas fotografias disponíveis nos respectivos *blogs*.

Evidencia-se que os ornamentos também representam elementos presentes nas próprias narrativas dos livros. Dessa forma, compreende-se que as fotografias autorais e a montagem do cenário transmitem ao leitor informações sobre o conteúdo dos livros.

Nos *blogs* literários o texto da resenha é intercalado com fotografias. Em alguns casos, as blogueiras recorrem ao Skoob para buscar a fotografia da capa do livro, o que não impede que elas a publiquem juntamente com as fotos autorais. Uma das entrevistadas ressaltou sua preferência em publicar várias fotos do livro e colocar uma menor proporção de texto. Já outra alegou colocar somente uma fotografia, uma vez que considera que o excesso de fotos polui a resenha visualmente.

LUCÍOLA: É, eu costumo, meu padrão é a foto da capa, quando as minhas fotos não saem boas, eu pego aquelas do Skoob mesmo, mas eu sempre dou crédito e tal. É, tiro uma foto bonitinha de alguma citação que eu gostei, de alguma parte do livro ou do livro em algum ambiente, não é sempre, mas de vez em quando tem. E a foto do autor junto com alguma biografia dele assim.

CAPITU: Eu sempre tento colocar bastante foto. Por exemplo, coloco foto de capa, da contracapa, parte de dentro, se ele tiver uma folha de rosto bonita tipo da Darkside tem umas coisas bonitinhas, eu posto também, coloco foto de início de capítulo, do miolo... Sempre tentando mostrar todos os detalhes de edição mesmo, pra pessoa conhecer o livro sem precisar ir na livraria pra poder olhar [...]. Então eu tento colocar bastante imagem de tudo assim que eu acho interessante, e não colocar muito texto.

GABRIELA: Sim, a fotinha da capa do livro a gente pega no Skoob, a gente salva a capa lá. E as fotos maiores, que aparecem durante a resenha, a gente que faz.

IRACEMA: Eu tento não encher a resenha de foto, eu coloco uma foto só, porque eu acho que é tipo pra encher linguiça sabe, e é isso, eu tento não poluir muito.

Como o uso do *blog* ocorre concomitante ao uso das redes sociais, o Instagram, voltado para a postagem de fotos e vídeos, foi citado como uma plataforma propícia para a divulgação da produção de conteúdo imagético dos *blogs* literários.

IRACEMA: Eu até acho que até mesmo por causa do Instagram, a gente tenta tirar todas as fotos de todos os livros que a gente vai fazer o texto né. Aí às vezes eu acho que pelo Instagram a foto é até mais importante sabe porque é aquele primeiro momento que vai chamar. Assim o texto também é, mas hoje eu vejo que as pessoas não leem muito o que a gente escreve.

MACABÉA: Então eu costumo ter uma preocupação grande, tanto que a gente usa muito o Instagram por causa disso, porque é uma ferramenta pra quê, pra você falar daquilo que você tá querendo tratar lá no *blog*, mas você tem mais espaço pra colocar mais imagens.

O processo de produção das fotos envolve tempo e dedicação das blogueiras. Existe uma preocupação com estética da imagem, que envolve a iluminação e a montagem de um cenário. Porém, a atenção das blogueiras para esses elementos é variável, de forma que algumas dedicam-se mais e outras menos às fotografias amadoras.

CAPITU: Então, por exemplo, pra tirar uma foto a noite dependendo fica ruim, então eu preciso esperar um final de semana pra tirar as fotos pra ficar bonitinho, tem que editar as fotos pra ficar melhor...

CECI: Horas esperando luz, esperando o sol, teve uma semana que tava nublado a Nayara⁵² [colega no *blog*] não conseguiu tirar foto nenhuma, porque a luz não ajudava [...]. Então essas fotos, a Nayara ela gasta realmente um tempo, uma dedicação, tudo pra tá fazendo essas fotos.

GABRIELA: A gente pega o livro, monta um cenário e tira foto. Eu acho que é uma coisa mais estética, né. A gente quer mostrar o livro e coloca tipo um enfeite, assim, pra pessoa ver e falar 'Nossa que bonito'. Eu acho que é mais pra chamar a atenção, mais uma coisa estética.

LUCÍOLA: Eu demoro 40 minutos para tirar várias fotos, monto um cenarozinho assim e só troco o livro, entendeu [...]. Pra foto eu sou mais largada com relação a isso, mas pra resenha... Porque foto eu posso copiar de qualquer lugar.

Os ornamentos utilizados para decorar o entorno do livro, montando um cenário, são comprados pelas blogueiras. Também é feito um investimento na compra de câmeras fotográficas.

IRACEMA: O custo que a gente gasta muito é com coisas pra enfeitar a foto sabe, decoração que coloca né, aquilo ali não tem em casa não, aquilo ali tudo a gente compra. Muita gente usa as coisas que tem em casa né, com o tempo você começa a sentir necessidade de enfeitar melhor a foto, até mesmo investir melhor na câmera... São custos que também ninguém põe no lápis né e tá lá.

A explicação sobre o motivo de tantos ornamentos diferentes foi evidenciada nas falas de Ana Terra e Ceci. Durante a produção da foto de um livro, procuram-se elementos que estão relacionados à sua história, de forma que a fotografia desses adereços possa instigar o leitor sobre a narrativa e incentivá-lo a fazer a leitura do livro.

ANA TERRA: A gente sempre monta as fotos, nós fazemos autoral, a gente tem um fundo padrão e aí os elementos cada uma escolhe com o que tem a ver com a história [...]. Tem histórias que dá mais trabalho você achar alguma coisa que você tenha disponível e que combine com a história. Igual, por exemplo, ah tem uma história que ela vai girar em torno do cara que ele perdeu a esposa e aí ele usa a aliança pendurada no pescoço. Aí eu posso tirar minha aliança, colocar num cordão e colocar lá. Eu acho que dá um significado a mais pra foto, não é só uma imagem com coisas aleatórias que combinaram.

CECI: É interessante que a Nayara [colega no *blog*], ela sempre tenta manter alguma coisa da trama do livro relacionado às fotos, ela sempre usa então... Às vezes você vê uma foto que tem uma adaga, vamos dizer, você pensa 'Gente o que que tem essa adaga?' Aí quando você vai ver tem a ver, é aquela coisa que instiga, porque que aqueles elementos estão naquela foto relacionados a determinado livro.

Somente o *blog* Entrando Numa Fria não realiza produção de fotos autorais. Emília afirma que as fotos realmente chamam a atenção do leitor, entretanto considera que o excesso de fotos pode distraí-lo durante a leitura da resenha.

EMÍLIA: Lá no *blog* a gente não coloca muita foto, na resenha normalmente só tem a foto da capa aí do lado a gente coloca as informações do livro e embaixo a crítica. Normalmente a foto chama o leitor. É, a gente... Eu sempre vejo que às vezes tem gente que coloca foto durante, eu acho que distrai um pouco o leitor aquelas fotos, então a gente coloca o texto limpo.

⁵² Nome fictício.

A tendência das fotografias autorais feitas pelas blogueiras, que envolve dedicação e até mesmo investimento financeiro, evidencia uma necessidade de se produzir um outro tipo de conteúdo, além da informação textual. Conclui-se que a disseminação de informações sobre os livros lidos também ocorre por meio das fotografias.

6.4.3.5 Atualização

Conforme apresentado no referencial teórico, a atualização é um dos atributos determinantes de um *blog*, uma vez que os *blogs* são organizados em função do tempo e caracterizam-se pela inserção frequente de *posts* (RECUERO, 2004a; DI LUCCIO; NICOLACI-DA-COSTA, 2010; MARQUES, 2012). A partir desse pressuposto, procurou-se conhecer a compreensão das blogueiras sobre a importância da atualização do *blog*.

No discurso de todas as entrevistadas está presente a relação entre a atualização e os leitores do *blog*. É evidente a preocupação em atualizar o *blog* para o leitor, para não desapontá-lo e para mantê-lo como seguidor do *blog*. As blogueiras consideram que trazem novidades para os leitores, ou seja, elas são as responsáveis por disseminar novas informações.

ANA TERRA: Ah, eu acho bem importante [...]. Então eu acho importante ter várias publicações semanais, pra que a pessoa que queira ver o seu conteúdo chegue e tenha alguma coisa nova pra ela poder ver.

CECI: Então a gente dá essa importância pra atualização, não pra ter resenhas todos os dias ou *posts* todos os dias, mas com os leitores que tão no *blog*, no mínimo uma vez na semana trazer alguma coisa nova pra eles no *blog*.

EMÍLIA: A gente tem esse padrão de fazer postagens diárias com lançamento, o público já tá meio que esperando isso. Então eu tenho, tenho alguns leitores que entram todos os dias pra saber sobre as novidades, então se eu não postar eu vou tá falhando com eles. E se eu falho com o leitor, ele não vai meio que acreditar que vai tá lá amanhã por exemplo. E aí eu perco o leitor, que às vezes gostava da resenha, gostava das notícias ou de alguma coisa e ele vai ficar insatisfeito com aquilo.

IRACEMA: A gente voltou a falar de manter ativo né e até pra falar que o *blog* tá antenado, acho que é bom mostrar o que tá saindo, resenhas atuais [...]. Mas atualização, eu tento atualizar duas ou três vezes o *blog* e o Instagram a cada dois dias.

MACABÉA: Pelo menos assim uma ou duas atualizações em cada semana. Se não a pessoa entra e parece que não teve nada novo [...]. Então assim pra sempre que a pessoa olhar, ah mudou uma coisinha aqui, entendeu, uma frase [...]. Porque aí a pessoa entra e já vê uma coisa que já tá um pouquinho diferente.

A atualização também mostra-se como fator preponderante no momento de fazer parcerias com as editoras, que avaliam o compromisso que o blogueiro possui com seu *blog* por meio da sua frequência de postagens.

GABRIELA: É bom você manter uma frequência e manter o público né, que eu acho que quando tu não posta e fica muito tempo sem postar, a galera

meio que desliga né. [...] Então acho que isso é justamente pra você manter leitores e pra você manter a frequência do *blog*. Tipo quando você vai tentar uma parceria com uma editora, eles verem que você tem um compromisso ali, que você posta mesmo, entendeu, acho que é importante isso.

Os Menina Compassiva e Minha Estante e Muito Mais não possuem uma frequência de postagens pré-determinada, apresentando intervalos de tempo muito grandes entre os *posts*, permanecendo meses sem publicação de conteúdo (ver QUADRO 7). Esses são também os *blogs* que apresentam menor número de seguidores (ver QUADRO 9). Para as blogueiras responsáveis, a atualização é importante, no entanto elas consideram que estão desprovidas de tempo para se dedicar ao *blog*. Por ser estudante universitária e estagiar durante o dia, Capitu avalia que sua rotina diária é muito atribulada. Ela conta que ao se colocar no papel de leitora de *blogs*, considera frustrante a ausência de novas postagens, mas ao se colocar na função de blogueira, ela acha relevante postar um conteúdo com maior qualidade, mesmo que não seja tão frequente. Já Lucíola se culpa pela falta de atualização do *blog*, contando sobre as dificuldades em ser contadora, trabalhando com algo que não está relacionado com o *blog* ou com o meio literário.

CAPITU: Igual eu falei, não adianta você postar uma coisa de qualquer jeito [...]. Então eu acho que não precisa ser um negócio muito frequente desde que tenha qualidade.

LUCÍOLA: Olha, eu me culpo muito por não atualizar, porque eu acho assim às vezes a pessoa gosta do que você escreve, ela gosta das suas opiniões e aí tipo assim você simplesmente não atualiza... A pessoa ela vai esquecer que você existe. Acho que por isso que outras mídias sociais elas gostam, elas são tão visualizadas, por causa de atualização.

Percebe-se que todas as blogueiras evidenciam a atualização, tendo consciência do seu papel na permanência dos seguidores. Afinal, a ausência de novas postagens provoca a frustração do leitor, dificultando o acompanhamento do *blog*. Como visto anteriormente, em muitos casos, a motivação para postar no *blog* está diretamente ligada ao reconhecimento e ao *feedback* dos leitores. Nesses casos, a ausência de atualização pode promover a perda de seguidores, o que pode acarretar em uma falta de motivação para postar, possibilitando o fim do *blog*.

6.4.3.6 Transmídia

Após realizar a análise documental dos *blogs* e as entrevistas com as blogueiras, constatou-se uma forte presença do fenômeno transmídia na blogosfera literária. Atualmente, os *blogs* literários não atuam somente na própria plataforma do *blog*, estendendo-se para diversas redes sociais, como relatado nos depoimentos que se seguem.

CAPITU: Eu tenho basicamente todas assim né, o *blog*, o Facebook, o Instagram, Twitter.

EMÍLIA: Porque, o que acontece, hoje as pessoas praticamente não seguem mais o *blog*, elas vão direto nas redes sociais ou no Facebook ou no Instagram. Então normalmente eu sempre posto no *blog* e aí vou lá no Facebook e já reposto a notícia ou a postagem.

LUCÍOLA: É, porque hoje em dia a maioria dos blogueiros, de *blogs* mesmo voltados pra escrita, eles são muito poucos que são exclusivamente de livros ou são exclusivamente *blogs*.

IRACEMA: Eu acho que nem tem como ter só o *blog*. Igual eu te falei, o *blog* em si você tem que buscar ele e as outras redes sociais acabam ajudando talvez a alavancar ele.

GABRIELA: Então, as redes sociais a gente usa... É meio que um apoio do *blog*, sabe. Assim tipo braços do *blog* que a gente usa pra divulgar e pra conhecer outras pessoas.

Para detalhar o fenômeno transmídia existente nos *blogs* literários analisados, essa subcategoria foi dividida de modo a explicar como as blogueiras utilizam as principais redes sociais relacionadas aos *blogs*: Instagram, Facebook, Twitter e YouTube.

Instagram

O Instagram é a rede social mais comentada e utilizada pelas blogueiras. Em vários momentos no decorrer da entrevista, o Instagram foi evidenciado como uma plataforma que complementa o *blog*. Conforme Arnault et al. (2011), é essencial o conhecimento das plataformas de mídia, sabendo-se utilizar o melhor de cada uma de modo que elas se complementem. No caso das entrevistadas, o uso das duas plataformas se torna complementar na medida em que o *blog* é o espaço preferencial para a postagem das resenhas de forma integral, para personalização da identidade da blogueira e marca do seu lugar no ciberespaço; e o Instagram torna-se apoio do *blog* na divulgação das resenhas e na postagem de fotografias atrativas dos livros.

CECI: As resenhas dos livros a gente também posta no Instagram, a gente não fica só na plataforma *blog*, a gente posta resenhas também por ali, a gente posta as resenhas também pelo Instagram.

IRACEMA: Mas eu acho que são, igual eu te falei, propostas diferentes mas que se completam. E eu acho que tem que saber usar, tipo não dá pra fazer uma resenha gigante no Instagram gente, não dá pra lotar o *blog* de fotos, sendo que não é a proposta. Eu acho que tem que entender melhor o que cada um é. Até mesmo pra você poder alcançar os seus leitores né, porque geralmente, às vezes, não é o mesmo que lê o *blog* e o que acompanha no Instagram. Mas assim acho que a relação é mais de complemento, mas também de poder trabalhar as duas plataformas diferentes.

Uma publicação no Instagram é vista como uma forma de atrair os leitores para o *blog*. A postagem de uma fotografia do livro e uma parte da resenha podem encaminhar o leitor para ler a resenha completa no *blog*. Essa rede social é voltada para a publicação de fotos e vídeos, apresentando pouco espaço para a produção textual. Dessa forma, as blogueiras usam os recursos do Instagram, publicando o *link* para a postagem completa feita no *blog*.

ANA TERRA: Colocar no Instagram algo que vá chamar a atenção, colocar uma imagem bonita, um texto que vá chamar a atenção, que vai deixar a pessoa curiosa pra saber o que você tem pra falar sobre aquilo, mas você não vai responder aquilo no Instagram, você vai falar com ela 'Ah você quer saber o final disso daí, você quer saber o que eu achei? Lá no nosso perfil tem o *link* do *blog*, vai lá e lê o conteúdo completo'.

CECI: Mas acho que pelas fotos o Instagram tem um acesso muito grande, então pelo Instagram acaba chegando ao *blog* também né, quer ver a resenha completa vá ao *blog*.

IRACEMA: Mas mesmo assim é complemento sabe, pra melhorar o alcance dos dois, acaba que você escreve 'Ó se você quiser saber mais, você vai lá no *blog* que tem a resenha completa', entendeu. 'Ah me acompanha lá, que lá eu coloco eu coloco mais novidades'.

GABRIELA: Porque às vezes a pessoa não vai no *blog*, às vezes a pessoa vê só o que a gente publica no Instagram, então a gente tem que fazer um conteúdo bom no Instagram também. Quando a gente vai publicar resenha no Instagram, a gente não publica ela completa, que a gente fala 'Ó a resenha completa tá no *blog*', mas a gente coloca alguma coisa lá pra pessoa também ter contato. Então eu acho que é um meio de divulgar e é um meio de se encontrar outros públicos também.

CAPITU: Eu acho que as pessoas veem mais porque justamente o conteúdo tá nele [*blog*] né, o conteúdo completo. Se eu postasse, por exemplo, tudo no Instagram, uma resenha completa no Instagram, aí eu acho que as pessoas deixariam de olhar no *blog*. A partir do momento que percebe 'Ah o conteúdo é igual, então vou olhar no Instagram, porque no Instagram eu posso ver mais rápido, eu tô com o celular na mão o tempo todo', entendeu.

MACABÉA: O Instagram eu uso mesmo pra dar visibilidade pra aquele assunto que a gente tá falando lá no *blog*, eu acho que é importante e acho que é uma mídia mais rápida pra gente poder fazer isso.

Na análise documental constatou-se que o número de seguidores dos perfis do Instagram ultrapassa a quantidade de seguidores dos *blogs*, conforme apresentado no quadro 9. Esse fato foi comentado pelas blogueiras nos depoimentos seguintes.

ANA TERRA: Eu acho que nosso carro chefe é o Instagram, é onde a gente tem mais pessoas que nos seguem. No *blog*, pessoas inscritas no *blog* mesmos são poucas, mas a maioria das pessoas que acessam o *blog* vem por causa do Instagram [...]. Então nosso crescimento no Instagram é muito maior do que nosso crescimento no *blog*. Mas o crescimento do Instagram pode levar a um crescimento do *blog* também.

MACABÉA: A gente tem o mesmo tempo de *blog* e de Instagram, a gente tem 500 e tantos seguidores no Instagram sem ter feito nada, o povo foi lá e tá seguindo porque quer seguir, não tá ganhando nada em seguir a gente. E no *blog* a gente já tem que ficar incentivando 'Ah já que você entrou lá porque você gostou, você podia seguir'. Então assim você tem que incentivar...

CECI: O Instagram ele tem sido a rede social mais movimentada do Paradise, tipo é até inspiração pra outros [...]. Só que como eu tava comentando, hoje em dia, a nossa rede social que a gente mais tem atualização é o Instagram [...]. Então assim o *blog* tá, mas hoje em dia, a gente tem utilizado a plataforma do Instagram mais e ela vem alcançando mais pessoas né o Instagram.

Há uma diferença na forma como a informação é apresentada ao leitor no *blog* e no Instagram. Para acessar as informações disponíveis no *blog*, o leitor tem que fazer uma busca ativa, efetivamente entrar no *blog* e navegar pela página. Por meio do Instagram, o usuário já

encontra-se na rede social e, por seguir o perfil do *blog*, depara-se com a informação no seu *feed* de notícias.

ANA TERRA: E é diferente do público do Instagram que apenas surge na tela dele. Pode ser que ele goste, pode ser que ele vá lá e pesquise a gente e veja o que a gente já publicou, mas é diferente o tipo de procura.

IRACEMA: Até porque Instagram é tipo, como que fala, instantâneo, é tipo diário [...]. E o *blog*, o *timing* dele é diferente né. O Instagram as pessoas olham todos os dias e ele mostra para as pessoas, o *blog* você tem que ir lá buscar, ele não tá lá, é diferente. Não adianta ficar fuçando todo dia, não deu tempo ainda das pessoas te acharem sabe.

Existe uma tendência na blogosfera para migração dos blogueiros para o Instagram, de forma que os *blogs* literários sejam desativados, continuando como perfis literários nessa rede social. Além da fácil visibilidade do conteúdo que o Instagram proporciona, a rede torna-se atrativa também pelo fator estético, uma vez que a publicação de fotografias de livros chamam a atenção dos usuários. Outro atrativo para os seguidores é a postagem de textos sucintos devido ao limite de palavras, o que é um ponto a favor daqueles que não gostam de resenhas muito longas. Apesar desses atributos, nenhuma das blogueiras entrevistadas manifestou intenção de desativar o *blog* e prosseguir somente com o perfil do Instagram.

EMÍLIA: Falam que tem uma onda pra se deslocar, das redes sociais se deslocarem todas pro Instagram. Mas por exemplo, eu não deixo o *blog* morrer, porque eu sei que essa onda ela vai voltar. Sempre volta [...]. Só que o *blog* nunca morre, é estilo o livro físico e o livro em *ebook*. Quando o livro *ebook* saiu, falaram assim 'Ah o livro físico vai morrer'. Não morreu. E aí o que eu acho, o meu pensamento com relação ao *blog* é esse. Tanto é isso que as editoras que, por exemplo, tem a editora Intrínseca, eu participei de uma reunião com eles e eles explicam que tudo que eles fazem é pensando cinco anos à frente, então eles estão sempre cinco anos na frente. E mesmo estando cinco anos à frente, eles continuam fazendo renovação de parcerias em *blogs*. Então, eles acreditam que o *blog* também não vai morrer. Então, por exemplo, se eles acreditam eu também tô acreditando.

LUCÍOLA: É, tem muita gente que migra porque acha que essa parte escrita ela não... Não é tão atrativa. Por exemplo, um Instagram Literário, uma foto bonita, você precisa de uma foto e a resenha tem o quê no máximo cinco parágrafos. E não são cinco parágrafos, são cinco parágrafos de uma tela de celular. Então tipo assim elas não precisam ser resenhas grandes. E raramente você vai realmente ver a opinião das pessoas, são coisas que chamam mais pela foto, mais pela estética.

CECI: Migrar a gente não quer, a gente não quer fechar o *blog* totalmente. Terminar com o *blog*, esse não é o nosso desejo não. Nem que for um por semana, dois por mês, a gente quer deixar o *blog* vivo ali. Mas sim as nossas redes sociais são muito mais utilizadas que o *blog* em si.

Uma das blogueiras mostrou-se especialmente interessada em realizar a migração do *blog* para o Instagram. Apesar de gostar mais de utilizar o Instagram para publicar fotos e resenhas dos livros, ela considera importante manter o *blog*. De acordo com Iracema, o *blog* não pode ser abandonado por dois motivos: a parceria que firmou com as editoras e a sua marca, afinal a sua identidade como blogueira é decorrente da sua atuação junto ao *blog*.

IRACEMA: Sim, é hoje em dia eu tô mais voltada para o Instagram, pra falar verdade. É até uma tendência também acho que mundial. [...] Eu tô ainda no

blog, mas aí às vezes eu tô migrando um pouco mais pro Instagram e tudo mais [...]. Eu, por exemplo, se eu pudesse eu até abandonaria o *blog* sabe, tipo pra poder mexer só no Instagram, que é o que eu gosto mais. Mas hoje eu não faço isso, primeiro porque eu firmei já parcerias com o *blog*, aí é até sacanagem né. E outra porque tipo o *blog* foi o primeiro, então é muito da marca né, no meu pelo menos, de ser blogueira, a gente é blogueira por causa do *blog*, não por causa do Instagram entendeu. Então acaba que eu deixo. Estou tentando migrar aos poucos, mas eu não posso deixar ele também.

O intenso uso do Instagram por parte das blogueiras literárias é decorrente do aumento do impacto dessa rede social na atualidade. Como o Instagram é uma rede social cuja quantidade de usuários tem crescido, é natural que as blogueiras também sintam a necessidade de inserir-se com maior dedicação nessa rede, que mostra-se muito atrativa para divulgações relacionadas ao universo literário.

Facebook

O Facebook é uma rede social na qual todos os *blogs* possuem um perfil. Contudo, atualmente ele não está sendo considerado pelas blogueiras como uma rede muito acessada. Elas relatam a diminuição do uso do perfil do Facebook dos *blogs* e também a pouca utilização da rede social por parte dos leitores, fazendo uma comparação com o uso do Instagram.

IRACEMA: Ah eu também não uso direito. Eu tenho, tem seguidores lá... Sabe o que é, Facebook teve uma época que foi muito moda né, eu não sei se hoje em dia as pessoas usam direito... Eu só vejo evento no Facebook [...]. É mais isso porque eu não compartilho nada, eu já não gosto de compartilhar nada mesmo, então acaba que eu não posto muita foto lá, então enfim... Mais Instagram, é por isso que eu falo, eu quero usar mais o Instagram.

CAPITU: Facebook é muito difícil, acho ele muito parado em geral, não só no meu, mas em geral.

LUCÍOLA: O Facebook ele não é uma ferramenta, hoje em dia ele não é uma plataforma das mais atrativas.

CECI: Mais no Instagram, do que no Facebook. O Facebook também perdeu um pouco...

EMÍLIA: Normalmente, as pessoas têm achado o Facebook chato, então tão saindo do Facebook pra ir pro Instagram.

ANA TERRA: O Facebook é mais fraco, eu não sei dizer ao certo quantas pessoas tem, mas eu acho que são bem menos, eu não sei se elas chegam a 100.

Entretanto, foram relatadas algumas facilidades no uso do Facebook. A postagem feita no *blog* pode ser automaticamente enviada para o Facebook, já no Instagram é necessário gerar uma postagem diferente. Além disso, o Facebook foi valorizado pela facilidade de interação com as pessoas, que podem iniciar uma conversa com a blogueira por meio dos comentários, além de possibilitar o contato com os leitores que não acessam o *blog* frequentemente, avisando-os sobre novas postagens e convidando-os para visitar a página do *blog*.

PESQUISADORA: Então tudo que você posta no *blog* você reposta no Facebook. No Instagram, não?

EMÍLIA: No Instagram demora um pouquinho mais, porque eu tenho que fazer o *post*, gerar um *post* diferente, no Facebook já é automático. É só entrar no Facebook que eu já consigo repostar.

GABRIELA: E é mais fácil pra conversar também no Facebook, às vezes o comentário ali você já...

MACABÉA: O Facebook eu uso menos, eu uso mais pra poder divulgar, porque eu tenho amigos que não vão ficar entrando no *blog*. Então as vezes eu uso o Facebook pra falar 'Olha tem *post* novo', se a pessoa segue a página ela vai ir lá e ver que tem *post* novo, aí ela vai lá no *blog*. Então a gente deixa o *link* pra facilitar a vida do coleguinha... Eu uso mais pra puxar.

A queda no uso do perfil do Facebook dos *blogs* pode estar vinculada a ascensão do Instagram como a rede social que está em voga na atualidade.

Twitter

O Twitter é uma rede social pouco usada pelas blogueiras, apesar de a maioria possuir uma conta do seu respectivo *blog*. Apenas os *blogs* Minha Estante e Muito Mais e Cultura Pocket não possuem perfil no Twitter. Algumas blogueiras relatam dificuldade no uso da rede social:

MACABÉA: Não, não temos. É uma ferramenta que eu quase não uso. Não tenho familiaridade com esse trem. Não consigo ver o que o povo tá postando, não consigo ver o que tá no top top lá do Twitter, ah que trem difícil...[risos].

IRACEMA: Eu não uso muito o Twitter, na verdade eu nem sei usar direito, mas ele é super famoso lá fora né, a galera sabe mais fofoca tipo tudo pelo Twitter do que por outros meios. Mas eu não sei usar direito, apesar de ter um. Mas é tipo mais pra ter, porque tem que ter, eu nem invisto nele.

É perceptível, no discurso de algumas blogueiras, o pouco uso do Twitter e até mesmo a sua negligência se comparado às outras redes sociais.

ANA TERRA: Temos, mas a gente ainda precisa colocar alguém como cuidadora oficial do Twitter [...]. Precisamos de uma cuidadora oficial, uma mãe do Twitter pra poder cuidar dele como um filho como a gente tem cuidado das outras mídias. Mas ele existe.

CECI: A gente divulga no Face, posta no Instagram, tem o Twitter que às vezes também a gente divulga. A gente tenta usar a maioria das redes sociais pra essa divulgação.

CAPITU: O melhor é o *blog* mesmo, o Instagram eu acho que fica em segundo lugar. Facebook eu não vejo muita gente olhando, muito difícil. Twitter muito menos.

Todavia, houve casos de uso frequente do Twitter. O ato de tuitar⁵³ o *link* da postagem feita no *blog* é considerado como uma forma de divulgação, que possibilita o aumento do número de visualizações do *post*.

⁵³ Publicar numa conta da rede social Twitter. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org./tuitar>>. Acesso em: 5 out. 2018.

GABRIELA: Às vezes você solta um *link* no Twitter, a visualização já aumenta sabe. Às vezes você dá um RT [retuitar⁵⁴] assim já publico no DNA e eu retuito no meu pessoal e aí já sobe. E ajuda bastante.

EMÍLIA: Twitter, é. Mas o Twitter geralmente retuita tudo do *blog*, já é automático.

A restrição do uso do Twitter por parte das blogueiras pode ser decorrente da dificuldade apresentada no uso da rede social ou pelo desconhecimento de suas potencialidades na disseminação da informação.

YouTube

Três *blogs* possuem canal do YouTube, entretanto apenas o canal do DNA Literário é ativo na publicação de vídeos. Gabriela pensa em impulsionar o canal no YouTube, apesar de afirmar que continuará a gravar os vídeos mesmo que o canal tenha poucos seguidores.

GABRIELA: Tipo a gente tem o canal, então a gente tá pensando em impulsionar o canal né, fazer ele crescer [...]. Eu acho que o canal por exemplo, 320 seguidores, eu vou produzir o conteúdo pra ele com 320, vou produzir o conteúdo pra ele com 150, igual a gente tava há pouco tempo atrás, e vou produzir conteúdo se um dia ela chegar a mil, entendeu. Eu vou continuar fazendo, independente disso.

Os canais dos *blogs* Entrando Numa Fria e Paradise Books foram descontinuados. No primeiro caso, a senha da conta no YouTube foi perdida e a blogueira afirma ter dificuldades na edição dos vídeos e na manutenção de tantas mídias diferentes vinculadas ao *blog*. No segundo caso, a blogueira considera que os canais literários no YouTube foram uma tendência há algum tempo atrás e que atualmente o Instagram é o grande destaque no meio literário.

EMÍLIA: Na verdade a gente tinha só que o Paulo perdeu a senha e a gente não conseguiu recuperar. Mas é só mesmo pra postar *trailer* de filme [...]. A gente chegou a fazer algumas entrevistas com autor, mas é muito complicado editar. É complicado você cuidar do Facebook, cuidar do Instagram, cuidar do YouTube e da rede social do *blog* em si.

CECI: Você pode ver que teve uma época que era tudo *youtubers*, aí todo mundo foi lá pra dentro do YouTube. Hoje em dia ainda tá forte o YouTube, mas no mundo literário a gente tem visto que caiu um pouco os vídeos, vamos dizer de resenhas com vídeos caiu um pouco. E se vê o tanto que essas fotos, esse trabalho que tem sido criado com as imagens, se vê o Instagram muito em destaque hoje no universo literário.

As facilidades da plataforma YouTube também apareceram nas falas das blogueiras. A gravação de uma resenha em vídeo é considerada bem mais rápida do que a produção de uma resenha em texto. Além disso, no YouTube o seguidor não precisa realizar o esforço de ler a postagem, recebendo a informação de forma passiva ao assistir o vídeo.

⁵⁴ Publicar numa conta da rede social Twitter algo que outrem publicou. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/retuitar>>. Acesso em: 5 out. 2018.

LUCÍOLA: Porque você leu o livro, por exemplo, a pessoa demora uma hora pra gravar uma resenha de um livro, a resenha vai durar vamos supor 5 minutos, 10 minutos, mas ela demora uma hora pra gravar. Num dia, se ela viver disso, quantas resenhas ela pode gravar? Entendeu, então assim... A resenha escrita, ela demora.

IRACEMA: Assim o texto também é, mas hoje eu vejo que as pessoas não leem muito o que a gente escreve. Apesar de ser importante, porque *blog* é pra escrever né. Mas eu vejo que a galera até prefere YouTube pra poder só receber sabe, só ficar lá assistindo.

Uma das blogueiras conta que é espectadora de vários canais literários no YouTube, ressaltando que uma das facilidades dos vídeos é poder ouvi-los enquanto faz outras atividades, o que o *blog* não permite, uma vez que o leitor deve dedicar-se exclusivamente à leitura.

LUCÍOLA: Tem gente que gosta de limpar a casa ouvindo música. Eu ligo no YouTube em resenha, naquele modo aleatório e deixo ele ir, e vou escutando resenha enquanto eu limpo casa, enquanto eu faço as coisas, mas não é uma coisa que... Por isso que a praticidade do YouTube é essa entendeu, por isso que tem tanta gente migrando também, por causa disso, que pra você ler um *blog* você tem que parar e ler. Com um canal do YouTube você pode fazer qualquer coisa enquanto ouve.

Algumas blogueiras receberam sugestões de amigos para tornarem-se *booktubers*, no entanto, essa não foi considerada como uma opção interessante para as entrevistadas. Lucíola considera que o trabalho para criar um canal no YouTube não compensaria a ausência de retorno financeiro. Já Macabéa acha que não se sentiria confortável em frente às câmeras, devido à exposição. Ela ainda ressalta que o YouTube traz maior visibilidade e acesso, mas que considera escrever mais fácil e possui o *blog* porque gosta.

LUCÍOLA: Igual outro dia me falaram assim 'Nossa porque você não cria um canal no YouTube, você escreve tão bem, você deve falar bem também'. Eu falei 'Não, eu não vou perder minha vida por causa disso'. Sério, ela tá assim 'Nossa mas ganha muito dinheiro, você vê os *youtubers* ganhando direito e tal'. Eu falei 'Me fala quantos canais de livro', porque pra mim se eu fosse virar uma *youtuber* seria uma coisa que eu gosto, então seria de livro, 'Me fala quantos canais de livro tem um milhão', chorando eu conheço três que tem 100 mil.

MACABÉA: As meninas tão falando 'Ah a gente podia ter um canal', eu falei 'Ah eu não fico muito confortável gravando'. Eu acho que eu não sei se eu daria certo com esse trem não. Então assim, escrever pra mim é mais fácil porque você não expõe, acho que quando você coloca sua imagem assim, você fica mais exposto [...]. Eu acho que hoje as mídias tão muito focadas nisso, no reconhecimento rápido e instantâneo né. YouTube, o povo quer colocar vídeo porque vídeo dá visibilidade, vídeo dá acesso, vídeo dá dinheiro, inclusive, tem muito acesso. Mas *blog* não, *blog* você faz porque você gosta [...].

Apesar dos benefícios que os canais literários proporcionam, como a visibilidade, a rápida produção das resenhas e os seguidores, em geral as blogueiras mostram-se desmotivadas a produzir conteúdo para o YouTube. Com exceção de Gabriela, que mantém seu canal ativo, as demais entrevistadas não se mostraram interessadas em atuarem como *booktubers* sendo os motivos citados: a dificuldade de edição, a administração de várias

mídias, a ascendência do Instagram no meio literário, ausência de retorno financeiro e exposição pessoal.

6.4.4 Interação

Nas investigações de práticas informacionais, Berti e Araújo (2017) enfatizam que a interação caracteriza a complexidade do sujeito, pertencente a dimensões individuais, coletivas, sociais e culturais. De fato, a interação é o conceito chave da abordagem social dos estudos de usuários da informação, significando uma ação recíproca, colocando em relevo o fato de uma ação ou influência sobre algo também ser afetada por esse algo. Nesse sentido, podemos analisar a relação recíproca do sujeito com o contexto, a informação, o coletivo (ARAÚJO, 2012).

A categoria interação discute as práticas informacionais das blogueiras entrevistadas ao interagirem com os leitores de seus respectivos *blogs*, com outros blogueiros da blogosfera literária e também com o mercado editorial, composto pelos autores nacionais e pelas editoras. Recuero (2004a) aborda a ideia de flexibilidade na construção da interação no *blog*, defendendo que a personalidade de um *blog* é sempre construída em função do outro. Nesse sentido, o “outro”, identificado nessa pesquisa, pode ser um leitor, um blogueiro, um autor, uma editora. A seguir, apresentam-se as subcategorias: leitores, blogueiros e mercado editorial.

6.4.4.1 Leitores

A presente subcategoria aborda aspectos do relacionamento das blogueiras entrevistadas com os respectivos leitores de seus *blogs*. É discutida a importância dos seguidores, a relevância dos comentários e as angústias provocadas pela sua ausência. Por fim, evidencia-se a atuação das blogueiras junto ao incentivo à leitura.

Seguidores

Perguntou-se às blogueiras qual importância elas atribuíam ao número de seguidores que possuíam, tanto no *blog* como nas redes sociais vinculadas a ele. Conforme apresentado anteriormente no quadro 9, os *blogs* analisados possuem proporções diferentes em relação ao número de seguidores. A intenção dessa questão foi compreender do ponto de vista das blogueiras a relevância desses seguidores, independentemente do número de pessoas que seguem os *blogs*. Em alguns casos, a quantidade de seguidores pode representar uma

conquista, pois consegue-se captar diversos leitores que estão interessados em acompanhar as publicações do *blog*.

EMÍLIA: É uma conquista. Porque, eu vou te falar uma coisa, dessa parte de seguidores eu consegui sozinha, porque o Paulo [colega no *blog*] não preocupa muito com isso. Tipo em 2016 a gente tinha 200 e poucos seguidores no Instagram [...]. O Facebook tava parado também tinha cinco mil e pouquinho. Então, foi trabalhoso, mas eu consegui conquistar esses seguidores.

ANA TERRA: Eu acho que são pessoas que realmente gostam do que a gente tá falando. São pessoas que... a pessoa que por exemplo se inscreve na *newsletter* do *blog*, ela quer sempre saber o que você tá publicando, sabe.

MACABÉA: Olha, eu acho que com um ano é um número razoável, menos do eu gostaria, mais do que eu tinha expectativa [risos]. Eu não achei que fosse conseguir que outras pessoas seguissem... Quando eu comecei, eu falei gente ninguém vai entrar pra ler esse trem, nossa só a família vai ler os *posts* [risos].

A relevância dos seguidores está também em conseguir uma visibilidade do mercado editorial, uma vez que, para firmar parcerias, as editoras exigem uma certa quantidade de seguidores.

IRACEMA: Eu quero mais, a gente quer sempre mais né. Até porque as editoras olham isso, sabe. Elas pedem muito na hora da inscrição. Mas não é só elas não, todo mundo pede, a gente geralmente quando vai olhar um artista, a primeira coisa que eu olho é quantas pessoas tão seguindo. Aí acaba que número conta né.

GABRIELA: Cara, pra mim até que tipo não é tão significativo. Acho que é mais pra gente conseguir parceria, pra gente conseguir editora, mais isso sabe, pra gente ter visibilidade.

Em outros casos, a questão da quantidade de seguidores é relativizada. Foi evidenciada a relação com o leitor e seu efetivo acompanhamento do conteúdo postado, assim a proximidade com o seguidor foi considerada mais valiosa do que de um número grande de seguidores.

LUCÍOLA: Porque esse tipo de coisa é muito... no *blog* é muito, muito relativo. [...] porque muita gente não comenta hoje em dia em *blog*, muita gente raramente curte as coisas, a pessoa não curte uma foto sua no Instagram, ela não lê até o final [...]. Então assim, não me diz muita coisa [...].

CAPITU: Eu acho que nesse caso os números nem contam tanto, porque você pode ter por exemplo mil seguidores e só cinco leem de verdade. Às vezes a pessoa coloca lá, ela participa de um sorteio, ela nunca mais vai olhar seu *blog*. Acontece, tem seguidores assim. Só que parece que quando você tem menos seguidores, você não tem tanta visibilidade, são as pessoas que mais leem, porque tipo fica um pouco mais familiar, sabe. Porque tipo são poucas pessoas que te leem, mas elas leem de verdade, não é só pra falar assim, entendeu.

CECI: Ah que bacana, temos nove mil seguidores no Instagram. Mas o que a gente mais presa é o contato com o leitor, de você tá no Instagram a pessoa realmente ver sua foto e curtir.

As entrevistadas foram questionadas se realmente conheciam quem eram seus leitores. No relato de certas blogueiras, surgem os chamados “leitores fiéis”, pelos quais as blogueiras têm carinho.

ANA TERRA: A gente cria até uma relação de carinho, sabe. [...] meu contato com eles é mais comentário e resposta [...]. Fiéis mesmo... Ah, tem aqueles que você já pode procurar que eles vão tá sempre ali, eu acho que são quatro. E tem aqueles que aparecem e comentam um ou comentam outro.

CECI: Então fica um pouco distante de quem realmente você sabe que tá lendo o conteúdo sempre, acompanhando o *blog*. Porque tem aqueles leitores que acompanham sempre o *blog*, tem os fiéis, que querem saber o que que o Paradise tá lendo, que somos nós quatro né.

Macabéa foi uma blogueira que demonstrou especial empolgação ao falar sobre seus leitores, comentando que faz amizades virtuais e também presenciais através do *blog*.

MACABÉA: Muita gente que comenta né, às vezes é um amigo que te vê, que comentou, então a gente sabe que é aquele amigo, daquela rede social que a gente tá ou de uma leitura que a gente tá fazendo junto. Então a gente acaba conhecendo, tem estranhos óbvio, mas também tem uns que a gente conhece [...]. Temos, tem uns que a gente parece que conhece desde criança [risos]. É engraçado porque tem gente que a gente gosta demais da conta, então tem gente que veio pra vida da gente, vida virtual mais leva. Sai do virtual, vem ficar na casa da gente uma semana, já teve.

Uma das blogueiras conta que alguns de seus leitores se tornaram blogueiros por influência do Paradise Books. Retomando Di Luccio e Nicolaci-da-Costa (2010), as autoras afirmam que muitos blogueiros eram inicialmente leitores de *blogs*, que ficaram encantados com os recursos desse espaço virtual e decidiram criar seus próprios *blogs*.

CECI: A gente já teve leitores nossos que depois criaram *blogs*, aí ele ia lá... Porque assim às vezes você comenta e deixa o *link* do seu *blog*, então essa pessoa só comentava, comentava, aí depois passou um tempo ela começou a comentar e deixar o *link*. Então depois a gente vai conversar, 'Ah foi por causa de vocês, eu comprei tantos livros, agora também fiz o meu'.

Por outro lado, algumas blogueiras consideram que não conhecem seus leitores, caracterizando-os como transitórios. Elas afirmam que interagem mais com blogueiros do que com leitores.

EMÍLIA: Sim, tenho amizades. Mas não vou focar em leitores. [...] são alguém da blogosfera. São mais blogueiros do que leitores [...]. Na verdade, o que acontece eu tenho alguns leitores né que leem, mas eu não tenho aquele povo, aquele tipo fiel sabe, que eu sei quem são, não tenho. É como se o *blog* na verdade tivesse leitores é... como chama? Transitórios.

GABRIELA: E aí eu converso com as pessoas assim [...]. Não necessariamente com meus leitores.

IRACEMA: Não [risos]. Não tem assim uma pessoa que sempre comenta assim. Quem eu tenho certeza que tá de olho são outros blogueiros aqui de Belo Horizonte, porque a gente tem um grupo, a gente acaba conversando. [...] mas leitores sem ser do meio literário, não [...]. Então eu acho que é um pouco disso também, eu sou um pouco ausente como blogueira em relação aos leitores.

Entretanto, em outros momentos da entrevista, Iracema e Gabriela relatam o contato com leitoras. Iracema afirma que iria se encontrar com uma blogueira na Bienal do Livro, já Gabriela conta que uma leitora do *blog* pediu para publicar uma postagem. Esses casos podem ser considerados como situações isoladas de interação com leitores, uma vez que as blogueiras afirmaram anteriormente que não conheciam seus leitores.

IRACEMA: Tem até uma leitora que a gente conversa assim, mas não sei se é... A gente até vai se encontrar na Bienal pra conhecer, eu falei 'ah vamos lá conhecer'. Então acaba que é legal fazer contatos né mesmo fora.

GABRIELA: [...] essa semana teve o *post* de uma pessoa que pediu pra publicar, aí a gente deixou, ter um *post* diferente assim... Ela entrou em contato com a Kátia [colega no *blog*], foi pelo Facebook mesmo assim. Ela olha tô com um *post* e tal, eu quero publicar. A gente deixa, a gente abre esse espaço.

Capitu e Lucíola também afirmam não conhecer seus leitores, mas depois acabam citando leitores com quem tiveram contato. No entanto, elas se referem a esses leitores de forma bem vaga, não identificando-os pelo nome, o que sugere mais uma vez situações isoladas de interação com leitores, não caracterizando uma prática frequente.

CAPITU: Tem umas pessoas que se repetem com uma certa frequência, eu gosto de ver isso. Mas de vez em quando aparecem uns rostinhos novos. Mas eu sempre respondo todos igualmente.

PESQUISADORA: Mas esses que se repetem você conhece?

CAPITU: Nem sempre. Tem uma menina, eu não lembro o nome dela agora. Mas tem uma menina que ela sempre comenta, eu não conheço pessoalmente, eu não sei nem se ela é de Minas. Mas eu sei que ela sempre comenta. Então assim...

PESQUISADORA: Você não conhece quem são seus leitores?

LUCÍOLA: Não. Eu sei que tem um que é divertido demais, ele é de Fortaleza. Ele, uma época, ele me ajudou na *fanpage* do *blog*, ele me ajudava a divulgar.

Compreende-se que os seguidores são importantes para as blogueiras, sendo considerados uma conquista, uma forma de visibilidade do *blog* para o mercado editorial. Em alguns casos, o número de seguidores foi relativizado em detrimento de uma relação mais próxima ao leitor. Entretanto, ao verificar a relação das blogueiras com os leitores, constata-se que são poucas que apresentam realmente vínculos com seus leitores, reconhecendo-os no *blog* e possuindo relações amigáveis. A maior parte das blogueiras não conhece seus leitores, apresentando apenas alguns casos isolados de interação.

Comentários

Conforme apresentado no quadro 8, os *blogs* apresentam diferenças em relação ao número de comentários recebidos, sendo os *blogs* de Ana Terra, Macabéa e Iracema os mais comentados. Para Recuero (2004b), a ferramenta de comentários permite que o *blog* seja um espaço de discussão, possibilitando a interação, gerando laços sociais e criando comunidades. Na visão das blogueiras, os comentários são o *feedback* dos leitores, um momento no qual eles podem emitir sua opinião, a ocasião em que acontecem as trocas.

ANA TERRA: É o momento que eu posso ouvir o que as pessoas têm pra falar sobre aquilo que eu tô falando [...]. Então é o momento que eu posso ver as opiniões diferentes sobre aquilo que eu tô falando. Ou então assim 'ah eu não conheço, mas vou passar a conhecer' [...]. Então, é realmente esse momento de troca.

CECI: Um *feedback* das pessoas... Saber que elas tão realmente vendo esse conteúdo [...].

GABRIELA: Comentário é bom porque você sabe se a pessoa identificou ou não. E ela vai dar opinião e aí você vai conversar com ela e vai ver outra opinião diferente da sua. Eu gosto disso assim, essas opiniões contrastantes. E saber que a pessoa gostou do que você fez, isso é muito bom.

LUCÍOLA: É o *feedback* né. Se você conseguiu alcançar o intuito original daquilo ali né, se a pessoa que leu aquilo ali até o final ela gostou do que escreveu, ou se ela não gostou, ou se ela achou alguma coisa de errado ou se ela não achou alguma coisa de errado. Eu acho que o comentário ele serve pra isso, ele serve como um termômetro.

MACABÉA: [...] o meu [*blog*] eu deixo a pessoa publicar, escreveu, publicou, quer comentar... Porque eu acho que do mesmo jeito que eu me dou ao direito de emitir minha opinião, eu tenho que dar o direito ao outro de emitir a opinião dele sobre aquilo que eu tô escrevendo. De repente ele não concorda, de repente ele não gosta, de repente...

CAPITU: Igual uma das coisas que eu mais gosto é o *feedback*, então se a pessoa não fala nada, não fala se ela gostou ou não, nem que seja pra falar tipo 'Essa parte aqui tá ruim, você pode fazer de tal jeito pra melhorar', é isso que eu acho que falta.

Para Iracema, o comentário já é importante para que ela saiba que alguém leu sua resenha até o final. Além disso, ela gosta de conhecer a opinião de outros leitores, que acabam vendo aspectos do livro que ela não conseguiu ver. Mas, a principal importância do comentário reside em ser um esforço realizado pelo leitor, fato também destacado por Ceci.

IRACEMA: E comentário eu acho que é muito bom porque é um esforço, sabe curtida, salvar a foto, *likes* é muito fácil. E hoje em dia a gente faz automático, nem vê [...]. Mas comentário é muito esforço do outro lado, a pessoa tem que querer comentar e comentar. Eu acho que realmente é uma vitória [risos], cada comentário é tipo 'Ai recebi um comentário'. Fico muito feliz.

CECI: [...] e essa pessoa, ela não simplesmente passou, ela parou ali e dedicou seu tempo até pra comentar.

Na opinião de Emília, as pessoas só comentam se puderem receber algum tipo de compensação. Ela relata o top comentarista que criou para aumentar o número de comentários no *blog*, que justifica o grande número de comentários do Entrando Numa Fria nos meses de março, abril e maio, e a posterior queda dos comentários nos outros três meses (ver QUADRO 8).

EMÍLIA: Porque na verdade, as pessoas não comentam se não forem obrigadas a comentar. Por exemplo, fiz uma promoção de top comentarista de 50 reais, se a pessoa comentasse todas as postagens ela ia ganhar um cupom, um vale de 50 reais, aí todo mundo comenta. Mas se não tiver uma compensação, a pessoa que comenta ela quer alguma coisa em troca daquilo, ninguém tá comentando mais.

A palavra "*feedback*" foi a mais usada pelas blogueiras ao descreverem o que os comentários representam para elas. Destaca-se que, de forma semelhante, a palavra *feedback* também apresentou-se como a mais utilizada pelas blogueiras ao referirem-se a sua motivação para postar no *blog*.

Além disso, o comentário também foi considerado como a oportunidade de conhecer a opinião do leitor. Conforme Recuero (2004a), é preciso compreender que os lugares de fala dos interagentes são diferentes nos *blogs*, uma vez que o blogueiro tem a seu dispor todo o *site*, com grandes espaços de discurso para manifestar-se. Por outro lado, o comentarista dispõe de uma janela menor que só será vista se o leitor clicar no *link* “comentários”. No ponto de vista das blogueiras, o comentário é um esforço do leitor, que não simplesmente acessa a postagem, mas se empenha também em escrever uma anotação. Há ainda a afirmação de que, atualmente, os leitores só comentam se tiverem algum tipo de compensação, ganhando algo em troca da postagem do comentário.

Ausência de comentários

Conforme abordado no referencial teórico, Prange (2003) avalia que os comentários dos visitantes são esperados pelos blogueiros, sejam provenientes dos próprios amigos ou de leitores desconhecidos. Segundo a autora, essa receptividade expressa um intenso desejo por parte das blogueiras, de terem seus *blogs* lidos e de, assim, conquistarem um público cativo para seus textos. Dessa forma, a ausência de comentários pode ser uma fonte de ansiedade para os blogueiros.

Durante a análise das entrevistas, identificou-se que existe um discurso predominante nas falas de todas as blogueiras a respeito da ausência de comentários, relatando que, atualmente, os leitores não comentam nas postagens e que há uma tendência geral da falta de comentários nos *blogs* literários. Tal discurso está presente até mesmo nas falas das blogueiras que geralmente recebem muitos comentários em suas postagens, como Macabéa, Ana Terra (ver QUADRO 8). Nesse sentido, buscou-se compreender o que incomodava as blogueiras em relação à falta de comentários por parte dos leitores.

CAPITU: As pessoas não comentam muito, eu sei que elas veem, mas elas não falam o que achou sabe. Não sei se é por medo do que eu vou pensar, mas tipo eu não importo, pode ser qualquer coisa. Mas geralmente não falam.

ANA TERRA: Eu fico um pouco decepcionada. Porque dá um trabalho, dá um certo trabalho, você tirar um tempo do seu dia, um tempo da sua semana pra poder escrever aquilo, não assim pela leitura, porque a leitura provavelmente com *blog* ou sem eu teria lido. [...] mas aí você chega lá no *blog*, você escreve um texto de quase mil palavras e ninguém comenta, ou as pessoas veem mas não falam assim ‘Ah bacana’. Então é... falta alguma coisa.

GABRIELA: Cara, tem muito *post* no *blog* que não tem comentário. A gente vê mais comentário no YouTube e no Instagram. *Post* no *blog* é um ou outro, sabe. Mas... superei. No início eu ficava grilada, sabe. Tipo nossa, mas não tem ninguém comentando. Mas agora superei, continuo fazendo [...]. Talvez o pessoal tenha preguiça de comentar. Eu creio que é preguiça de comentar mesmo porque...

As blogueiras sentem-se desvalorizadas quando não recebem comentários em suas postagens. Elas se sentem decepcionadas por terem investido tempo para produzir um

conteúdo que, aparentemente, não está sendo lido. No depoimento abaixo, Macabéa levanta um outro ponto, o fato de a ausência de comentários no *blog* comprometer as parcerias.

MACABÉA: Olha, comentário, é engraçado porque igual eu tô te falando, quando as pessoas leem normalmente elas comentam, mas elas comentam com a gente, não comentam no *blog*. Quando comentam no *blog*, eu acho que é legal. Pra quê? Pra você conseguir visibilidade quando você quer parceria.

Para saber se suas postagens estão sendo acessadas, as blogueiras analisam o número de visualizações do *post*. As publicações costumam apresentar grande número de acessos, porém poucos comentários. Esse fato foi identificado por Araújo e Araújo (2015), que afirmam que há um índice de comentários muito abaixo do de visualizações.

CECI: A gente no *blog*, a gente trabalha com visualizações, porque quando você entra na plataforma fala quantas pessoas visualizou, então no *blog* a gente fica meio assim nossa 500 pessoas visualizaram esse *post* e ninguém comentou.

GABRIELA: [...] às vezes tem tipo cento e poucas visualizações e não tem nenhum comentário. Às vezes tem 300 e tantas visualizações e tem um comentário sabe.

EMÍLIA: Normalmente eu vou muito pelo acesso que teve aquela resenha, eu vejo se ela teve algum acesso. Agora se eu postar alguma coisa, tiver um top comentarista e não tiver comentário, aí eu fico preocupada, que aí eu vejo que tem alguma coisa errada ali.

MACABÉA: [...] 100 visualizações, 100 pessoas lerem o conteúdo, 2 comentaram. Aí você falta chorar, você fala assim 'Por que que esses 100 abençoados que leram não deixaram um comentário'? 'Ah gostei', podia falar pelo menos gostei, sabe.

LUCÍOLA: Mas é igual eu te falei, como as pessoas não comentam, tipo assim às vezes eu tenho... Eu tenho, eu devo ter umas 180 publicações no *blog*, não tenho nem 10% disso de comentário. Você vai pegar lá umas 15 resenhas seguidas, você não tem comentário nenhum.

Iracema e Lucíola alegam não se importar com a ausência de comentários. A primeira afirma não ter intenção de ser uma blogueira famosa ou de se promover por meio do *blog*. A segunda não considera que os comentários são o propósito inicial do *blog*, afirmando que se sente satisfeita se o leitor ler a sua resenha até o final e se sentir interessado pelo livro.

IRACEMA: Eu não ligo não [risos]. Eu acho que já é até natural, até porque meu *blog* não é grande também e eu não sou famosa como blogueira, aí não tem aquele... [...] E eu não sou uma pessoa de me divulgar, gosto mais tipo eu prefiro dar ênfase no material sabe. Então acaba que eu não ligo não, eu não ligo de não ter comentários.

LUCÍOLA: Eu fico muito feliz quando vem um comentário, quando a pessoa fala assim 'Nossa que resenha maravilhosa' ou 'Que resenha bem escrita', 'Nossa esse livro entrou pra minha lista de desejados'... É uma coisa muito boa porque te afaga o ego, mas não é o propósito inicial, tipo assim se a pessoa entrou, leu até o final, gostou e colocou esse livro na lista de desejados ou comprou o livro por uma coisa minha, eu fico feliz. Mas, eu não posso falar com você que eu sei de alguém que fez isso.

Geralmente, a ausência de comentários é motivo de angústia para as blogueiras, que sentem-se decepcionadas e desmotivadas pela falta de *feedback* por parte de seus leitores.

A quantidade de comentários é comparada ao número de acessos da postagem, entendendo-se que os leitores visualizam a publicação, mas não comentam. Entretanto, certas blogueiras não aparentam se importar com a ausência de comentários.

Incentivo à leitura

Ao serem perguntadas sobre a possibilidade de seu *blog* literário incentivar a leitura, todas as blogueiras consideram que seu respectivo *blog* atua no incentivo. As justificativas são as mais diversas, desde o *feedback* de terceiros ao formato das resenhas.

CAPITU: Sim, não posso falar que em grande escala, mas sim. Pelo menos algumas pessoas já falaram que sim né.

CECI: Sim.

GABRIELA: Sim. E principalmente a leitura nacional, assim, por a gente dá mais espaço pra isso.

EMÍLIA: Sim, sim, a gente tem... Tanto é que eu tenho certeza disso como já me falaram e eu tenho parceria com a Leitura aqui de BH por causa disso, porque eles acham, eles veem no *blog* uma... distribuição boa de informação [...] terceiros já me mostraram isso, que meu trabalho tá legal.

MACABÉA: Ah, eu acho. Eu acho que incentiva muito. Porque a gente não tá focado num único tema, porque eu já abri oportunidade por exemplo pra outras pessoas escreverem, eu já convidei amigo meu pra escrever [...].

IRACEMA: Sim. Eu acho assim também, não exatamente eu Iracema influencio uma tal pessoa [...]. Acaba que eu ajudo na massa de influenciadores, entendeu. Eu acho que eu não sou tão importante no meio literário a ponto de eu sozinha influenciar, mas acho que eu ajudo a manter sabe [...]. Então acaba que eu acho que eu ajudo nesse... no grupo. No geral, não sozinha.

LUCÍOLA: Eu acho que sim. Porque as minhas resenhas, elas não são grandes, eu tento manter, eu tento criar um misto entre a razão de escrever e o sentimento que o livro me deu.

Ana Terra foi a única que apresentou certa dúvida ao responder, possuindo uma opinião mais crítica sobre o que é realmente o incentivo à leitura. Para a blogueira, incentivar de fato a leitura é promover o gosto pela leitura entre aqueles que ainda não são leitores, atuando no processo de formação do leitor. Na visão dela, o *blog* atrai um público que já é leitor, sendo sua atuação um incentivo à leitura de livros específicos.

ANA TERRA: Quanto a isso eu não sei falar. Eu entendo como incentivo à leitura, é pegar eu lá da sétima série que não lia e teve algo que me motivou a ler. Eu acho que as pessoas que procuram o nosso *blog*, são mais pessoas que já tem o costume de ler e tão ali pelo mesmo motivo que a gente tá escrevendo, pra procurar coisas novas ou procurar alguém que tenha lido o que você leu pra você poder conversar. Pode ser que incentive alguém de ler outro gênero, mas quanto ao incentivo à leitura, eu acho que nem tanto.

As blogueiras recebem *feedbacks* de seus leitores, confirmando que suas postagens sobre determinados livros influenciam as pessoas a lerem ou desejarem esses livros. De acordo com Araújo e Araújo (2015), se existe um elo de confiança entre o blogueiro e o leitor,

as resenhas, que refletem a opinião do blogueiro sobre a obra, podem influenciar os leitores a iniciar novas leituras.

CAPITU: Sim. Eu já recebi vários comentários da pessoa falando que depois que leu a resenha, queria ler. Várias pessoas falam, eu recebo *e-mail* e... Assim, é maravilhoso ver isso. A pessoa falar 'Nossa eu li sua resenha gostei, agora eu vou ler'.

ANA TERRA: Então, meu namorado publicou o quadrinho dele no FIQ, ele me contou que um dia chegou uma moça lá na mesinha dele, aí ele chegou pra falar sobre a revista dele, aí a moça falou 'Eu já sei a história, eu li no *blog*' [...]. Então eu acho que pode ser que aconteça também com os outros conteúdos que eu publico, tanto filme quanto livro, quanto série.

CECI: Sim, sim, sempre tem alguém que fala 'Ah eu vou ler porque você tá lendo', 'Ah eu vou ler também'. Tem aqueles livros queridinhos que a gente sempre... Igual eu vou lembrar de uma postagem de Setembro Amarelo, que eu fiz no *blog*, aí eu listei vários livros que tem o tema de suicídio e tal. Aí as pessoas 'Ah esse livro também é, eu vou ler'. Então tem sim, tem um retorno.

GABRIELA: Eu acho que sim, porque eu já vi gente falando 'Ah você falou de tal livro, eu fui ler, amei'. E que bom né [risos]. Já, já vi gente falando que leu. A própria Macabéa, já comentei livro com ela, já fiz resenha e ela comentou e tal, e ela ficou de ler o livro depois. E teve a menina no Instagram também, então...

EMÍLIA: Isso, é, falam né [...]. E às vezes, por exemplo, eu vi, às vezes tem comentário no Instagram, isso é muito mais forte no Instagram, você posta uma capa a pessoa comenta embaixo 'Nossa mais um pra lista' ou... é... 'Já vou procurar saber mais', sabe essas coisas. Você sabe que a pessoa ficou sabendo do livro por ali.

A influência que o *blog* exerce sob os leitores é ressaltada na fala de algumas entrevistadas. Lucíola reflete sobre o poder de influência que pode causar nas pessoas através de uma resenha, impulsionando o consumo de livros.

LUCÍOLA: Porque tipo assim eu acho que é muita influência que eu posso estar gerando pra pessoa, fazendo ela ter um custo que às vezes ela não tem, eu acho que por isso é perigoso, dependendo da forma com que você expõe aquilo ali, você pode influenciar a pessoa a comprar aquilo ou não, e ela pode ter condição daquilo ou não. Então por isso que eu acho que é perigoso, mas assim o intuito é esse, que a pessoa leia aquilo ali que você...

MACABÉA: Ah, eu acho que influencia. Assim, meu grupo pelo menos, os grupos dos quais eu participo, acaba influenciando, assim como eu sou influenciada por eles [...]. Então, isso é uma maneira da gente influenciar também, quer dizer, se a pessoa vai lá é porque ela se interessou por aquilo que você tá falando, se ela foi lá, se ela leu, chamou a atenção dela, é uma maneira de influenciar, pelo menos eu acredito que seja.

IRACEMA: Sim. Eu acho que todo mundo influencia todo mundo [...]. Então acaba que eu vejo isso nas pessoas próximas a mim, de ver que eu gostei e recomendar. Eu acredito que sim, isso influencia com certeza.

Compreende-se que o *blog* e as mídias sociais vinculadas a ele promovem uma divulgação dos livros lidos pelas blogueiras e provocam certa influência nos leitores. Esse fato fica mais evidente quando o mercado editorial usa os *blogs* literários como estratégia de *marketing*, comprovando que as resenhas auxiliam na venda de livros.

Havia um questionamento na pesquisa sobre a possibilidade de as blogueiras literárias atuarem como mediadoras de leitura. Na pesquisa de Araújo e Araújo (2015), constatou-se

que os blogueiros atuam como mediadores de leitura. De acordo com os autores, os próprios membros da blogosfera literária utilizam as ferramentas disponíveis na rede para mediar a leitura entre si, de forma não profissional. Conforme abordado anteriormente, Petit (2009) acredita em uma mediação de leitura que aconteça de uma forma não planejada, que não tenha cunho pedagógico e na qual o mediador não necessite de uma formação específica. Entretanto, a autora considera que é essencial a proximidade entre o mediador e o leitor, fato que pode ter ocorrido na amostra definida por Araújo e Araújo (2015), mas que não foi verificado nas falas das blogueiras literárias dessa pesquisa. Dessa forma, por meio da análise das respostas sobre o incentivo à leitura e a influência de suas postagens, fica evidente que as blogueiras não atuam como mediadoras de leitura. Para que fossem consideradas mediadoras de leitura, as blogueiras precisariam conhecer e manter uma relação próxima aos seus leitores, guiando-os e promovendo leituras com afetividade (PETIT, 2009). Conclui-se que a atuação das blogueiras restringe-se ao incentivo à leitura de determinados livros e à uma influência para sua aquisição.

6.4.4.2 Blogueiros

Nessa subcategoria serão discutidas algumas questões relativas à interação das blogueiras entrevistadas com outros blogueiros vinculados à blogosfera literária. Para tal, foi investigado se as blogueiras realizam a leitura e acompanhamento de outros *blogs* literários. Além disso, averiguou-se a formação dos *webrings*, que acontece tanto de forma virtual como presencial. Por fim, discute-se a importância dos eventos literários e os sentimentos presentes nas relações entre os blogueiros.

Leitura de outros blogs literários

Para verificar a interação das entrevistadas com outros blogueiros, perguntou-se inicialmente se elas visitam outros *blogs* e realizavam a leitura das postagens. Algumas blogueiras afirmam que acompanham *blogs* literários, principalmente *blogs* de amigos. É comum elas associarem diretamente o *blog* ao blogueiro administrador, citando seus nomes.

EMÍLIA: Livros e Sushi, eu leio tudo que a Iracema escreve. É... Menina da Bahia eu leio, a Menina da Bahia escreve muito sobre romance, então eu leio mais. Vamos ver quem mais... Eu tenho, eu tenho acompanhado, eu acompanho alguns, mas não com a frequência que eu queria, é lógico né. Tem o Fundo Falso. É... Nossa, eu vou lembrando...

GABRIELA: O Paradise eu acompanho até hoje. Tem o Memorialices da Luana, acho o *blog* dela muito fofo, adoro. E o Epílogo em Branco da Rubiane, que foi uma menina que eu conheci pela internet, no mundo Nárnia também.

LUCÍOLA: Eu conheci o Coisas [*blog* Coisas de Mineira] na Bienal em 2016 que foi o mesmo ano que eu conheci o clube [Clube do Livro BH]. Tem o

Livros e Fuxicos, que eu conheci o *blog* primeiro, antes do canal [...]. Menina, eu já segui mais, hoje em dia não tanto. Mas muita coisa tá desativada, muita gente deixou, muita gente migrou, então... Mas os que eu acompanho até hoje são esses.

MACABÉA: Leio, leio mais o de pessoas com quem eu já tenho mais afinidade. [...] o Gata Leitora eu sempre entro, é... O da Gabriela que tava aqui, mais a Kátia, elas são gracinha, então sempre que ela posta alguma coisa lá, eu entro, comento, eu falo lá alguma coisa. Tem alguns... O Coisas de Mineira, que é das meninas, às vezes eu entro pra poder olhar, mas mais *blogs* literários.

Em contrapartida, ao serem perguntadas se eram leitoras de *blogs* literários, metade das blogueiras afirmou que não. Elas alegam acompanharem somente o perfil do Instagram dos *blogs*, fato que mostra mais uma vez a ascensão dessa rede social entre os blogueiros. Além disso, evidencia-se a questão da migração de plataforma. O fato de as próprias blogueiras não estarem lendo postagens nos *blogs*, sugere certa tendência de uso do Instagram como principal plataforma para veiculação de postagens literárias no futuro.

ANA TERRA: Eu acho que não. É bem essa coisa do Instagram, sabe. Eu vi ali no Instagram, sabe. Às vezes eu vejo o pessoal do Coisas de Mineira publicou alguma coisa no Instagram, até mesmo no Facebook, aí eu vou lá e leio. Mas não é periódico, antes eu acompanhada sempre, sempre que saía lá novidade eu ia lá e lia. Hoje eu não tenho acompanhado tanto.

CAPITU: Frequente, frequente não. Mas igual eu te falei, tenho vários salvos, aí de vez em quando eu dou uma olhada [...]. Eu acho que os outros eu olho pelo Instagram, que é mais rápido pra ver. E aí geralmente eles costumam postar tipo a imagem e uma resenha bem rápida assim, é o que eu mais acompanho, *blog* mesmo eu visitar é bem mais difícil.

CECI: Não, leitora de *blogs* assim eu não acompanho não. Eu tenho seguido muito Instagram. É a tendência. [...] Ah nossa... Daqui eu vou lembrar... Clube do Livro, eu sigo a Iracema, eu sigo o Luke, eu sigo o da Joy, eu vou lembrar mais o nome dos blogueiros do que dos *blogs*, porque aí fica [risos]. Mas são vários que eu sigo, se você olhar o meu Instagram, 70% é de livros.

IRACEMA: Igual eu falei eu não sei se eu... Ativa assim acho que não. Eu quero ler um livro aí digito lá às vezes ou vou ler e procuro, mas assim falar assim vou lá buscar o *blog* não.

PESQUISADORA: Nem de *blogs* amigos?

IRACEMA: Não, acaba que eu acompanho mais pelo Instagram. É raro, olha pra você ver, a gente é blogueira e não visita os *blogs*.

Seja por meio da plataforma *blog* ou através das redes sociais, no caso o Instagram, as blogueiras acompanham as postagens de outros blogueiros pertencentes ao meio literário. Essa prática revela que as blogueiras sentem a necessidade de conhecer outras pessoas que possuem uma atuação semelhante à sua na blogosfera, que têm os mesmos gostos e que também estão compartilhando conteúdo relacionado à literatura. O fato é que as blogueiras não ficam isoladas em seus próprios *blogs*, acompanhando outros blogueiros e vinculando-se a eles, formando círculos sociais.

Influência dos blogueiros

Todas as blogueiras afirmaram já terem sofrido influência de outros blogueiros, pois, ao lerem as resenhas postadas, sentiram vontade de ler os livros indicados. O acompanhamento das postagens de outros *blogs* e das redes sociais vinculadas a eles, permite que a blogueiras conheçam outros livros e se sintam motivadas a lê-los após conhecer as opiniões emitidas nas resenhas.

MACABÉA: Já, várias vezes.

ANA TERRA: Ah, sim, bastante. A minha referência é o Coisas de Mineira mesmo, sabe [...]. A resenha que eu li lá sobre Bakes of Deception foi bacana, então me motivou a querer ler, um dia eu ainda consigo.

CAPITU: Sim, acontece. Eu só não lembro de cabeça agora, mas acontece. Às vezes eu tenho um livro aqui em mente que eu acho que eu não vou ler, aí eu leio lá um *post* da pessoa e me faz mudar de ideia.

IRACEMA: Nossa, acho que na época quando o Caraval saiu sabe, você leu esse livro? O Caraval quando saiu a galera falou muito, muito, muito. Mas não lembro qual blogueiro, de tanto ver que a gente se interessa sabe.

LUCÍOLA: Nossa, sim, vários [...]. Eu gosto de dar mérito pra *blogs* escritos exatamente por isso. Teve vários que a foto era maravilhosa, a escrita era maravilhosa, a forma como ela escreveu te traz pra aquilo ali, ela te deixa curiosa... Nossa tem um segredo. Mas como assim um segredo? E não tem como você virar e falar assim aqui quero um *spoiler*, me fala que segredo é esse.

GABRIELA: Muitas, muitas nossa. As meninas do Paradise, às vezes eu tenho um gosto parecido com o da Marina⁵⁵, com o da Nayara, aí elas falam de tal livro eu já falo hum acho que eu vou gostar. Então eu já pego.

Para algumas blogueiras, as resenhas publicadas em outros *blogs* exercem uma influência para que elas adquiram livros. A aquisição de livros nem sempre resulta na efetiva leitura do livro, o que ressalta o caráter comercial dos *blogs* literários e seu potencial na venda das publicações editoriais. Como exemplo, o caso relatado por Emília, que se sentiu influenciada a comprar uma coleção completa em inglês, mesmo sem ser fluente na língua.

EMÍLIA: [risos] Já, infelizmente. Queria ser uma pessoa que não fosse influenciável, nossa como eu queria [...]. Teve um que eu fiquei muito puta... a Bárbara Sá da Segredos entre Amigas, ela é apaixonada por Crepúsculo. Por ter sido a primeira série que eu li, eu sou apaixonada. Ela tava mostrando a coleção dela de livros, ela me influenciou a comprar uma versão gringa de Crepúsculo. Você não tá entendendo. Eu quase matei a Bárbara. Tive vontade de pegar ela pelos cabelos! Ela tem uma coleção gigante de Crepúsculo e na época eu tava montando a minha coleção também. E eu achei a edição linda que ela comprou fora, aí eu fui e comprei também, porque eu achei linda.

PESQUISADORA: E você leu?

EMÍLIA: Nada, eu não sei nem falar inglês. Se fosse espanhol eu tinha lido.

PESQUISADORA: Virou objeto decorativo?

EMÍLIA: Exato. Pior, eu não tenho espaço, então tá no maleiro. Você não tá entendendo, tá no maleiro! Porque eu não tenho espaço pra colocar.

⁵⁵ Nome fictício.

CECI: Assim eu sou influenciada a comprar livros... Trono de Vidro foi uma influência de uma blogueira, eu comprei o livro e adorei, passei pra Nayara, ela que leu e ela que resenhou. Então a gente compartilha essas coisas no *blog*. Sou bem influenciada.

IRACEMA: Então eu acho que eu fui muito influenciada sim a querer comprar as coisas que os outros blogueiros falavam antes de virar blogueira sabe. Hoje eu nem quero tanto comprar sabe, eu quero mais é ler mesmo, nem penso, nem sei se eu penso em comprar, mas é tipo que legal, gostei.

Ao serem perguntadas em que sentindo seus próprios *blogs* são influenciados por outros *blogs*, as blogueiras afirmaram que o formato das publicações é baseado em *blogs* que elas visitaram. A forma como as resenhas são estruturadas seguem um certo padrão que é seguido nos *blogs*. Além disso, as blogueiras espelham-se em outros *blogs* como forma de buscar inspirações no momento de produzir conteúdo.

ANA TERRA: Eu acho que sim, por exemplo até no formato de *post* novo que a gente tá usando, sabe. [...] as meninas viram em um *blog* que a blogueira separava sobre a história e o que eu achei da história [...]. Então direciona bastante, isso é uma influência que gente teve de um outro *blog*.

CAPITU: Não muito, não sei mensurar isso não [...]. Agora, às vezes eu procuro inspiração [...]. Não necessariamente o conteúdo, só a ideia mesmo. Tipo a *tag* 15 séries que você ama, sei lá tô inventando, aí a pessoa fez, eu vou lá e faço a minha também. Esse tipo de coisa.

MACABÉA: Com relação aos textos não tem jeito, a gente acaba sendo influenciada por um padrão [...]. Então isso me influencia, tipo eu vejo alguma coisa que eu gosto, que me agrada e que eu quero trazer por meu. Às vezes não funciona no meu, eu tiro, se funciona, eu deixo. Então dessa maneira eu acho que eu sou influenciada, por esses padrõeszinho né, o formatozinho, o meio de formatação... Acho que até pra quem lê, ela já tá acostumada com aquela identidade visual ali, aquele formatinho. Então pra quem vai ler facilita, ela já tá mais familiarizada.

LUCÍOLA: Menina, tipo assim ele [*blog* Coisas de Mineira] me deu um padrão de o que escrever, de como escrever, né. Por exemplo, o Coisas tem seis, sete anos, então eu acho ele lindo esteticamente e ele é muito bem escrito, todas as meninas escrevem muito bem. E aí você fica naquela, tipo assim, não é aquela coisa de tipo quero ser eles quando crescer, mas eles te dão um parâmetro do que é bom e do que não é bom.

A tendência da criação das fotos autorais por parte das blogueiras também foi lembrada como influência de outros *blogs*.

CECI: Igual eu tava te falando, a gente acompanha outros *blogs* também, vemos as fotos autorais deles, achamos lindas e maravilhosas, então nós queremos fazer um trabalho tão bonito quanto. E a gente vê que as pessoas também vão lá pra ver essas fotos novas, que inspiram elas também.

O top comentarista realizado no *blog* Entrando Numa Fria foi uma influência que a blogueira teve de outros *blogs*, nos quais acompanhou o aumento da interação com os leitores provocada pela promoção.

EMÍLIA: Sabe uma coisa que eu tô sendo influenciada, no top comentarista. Porque eu sei que o top comentarista faz interação. [...] isso tem dado tanto movimento em outros *blogs* que esse tipo de promoção, que tá me influenciando de outros *blogs*, que eu tenho trago [...]. E como eu sei que isso faz a diferença, eu vejo em outros lugares, aí eu tenho feito.

Gabriela considera que existe um ciclo de influência entre os blogueiros, uma vez que, ao ler uma postagem de um *blog*, ela se sente motivada a ler um determinado livro e, após a leitura, escreve sobre ele em seu próprio *blog*. Assim, por meio dessa postagem influenciará outros blogueiros.

GABRIELA: Talvez, porque quando eu acompanho muito um *blog* geralmente eu vou ler o que eu tô vendo lá. Uma coisa que me interessa lá então eu vou ler. E aí vou falar dele no DNA, entendeu. Então, acho que é meio que um ciclo [risos].

A influência entre os blogueiros na blogosfera literária é evidente nos depoimentos das entrevistadas. Existe uma influência na escolha do livro que a blogueira decide ler e também na sua aquisição. Além disso, os *blogs* influenciam-se uns aos outros no formato das postagens e nos conteúdos postados, como também nas tendências como a produção de fotos e as promoções.

Webring

Como já visto anteriormente, Recuero (2003) considera que um *webring* começa a ser formado quando um leitor conhece o *blog* e, ao ler os *posts*, sente a necessidade de interagir com o blogueiro e deixar um comentário. Esse leitor também é um blogueiro que, ao comentar, deixa o *link* de seu *blog* pessoal. O círculo de blogueiros se forma quando o blogueiro autor daquele *blog* lê o comentário e se interessa em saber quem é. Ao descobrir esse novo *blog*, o blogueiro passa a acessá-lo com frequência, o que promove uma interação entre os sujeitos.

Ao verificar os *blogs* da pesquisa, é possível identificar com facilidade comentários nos quais blogueiros deixam o *link* de seus respectivos *blogs* literários. Normalmente são feitos elogios a postagem e comentários gerais demonstrando um interesse pelo conteúdo resenhado e pelo *blog*. Essa prática é muito comum e foi encontrada na maior parte dos *blogs* durante o período analisado e até mesmo posteriormente, com exceção dos *blogs* Minha Estante e Muito Mais e Entrando Numa Fria. Na figura 18 são apresentados dois exemplos de comentários que possuem *links* para outros *blogs*.

Esse tipo de comentário, feito por blogueiros, apresenta um convite para a visita de seus respectivos *blogs*. Algumas blogueiras entrevistadas, aceitam o convite e clicam no *link*, sendo direcionadas para a página do outro *blog*.

CAPITU: Visito. Aí eu geralmente salvo uma pastinha que eu tenho lá de *blogs*, aí eu coloco todos. Aí eu não visito com muita frequência, por causa de falta de tempo mesmo, mas eu gosto de olhar, de saber o que as pessoas tão postando, de saber o que é entre aspas tendência, os livros que as pessoas tão lendo mais, eu gosto de ver.

IRACEMA: Sim, dou uma olhadinha. Já teve várias vezes de *blogs* iniciantes até pra fazer público né, pra se apresentar, eles falam 'Ah tô te seguindo me segue de volta', aí eu até falo 'Ah vou te ajudar', sigo. Eu não ligo pra isso

não, tipo acho que todo mundo no começo precisa de ajuda, uma curtida, um seguidor vale muito sabe, é difícil.

CECI: Entro no *link* pra ver e retribuir. Porque existe muito essa coisa de retribuição de comentários também, às vezes a pessoa vai no seu *blog* e comenta, deixa o *link* dela. Você retribui o comentário, vai no *blog* dela.

Figura 18 – *Link* de blogueiras nos comentários dos *blogs*



Legenda: a) Comentário de uma blogueira na postagem de Capitu.

b) Comentário de uma blogueira na postagem de Iracema.

Fonte: *Blog Menina Compassiva*⁵⁶ e *blog Livros e Sushi*⁵⁷, 2018.

Apesar de visitarem o *blog*, as blogueiras não se mostram genuinamente interessadas em conhecer o *blog* ou o blogueiro, pois afirmam que o fazem para retribuir a visita, ajudar o blogueiro iniciante e incentivá-lo. Ao alegarem que não visitam os *blogs* com frequência e só dão uma “olhadinha”, as blogueiras demonstram que não estão efetivamente interagindo com esses outros blogueiros, ou seja, não estão constituindo *webrings* desse modo.

MACABÉA: Ah, depende. Igual eu te falei, se é alguém que eu conheço, que eu valorizo... Agora se é alguém que entrou só pra deixar o *link*, às vezes eu não vou não. Porque assim, *blog* tem muito disso, às vezes tem gente que entra faz o comentário, deixa o *link* dele só pra você poder ir no *blog* dele. Eu nem conheço, não sei quem é e tal, aí eu não vou não. Se eu ficar interessada, se o comentário for pertinente, eu perceber que a pessoa

⁵⁶ Disponível em: <<https://meninacompassiva.blogspot.com/2018/08/resenha-riverdale-netflix.html#comment-form>>. Acesso em: 14 out. 2018.

⁵⁷ Disponível em: <<https://livrosesushi.wordpress.com/2018/08/11/resenha-a-louca-dos-gatos-sarah-andersen/comment-page-1/#comment-5958>>. Acesso em: 14 out. 2018.

realmente se deu ao trabalho de ler, aí às vezes eu visito, e às vezes tem surpresas boas, sabe.

No relato acima, a blogueira apresenta certa desconfiança em entrar em um *blog* de uma pessoa desconhecida, preferindo visitar *blogs* de amigos. No mesmo sentido, outras blogueiras afirmam não visitar nenhum *blog* cujo blogueiro deixou o *link* nos comentários. Essa prática é interpretada como uma forma do blogueiro se promover, pedindo visitas de forma pública, atingindo os leitores do outro *blog* e fazendo um tipo de propaganda em cima do conteúdo produzido por um outro blogueiro.

EMÍLIA: A partir do momento que me pediu uma visita, principalmente pública, foi lá no comentário do *blog* e pediu pra visitar, eu não visito. Não, não visito. Porque se quer pedir que eu te visito, manda *inbox* no Facebook, manda *inbox* no Instagram, por *e-mail*, não manda público não. Porque na verdade a pessoa não tá pedindo pra você visitar, tá pedindo pros seus leitores visitarem.

LUCÍOLA: Eu vejo muita gente falando 'Nossa que legal, eu também escrevo' e coloca o *link* do *blog* embaixo. Isso eu acho feio, eu não faço esse tipo de coisa [...]. Eu acho que esse tipo de pessoa ela quer se promover em cima de uma outra pessoa, ela quer se promover em cima do conteúdo de uma outra pessoa.

Somente uma das blogueiras demonstrou vincular-se a outras blogueiras da forma descrita por Recuero (2003), afirmando que entra no *link* deixado nos comentários de sua página, conhece o *blog* de outra blogueira, comenta no postagem e também deixa o *link* do seu respectivo *blog*.

GABRIELA: Eu entro, com certeza. Se ela veio no meu né, porque não ir no dela? Eu acho que faz parte, eu acho que é importante né, você incentivar outra pessoa também. Eu entro e comento. [...] Então, virtual geralmente a gente comenta o *post* uma da outra, deixa o *link* do *blog*.

Constata-se que, no caso das demais blogueiras entrevistadas, a formação de *webrings* não ocorre de acordo com o processo descrito por Recuero (2003). Evidencia-se que essas blogueiras participam de *webrings*, contudo, esses círculos sociais não se constituem por meio de *links* deixados por outros blogueiros nos comentários. Assim, para compreender como os *webrings* são constituídos nesses casos, foi perguntado às blogueiras quais as situações que permitem a criação de vínculos entre os blogueiros literários.

Na maioria dos casos relatados, os *webrings* são formados de duas maneiras: presencial e virtual. Um *webring*, conforme Recuero (2003), trata-se de um grupo de pessoas, mais do que um grupo de *links*. Esse grupo de blogueiros é caracterizado pela interação entre os sujeitos, agregando o suporte tecnológico do *blog* e os comentários. Apesar do forte viés virtual que caracteriza um *webring*, constatou-se que nada impede que um círculo de blogueiros surja de maneira presencial, por meio de eventos literários que promovem diversos encontros, nos quais os blogueiros se conhecem e mantêm contato. Certamente, o círculo de blogueiros presencial resulta em uma imersão virtual posterior, uma vez que os blogueiros irão manter contato e visitar mutuamente seus *blogs* através do suporte tecnológico.

Para uma das blogueiras, os *webrings* são formados em encontros presenciais e depois transportados para o ambiente virtual.

CAPITU: Eu fiz amizades físicas com o *blog*. Porque aí com o *blog*, eu comecei a vir no Clube no Livro [BH]. No Clube do Livro, eu conheci outras blogueiras. Mas pessoas que eu conheci no *blog* virtualmente eu não tive contato, eu só respondo como blogueira mesmo [...]. E aí a gente vai conhecendo o pessoal assim através de eventos mesmo, virtualmente não.

A importância do contato com outros blogueiros, tanto na forma presencial como na forma virtual é evidenciada nos depoimentos abaixo. Os encontros de leitores são relatados pelas blogueiras, que também descrevem as interações que ocorrem por meio da *web*.

ANA TERRA: Eu acho que é um pouco de cada. Porque pela internet você pode conhecer uma infinidade de coisas sem sair da sua casa, sem sair... Ou então você tá na rua, tá com o celular na mão, você consegue ler uma coisa que alguém do outro lado do mundo publicou. E a questão de você tá num evento e conhecer alguém num evento ela cria uma relação diferente né, eu te conheci, eu soube que você trabalha com tal coisa, então eu vou procurar porque eu achei interessante, não foi nada que apareceu pra mim.

GABRIELA: Então, virtual geralmente a gente comenta o *post* uma da outra, deixa o *link* do *blog*. E pessoalmente, Clube do Livro, é... Esses eventos literários tipo Café com Leitura, Romances de época, essas coisas. Então geralmente tem espaço pra 'Ah quem é blogueiro quer deixar marcador de página⁵⁸ aqui?'. Eu ainda não tenho, mas quem tem deixa lá o marcador e fala do *blog* mesmo. Tipo as meninas do Clube do Livro [BH] sempre falam 'Ah quem é blogueira?' Aí chega lá na frente e fala, entendeu.

LUCÍOLA: Alguns [blogueiros] sim, porque é mais fácil quando moram perto. Os de Belo Horizonte, a gente acaba se encontrando em eventos, no próprio Clube [Clube do Livro BH] ou em eventos tipo encontro de fãs de alguma editora, por exemplo teve encontro da Jane Austen, teve encontro de fãs da Darkside, teve há pouco tempo da Passarela da Companhia das Letras né, do selo Passarela. Então assim a gente se encontra nessas coisas assim. Ou em grupos do WhatsApp, pelo WhatsApp mesmo.

Quanto às relações presenciais, as bienais do livro foram lembradas pelas blogueiras como uma possibilidade para estreitar laços entre os blogueiros, seja para ter uma companhia durante a viagem, para conhecer blogueiros no próprio evento ou encontrar pessoalmente amigos virtuais.

IRACEMA: Também eventos até fora de Belo Horizonte, companhia pra ir pra Bienal né, às vezes é muito ruim viajar sozinha, então eu acho que com certeza aproxima [...]. Acho que evento, sorteios, afinidade de gênero literário.

EMÍLIA: Muitos eventos, Bienal. Gente, Bienal é ótimo pra isso, porque na hora que você assusta tipo você tá conhecendo pessoas que você conversa na rede social há anos. Ou então, às vezes pessoas que você não conversa, mas que às vezes conhecem seu trabalho [...]. Então acaba que você tem um contato com pessoas que você não conversa na rede social. Então Bienal é a melhor coisa do mundo pra você se encontrar com as pessoas.

⁵⁸ É uma prática comum entre os blogueiros literários a confecção de marcadores de páginas com o logotipo do *blog*. Esses marcadores são distribuídos em eventos literários como forma de promover o *blog*. As blogueiras do Entrando Numa Fria e do Livros e Sushi entregaram seus respectivos marcadores de página para a pesquisadora.

Em contrapartida, uma das blogueiras destaca que nos eventos literários nem sempre é possível identificar quem são os blogueiros presentes. Apesar de considerar os eventos literários como importantes pontos de encontro, Macabéa considera que é mais fácil criar vínculos com outros blogueiros de forma virtual.

MACABÉA: Em evento a gente encontra muito, mas é engraçado, porque eu não sei assim se as pessoas tem vergonha... Não sei como é que foi quando você tava tentando identificar blogueiro... O povo escreve, o povo posta nos Instagram, mas ninguém fala que escreve. Você vai nos eventos tá cheio de gente lá que tem *blog*, ninguém fala nada.

Virtualmente, os *webrings* são formados através dos *blogs* e também pelas redes sociais, como os grupos de blogueiros no Facebook e no aplicativo WhatsApp. A dificuldade em se encontrar pessoalmente com blogueiros que moram em regiões distantes é também destacada pelas blogueiras como um dos motivos da permanência do contato virtual. As parcerias entre os *blogs*, como por exemplo para realização de sorteios virtuais, também foi lembrada por possibilitar a criação de vínculos entre as blogueiras.

CECI: Virtualmente. Porque tem muitos de outros estados, que você só consegue ver durante os eventos, como na Bienal de São Paulo e Rio, que sai do Brasil inteiro que vai pra lá. Então a gente tem o contato mais virtual do que presencial.

PESQUISADORA: Aí você mantém contato pelas redes sociais, pelo WhatsApp?

CECI: Tudo, tudo. Pelo *blog*, pelo Face, pelo grupo de trocas de marcadores de livros.

MACABÉA: Acho que os grupos [Facebook], os sorteios, você faz um sorteio em parceria ou você faz um *post* em parceria, tipo uma parte do *post* tá no seu *blog*, o restante ou um outro comentário vai tá no outro *blog*, aí você deixa o *link* ali pra pessoa ir pra aquele outro *blog*. Então isso eu acho que é algo que ajuda.

IRACEMA: E também sorteio, fazer sorteio juntos porque o custo fica dividido e até mesmo um alavanca o outro, por exemplo o da Emília é maior que o meu, me ajudaria entendeu, e talvez o meu público que tá participando não é o público dela e acaba que ajuda ela também. Então acho que é isso [...]. Eu acho que... Hoje em dia a gente é muito virtual, a gente tá numa mesa a gente não conversa, prefere conversar no celular. Hoje em dia eu acho que é a tendência assim, eu acho que é isso, entendeu. E é muito difícil de encontrar.

Ana Terra conta sobre os *webrings* formados por meio de grupos no Facebook. Os blogueiros possuem uma parceria virtual, na qual toda semana os *blogs* parceiros visitam o *blog* de Ana Terra e uma das blogueiras do Marshmallow com Café visita os *blogs* amigos. Essa parceria pode explicar o grande número de comentários recebidos pelo *blog* (ver QUADRO 8) e a predominância de comentários feitos por blogueiros.

ANA TERRA: Então, tem uma parceria que a gente fez com o pessoal do Clube do Livro, que foi pelo Facebook, que as meninas entraram em contato com a gente, mas é troca de experiências nos *blogs*. Então, a Yasmin é responsável por visitar os *blogs* parceiros e aí os *blogs* parceiros tem essa mesma obrigação de visitar a gente e comentar o que a gente tá falando. Isso, nas nossas publicações não sai. Isso é do grupo lá fechado, que as meninas firmaram, sabe. É um compromisso mais verbal, de eu ir lá toda semana te visitar e você vim cá toda semana me visitar.

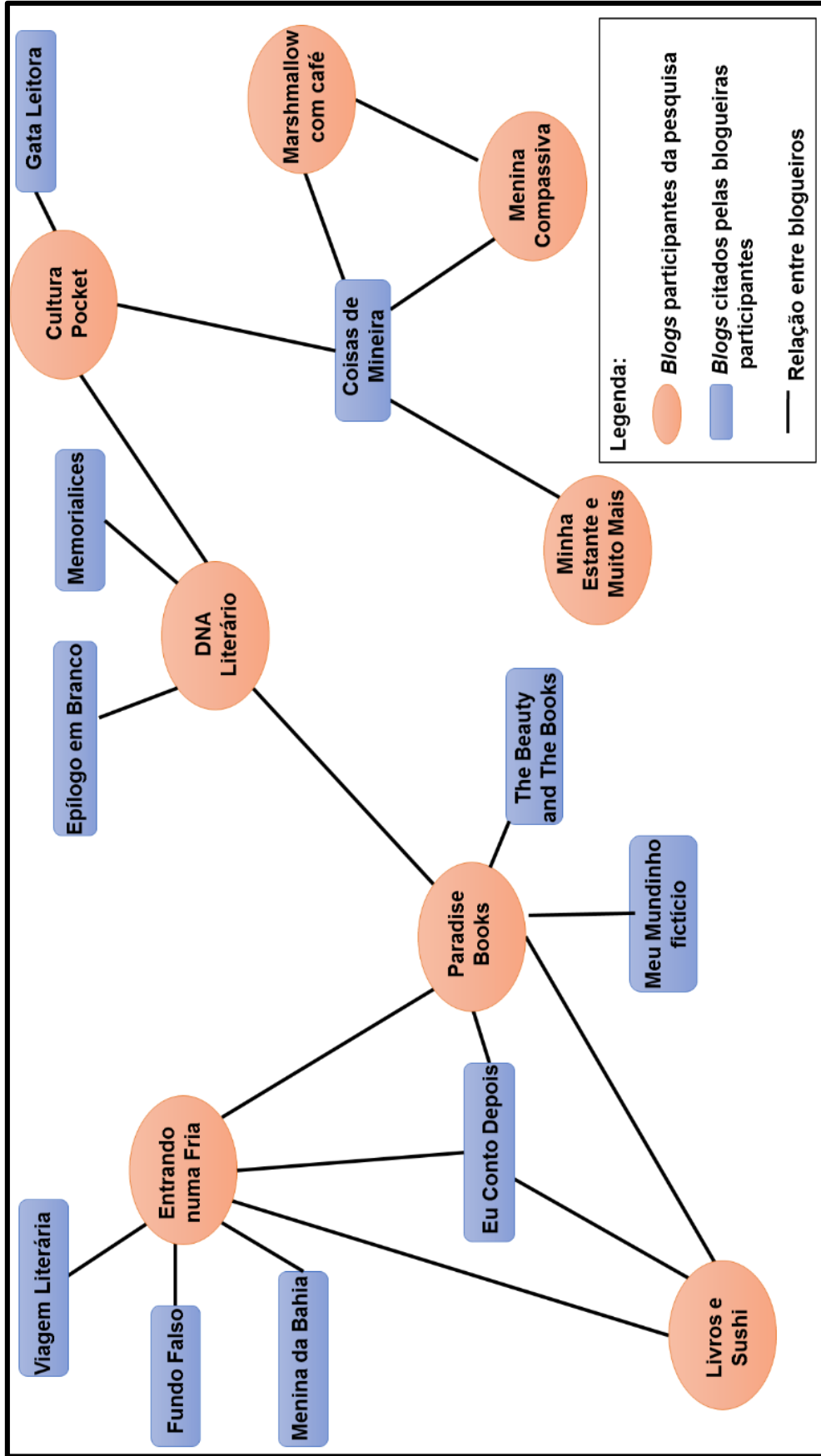
Conclui-se que, no caso das blogueiras participantes da pesquisa, a formação de *webrings* ocorre virtualmente e também presencialmente, sendo depois transportada para o meio virtual. De fato, as interações entre blogueiros ocorrem predominantemente de forma virtual, por meio dos *blogs* e das redes sociais, mas é importante ressaltar a importância que as blogueiras entrevistadas atribuíram aos eventos literários, que permitem o encontro presencial de círculos de blogueiros e também a criação de novos contatos.

Com o objetivo de fazer um mapeamento dos *webrings* identificados na pesquisa, foram consideradas as relações nas quais as blogueiras demonstraram algum tipo de interação e não meramente a leitura de outros *blogs*. Durante a análise documental, identificou-se a divulgação de *links* de *blogs* parceiros na forma de *blogrolls*. Entretanto, muitos desses não foram sequer citados pelas entrevistadas quando abordada a temática da interação entre blogueiros, de forma que foram considerados como troca de divulgação, e não como *webrings* propriamente ditos. Nos comentários das postagens é possível ver algumas interações entre blogueiros. Contudo, não foi possível averiguar se essa relação é mútua, uma vez que não foram analisados os demais *blogs*, para que fosse possível constatar se as blogueiras entrevistadas também os visitaram e interagiram com seus administradores. No decorrer das entrevistas, as blogueiras citaram nomes de *blogs* e blogueiros com os quais interagem. Dessa forma, considerou-se a fala das blogueiras como a principal fonte de informação sobre as interações mais profundas, que constituem os verdadeiros *webrings*.

Na figura 19, é possível ver os *webrings* formados pelas blogueiras participantes da pesquisa. Apesar de os *webrings* serem constituídos por grupos de pessoas, optou-se por apresentar o esquema com o nome dos *blogs* ao invés do nome dos blogueiros, de forma a simplificar a compreensão, visto que muitos dos *blogs* são coletivos.

Devido à amostra da pesquisa ser advinda de um evento literário, no caso o 20º #Clube do Livro BH, existe uma conexão entre os *blogs*, de forma que muitas blogueiras se conhecem. As blogueiras de Entrando Numa Fria, Livros e Sushi e Paradise Books constituem um *webring* juntamente com o blogueiro de Eu Conto Depois. Também existe um *webring* formado por Paradise Books e DNA Literário. As duas blogueiras de Ribeirão das Neves, dos *blogs* DNA Literário e Cultura Pocket também formam um *webring*. As blogueiras de Marshmallow com Café e a blogueira do Menina Compassiva formam um *webring* juntamente com as blogueiras do Coisas de Mineira. A blogueira do Minha Estante e Muito Mais é a única que não se relaciona com nenhuma outra blogueira da pesquisa, mas pertence a um *webring* com as blogueiras do Coisas de Mineira. Ressalta-se que todas as blogueiras entrevistadas possuem vínculos com outros blogueiros, ou seja, participam de *webrings*.

Figura 19 – Webrings identificados na pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das entrevistadas.

De acordo com Recuero (2004b), vários *webrings* podem ter nós (*blogs*) em comum, como por exemplo, as blogueiras dos *blogs* Paradise Books, DNA Literário, Cultura Pocket e Coisas de Mineira, que pertencem a mais de um *webring*. Todos os *blogs* analisados possuem *webrings* com blogueiros que não fazem parte da pesquisa, pois um *webring* pode ser constituído de várias redes (RECUERO, 2004b).

Conclui-se que a figura 19 apresenta somente uma parte de uma extensa rede de conexões entre os *blogs* literários. Ressalta-se que o esquema representa as interações entre os blogueiros no momento presente, estando sujeito a diversas alterações no decorrer do tempo, onde vínculos serão desfeitos e novos *webrings* se formarão.

Os dados da pesquisa sugerem uma ampliação do conceito de *webrings*. Recuero (2003) definiu os *webrings* como círculos sociais constituídos por blogueiros, que interagem por meio dos seus *blogs* e comentários. A autora identificou que a formação desses círculos sociais ocorria por meio dos *links* deixados por outros blogueiros nos comentários das postagens de um *blog*. Contudo, a maioria das participantes da pesquisa demonstraram que não constituem *webrings* desse modo, não possuindo genuíno interesse pelos *links* deixados em seus *blogs* ou julgando-os como uma estratégia de promoção de outro *blog*.

Atualmente, conforme os dados da pesquisa, devido ao fenômeno transmídia, o *blog* está vinculado a diversas mídias sociais, que possibilitam o contato virtual entre blogueiros, de forma que as relações não acontecem somente através dos comentários na plataforma do *blog*. Dessa forma, os blogueiros podem se conhecer e interagir por meio das redes sociais (Facebook, Instagram, YouTube, Twitter), formando *webrings*.

Além disso, círculos sociais de blogueiros são formados presencialmente, nos diversos eventos literários, e posteriormente são transportados para o ambiente virtual. Como Recuero (2003) afirma que os *webrings* são grupos de pessoas, mais do que um grupo de *links*, compreende-se que esse conceito possa ser aplicado às relações entre blogueiros que se iniciam de forma presencial e ocorrem predominantemente no meio virtual.

Eventos Literários

No decorrer das entrevistas, as blogueiras ressaltaram a importância dos eventos literários. No roteiro de perguntas não estava prevista nenhuma questão que abordasse a temática dos eventos literários, porém o discurso das blogueiras trouxe espontaneamente o relato da participação em eventos, que proporciona um momento de entretenimento e de contato com outras pessoas do meio literário. É importante destacar que os eventos literários de modo geral não são exclusivamente para blogueiros, sendo o público formado por leitores.

ANA TERRA: Eu acho que ele pode te propiciar conhecer o conteúdo que eles tão ali pra falar sobre e conhecer pessoas que gostam do que você gosta também.

CAPITU: Aí eu conheci várias pessoas lá [evento literário da editora Rocco], algumas eu mantenho contato até hoje, pessoas de editora...

CECI: É o nosso momento de encontro. Porque a gente vem aqui compartilhar, o Paradise às vezes media alguns eventos, então a gente tá sempre por aqui e a gente tenta acompanhar alguns outros eventos também, não é sempre que dá pra ir com as agendas, mas é o nosso momento.

EMÍLIA: Eu vou te falar que as minhas amizades literárias em Belo Horizonte hoje foram em eventos.

GABRIELA: Com certeza, fazer contato e fazer amizade, você conhecer outras pessoas que gostam de ler, ter esse espaço pra você compartilhar pessoalmente a sua leitura e conhecer pessoas, eu acho muito importante.

MACABÉA: Eu costumo ir, eu vou muito mais porque... Primeiro, que eu me divirto, eu sempre me divirto [...]. Então eu faço muito isso. E eu acho esses eventos bons, sabe.

Iracema e Ceci fazem parte de um mesmo grupo do aplicativo WhatsApp, composto por cerca de 15 blogueiros de Belo Horizonte. Elas contam que os blogueiros se conheceram por meio de eventos literários, o que possibilitou a formação desse *webring*. Apesar de se encontrarem nos eventos literários, o grupo se comunica majoritariamente de forma virtual, por meio da interação diária através do aplicativo. As blogueiras relataram que fazem indicações de livros e falam sobre o meio literário, mas que as conversas giram em torno de assuntos pessoais e piadas, uma vez que o grupo de blogueiros se tornou um grupo de amigos. A pesquisadora teve a oportunidade de conhecer alguns membros desse grupo após o Encontro de Fãs da Marissa Meyer, sendo convidada para um passeio com o grupo, como já descrito anteriormente. Iracema afirma que o grupo é formado por pessoas que não possuem nada em comum a não ser os livros, que não teriam se encontrado se não fosse pelo meio literário.

IRACEMA: A gente sempre se via nos eventos, porque em Belo Horizonte antes não tinha muito, agora tá até meio vazio de evento. Aí a gente se encontrava nos eventos, sempre são as mesmas pessoas, aí nisso vai conversando, vai conversando... Ah essa daqui é minha prima... Aí a gente foi montando o grupo [WhatsApp], aí hoje o grupo é fechado, é só aquele povo, meio panelinha né, é isso. Foi ficando.

CECI: Temos um grupo de blogueiros no WhatsApp.

PESQUISADORA: E vocês se conheceram como?

CECI: Eventos literários.

PESQUISADORA: São quantos mais ou menos?

CECI: Lá tem uns 15. Esses todos são de BH.

Os eventos promovidos por editoras foram lembrados pelas blogueiras em seus depoimentos. Esses eventos geralmente tratam-se de lançamentos de livros. No depoimento de Macabéa é possível verificar que as blogueiras têm consciência de que esses eventos possuem cunho comercial.

MACABÉA: Eu gosto mais quando o evento é uma palestra que a pessoa vai falar de algum assunto que ela domina, do que quando é, por exemplo, um aí hoje a gente vai num evento da Record, aí a Record vai passar muita coisa pra vender os livros dela [...].

ANA TERRA: Mas eu gosto muito daquele Romances de Época da Arqueiro, porque é algo que eu gosto muito de ler, então sempre tem, no desse ano eu não pude ir, mas no do ano passado eu fui. É divulgação de um livro tal, se me interessa eu vou, evento da editora tal no lugar tal, se eu tenho possibilidade de ir eu vou, porque é algo que eu gosto de fazer.

CAPITU: Por exemplo, eu fui em um que era o lançamento das edições novas da Rocco de Harry Potter, aquelas capas novas. Aí eu fui fantasiada, de capa...

A 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que aconteceu em agosto de 2018, foi citada por algumas blogueiras que já estavam com passagem comprada para ir ao evento. As blogueiras consideram a Bienal como um evento de grande porte que permite o contato com diversas pessoas, inclusive com autores.

CECI: Já tô com a passagem comprada pra ir pra Bienal de São Paulo. Desde 2014, uma Bienal em São Paulo, uma Bienal no Rio, eu consegui ir em todas uma em São Paulo, outra no Rio.

LUCÍOLA: Por exemplo, eu tô me planejando pra ir pra Bienal de São Paulo no último final de semana. Mas eu tento ir a muitos eventos aqui, apesar que em BH os eventos são muito poucos

MACABÉA: É, eu tô muito animada. A Bienal é uma feira pra vender livro, a gente sabe disso. Mas a Bienal também ela tem muito de um momento do leitor, aquele momento de você tá em contato com os autores que você gosta. [...] então na Bienal você vai encontrar aquele amigo virtual que você não vê todo dia, que você vai poder bater um papo com ele pessoalmente.

IRACEMA: Igual agora a gente vai pra Bienal [...]. Claro que a gente não faz isso só pra trabalhar, a gente gosta né, vai ser Bienal, vai ser legal ver autor.

O #Clube do Livro BH foi evidenciado por blogueiras que são fãs do evento. O clube é lembrado como um evento que movimenta a cidade de Belo Horizonte e que permitiu que as blogueiras fizessem amizades. Capitu e Ana Terra se conheceram no evento, assim como Gabriela e Ceci.

ANA TERRA: Eu frequento... Acho que o primeiro que eu fui foi o evento de 3 anos. E aí desde lá eu só perdi o último, que eu tive aula no dia e não pude ir [...]. Eu acho interessante ter alguma coisa aqui que querendo ou não movimenta a cidade, sabe. Vem gente da cidade inteira, até de cidades próximas [...].

CAPITU: Aí eu comecei a vir, tinha pouca gente ainda, mas aí foi crescendo muito rápido, eu fui fazendo várias amizades [...]. Aí eu conheci a Ana Terra [...]. E aí eu vou conhecendo mais pessoas assim, tipo uma pessoa conhece a outra aí indica, eu vou conhecendo.

GABRIELA: Tanto que a primeira vez que eu conheci a Marina, a Nayara e a Ceci do Paradise foi no Clube do Livro de BH em 2015. Tipo anos que eu tinha a Marina no Facebook, Orkut, tinha ela em todas as redes sociais possíveis, mas fui conhecer ela pessoalmente lá.

Lucíola trabalha como “anjo” no #Clube do Livro BH, ajudando na organização do evento que conheceu em um dos momentos mais difíceis de sua vida. Ela ressalta que o #Clube do Livro BH é muito acessível, por ser na região central da cidade e o horário facilitar a volta pra casa, além de que é possível que as mães levem as crianças. Esse é considerado um diferencial do Clube, pois os eventos promovidos pelas editoras geralmente são em locais

muito distantes, realizados em *shoppings* de bairros elitizados, em horário noturno e em dias de semana, o que dificulta o acesso para leitores como Lucíola que utilizam transporte público.

LUCÍOLA: Sim, é num sábado à tarde [...] como mãe você consegue arrumar sua casa, lavar uma roupa, fazer um almoço, entendeu. Ah seu filho não tem idade pra ir ou não entende, hoje em dia tem lá o cantinho pras crianças [...]. Lá é tipo assim até um horário bom, é tranquilo pra você ir embora, tá numa região central [...].

O Clube do Livro de Neves, atualmente organizado por Gabriela e Macabéa, foi evidenciado como um espaço que possibilitou o encontro das duas blogueiras, que já tinham se visto em um evento literário, mas que se tornaram parceiras por causa do clube. Além disso, Gabriela conta sobre a importância de buscar um encontro pessoal com outros leitores, pois não estava satisfeita com o contato somente virtual.

GABRIELA: [...] eu conheci o Clube porque eu queria um espaço pra falar de livro, porque só o DNA virtualmente pra mim não tava bastando sabe, eu queria pessoalmente. E tem o Clube do Livro de BH, só que por que eu tenho que ir lá em BH? Por que que não tem um aqui em Neves, sabe? Por que que não tem um perto da minha casa? E foi aí que eu descobri o Clube do Livro e aí que eu conheci a Macabéa.

É perceptível a relevância dos eventos literários para as blogueiras, principalmente no que se refere à questão da sociabilidade, uma vez que esses eventos promovem encontros com outros leitores. Foram citados tanto os eventos de cunho comercial, como os promovidos pelas editoras e a Bienal do Livro; como também os clubes de leitura, realizados em Belo Horizonte e em Ribeirão das Neves. Conclui-se que a maior importância dos eventos literários reside na possibilidade que o leitor solitário possui de encontrar pessoalmente outros amantes da literatura.

Sentimentos presentes na relação entre os blogueiros

Foram questionados quais sentimentos permeavam a relação entre os blogueiros literários. A maioria das blogueiras tem a percepção de que as relações na blogosfera literária envolvem amizade e cooperação. Esses sentimentos podem auxiliar na formação de *webrings*, pois possibilitam a criação de vínculos entre os blogueiros.

CAPITU: Eu acho que eles são bem unidos, porque geralmente os *blogs* literários tem menos visibilidade do que os *blogs* em geral. Por exemplo, de moda e maquiagem tem muita visibilidade. Então os leitores, eles são meio que mais juntinhos assim, meio que uma família mesmo. Acho que as pessoas procuram mais saber quem que são as outras pessoas e conversam entre si.

GABRIELA: Olha, eu vejo muito a questão de amizade mesmo. Principalmente as meninas do Paradise, tem outros *blogs* daqui de BH que são bem próximos mesmo, é um grupinho mesmo e fazem sorteios juntos e eventos literários estão todos lá. Então eu vejo uma relação de amizade mesmo.

IRACEMA: Ah, eu acho... Pelo menos em Belo Horizonte né que eu tenho mais contato, a galera se ajuda muito, até mesmo falando de parceria "Ah

abriu tal parceria, inscrição”, “Ó eu fui parceira ano passado e não gostei” sabe dando a sua opinião. Eu acho que não tem concorrência em si, até porque não é porque você é parceira que eu vou deixar de ser parceira, então eu não vejo concorrência nisso. Eu acho que a galera é unida, assim tirando uns ou outros... Mas, no geral, acho unida, se ajudam e tal.

MACABÉA: Eu acho que tem uma comunidade, quem escreve pra *blog* costuma formar uma comunidadezinha de outras pessoas que também escrevem e que acabam se apoiando. Acaba que tem uma cooperação, eu não sinto muito assim essa coisa de disputa sabe, querer que o meu *blog* seja mais visualizado que o outro [...]. Mais é partilhar, sabe, eles querem dividir assim, querem compartilhar os leitores, querem compartilhar as curtidas, os comentários, se ajudar porque o negócio não é fácil.

Apesar das afirmações de que os blogueiros literários formam grupos e comunidades, se ajudam e são amigos, algumas blogueiras possuem uma outra percepção da blogosfera literária. Para elas, a relação entre os blogueiros literários é permeada por conflitos e pelo sentimento de competição. As rixas acontecem por causa de parcerias editoriais e também em decorrência de eventos literários.

EMÍLIA: Só que tem uma coisa, o mundo do *blog* tem uma rixa... É... Tem-se uma rixa muito grande no mundo do *blog*, na blogosfera. É... E isso quase ninguém presta atenção. Não é aquela coisa de um ajudar o outro, é um ferrar o outro. Você sempre tem que tomar cuidado com o que você tá fazendo [...]. A blogosfera é cruel. Ela é muito cruel, você sempre tem que tomar cuidado quem tá do seu lado. Você acha que às vezes a pessoa tá do seu lado, vai te apoiar, tipo você acabou de passar numa parceria e a pessoa não vai te apoiar, ela não vai te dar os parabéns, porque ela queria ter passado e não passou.

CECI: Já teve muita treta [risos]. Entre os blogueiros literários rola um ranço às vezes... Tem, tem, tem sim. Não vou falar que é um mundo de mil maravilhas, mas... Eu brinco com as meninas, eu falo que eu tento manter a social, eu sempre vou em tudo quanto é evento, vou participando, assim eu tento ficar no meio sem grandes atritos, mas às vezes rola a treta sim.

LUCÍOLA: Menina, muito sangue... Nossa muita inveja, se você tá sendo melhor do que a outra pessoa eles vão sabe... É muito sangue nos olhos, muito Tropa de Elite [...]. Por exemplo, você vai intermediar um evento, a pessoa cria um evento no mesmo dia do seu. Para as pessoas ficarem divididas entre o seu evento e o dela.

Em seus relatos, as blogueiras apresentaram os dois lados da relação entre blogueiros na blogosfera literária. De um lado, a relação amigável, que propicia a criação dos *webrings*, o compartilhamento de informações e as trocas. Por outro lado, uma relação hostil, na qual predomina a competição, o que resulta no surgimento de barreiras que inibem o fluxo informacional na blogosfera literária. É importante ressaltar que a sociabilidade não consiste somente em laços de amizade, tratando-se da relação com o outro, que pode ser harmônica ou conflituosa.

6.4.4.3 Mercado editorial

Nessa subcategoria discute-se as interações realizadas entre as blogueiras e o mercado editorial, que vê nos *blogs* literários uma estratégia de divulgação de livros. A pesquisa já previa a parceria dos *blogs* com as editoras, fenômeno bastante comum na blogosfera literária e verificado tanto no referencial teórico como na análise documental. Entretanto, durante as entrevistas surgiu um outro tipo de aliança, citada pela maior parte das blogueiras, a parceria com autores nacionais.

Editoras

A blogosfera literária, conforme Santos, Rodrigues e Ferreira (2014, p. 2) configura-se como um nicho crescente dentro da plataforma dos *blogs*, e “tem despertado a atenção dos setores de *marketing* das editoras em suas estratégias de promoção e divulgação de lançamentos de livros”. Para as editoras, os *blogs* literários têm um grande potencial de difusão de conteúdo literário, dessa forma, elas transformaram a avaliação espontânea de leitores comuns em aliadas do mercado editorial.

As parcerias com as editoras foram citadas pelas blogueiras em vários momentos no decorrer das entrevistas. As blogueiras Emília, Ceci e Iracema possuem várias parcerias com editoras, apresentando respectivamente, treze, seis e cinco selos editoriais em seus *blogs*. Gabriela possui apenas uma parceria com uma editora pequena, que publica autores nacionais. As demais blogueiras não possuem parceria com editoras, mas todas já se submeteram aos processos de seleção.

ANA TERRA: Hoje a gente não tem parceria com nenhuma editora firmada, a gente participou de diversos processos de seleção, mas nós não fomos classificadas em nenhum ainda, tenho fé que um dia vai sair.

GABRIELA: A gente tenta, sempre que sai, a gente faz a inscrição.

MACABÉA: A gente já tentou, mas é difícil. Parceria com editora grande é muito difícil.

CAPITU: Eu já tentei uma vez, mas eu tentei só por tentar mesmo, eu sabia que eu não ia conseguir manter o que eles pediam, mas era só pra ver mesmo o que que rolava assim. Mas eu pretendo tentar futuramente.

LUCÍOLA: É tipo assim, a pessoa fala assim ‘Ah tenta, o não você já tem’. Eu até me inscrevo, mas são coisas que tipo assim, sabe aquele não criar expectativas. Exatamente porque eu sei que vai ter editoras, eu conheço editoras de blogueiros que tem parcerias que elas são mega de boas, mas tem editora que te manda o livro e te dá 30 dias pra ler e resenhar. E eu acho que tipo assim, você tem que viver.

EMÍLIA: Então, tem algumas editoras que fizeram contato pra poder ser parceiras no *blog* e tem algumas que eu sempre entro na seleção. Tem algumas que eles falam, eu já sei que eu vou passar, eu tô na seleção mas eu sei que eu vou passar, mas eu tenho que entrar na seleção. Tem algumas que já renovam automático e tem algumas que é tipo surpresa.

Por meio do discurso das blogueiras, verificou-se que as editoras abrem processos seletivos para parcerias com os *blogs* literários, nos quais os blogueiros se inscrevem. Para ter o seu *blog* selecionado, ele deve preencher alguns pré-requisitos. Ter um conteúdo sempre atualizado, uma frequência específica de postagem, um número mínimo de seguidores, uma certa quantidade de palavras na resenha e ser ativo nas redes sociais são alguns dos pré-requisitos solicitados pelas editoras.

CAPITU: Eu já tentei, mas normalmente eles pedem um número específico de seguidores. Tipo assim, mínimo mil seguidores. E precisa ter uma frequência, então assim você tem que postar no mínimo uma vez por semana. E é o tipo de coisa que eu ainda não posso cumprir, então não adianta muito.

ANA TERRA: [...] aí vai abrir parceria da editora tal. Vamos tentar? Vamos. Mas pra isso a gente precisa ter sempre um conteúdo atualizado, a gente precisa não priorizar sempre uma editora.

MACABÉA: Parceiros grandes a gente não tem porque igual eu te falei, eles... Você vai preencher o formulário quando eles abrem parceria, eles perguntam quantos seguidores tem seu *blog*.

LUCÍOLA: [...] as minhas resenhas elas são bem curtinhas. Esse é até um dos motivos que eu não consigo parceria. Editoras costumam gostar de resenhas com 2.000 palavras, minhas resenhas com muito custo chegam a 1.500.

EMÍLIA: Tem uma, tem duas editoras que eu sei que elas têm uma preocupação muito grande com comentário. Mas já tem umas que não, se você repostou a informação, seu Facebook tá bom, Instagram tá bom, ela vai olhar aquilo.

Investigou-se quais seriam os motivos de as blogueiras desejarem tanto ter as parcerias. Em suas falas, é possível identificar que, na visão das blogueiras, as parcerias com editoras trazem diversos benefícios. Nos relatos abaixo é possível compreender alguns desses benefícios, como receber livros de forma gratuita, manter o *blog* atualizado com os lançamentos editoriais, a credibilidade de possuir os selos editoriais na página do *blog* e a divulgação das postagens do *blog* feita pela própria editora.

ANA TERRA: A questão de você ter uma parceria firmada, claro que não sempre, mas das grandes editoras, você tem uma garantia que você vai tá sempre recebendo novidades, então seu *blog* ele vai tá muito... Cheio de coisa nova [...]. Muitas de nós não trabalham, então é complicado da gente ir lá toda semana e comprar um livro novo. E a questão da parceria eu acho que facilitaria por isso. Então quando você traz coisas atuais pode ser que mais gente queira te visitar pra saber sobre aquilo, sabe.

GABRIELA: [...] porque geralmente você pode receber lançamentos. Quando é lançamento chama mais atenção das pessoas, é um livro que acabou de chegar. E às vezes a editora mesmo compartilha o seu *post*, essa coisa toda traz um público né.

PESQUISADORA: E aí vocês receberiam os livros?

GABRIELA: Também, é, tem isso. Porque já né economiza. Universitária falida [risos].

CAPITU: Sim, porque dá uma certa credibilidade. Quando a gente olha assim no cantinho as parcerias, a gente fica 'Olha esse *blog* é bom', mesmo não sendo sabe. Acho que é questão de cultura mesmo, a gente olha, se tem parceria a gente automaticamente imagina que ele é melhor, mesmo com tudo sendo a mesma coisa.

CECI: [...] como eu falei, a gente tem as parcerias com editoras, normalmente um *post* tem 200, 300 visualizações, aí às vezes a editora vai lá e posta no Facebook dela, aí você chega a 2.000 visualizações.

IRACEMA: Mas eu acho que dá credibilidade um pouco sabe, 'Nossa a editora tá de olho nela', eu acho que dá um pouco sim. Até mesmo eu como usuária eu vejo isso. Primeira coisa que eu olho, além do *banner* e tal, eu olho se tem editora, sabe na lateral assim, eu sempre olho.

EMÍLIA: Sobre o selo, tá lá no *blog* a influência que isso tem, tem uma influência muito grande, porque se uma editora já confia no seu trabalho, acaba que a pessoa vai confiar mais no trabalho. E a própria editora tem hora que puxa também porque ela manda, você manda a resenha pra ela, às vezes ela divulga, então seu trabalho cresce mais, com o apoio da editora. E eu acho que isso, o fato de você já ser apoiado por uma editora grande, por exemplo, eu tenho parceria com quase todas as editoras do Brasil, então isso faz uma diferença, isso faz um peso. E você ser mais reconhecido, seu trabalho é um pouco mais reconhecido do que se você não tivesse. Você já tem um apoio.

Aquelas que já firmaram as parcerias relataram o processo de solicitar e receber os livros. Primeiramente, as blogueiras têm a opção de escolher alguns livros em uma lista ou em um catálogo fornecido pela editora.

IRACEMA: Pode né, porque a gente escolhe... Mas enfim, tipo eu escolho os livros que eu recebo dentro do catálogo.

CECI: Aí cada uma pede o que gosta ou que quer, ou se não gostou de nada, não pede. Eles dão uma lista de livros que a gente pode escolher, por isso que a gente fica um pouco presa. Aí às vezes quando nada realmente interessa, a gente não pede.

Após escolherem os livros que desejam, as blogueiras os recebem pelo correio de forma gratuita. A editora determina um prazo para que as blogueiras possam ler e resenhar os livros. Para solicitar mais livros, é necessário que as blogueiras não possuam muitas pendências, ou seja, livros que receberam e que ainda precisam resenhar.

CECI: Pelo correio, tem o prazo pra ler e postar resenhas [...]. Então tem mês que eu recebo cinco, seis livros, tem mês que eu recebo um, tem mês que eu não peço... Então vai dependendo do que me atrai e do que não.

EMÍLIA: É aquela coisa, é um prazo do pedido, então até o livro chegar, eles contam esse tempo. Harper Collins também é uma média de dois meses... É sempre uma média de dois meses. E aí eles pedem, por exemplo, pra você nunca ter muita pendência. Por exemplo, a Fara Editorial, eles pedem pra você nunca ter acima de quatro, então só libera se você tem menos de quatro livros pendentes. Já a Arqueiro, são seis. Então, é essa média, dois meses ou uma média de quatro livros pendentes.

Para certas blogueiras que não possuem parcerias, existe um receio das exigências das editoras. Lucíola considera que as metas impostas pelas editoras são difíceis de cumprir e que o propósito inicial do *blog* é ser um *hobby*. Macabéa considera que as parcerias podem comprometer a emissão sincera de opinião sobre o livro, uma vez que a resenha deve ser positiva e agradar a editora.

LUCÍOLA: Mas eu nunca tive vontade de ser parceira de editoras grandes, tanto que tipo assim no meu primeiro ano, eu me inscrevi em todos os *blogs*, todas as parceiras, tudo, tudo, tudo. Aí eu falei assim, gente, sou eu sozinha, se esse povo começar a mandar esse tanto de livro, que que eu vou fazer?

Tem meta. Eu trabalho fora, tenho um menino pra criar, que que eu vou fazer da minha vida... Aí eu parei... Ah não, comecei a ideia era diversão, vamos continuar com diversão. Se eu conseguir ler, bem. Se eu não conseguir ler, bem também.

MACABÉA: [...] eu tenho um pouco de medo de parceria, pra falar verdade. Porque eu acho que parceria te deixa engessado pra falar sua opinião, você tem que dar sempre uma opinião positiva. Você tá ganhando o livro né, ele quer vender o livro, se você falar que o livro ruim você não vai poder vender, então é complicado.

Quanto a opinião expressa na resenha, Ceci, que possui seis parceiras editoriais, afirma que as editoras não exigem um retorno positivo sobre o livro, deixando as blogueiras livres para escreverem se gostaram ou não da leitura. Iracema acha que é possível falar mal do livro mesmo que ele seja de uma editora parceira.

CECI: E como a gente tem parcerias com editoras, às vezes também a gente recebe livros que a gente não gosta, aí quando eu recebo livro que eu não gosto, eu falo lá também que eu não gosto.

PESQUISADORA: A editora não te cobra de dar o retorno positivo.

CECI: Não, não. Com as nossas editoras parceiras a gente nunca encontrou nada a esse respeito de ter uma obrigação de falar bem ou não.

IRACEMA: [...] às vezes a editora não liga se você falar mal do livro, porque às vezes não fere ela tanto [...].

Entretanto, a influência que as editoras exercem nas leituras realizadas pelas blogueiras é um fato inegável. Nos casos relatados, as blogueiras muitas vezes ficam restritas aos livros que recebem de parcerias, pois elas possuem a obrigação de lê-los e resenhar-los. Elas escolhem esses livros, no entanto a escolha é limitada às publicações da editora, não sendo uma seleção totalmente livre.

EMÍLIA: Então, vamos lá, primeiro eu vou falar da questão da influência na leitura. Elas influenciam muito porque tem mês que eu só leio o que chega de parceria.

CECI: Quando você pede um livro, você em si é obrigado a ler aquele livro, você vai ter que postar algo relacionado aquele livro. Então... Por isso que eu falei, às vezes a gente pede, às vezes a gente não pede. Porque também não adianta eu falar nossa esse livro, vou pedir, mas eu não quero ler, não é o tipo que me atrai. Eu vou pedir um livro só pra ganhar um livro e ter uma obrigação toda? Porque é uma obrigação, tipo é um trabalho né de divulgação que a gente faz para as editoras.

IRACEMA: Uai, só leio essas aí né, só recebo livro delas [risos]. Tô brincando. Elas são as maiores daqui do nosso país, então acaba que elas tão com os melhores títulos, que tem mais grana pra comprar o título, direitos né. Então acaba que sem querer a gente acaba lendo elas por serem as maiores e por ter títulos que me interessam também. Então é meio que sem querer, é como que fala... Andam junto sabe, e como eu recebo livro delas, eu leio o que chega. E assumo compromisso de ler também pra resenhar né, então acaba que nossa eu só leio livro de parceira, não leio mais livro que eu quero... Quer dizer, é o que eu quero, mas...

Como abordado no referencial teórico, Matos (2009) preocupa-se com o futuro dos *blogs* literários, que podem perder sua espontaneidade devido à influência das grandes editoras. Essa questão fica evidente por meio do relato de Ceci, que aborda a influência das

parcerias editoriais em toda a blogosfera literária, afirmando que o conteúdo de muitos *blogs* gira em torno da divulgação dos mesmos lançamentos.

CECI: Os *blogs* que têm essas parcerias com editoras, a gente fica preso à algumas coisas, eles só podem pedir lançamentos literários. Então você vai em dez *blogs*, em todos os dez *blogs* tem a mesma coisa. Então às vezes isso fica saturado pra nós blogueiros, como você já tá ali. Então a gente fica meio um pouco pra que que eu vou entrar se eu sei o que eu vou encontrar?

A opção por ter uma parceria editorial não é uma escolha ingênua das blogueiras. As entrevistadas têm consciência de que estão lidando com empresas, que utilizam seus *blogs* como estratégias de *marketing*, uma forma de divulgação dos lançamentos editoriais.

CECI: E o *blog* também ele é um *marketing* pra essas editoras [...].

MACABÉA: Eu até entendo que aquilo é um produto né, vamos ser sinceros, a gente lê, a gente gosta, a gente trabalha pra divulgar a literatura como uma ferramenta de crescimento para as outras pessoas, mas a gente sabe que é um produto. Nós não somos ingênuos, ainda mais que eu fiz Administração, eu tenho total noção de que pra editora aquilo é um produto, ela tá vendendo um produto, ela não tem a preocupação de desenvolvimento pessoal, intelectual de ninguém, não gente. Vamos parar com essa ilusão aí porque não é assim.

IRACEMA: Porque a gente recebe o livro, elas não tão dando de graça né, elas querem o retorno, acho que a divulgação... [...]. A empresa que tá do outro lado, ela é séria, ela quer lucro, ela não tá lá só pra fazer os blogueiros felizes. Ninguém é caridoso, ninguém é nesse mundo pra falar a verdade, que o mercado em si ele não é, certo? E a gente é um meio de divulgação, um veículo né [...].

Iracema ressalta que em outros tipos de *blogs*, como no caso dos *blogs* de moda, as blogueiras além de receberem produtos de forma gratuita, também são pagas pela publicidade. De acordo com Santos, Rodrigues e Ferreira (2014) essa questão é parte da estratégia das editoras para fazer a promoção de seus livros a baixo custo, uma vez que as blogueiras ganham os livros, mas não são pagas pela sua divulgação.

IRACEMA: [*Blog*] Literário, acaba que a gente nunca... Não se paga né, apesar da gente receber livro, não se paga igual as blogueiras de moda que recebem produtos, ganham coisas demais e elas são... elas com o tempo recebem pra fazer resenhas dos produtos né, como que fala, publi né, publicidade. Aí é bem diferente.

Apesar de todas as exigências editoriais, que solicitam pré-requisitos dos *blogs* e impõem prazos para publicação das resenhas, as blogueiras desejam as parcerias. Esse fato é expresso na fala de Emília, que se sente valorizada pelas editoras.

EMÍLIA: Gente é chato tem hora ter parceria, é chato pra caramba, você tem que cumprir com prazo, tem editora que é chata com prazo, tem editora que é chata de lidar, mas é uma opção. Agora tem editora que é maravilhosa, nós somos parceiros da Intrínseca, há acho que uns oito anos, sete anos, nunca tivemos problema. A Arqueiro é a melhor parceria do mundo [...]. É lógico que você pega uma editora chata você não quer aquela editora, mas quando você pega uma editora boa que te respeita, respeita seu trabalho, valoriza o que você faz, é bom.

Portanto, o recebimento dos lançamentos editoriais de forma gratuita promove benefícios para as blogueiras literárias: a credibilidade, a atualização do conteúdo do *blog*, a

divulgação das postagens pelas editoras e a economia em não precisar comprar livros. Dessa forma, mesmo que algumas apresentem receios em relação às editoras, todas as blogueiras já tentaram parcerias. Santos, Rodrigues e Ferreira (2014) consideram que o blogueiro se sente um líder de opinião dentro do seu contexto, pois é ele quem apresenta a novidade aos seus leitores e quem propaga as notícias do mercado editorial. Assim, o desejo das blogueiras de tornarem-se parceiras de editoras é latente, mesmo com a consciência de que estão atuando como *marketing* dessas grandes empresas, sendo difusoras de informação sobre os lançamentos do mercado em troca de livros.

Autores Nacionais

Houve o relato de parcerias feitas entre as blogueiras e autores nacionais, que publicam de forma independente ou são vinculados a editoras menores. Os autores se beneficiam da parceria ao terem seus livros resenhados e divulgados pelas blogueiras. Do outro lado, as blogueiras recebem os livros de autores nacionais de forma gratuita e tem o seu *blog* divulgado pelos escritores. Atualmente Lucíola, Gabriela e Macabéa são parceiras de autores nacionais.

LUCÍOLA: [...] só com autores nacionais. Eu tenho hoje acho que umas seis parcerias nacionais.

GABRIELA: [...] autores nacionais a maioria independente né, que não tem tanto espaço no mercado editorial, a gente faz parceria com eles, a gente faz entrevista... [...] os próprios autores nacionais ajudam, porque quando a gente faz um *post* deles, eles divulgam.

MACABÉA: Hoje a gente tem parceria com autores independentes, a gente tem três autores independentes que a gente tem parceria. Na realidade a gente tem quatro, duas parceiras foi eu que fechei, e duas foi a Suzana⁵⁹ que é do Pará que fechou. São autores independentes, então são autores menores, uma das meninas assinou agora com a Coerência, que é uma editora pequena assim de visibilidade e tal, foi legal. Porque esses autores, logo que a gente assinou, assim fechou a parceria, eles já mandaram os livros pra gente ler e tal, disponibilizam algum material pra gente divulgar... Mas eu acho que é uma via de mão dupla né, eles ajudam a gente a divulgar o *blog*, a gente ajuda a divulgar o trabalho deles.

Os autores firmam parcerias com as blogueiras de duas formas. A primeira forma é a abrir um processo seletivo, com formulários semelhantes aos das editoras, nos quais as blogueiras devem preencher algumas informações sobre seus *blogs*. A segunda forma consiste no envio de uma mensagem por parte do próprio autor, convidando a blogueira para firmar uma parceria.

GABRIELA: Às vezes a gente vai atrás, tipo tem algum autor que tá fazendo seleção, aí a gente se inscreve. Ou às vezes eles mandam mensagem pra gente, falam olha...

PESQUISADORA: Ah, eles fazem seleção também.

⁵⁹ Nome fictício.

GABRIELA: Fazem. Às vezes é tipo um formulário, sabe, aqueles formulários igual de editora, aí faz lá e eles selecionam quais *blogs* que eles querem parceria, sabe. E às vezes ele só mandam mensagem 'Querida fazer parceria vocês topam?' Aí a gente topa.

Após firmar a parceria, o autor normalmente envia seu livro para a blogueira, podendo optar pelo *ebook* ou o livro impresso. Quando o autor não envia seu livro, ele dá um desconto para que as blogueiras possam efetuar a compra.

GABRIELA: Aí ou é o livro físico ou é o digital. Aí eles mandam em PDF também ou pelo Kindle né, que eu leio no celular e PDF eu tenho que ler no computador. Mas mandam físico também. Às vezes a gente compra também, aí a gente compra com desconto [...]. Igual A Thaís Lopes, ela é parceira nossa, mas aí a gente compra com desconto. No início do ano eu comprei a série dela toda com desconto. Era cento e poucos, eu paguei 80. Os livros dela são ótimos

LUCÍOLA: Menina, eu, eu gosto de parceria com autor nacional, porque tipo assim eu leio e falo sobre. Se você gostou do que eu falei, você me manda seu livro. Se não, continuo com *ebook*.

Outra prática comum é a escrita das primeiras impressões do livro nacional por parte das blogueiras, após receber uma prévia do livro enviado pelo autor. As primeiras impressões consistem em uma leitura inicial do livro, até um determinado número de páginas, e na publicação de uma resenha parcial com as expectativas sobre os próximos capítulos. Após a leitura completa do livro é publicada a sua resenha final.

LUCÍOLA: É, resenhas, primeiras impressões... Tipo assim, o autor começou a escrever, vai lançar o livro semana que vem, você lê as primeiras páginas, você fala o que você achou da história e o que que você espera da história.

GABRIELA: Ele na verdade é uma primeira impressão que você tem do livro assim, a gente lê até determinado ponto, eu costumo colocar até a página 100. Aí eu leio até a página 100, o que eu achei até aqui, entendeu. Porque às vezes no decorrer da história sua opinião pode mudar né.

PESQUISADORA: E depois que você acaba de ler você faz a resenha?

GABRIELA: Faz a resenha.

MACABÉA: As primeiras impressões é assim, o autor ele disponibiliza pra gente uma prévia, normalmente 40, 50 páginas do livro. E aí você lê o livro, aquelas 40 primeiras páginas e você emite a sua opinião sobre elas. Então são suas impressões... Tipo o que eu achei? Ah eu achei que é legal, eu acho que a história vai desenvolver por um caminho interessante, como que vai ser.

PESQUISADORA: São autores nacionais que costumam fazer isso?

MACABÉA: É, eles enviam né uma prévia dos livros pra um grupo, um grupo quase como se fosse um grupo de teste ali né, um grupo fechadinho. As pessoas leem, e aí tem um prazo, normalmente 30 dias pra você ler e fazer uma resenha falando qual foi sua impressão sobre o livro. É bem legal.

Além das primeiras impressões, Gabriela conta que em seu *blog* é feita uma semana de divulgação para livros de autores nacionais.

GABRIELA: E a gente também faz semana de divulgação, quando tem algum autor nacional, contemporâneo que vai lançar um livro, e aí ele fala 'Olha, queria fazer uma semana de divulgação'. Aí ele manda as informações pra gente, a gente organiza. Aí recentemente eu fiz até uma do Rafael, que é do livro *Caminhando Sozinho*. Aí é tipo assim a apresentação do livro, *booktrailer*, entrevista com o autor, aí no outro dia você lança sei lá *playlist* alguma coisa assim, a gente faz primeiras impressões do livro, etc.

A partir do momento que firmam a parceria com os escritores, as blogueiras têm a obrigação de realizar a leitura do livro e escrever uma resenha sobre ele. Gabriela evidencia como esse tipo de parceria é uma troca de favores entre os blogueiros e os autores.

GABRIELA: Às vezes você tá lendo um livro que é o autor que mandou, tipo não é uma coisa que você ah eu quero ler assim, você quer ler mas de certa forma é uma obrigação. É uma troca de favor, você divulga o livro dele e ele te manda o livro. É uma troca de favor, de certa forma tem uma obrigação, tem um trabalho.

LUCÍOLA: É, então assim, a maioria eles [autores nacionais] falam assim, eles gostam muito, porque eu consigo falar sobre tudo. Eu não viro e falo 'Ah o livro é bom'. Eu gosto sempre de falar assim se a história ela foi bem pensada, se a escrita, se a pessoa escreveu bem, se ela escreve bem, então assim eles sempre gostam desse...

Porém, a emissão de uma opinião sobre um livro nacional nem sempre é uma tarefa fácil, uma vez que a proximidade com o autor pode dificultar esse processo. Para não ofender os autores, é um procedimento comum as blogueiras enviarem as resenhas para que eles possam avaliá-las antes da publicação. Se a resenha ficar negativa, as blogueiras normalmente não publicam, como forma de não prejudicar o autor. Emília considera que esse é um dos motivos pelos quais não firma parcerias com autores nacionais.

EMÍLIA: [...] eu tenho muitos autores nacionais que eu conheço, eu amo de paixão, que eu tinha vontade de colocar lá tipo autores parceiros [...]. E aí acontece uma coisa, eu às vezes não quero falar que o livro é ruim publicamente, eu não falo isso. Se o seu livro é ruim, eu não vou falar publicamente, eu vou te mandar um *e-mail* e falar assim 'O livro não é legal', isso é uma opção minha, 'O livro não é legal tanto que eu não vou publicar a resenha, se você autorizar eu publico'. [...] eu acho que isso é pesado, a pessoa gastou tanto tempo pra escrever que é preferível falar só pra ela 'Seu livro não tá legal'.

IRACEMA: [...] e quando você fala mal do livro de um autor, às vezes pro autor é mais significativo né.

MACABÉA: Prefiro não falar nada do que falar mentira. Eu quando eu fui fazer a primeira impressão mesmo, eu mandei o texto pra autora antes falei com ela 'O que eu vou falar é isso aqui. Posso postar?'. Aí ela 'Tá ótimo, tá muito legal, é isso mesmo, você conseguiu pegar bem a ideia do que eu queria falar'. Eu 'Ai que bom, porque é isso aqui que eu vou postar, se você não quiser que eu posto, eu não posto nada'. [...] Porque se ela falasse assim 'Ah vai ser ruim, vai ser *marketing* negativo', eu não ia publicar. Porque já que as impressões foi ela que ofereceu, eu não publicaria, mas também eu não publicaria só pra agradar não.

Lucíola relata um problema que teve com um autor nacional, após publicar uma resenha negativa sobre seu livro. A blogueira escreveu que não concordava com o final do livro, considerando que o autor deveria escrever uma continuação para concluir a história. O autor não gostou da avaliação da blogueira e solicitou que ela retirasse a resenha do *blog*.

LUCÍOLA: Igual esse autor que me chamou *inbox* no Facebook e não gostou da resenha. É, não tirei também. O *blog* é meu! Eu acho que ele deixou uma puta... Aí eu virei pra ele e falei assim 'Mas vai ter outro livro?' Ele falou 'Não, esse é único'. Eu falei como assim 'E fulano, e ciclano e isso aqui como é que vai ficar?'. Ele 'Não, aquele é o final do livro'. Eu falei 'Oi?'. Também não li

mais nada dele. Acho um absurdo isso, ele deixou uma cratera deste tamanho no final do livro, sabe.

Iracema conta que já fez parcerias com autores nacionais, mas atualmente não possui nenhuma. Ela afirma que nunca teve nenhum problema, mas que não é fã da literatura nacional.

IRACEMA: Já fiz, mas não deu tempo de ler, não dou conta [...]. Eu não tive problema nenhum não, acabou que todos que eu tive foi ok, não teve nenhum problema de leitura, de não gostar do conteúdo, mas eu nunca fiz de verdade, de manter [...]. E não sei, acaba que eu leio pouco nacional pra falar verdade, hoje em dia eu leio um pouco mais do que antes. Eu não sei, eu não sou muito fã de livro nacional.

É perceptível uma certa afetividade quando as blogueiras falam sobre os autores nacionais. Comumente elas usam termos como “ajudar” e “apoiar”, além de se referirem a eles como amigos e demonstrarem que são pessoas queridas.

MACABÉA: [...] eu só participei das primeiras impressões porque a autora é gracinha demais [...]. E acabei comprando o livro pra ler o restante do livro né e pra apoiar também porque eu acho que autor nacional sofre demais tadinho, então quando a gente acha um que a gente gosta, a gente acaba querendo ajudar.

LUCÍOLA: E queria muito ajudar autores nacionais. Eu amo livro nacional. Apesar de ter um, já ter tido alguns problemas com autores, tipo eu amo livros nacionais. Eu vejo, às vezes eu vejo os meus livros preferidos hoje, tipo meu top 10 tem pelo menos sete nacionais, e de autores que são mega gente boa, autores que alguns viraram amigos.

As parcerias com autores nacionais diferenciam-se das parcerias com as grandes editoras no sentido de que as blogueiras sentem-se mais próximas dos escritores. Existe uma afetividade na relação com os autores, uma vontade de ajudar os escritores iniciantes a divulgarem seus livros e uma preocupação em não ofendê-los por meio das resenhas. Talvez por também necessitarem de divulgação de seus *blogs*, as blogueiras se identifiquem com esses autores, criando uma relação de cooperação.

6.5 Práticas informacionais das blogueiras

Ao chegar ao fim da análise dos discursos das blogueiras participantes da pesquisa, compreende-se a diversidade de modos com os quais esses sujeitos lidam com a informação em suas principais ações cotidianas. Ressalta-se que as práticas informacionais não estão relacionadas somente aos atores, mas também a dimensão do contexto em que ocorrem. Assim, as práticas informacionais, que se manifestam nos *webrings*, envolvem as blogueiras e demonstram como elas relacionam-se com a informação como leitoras literárias e como produtoras de conteúdo, além de sua evidente interação com outros blogueiros, editoras e autores na blogosfera literária.

A categoria **leitura** foi composta por seis subcategorias. Ao investigar o **interesse inicial das blogueiras pela leitura**, identificou-se a presença de instituições (escola,

biblioteca), pessoas (família, amigos) e também a literatura de massa como os elementos influenciadores no processo de formação das leitoras. A análise da **frequência de leitura** considerou sua incorporação ao cotidiano das blogueiras, avaliadas como leitoras assíduas. Quanto aos **suportes de leitura**, percebeu-se que as blogueiras utilizam o suporte impresso e também o digital, lendo frequentemente *ebooks*. A **necessidade de compartilhar leituras** foi evidenciada no discurso de todas as blogueiras, fruto da vontade de conversar e trocar ideias sobre os livros lidos. A **busca de informação sobre livros** pode ocorrer antes e/ou depois da leitura, havendo também blogueiras que não sentem a necessidade de buscar informações. Além disso, ocorre o encontro casual, a procura e a fuga do *spoiler*. Os processos de **apropriação da leitura** envolvem a associação do texto literário ao contexto individual de cada leitora, possibilitando o gosto pela leitura, a leitura como fuga da realidade, a vivência da alteridade e as experiências emocionais com a leitura literária.

Na categoria **identidade** foram identificadas três subcategorias, relacionadas ao envolvimento de cada blogueira com seu *blog*. A subcategoria **motivações** compreende os principais motivos que levam as leitoras a se apropriarem do ciberespaço, tornando-se blogueiras. Em **representações do blog**, compreende-se como as blogueiras concebem o seu próprio *blog*: *hobby*, forma de visibilidade, trabalho e filho. Na subcategoria **mudanças após o blog**, algumas blogueiras relatam que o *blog* possibilitou a criação de novas amizades e melhoria da sociabilidade, outras consideram que trouxe autoconfiança e reconhecimento.

A categoria **ações de informação** compreendeu seis subcategorias. A subcategoria **produção de conteúdo** contém a visão das próprias blogueiras da sua atuação em relação a criação de publicações no *blog*. A maioria se considera produtora de conteúdo, as demais consideram que compartilham informações e emitem opiniões, o que também pode ser compreendido como forma de produção de conteúdo. Em **escrita de resenhas**, compreende-se a relação das blogueiras com a escrita e a produção das resenhas críticas, processo permeado por várias questões: a leitura do livro; a organização das ideias; o ato de escrever em si, com as preocupações com as normas da língua portuguesa; a edição do texto; a revisão; a expressão dos sentimentos; a exposição da blogueira; a transmissão de informações. A realização de **sorteios e lançamentos** diversifica as publicações dos *blogs*, objetivando atrair os leitores. A **produção de fotos** é uma tendência nos *blogs* literários, apresentando-se como uma outra forma de disseminar informações sobre os livros, por meio da criação de conteúdo imagético. A importância da **atualização** do *blog* advém do seu papel preponderante na permanência dos seguidores. Na subcategoria **transmídia**, observa-se o uso das redes sociais (Instagram, Facebook, Twitter e YouTube) como plataformas vinculadas ao *blog*, destacando o Instagram como a mídia mais atrativa na visão das blogueiras.

A categoria **interação** compreendeu três subcategorias. Ao investigar a relação das blogueiras com seus **leitores**, por um lado, percebe-se a importância do número de

seguidores, por outro lado, a ausência de vínculo com os leitores na maior parte dos casos. A relevância dos comentários é evidenciada, além de existir um discurso comum sobre a ausência de comentários nos *blogs*, motivo de angústia para muitas blogueiras. Ressalta-se que as blogueiras realizam, de certa forma, um incentivo à leitura em seus *blogs*, ao indicarem e divulgarem livros, influenciando outros blogueiros e leitores a lerem.

Na análise da interação entre as blogueiras e os demais **blogueiros**, metade das entrevistadas fazem leitura de outros *blogs*, já a outra metade acompanha somente perfis do Instagram de blogueiros literários. A influência entre os blogueiros é evidente no momento que antecede a leitura, na escolha do livro e na sua aquisição; além da influência no próprio *blog*, no formato das publicações e nos conteúdos postados. A investigação sobre a formação dos *webrings* evidencia que as blogueiras participam de vários círculos sociais virtuais. Contudo, os círculos de blogueiros não formam-se somente como indicado no referencial teórico, sendo constituídos de forma virtual e também presencial. Os eventos literários são compreendidos como pontos de encontros de leitores, sendo muito benquistos pelas blogueiras, como forma de promover a sociabilidade. Quanto aos sentimentos presentes na relação entre blogueiros, de um lado, a amizade e a cooperação; do outro, a competição e os conflitos.

Por fim, ao compreender a relação das blogueiras com o **mercado editorial**, encontrou-se duas formas de parceria: com editoras e com autores nacionais. As blogueiras têm consciência de que a parceria editorial trata-se de uma estratégia de *marketing* das editoras, mesmo assim elas desejam as parcerias, alegando que promovem credibilidade, atualização do conteúdo do *blog* e maior divulgação das postagens. Quanto a parceria com autores nacionais, existe uma relação de cooperação, uma vez que as blogueiras têm maior proximidade com os escritores, sentindo vontade de ajudá-los com a divulgação dos livros de sua autoria e receio de ofendê-los por meio das resenhas críticas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso dessa pesquisa, pautada no método netnográfico e na contribuição das blogueiras entrevistadas, chega ao fim com algumas considerações a serem feitas. Com base no objetivo geral da pesquisa, investigar os *blogs* literários buscando averiguar as práticas informacionais dos blogueiros no que diz respeito aos seus papéis como produtores de conteúdo, leitores e mediadores de leitura nos *webrings* pertencentes à *blogosfera* literária, considera-se que o mesmo foi alcançado.

No que tange ao primeiro objetivo específico, caracterizar as práticas informacionais dos blogueiros literários, a análise dos dados da pesquisa possibilitou compreender as práticas informacionais das blogueiras identificadas na amostra, que foram elencadas em quatro categorias principais: leitura, identidade, ações de informação e interação.

O segundo objetivo específico, constatar os principais motivos que levam à criação do *blog* literário, foi contemplado na subcategoria 6.4.2.1, que apresenta as motivações para inserção na *blogosfera* literária e também as motivações para postar no *blog*, mantendo-o ativo. A motivação de cada blogueira perpassa por questões pessoais, que vão além da simples vontade de compartilhar leituras: a necessidade de trabalhar a timidez, ter voz ativa e ser ouvida por outras pessoas, poder expressar sua própria opinião sobre as leituras, ser um exemplo para os filhos e mantê-los próximos, escapar da solidão, a responsabilidade com as parcerias editoriais e com os leitores do *blog*.

O terceiro objetivo específico propunha a identificação dos papéis dos blogueiros literários como leitores, produtores de conteúdo e mediadores de leitura. Com base na análise das entrevistas, os papéis de leitoras e produtoras de conteúdo foram caracterizados como as principais atuações das blogueiras na *blogosfera* literária, já que elas objetivam ler livros literários e compartilhar conteúdo na *web*, seja no formato imagético ou textual. A caracterização das blogueiras como leitoras é discutida em toda a categoria 6.4.1, referente à leitura. A temática das blogueiras como produtoras de conteúdo é abordada na subcategoria 6.4.3.1, que apresenta a visão das próprias blogueiras sobre esse papel. Diagnosticou-se que as blogueiras não atuam no papel de mediadoras de leitura, uma vez que não possuem proximidade suficiente com seus leitores para realizar de fato uma mediação, atuando apenas no incentivo à leitura dos livros que recomendam, conforme discutido na subcategoria 6.4.4.1.

O último objetivo específico, a investigação de como se dá a criação dos *webrings*, foi contemplado na subcategoria 6.4.4.2. A discussão sobre os *webrings* pertencentes à *blogosfera* literária ressaltou a interação entre blogueiros literários, o compartilhamento de informação e as trocas comunicativas que ocorrem dentro desses círculos sociais. Verificou-se que, em grande parte dos casos, os *webrings* formam-se tanto de forma virtual como

presencialmente, por meio dos eventos literários. Entretanto, a interação entre blogueiros acontece predominantemente no meio virtual, por meio das diversas mídias sociais.

A pesquisa também evidenciou a possibilidade da ampliação do conceito de *webrings* cunhado por Recuero (2003). Atualmente, os círculos sociais de blogueiros não formam-se somente por meio da plataforma do *blog*, sendo constituídos através das diversas redes sociais vinculadas a ele, que ampliam as possibilidades de comunicação entre os blogueiros, que antes entravam em contato somente pelos comentários das postagens. Como os *webrings* são grupos de pessoas (RECUERO, 2003), compreende-se que o conceito possa ser aplicado também aos grupos de blogueiros que entram em contato por meio dos eventos literários e mantêm relações virtuais.

Quanto ao método, a adoção da netnografia apresentou-se como uma escolha satisfatória, visto que, por meio da análise documental, foi feita uma imersão nos *blogs* literários, realizando uma observação do conteúdo no formato textual e também dos recursos multimídia disponíveis. A etnografia virtual permitiu compreender o perfil de cada um dos *blogs*, explorar o discurso textual e visualizar as interações que ocorrem virtualmente por meio dos comentários. Além disso, identificou-se algumas práticas informacionais das blogueiras vinculadas às ações de informação, como a escrita de resenhas, a produção de fotos, a realização de sorteios, a publicação de lançamentos e a atualização do *blog*. A análise documental também possibilitou visualizar a influência do mercado editorial nos *blogs* que possuem parcerias. Contudo, para realização da netnografia foi necessário fazer um recorte, com intuito de evitar-se o *infoglut* (MONTARDO; PASSERINO, 2006), de forma que somente a plataforma dos *blogs* foi investigada durante a análise documental. Assim, o fenômeno transmídia, facilmente visível nos *blogs*, não pôde ser pesquisado em sua totalidade, uma vez que foram realizadas visitas às demais mídias relacionadas aos *blogs*, mas elas não fizeram parte da análise documental.

A adoção da entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados, complementar à análise documental, mostrou-se como uma escolha bastante acertada. A condução das entrevistas permitiu compreender diferentes dimensões dos sujeitos – histórica, social e emocional – presentes na sua relação com a informação. A análise dos discursos das blogueiras possibilitou compreender as práticas informacionais identificadas na análise documental do seu ponto de vista, entendendo como ocorrem os processos de produção de conteúdo. Além disso, por meio das entrevistas, as blogueiras relataram outras práticas informacionais relacionadas à sua atuação na blogosfera, mas que não estão evidentes em seus *blogs*, como as práticas que envolvem a leitura literária, a constituição da identidade de blogueira, a interação com outros blogueiros fora dos *blogs*, a participação em eventos literários e as parcerias com autores nacionais.

Durante a pesquisa, houve problemas para a definição da amostra devido às restrições impostas pela organização do #Clube do Livro BH, que não se mostrou favorável à coleta de dados durante o evento. Essa resistência à abertura do evento pode evidenciar um desconhecimento dos benefícios da pesquisa. Apesar disso, considera-se que a amostra definida conseguiu atingir uma representatividade social, visto que não objetivava-se uma amostra estatística. Assim, a amostra foi contemplada por *blogs* literários diversos, com proporções diferentes em relação aos números de seguidores, comentários e frequência de postagens, com presença ou não de parcerias. As blogueiras também apresentaram diversidade na faixa etária, nas profissões e também no tempo de atuação como blogueiras. O fato de algumas blogueiras se conhecerem e estarem vinculadas aos mesmos *webrings* apresentou-se como enriquecedor, uma vez que foi possível perceber as influências e trocas que permeiam essas relações.

Quanto ao perfil das blogueiras, a pesquisa desmistificou algumas concepções pré-estabelecidas. Antes da coleta de dados, considerava-se que as blogueiras seriam em sua maioria jovens estudantes de áreas vinculadas à literatura, que criaram o *blog* como forma de *hobby*. Contudo, poucas blogueiras apresentaram esse perfil. A maioria das blogueiras está na faixa etária dos 30 anos de idade, sendo profissionais formadas em diversas áreas, que não estão diretamente relacionadas à literatura. Foi surpreendente identificar que duas das blogueiras também são mães, que veem no *blog* uma possibilidade de mostrar um bom exemplo para seus filhos. O *blog* não apresentou-se somente como *hobby*, sendo concebido também como um trabalho, uma forma de visibilidade e até mesmo um filho.

A relação afetiva das blogueiras com a leitura literária ficou evidente no decorrer das entrevistas, nas quais as participantes citaram os títulos de diversos livros, contando com entusiasmo sobre suas narrativas e o modo como foram afetadas pela leitura. Percebeu-se que o afeto pelos livros estende-se ao *blog*, espaço de liberdade para escrever, criticar, opinar, compartilhar, criar e ser uma protagonista.

Como pesquisas complementares e futuras, sugere-se o estudo das práticas informacionais dos blogueiros literários com ênfase no fenômeno transmídia, investigando o uso e apropriação das diversas redes sociais como forma de produzir e compartilhar informações vinculadas ao universo literário, verificando também a interatividade. Outra possibilidade de pesquisa futura seria explorar as práticas informacionais dos blogueiros especificamente durante os eventos literários, acompanhando com maior proximidade as interações entre blogueiros que ocorrem presencialmente. As comunidades de leitores formadas nos *sites* Skoob, Whattpad, Goodreads e Google Plus, visando o compartilhamento de leituras na *web*, também podem ser alvo de pesquisas sobre práticas informacionais.

REFERÊNCIAS

ALCARÁ, Adriana Rosecler; CURTY, Renata Gonçalves. *Blogs: dos diários egocentristas aos espaços de comunicação científica*. In: Maria Inês Tomaél (Org.). **Fontes de Informação na internet**. Londrina: EDUEL, 2008. p. 81-96.

ALMEIDA, Patrícia Pinheiro. **Fontes de informação literária na internet: uma avaliação**. 2008. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91389>> Acesso em: 19 out. 2017.

ALVIM, Luisa. *Blogue e bibliotecas: construir redes na Web 2.0*. **Cadernos BAD**, Lisboa, Portugal, n. 1, p. 38-74, jan.-jun. 2007.

AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. P. *Blogs: mapeando um objeto*. In: **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 27-54. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/imagens/blogs%20boneco%20copy.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Abordagem interacionista de estudos de usuários da informação*. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 2-32, set. 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3856/3403>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Correntes teóricas da Ciência da Informação*. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 192-204, set./dez., 2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1240>>. Acesso em: 19 out. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Estudos de usuários: pluralidade teórica, diversidade de objetos*. In: **Anais do IX ENANCIB**, 2008. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/ARAUJO%20Enancib%202008.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2017.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Imaginação e sociabilidade: novos conceitos para o estudo de usuários da informação*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ENANCIB, 2015.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista*. **Informação & Sociedade**, v. 22, n.1, p. 145-159, 2012. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/9896/7372>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ARAÚJO, Paula Carina. *O blog na “era da informação” como ferramenta de compartilhamento de informação, conhecimento e para promoção profissional*. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 201-213 jan./jun., 2010. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/676>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

ARAÚJO, Rafaela Lima de; ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de. *Ler, compartilhar e interagir: blogs como ferramenta de mediação de leitura*. In: **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 240-260, maio/ago., 2015. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1042/pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.

ARAUJO, Ronaldo Ferreira de; TEIXEIRA, Josemar Coltt da Silva. Biblioteconomia conectada: uma análise da biblioblogosfera brasileira. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 949-978, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/924/pdf>>. Acesso em: 02 maio 2018.

ARAUJO, Ronaldo Ferreira de; VIEIRA, Rosiene Marques. Blogosfera como rede social: análise da interatividade dos *blogs* de Alagoas. **Revista Informe: Estudos em Biblioteconomia e Gestão da Informação**, Recife, v. 1, n. 1, p. 65-77, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INF/article/download/44/82>>. Acesso em: 19 out. 2017.

ARNAUT, Rodrigo Dias et al. A Era Transmídia. **Revista Geminis**, v. 2, n. 2, p. 259 – 275. 2011. Disponível em <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/93/pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BARGER, Jorn, FAQ. Robot Wisdom. 1999. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20000817093828/http://www.robotwisdom.com/weblogs>>. Acesso em 20 out. 2017.

BARROS, Flávia Moraes Moreira. **Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas**. 2016. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BARROS, Maria Helena T. C. de. A mediação da leitura na biblioteca. In: BARROS, Maria Helena T. C.; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José. **Leitura: Mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006. p. 17- 24.

BENEDITO, Joviana. **Dicionário da internet e do telemóvel**. Lisboa: Centro Atlântico, 2003. 359 p. *apud* SOUSA, Paulo Jorge et al. A blogosfera: perspectivas e desafios no campo da Ciência da Informação. **Cadernos BAD**, Lisboa, Portugal, , n.1, p.87-106, jan.-jun. 2007.

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários e práticas informacionais: Do que estamos falando?. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389 – 401, maio/ago., 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/issue/view/1320>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis**: sobre leitura e crítica. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

BISCALCHIN, Ana Carolina Silva. **Blogs de entretenimento**: um estudo exploratório da circulação e legitimação da informação na internet brasileira. 2012. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-17052013-165426/pt-br.php>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

BLOOD, Rebecca. **Weblogs: A History and Perspective**. 2000. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 13 out. 2017.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul., 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 7 jul. 2017

BORTOLIN, Sueli. A mediação de leitura nos espaços infanto-juvenis. In: BARROS, Maria Helena T. C.; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José. **Leitura: Mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006. p. 65-74.

BOSSLER, Ana Paula; CALDEIRA, Pedro Zany, VENTURELLI, Diego. *Sites e blogs: definição, conceitos e passo a passo*. In: MOURA, Maria Aparecida (Org.): **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 99 -104. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/15a_Sites_e_blogs_-_Ana_Pedro_Diego.pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme de. **Ao revés e ao avesso: leitura e formação**. São Paulo, Pulo do gato, 2015. 144p.

BROCA, Brito; BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida literária no Brasil: 1900**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005. 400 p.

CAREGNATO, Sonia Elisa; SOUSA, Rodrigo Silva Caxias de. *Blogs científicos.br? um estudo exploratório*. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, p. 56-74, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5996/6779>>. Acesso em: 02 maio 2018.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia y Ciencia de la Informacion. IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2003. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=82340102>>. Acesso em: 20 out. 2017.

CARNEIRO, Jéssica de Souza. **Ler e escrever blogs literários: a narrativa hipertextual na configuração da webliteratura**. 2011. 217 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3015/1/Dissertacao_LerEscreverBlogs.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

CARRENHO, Carlo. O que os livros digitais representam para o aumento da leitura? O que diz a Retratos da Leitura sobre quem lê nesse suporte?. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 99 -112. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil>>. Acesso em: 21 set. 2018.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2009.

CHOO, Chun Wei. Como ficamos sabendo: um modelo de uso da informação. In: **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significados, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: Senac, 2003. p. 63 - 120.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini Corrêa; ZAMBAN, Débora; OLIVEIRA, Viviane Martins Arruda de. *Blogs sobre Biblioteconomia e a ressignificação da profissão no Brasil: uma análise do blog Bibliotecários sem fronteiras*. In: **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 698-715, jan./jun., 2013. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/876>>. Acesso em 12 nov. 2017.

COSTA, Luciana Ferreira da; SILVA, Alan Curcino Pedreira da Silva; RAMALHO, Francisca Arruda Ramalho. (Re)visitando os estudos de usuário: entre a “tradição” e o “alternativo”. **Datagramazero**, v. 10, n. 4, jul./ago., 2009. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/1127>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudo de usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19, jul. 1982.

DARNTON, R. Primeiros passos para uma história da leitura. In: _____. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 87-103.

DERVIN, Brenda. From the Mind's Eye of the 'User': The Sense-Making Qualitative-Quantitative Methodology. In: J. D. Glazier e R. R. Powell (Orgs.), **Qualitative Research in Information Management**. Englewood: Libraries Unlimited, 1992. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/2281/Dervin1992a.htm>>. Acesso em: 9 nov. 2017

DERVIN, Brenda; NILAN, Michael. Information needs and uses. **Annual review of information science and technology**. White Plains, NY: Knowledge Industry Publications, 1986. Disponível em: <<file:///C:/Users/Meus%20Documentos/Desktop/dervin%20nilan.pdf>>. Acesso em 9 nov. 2017.

DIAS, Eduardo. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 11-15, jan./jun. 2000.

DI LUCCIO, Flávia; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Blogs: De diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores*. **Psicologia Ciência e Profissão**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 132-145, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a10>>. Acesso em: 04 set. 2017.

DODEBEI, Vera. Novos meios de memória: livros e leitura na época dos *weblogs*. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, esp. n. 1, p. 129-143, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p129/19839>>. Acesso em: 02 maio 2018.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. A opção pela literatura de massa: simples lazer, ou alienação? **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 14, n. 28, p. 166-177, jun. 2000a. Disponível em: <<file:///C:/Users/Meus%20Documentos/Downloads/3935-3883-0-PB.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Reflexões sobre o gosto na escolha da leitura de lazer: desfazendo preconceitos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19, 2000. Porto Alegre: **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2000b. Disponível em: <<file:///C:/Users/Meus%20Documentos/Desktop/L%C3%ADgia%20-%20leitura%20de%20massa.pdf>> Acesso em: 21 set. 2018.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

EIRAS, Bruno Duarte. *Blogs: mais que uma tecnologia, uma atitude*. **Cadernos BAD**, Lisboa, Portugal, , n.1, p.75-86, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/782>>. Acesso em: 19 out. 2017.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. 298p. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil>>. Acesso em: 21 set. 2018.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes. **A inclusão da comunidade Santa Clara na sociedade da informação**. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado em ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FARIAS, M. G. G.; FREIRE, I. M. Memória do cotidiano: registro da comunidade Santa Clara na *web*. **Em Questão**, v. 17, n. 2, p. 119-133, 2011. Disponível em: <<http://www.brappci.inf.br/v/a/11517>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 79 p.

FREIRE, Isa Maria; LIMA, Aline Poggi Lins de; COSTA JUNIOR, Maurício Pereira da. Mídias sociais na *web*: De olho na CI para capacitação acadêmica e profissional. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, Ed. esp, p. 175-184, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/14202/8108>>. Acesso em: 02 maio 2018.

FREIRE, Isa Maria; SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos; NASCIMENTO, Breno Oliveira Nóbrega do. Gestão da Informação no *blog* De olho na CI. In: **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 95 – 111, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15689>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, Mariangela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008.

GARCIA JUNIOR, Emilson Ferreira; MEDEIROS, Shara; AUGUSTA, Camila. Análise documental: uma metodologia da pesquisa para a Ciência da Informação. **Temática**, João Pessoa, v. 13, n. 7, jul. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/35383>>. Acesso em 23 out. 2017.

GAUDÊNCIO, Sale Mário. **Representação da informação de cibercordéis em blogs: uma análise sob a luz da semântica discursiva**. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/3953?locale=pt_BR>. Acesso em: 12 nov. 2017.

GNISCI, Vanessa Monteiro Ramos. Booktubers: narrativas e experiências literárias da juventude contemporânea. **Textura**, Canoas, v. 20, n. 42, p. 106-124, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/3591>>. Acesso em: 10 de out. 2018.

GOMES, Maitê Celly da Silva; CARVALHO, Luciana Moreira. Literatura erótica em *blogs*: análise do universo feminino nos *blogs* de literatura erótica. **Rev. Inf. na Soc. Contemp.**, Natal, v. 1, n. 3, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/12273>>. Acesso: 2 maio 2018.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, v. 5, n. 2, 1999. p. 7-35. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgci/publicacoes%20-%20informacaoContemporanedade%281%29.pdf>>. Acesso em 19 out. 2017.

GRANADO, Antônio; BARBOSA, Elizabete. **Weblogs**: Diário de Bordo. Portugal: Porto Editora, 2004 *apud* SILVA, Inara Souza da. *Weblog* como objeto da Ciência da Informação. **DataGramZero**, v. 9, n. 8, out. 2008.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais, Portugal: Principia, 2006. 95 p.

HARLAN, Mary Ann. **Information practices of teen content creators**: the intersection of action and experiences. A Grounded Theory study. 2012. Thesis (Doctor of Philosophy) - School of Information Systems, Science and Engineering Faculty, Queensland University of Technology, Queensland, Austrália, 2012.

HARLAN, Mary Ann; BRUCE, Christine; LUPTON, Mandy. Creating and Sharing: Teens' Information Practices in Digital Communities. In: **Information Research**: An International Electronic Journal, v. 19, n. 1, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.informationr.net/ir/19-1/paper611.html#.Wgmr0Y9SzIW>>. Acesso em 13 nov. 2017.

HJORLAND, Biger. Epistemology and the socio-cognitive perspectives in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002.

INAFUKO, Laura Akie Saito; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. Diretrizes para o desenvolvimento e a avaliação de *blogs* de biblioteca. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 145-166, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n35p145/23586>>. Acesso em: 4 maio 2018.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. **Booktubers**: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube. 2017. 395 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

JONES, Quentin. Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology – A Theoretical Outline. In: **Journal of Computer Mediated Communication**, v. 3, n. 3, Dec. 1997 *apud* RECUERO, Raquel da Cunha. *Weblogs, Webring*s e comunidades virtuais. **Revista 404notFound**, v. 1, n. 31, 2003.

JOVANOVIĆ, Eliane Maria da Silva; TOMAÉL, Maria Inês. A abordagem da informação jurídica e da jurisprudência em *blogs*: um estudo comparativo entre termos. In: **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 151-162, jul./dez., 2014. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/981>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

KOZINETTS, R. The Field Behind the Screen: Using Netnography For Marketing Research in Online Communities. **Journal of Marketing Research**, n. 39, p. 61-72, Feb. 2002. Disponível em: <<http://www.nyu.edu/pages/classes/bkg/methods/netnography.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

KUHLTHAU, Carol. Inside the search process: information seeking from the users perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v.42, n. 5, p. 361-371, 1991.

LAJOLO, Marisa. Números e letras no mundo dos livros. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p.113-126. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/atuacao/28-projetos/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil>>. Acesso em: 21 set. 2018.

LAJOLO, Marisa. **O que e literatura**. 5.ed. São Paulo: 1984. 98p.

LEMOS, A. L. M. A arte da vida: Webcams e diários pessoais na internet. **Revista Comunicação e Artes: a Cultura das Redes**, p. 305-319, 2002.

LEMOS, L. O poder do discurso na cultura digital: o caso Twitter. In: Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 1., Maringá, Paraná. **Anais...** Maringá, Paraná: 2018. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/O%20PODER%20DO%20DISCURSO%20NA%20CULTURA%20DIGITAL%20leamos.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2018.

LIMA, Aline Poggi Lins de. **Mídias sociais na web: uma análise da mídia De olho na CI na perspectiva da disseminação da informação**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

LOYOLA, Darshany; MALINI, Fabio. Blogosfera Literária: Gêneros, Temas, Hipertextualidade e Participação do Leitor. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 15., Vitória, Espírito Santo. **Anais...** Vitória, Espírito Santo: INTERCOM, 2010. 15 p. Disponível em: <<http://www.labic.net/publicacao/blogosfera-literaria-generos-temas-hipertextualidade-e-participacao-do-leitor/>>. Acesso em: 19 out. 2017.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAGALHÃES, Soraia Pereira. O *Blog* Caçadores de Bibliotecas e a construção de conteúdos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. esp., p. 333-348, jul. 2015. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/515/435>>. Acesso em 4 maio 2018.

MARQUES, Márcia Siqueira Costa. **O blog como meio de comunicação: origem, apropriações e horizontes da blogosfera na sociedade contemporânea**. 2012. 183 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível: <<https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/4459>>. Acesso em 19 out. 2017.

MANSO-RODRÍGUEZ, Ramón-Alberto. Leer, comentar, compartir: El fomento de la lectura y las tecnologías sociales. **TransInformação**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 9-19, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v27n1/0103-3786-tinf-27-01-00009.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 89-93, jan./abr. 1995.

MATOS, Adriana Dória. Escritores de *blogs*: a *web* como espaço de criação e discussão sobre literatura. In: **Hipertextus**, n. 3, jun. 2009. Disponível em: <<http://hipertextus.net/volume3/Adriana-Doria-MATOS.pdf>>. Acesso em 19 out. 2017.

MCKENZIE, Pamela. A model of information practices in accounts of everyday – life information seeking. **Jornal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19 – 40, 2003.

MONTARDO, S.; PASSERINO, L. Estudo de *blogs* a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In: **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v.4, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf>>. Acesso em 20 out. 2017.

ORTEGA, Cristina Dotta. Ciência da Informação: do objetivo ao objeto. In: RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel (Org.). **El objeto de estudio de labibliotecología/documentación/ciencia de la información**: propuestas, discusión, análisis y elementos comunes. México: UNAM/Instituto de InvestigacionesBibliotecológicas y de la Información, 2013. p. 151-177.

PEREIRA, Maria Leopoldina. Blogs literários como gênero do discurso: contribuição para a formação do leitor/autor. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2., 2008, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Maria-Leopoldina-Pereira.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2017.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Estudo do uso das listas de discussão e dos *blogs* brasileiros em Biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 174-188, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/270/386>>. Acesso em: 4 maio 2018.

PIRES, Álvaro. De Quelques Enjeux Épistemologiques d'Une Méthodologie générale pour les Sciences Sociales. In: POUPART at al. **La Recherche Qualitative Enjeux Épistemologiques et Méthodologiques**. Gaetan Morin, Canadá, p. 3-83 *apud* GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais, Portugal: Principia, 2006. 95 p.

PRANGE, Ana Paula Lobão. **Da literatura aos blogs**: um passeio pelo território da escrita de si. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4084/4084_1.PDF>. Acesso em 20 out. 2017.

RABELLO, Odília Clark Peres. O usuário nos currículos de Biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 179-192, set. 1981. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

RAMOS, Marília Cossich. Usabilidade do *blog* da Biblioteca Leopoldo Nachbin do Instituto de Matemática da UFRJ: estudo de caso. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITARIAS, 18, 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2016. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/74-2077.pdf>>. Acesso em 4 maio 2018.

REBOLLAR, Patrick. **Les salons littéraires sont dans l'internet**. Écritures életroniques. 2002 *apud* ALMEIDA, Patrícia Pinheiro. **Fontes de informação literária na internet: uma avaliação**. 2008. 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Weblogs, Webrings* e comunidades virtuais. **Revista 404notFound**, v. 1, n. 31, 2003. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.

RECUERO, Raquel da Cunha. O Interdiscurso Positivo como Característica fundamental dos *Webrings*. **Intexto**, Porto Alegre, v. 10, 2004a. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos.html>>. Acesso em: 16 out. 2017.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Webrings: As Redes de Sociabilidade e os Weblogs*. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 9, n.11, 2004b. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos.html>>. Acesso em: 16 out. 2018.

RENDÓN ROJAS, Miguel. Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor. Semejanzas y diferencias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 52-61, maio/ago. 2005.

ROCHA, J. A. P.; SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, v. 23, p. 36-61, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245231.36-61>>. Acesso em 7 out. 2017.

SAMPAIO, Débora Adriano. A experiência da utilização de *blogs* na disciplina Teoria e Prática da Leitura: construindo o portfólio eletrônico. In: **Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 243-251, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/index>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SANTAELLA, Lúcia. Para compreender a ciberliteratura. **Revista Texto Digital**, Florianópolis, v. 8, n. 2, jul./dez. 2012. p. 337-360. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2012v8n2p229>>. Acesso em: 4 maio 2018.

SANTANA JÚNIOR, Célio Andrade *et al.* Uma ferramenta para recuperação de tags de *blogs* baseada em microformatos. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 2, p. 289-306, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/166/207>>. Acesso em: 4 maio 2018.

SANTOS, Francielle Couto; RODRIGUES, Érika Letícia de Oliveira; FERREIRA, Raquel Marques Carrico. *Blogs* literários: investigações sobre audiência a partir da perspectiva de usos e gratificações. **Leituras do Jornalismo**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 101-114, 2014. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/ojs/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/35/42>>. Acesso em: 19 out. 2017.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos; NEVES, Dulce Amélia de Brito; FREIRE, Isa Maria. Organização da informação em *blogs*: análise do uso de etiquetas no *blog* de olho na Cl. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 2-19, abr. 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/21438/14662>>. Acesso em 02 maio 2018.

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday Life Information Seeking: Approaching Information Seeking in the Context of “Way of Life”. **Library & Information Science Research**, Amsterdam, v. 17, p. 259-294, 1995.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109–132, 2007.

SCHNEIDER, S; FOOT, K. *Web Sphere Analysis: An Approach to Studying Online Action*. In: HINE, C. (Org.). **Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet**. Oxford: Berg, 2005 *apud* MONTARDO, S.; PASSERINO, L. Estudo de *blogs* a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In: **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 4, n. 2, 2006.

SEOANE, Silvia. Tomar la palabra: apunte sobre oralidade y lectura. Conferência no Curso de Pós-Graduação em Literatura Infantil e Juvenil, CePA, Buenos Aires, 2004 *apud* PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SHAH, N. *PlayBlog: Pornography, performance and cyberspace*. **Cut-up.com Magazine**, Holanda, v. 25, article 42, 2005 *apud* RECUERO, Raquel da Cunha. *Weblogs, Webrings e comunidades virtuais*. **Revista 404notFound**, v.1, n. 31, 2003.

SILVA, Carliene Cristina Oliveira da. **Blogs Literários no incentivo à leitura**. 2016. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, 2016.

SILVA, Eliane Ferreira da *et al.* *Blogs: relevante ferramenta para o fazer bibliotecário*. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMACAO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Maceió: Febab, 2011. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/246/530>>. Acesso em: 4 maio 2018.

SILVA, Hellosman de Oliveira. **Construção do sítio virtual para democratização da informação para pessoas com deficiência no Estado da Paraíba**. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em ciência da informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SILVA, Inara Souza da. **Weblog como fonte de informação para jornalistas**. 2006. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2974?mode=full>>. Acesso em: 19 out. 2017.

SILVA, Inara Souza da. *Weblog como objeto da Ciência da Informação*. **DataGramZero**, v. 9, n. 8, out. 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/7636>>. Acesso em 13 out. 2017.

SILVA, Jan Alyne Barbosa e. *Weblog: múltiplas utilizações e eu conceito*. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26., 2003, Belo Horizonte, Minas Gerais. **Anais...** Belo Horizonte, Minas Gerais: INTERCOM, 2003. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/2003_NP08_silva.pdf>. Acesso em: 13 out. 2017.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Gêneros digitais: expandindo a comunicação do Movimento Negro na Paraíba. In: **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 242-263, maio/ago. 2014. Disponível em: <www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SILVA, Olga Ozaí; MARTHA, Alice Áurea Penteado. **A interação na leitura em blogs e sua mediação na formação de jovens leitores**. 2009. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco/esistema-estadual-de-bibliotecas-publicas/leiturasrecomendadas/mediacao%20da%20leitura%20e%20jovens%20leitores.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2017.

SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da. **A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2014.

SILVEIRA, Alex da. Dos jornais revolucionários aos *blogs*: a preservação das manifestações políticas por meio do *web archiving*. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Maceió : Febab, 201. Disponível em: <<http://www.febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/181/449>>. Acesso em 4 maio 2018.

SIRIHAL DUARTE, Adriana Bogliolo; ARAUJO, C. A. A. ; PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de . Práticas informacionais: desafios teóricos e empíricos de pesquisa. In: Encontro Internacional de Usos e Usuários da Informação, 1., Fortaleza. **Anais...** 2017. Disponível em: <<http://www.eneu2017.ufc.br/index.php/eneu/1/paper/viewFile/60/31>>. Acesso em 7 nov. 2017.

SOUSA, Paulo Jorge et al. A blogosfera: perspectivas e desafios no campo da Ciência da Informação. **Cadernos BAD**, Lisboa, Portugal, n. 1, p. 87-106, jan.-jun. 2007.

SOUSA, Rodrigo Silva Caxias de; CAREGNATO, Sonia Elisa. A comunicação científica nos *blogs* de pesquisadores brasileiros: interpretações segundo categorias obtidas da análise de *links*. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 448-465, set. 2012. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3369/2970>>. Acesso em 4 maio 2018.

TARGINO, Maria das Graças. *Blogs* como instrumento de legitimação de lutas sociais em Cuba. **Informação & informação**, Londrina, v. 18, n. 3, p. 199-221, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15134/pdf_11>. Acesso em 4 maio 2018.

TAYLOR, Robert S. Professional aspects of information science and technology. In: **ANNUAL REVIEW OF INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY-ARIST**, v.1, p. 15-40, 1986.

VEGA, José Antonio Merlo; ROJO, Ángela Sorli. *Weblogs*: um recurso para los profesionales de la información. **Revista Española de Documentación Científica**, v. 26, n. 2, p. 227-236, abr.-jun. 2003. Disponível em: <<http://exlibris.usal.es/merlo/escritos/weblogs.htm>>. Acesso em: 13 out. 2017.

VIEIRA, David Veron; BAPTISTA, Sofia Galvão. Uma teoria crítica da "biblioteca 2.0" para a situação dos *blogs* de bibliotecas no Brasil. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24. , 2011, Maceio. **Anais...** Maceió: Febab, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/340/430>>. Acesso em 4 maio 2018.

WOOLF, Virginia. **O leitor comum**. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.

YUNES, E. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Letras**, Curitiba. n. 44, p. 185-196, 1995. Disponível: <https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3051/Leitura_e_leitorYUNES.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

ZÉRAFFA, Michel. *Roman et société*. Paris: Presses Universitaires de France, 1971 *apud* DUMONT, Lígia Maria Moreira. A opção pela literatura de massa: simples lazer, ou alienação? **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 14, n. 28, p. 166-177, jun. 2000a. Disponível em: <<file:///C:/Users/Meus%20Documentos/Downloads/3935-3883-0-PB.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2018.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?**. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada

Bloco 1 - O blogueiro e sua relação com o *blog*

1. Fale um pouco sobre você (idade, escolaridade, profissão, ocupação, estado civil, com que mora, hobbies).
2. Como é a sua relação com a leitura literária? Possui gêneros literários preferidos? Com que frequência você lê livros literários?
3. Quando foi que você se interessou pela leitura?
4. Quando você lê um livro que acha muito interessante, costuma recomendá-lo para outras pessoas? Você sente vontade de procurar opiniões de outras pessoas sobre o livro que você leu?
5. Como foi a sua decisão de criar um *blog* literário, de onde surgiu essa ideia? Como foi o processo de criação do *blog*?
6. Que tipo de informação você publica no seu *blog* literário? Que importância você dá ao conteúdo textual e ao conteúdo imagético?
7. Quais são as suas motivações para postar no *blog*?
8. Com que frequência você atualiza seu *blog*? Qual importância você dá a atualização?
9. Qual importância você dá ao *layout* do seu *blog*? O que você acha que atrai mais a atenção dos leitores?
10. Existe alguma diferença entre quem você é no seu *blog* e quem você é fora do seu *blog*?
11. Qual o papel do *blog* na sua vida? Quais mudanças ocorreram na sua vida e em você mesmo(a) após a criação do *blog*?
12. Atualmente como você vê seu *blog* (*hobby*, forma alternativa de renda, forma de visibilidade)?

Bloco 2 - O blogueiro e a interatividade

13. O que você acha que atrai os leitores para seu *blog*? Por que as pessoas procuram seu *blog*?
14. Você se considera um produtor(a) de conteúdo? Como é a sua relação com a escrita?
15. Quantas pessoas seguem seu *blog* e o que isso representa para você?
16. Qual importância têm pra você os comentários recebidos no seu *blog*? Como você lida com a falta de comentários?
17. Você considera que suas postagens sobre livros influenciam as pessoas a lerem? Você considera que seu *blog* incentiva a leitura?
18. Como é a sua relação com os seus leitores? Você considera que possui amizades virtuais?

19. Você já era leitor(a) de algum *blog* literário antes de se tornar um blogueiro(a)?
20. Atualmente, você é leitor(a) de algum *blog* literário?
21. O que você acha atraente em um *blog* como leitor(a)? O que te faz deixar um comentário em uma postagem de *blog*?
22. Como é a sua relação com os leitores do seu *blog* que também são blogueiros?
23. Você já se sentiu influenciado por um outro blogueiro? Em que medida você acha que o seu *blog* é influenciado por outros *blogs*?
24. Como você percebe a relação entre os blogueiros literários?
25. Quais situações permitiram a criação de vínculos entre você e outros blogueiros literários? Essas situações acontecem no meio virtual ou também pessoalmente?
26. Que relação você faz entre as mídias sociais (Facebook, Twitter, Instagram) e seu *blog*?
27. Como você vê a relação do seu *blog* com as editoras? Em que medida as editoras influenciam as suas leituras e postagens no *blog*?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Participante

Prezado (a) Senhor (a),

Eu, Jéssica Patrícia Silva de Sá, orientada pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, estou realizando um trabalho de pesquisa cujo objetivo é compreender as práticas informacionais dos blogueiros literários. Esta pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em nível de mestrado, e possui cunho estritamente acadêmico sem fins comerciais.

Diante disso, tenho a satisfação de convidá-lo(a) para participar desta pesquisa, como voluntário (a), concedendo-me uma entrevista sobre sua relação com a informação como blogueiro(a) atuante na blogosfera literária. Na entrevista serão abordados tópicos referentes à sua relação com seu *blog*, com os demais *blogs* e blogueiros literários, além de suas experiências como escritor(a) e como leitor(a). Durante a entrevista e eventuais conversas ao longo do processo, os fatos observados que sejam importantes para a pesquisa serão anotados e haverá gravação em áudio e posterior transcrição por mim. A entrevista será agendada previamente, com duração de aproximadamente uma hora, sendo realizada no local que você determinar como mais conveniente.

A sua identidade e a sua participação nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo (a). Seu nome não será usado na divulgação dos dados, sendo utilizado o termo “Entrevistado”, associado a um número, para quaisquer referências a sua pessoa. Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista não serão acessados por outras pessoas, além mim e de meu orientador. Garanto a confidencialidade desses registros, comprometendo-me a manter os arquivos sob minha guarda.

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento ou indenizações pela mesma. O benefício de sua participação nesta pesquisa será a contribuição com este estudo, que visa compreender como os blogueiros literários lidam com a informação, compartilhando conteúdo e interagindo com outros blogueiros. Há pouco risco relacionado à sua participação na pesquisa, apenas o de que você se sinta constrangido(a) durante a condução da entrevista ou desconfortável em responder alguma das questões. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Caso decida retirar-se do estudo, favor me contactar pessoalmente ou através do telefone ou *e-mail* informados no final deste Termo. Você também poderá entrar em contato comigo ou com meu orientador, por telefone ou *e-mail*, caso sinta

necessidade de maiores esclarecimentos sobre essa pesquisa. Em caso de dúvidas éticas, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em pesquisa da UFMG (COEP-UFMG), cujo telefone, e-mail e endereço completo constam no final desse Termo.

Certa de que as informações acima apresentadas lhe forneceram os esclarecimentos necessários em relação a essa pesquisa e caso haja concordância de sua parte em participar deste estudo, solicito que manifeste sua concordância assinando o seguinte Termo de Consentimento Livre Esclarecido em duas vias de igual teor (uma via ficará em seu poder):

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora (orientanda)

Assinatura do pesquisador (orientador)

Local e data

TÍTULO DO PROJETO: Práticas Informacionais de Blogueiros Literários

PESQUISADORA: Jéssica Patrícia Silva de Sá

e-mail: j.jessicadesa@gmail.com - Telefone: (31) 98552-7301

ORIENTADOR: Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo

e-mail: casalavila@yahoo.com.br- Telefone: (31) 3409-6131

INSTITUIÇÃO: Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação
Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.
Telefone: (31) 3409-6103

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP-UFMG)

e-mail: coep@prpq.ufmg.br - Telefone: (31) 3409-4592

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.